

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Caroline Dambrozio Guerra

***SELETA EM PROSA E VERSO (1884-2001): UM OLHAR SOBRE A
TRADIÇÃO ESCOLAR E OS MATERIAIS DIDÁTICOS NO RIO
GRANDE DO SUL***

Santa Maria, RS
2021

Caroline Dambrozio Guerra

**SELETA EM PROSA E VERSO (1884-2001): UM OLHAR SOBRE A TRADIÇÃO
ESCOLAR E OS MATERIAIS DIDÁTICOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientador: Prof. Dr. Marcus De Martini
Coorientador: Prof. Dr. André Soares Vieira

Santa Maria, RS
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Guerra, Caroline Dambrozio

Seleta em Prosa e Verso (1884-2001): um olhar sobre a tradição escolar e os materiais didáticos no Rio Grande do Sul / Caroline Dambrozio Guerra.- 2021.
187 p.; 30 cm

Orientador: Marcus De Martini

Coorientador: André Soares Vieira

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2021

1. Escolarização 2. Leitura 3. Livros escolares 4. Rio Grande do Sul 5. Seleta em Prosa e Verso I. De Martini, Marcus II. Soares Vieira, André III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, CAROLINE DAMBROZIO GUERRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Caroline Dambrozio Guerra

**SELETA EM PROSA E VERSO (1884-2001): UM OLHAR SOBRE A TRADIÇÃO
ESCOLAR E OS MATERIAIS DIDÁTICOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Aprovada em 31 de maio de 2021:

André Soares Vieira, Dr. (UFSM) - Videoconferência
(Presidente/Coorientador)

Regina Zilberman, Dra. (UFRGS) - Videoconferência

Elomar Antonio Callegaro Tambara, Dr. (UFPel) - Videoconferência

Santa Maria, RS
2021

NUP: 23081.056155/2021-86

Prioridade: Normal

Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de Aprovação.pdf

Assinaturas

14/07/2021 08:21:15

REGINA ZILBERMANN (Pessoa Física)

Usuário Externo (054.***.***.**)

31/08/2021 13:24:21

ANDRE SOARES VIEIRA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

31/08/2021 15:38:27

ELOMAR A. C. TAMBARA (Pessoa Física)

Usuário Externo (238.***.***.**)

Código Verificador: 746821

Código CRC: b66f4ffa

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo auxílio financeiro¹.

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), instituição responsável pela minha formação, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na figura dos professores e dos funcionários, sempre prontos para apoiar e amparar.

Aos professores da UFSM, com um agradecimento especial ao Prof. Dr. Marcus De Martini, meu orientador, a quem devo muito da minha formação sobre literatura e, principalmente, sobre o ofício de ser professor. Obrigada pelo apoio e pelo incentivo.

Agradeço também aos membros das bancas de qualificação e de defesa, que muito contribuíram para o desenvolvimento e o aprimoramento deste trabalho: à Profa. Dra. Regina Zilberman (UFRGS) e ao Prof. Dr. Elomar Tambara (UFPEL), cujos comentários, sugestões e questionamentos, frutos de um olhar atento e criterioso, motivaram-me ainda mais a desenvolver e a organizar esta escrita. Sinto-me honrada por contar com professores tão qualificados e sempre disponíveis a auxiliar.

Aos meus amigos, pelo companheirismo, pelo carinho e, principalmente, por entenderem minha ausência.

À minha família: obrigada por estarem sempre ao meu lado e por acreditarem em mim, mesmo quando nem eu acreditava. Há um pouco de cada um de vocês neste trabalho.

Aos meus alunos (antigos, atuais e futuros): obrigada por serem minha motivação diária.

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

SELETA EM PROSA E VERSO (1884-2001): UM OLHAR SOBRE A TRADIÇÃO ESCOLAR E OS MATERIAIS DIDÁTICOS NO RIO GRANDE DO SUL

AUTORA: Caroline Dambrozio Guerra
ORIENTADOR: Marcus De Martini
COORIENTADOR: André Soares Vieira

Como professores de literatura e consumidores de materiais didáticos, precisamos compreender o viés histórico de nossa profissão e o caminho por ela até então percorrido, o que, muitas vezes, mostra-se bastante difícil, devido às lacunas ainda existentes. Tendo isso em vista, com o objetivo de contribuir para a construção dessa retomada histórica, pretendemos, neste trabalho, analisar a obra *Seleta em Prosa e Verso* (1884-2001), do professor gaúcho Alfredo Clemente Pinto (1854-1938). Assim como a *Antologia Nacional* (1895-1969), de Fausto Barreto (1852-1915) e Carlos de Laet (1847-1927), importante obra nacional direcionada às leituras realizadas pelos alunos do ensino secundário, a *Seleta* figura como uma respeitável coletânea de textos voltada à leitura escolar, estando presente nas memórias dos estudantes gaúchos que por suas páginas passaram. Assim, pautados na tentativa de construção de uma história da leitura e, por vezes, dialogando com o legado da tradição retórica e com os contextos de produção das diversas edições da obra (59 ao total, ao longo de mais de 115 anos), buscamos refletir sobre a sua relação com o ensino e com a história literária no estado do Rio Grande do Sul. Em primeiro lugar, pretendemos compreender teoricamente o processo de escolarização da literatura e a trajetória dos materiais didáticos na região. Em seguida, construímos a biografia de Clemente Pinto, ainda muito obscurecida em decorrência da escassez de fontes, para, então, explorarmos a organização da *Seleta em Prosa e Verso*, por meio de uma análise dos textos presentes nas suas 51 edições, utilizando-se, para isso, edições representativas da obra. Os resultados – por ora – alcançados indicam-nos a presença da *Seleta* em uma tradição literária e escolar pautada nos ideais econômicos, políticos e ideológicos de seu contexto de produção. Dessa forma, esperamos contribuir para os estudos que se debruçam sobre os manuais didáticos e sobre a escolarização da leitura e da literatura, principalmente, nos séculos XIX e XX, no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Escolarização. Leitura. Livros escolares. Rio Grande do Sul. *Seleta em Prosa e Verso*.

ABSTRACT

SELETA EM PROSA E VERSO (1884-2001): A GLIMPSE AT SCHOOL TRADITION AND TEACHING MATERIAL IN RIO GRANDE DO SUL STATE

AUTHOR: Caroline Dambrozio Guerra
SUPERVISOR: Marcus De Martini
COSUPERVISOR: André Soares Vieira

As literature teachers and consumers of didactic materials, we need to understand the historical bias of our profession and the path it has taken so far, which is often quite difficult due to the gaps that still exist. With this in mind and aiming to contribute to the construction of this historical renewal, we aimed to analyze the work of literature *Seleta em Prosa e Verso* (1884-2001) by Alfredo Clemente Pinto (1854-1938). Like *Antologia Nacional* (1895-1969) by Fausto Barreto (1852-1915) and Carlos de Laet (1847-1927), which is an important national work directed to readings by high school students, *Seleta* appears as a respectable collection of texts in school reading, being present in the memories of the students throughout Rio Grande do Sul State who flipped through its pages. Therefore, based on the attempt to construct a history of reading and, at times, dialoguing with the legacy of the rhetorical tradition and contexts of production of the various editions of the work (59 in total, throughout 115 years), we seek to reflect on its relationship with teaching and literary history in Rio Grande do Sul State. First, we intend to theoretically understand the process of literature education and the trajectory of didactic materials in the region. Next, we will create a biography of Clemente Pinto, which is still quite obscure due to the scarcity of sources, and then explore *Seleta em Prosa e Verso* by analyzing the texts present in its 51 editions using representative editions of the work. The results - for now - indicate the presence of *Seleta* in a literary and school tradition based on the economic, political, and ideological ideals of its context of production. Given the above, we hope to contribute to studies that focus on textbooks and the schooling of reading and literature, especially in the 19th and 20th centuries in Rio Grande do Sul State.

Keywords: Schooling. Reading. Schoolbooks. Rio Grande do Sul. *Seleta em Prosa e Verso*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pintura de Alfredo Clemente Pinto.	65
Figura 2 – Texto de Mário Gardelin pelos 50 anos da morte de Alfredo Clemente Pinto.	67
Figura 3 – História de uma família.....	74
Figura 4 – <i>Selecta em Prosa e Verso</i> – capa (1ª edição, 1884).....	77
Figura 5 – <i>Seleta em Prosa e Verso</i> – capa (59ª edição, 2001).....	78
Figura 6 – <i>Seleta em Prosa e Verso</i> – contracapa (47ª edição, 1940).....	80
Figura 7 – Trecho do jornal <i>Deutsche Zeitung</i> sobre a <i>Seleta</i>	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação dos índices.....	96
Quadro 2 – Índice da 59ª edição.....	107

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	A ESCOLARIZAÇÃO DO SABER	29
2.1	A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA	29
2.2	O RIO GRANDE DO SUL E A TRADIÇÃO ESCOLAR	34
2.3	A TRAJETÓRIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS	39
3	A FIGURA DE ALFREDO CLEMENTE PINTO: FRAGMENTOS	55
4	MOLDANDO A SELETA EM PROSA E VERSO	69
4.1	A OBRA DE ALFREDO CLEMENTE PINTO	69
4.2	ANÁLISE HISTÓRICA DA <i>SELETA EM PROSA E VERSO</i>	76
4.2.1	Comparação dos índices	95
4.2.2	Os textos “imortalizados” pela e na <i>Seleta em Prosa e Verso</i>	107
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS	128
	Lista de fontes consultadas	136
	ANEXO A – FONTES CONSULTADAS	148
	ANEXO B – PRÓLOGOS ANALISADOS DA <i>SELETA EM PROSA E VERSO</i>	161
	ANEXO C – ÍNDICES DAS EDIÇÕES ANALISADAS	164

1 INTRODUÇÃO

[...] antes aprender a conhecer nossos antepassados, para só então nos habilitarmos a dizer o que deles em nós continua ou o que já se tornou diferença. A maneira de combater o continuísmo, de que o tradicionalismo é uma variante, não consiste em ignorar o passado, mas em sabê-lo.
(LIMA, 1981, p. 31).

Não haveria melhor forma de iniciar este texto que não fosse apresentando, ou melhor, reiterando, já que muitos já o fizeram e ainda o fazem, a importância do conhecimento da história para a compreensão do presente. A epígrafe desta introdução encontra, nas palavras de Luiz Costa Lima (1981), seu mote principal: é latente a necessidade de olharmos para o passado e percebermos, na análise do percurso de nossos antepassados, o que deles persiste em nossas práticas contemporâneas. Essa compreensão histórica é a reflexão capaz de permitir não incorrerem em afirmações anacrônicas e puramente sugestivas no que se refere ao nosso comportamento atual e às concepções vigentes que norteiam nosso posicionamento pessoal e profissional. No entanto, em se tratando de ensino de literatura, essa atenção à história é ainda mais relevante, pois é preciso compreender as práticas escolares da leitura literária como práticas seculares, com suas permanências e discontinuidades ao longo do tempo.

Tendo isso em vista, nosso trabalho objetiva analisar a obra *Seleção em Prosa e Verso* (1884-2001), de Alfredo Clemente Pinto (1854-1938), atentando para a continuidade de suas 59 edições ao longo de mais de 115 anos. Para isso, ao delinear o percurso histórico dessa obra didática, buscamos analisá-la com mais embasamento tanto internamente, percebendo suas particularidades como objeto de leitura, quanto externamente, construindo suas relações com a tradição escolar e com o contexto da época de suas edições e de seu autor. Acreditamos, por isso, que a importância deste trabalho justifica-se diante da ausência de estudos sobre essa obra e pela tentativa de construirmos – historicamente – a compreensão de uma tradição de leitura pautada em trechos selecionados que se canonizam com o passar do tempo. Mais ainda, pensamos que, de forma ainda incipiente, possamos contribuir para a percepção de uma tradição do ensino de leitura e de literatura que se fundamenta na escolha de textos que contribuem para alcançar a formação humanística – moral, cristã e cívica – dos estudantes, objetivos latentes dos séculos XIX e XX, época de edição e publicação da *Seleção*.

Pelo caráter histórico deste trabalho, citamos Curtius (1996), por explicar que não se pode apagar o lado histórico da discussão a respeito da literatura, pois separar a história seria um contrassenso, uma vez que se está sempre imerso nela. Portanto, é com essa linha de pensamento que afirmamos que não podemos abordar a leitura de literatura como prática escolar e, posteriormente, a literatura como disciplina escolar sem atentarmos para o lado histórico que envolve esses conceitos e essa trajetória escolar.

Nesse mesmo caminho, ao refletir sobre a natureza da escola, nos dias de hoje muito questionada, Zilberman (2012, p. 101) afirma que ela é uma:

[...] instituição que remonta à Antiguidade, desde sua origem vocacionada para a preparação do jovem, que, por meio da ação de seus mestres e instrutores, é introduzido ao conhecimento da língua, da tradição cultural, da ciência e da arte [...].

Essa preparação do jovem, independentemente da época ou dos objetivos regentes, passava e ainda passa, impreterivelmente, pelo conhecimento da língua e, por consequência, da leitura de textos escritos. Corroborando a visão de que esse ensino fundamenta-se, em muitos aspectos, na leitura, sustentamos a necessidade intrínseca de pensarmos a literatura em seu viés didático, pois é importante considerarmos o caráter escolar que ela adquire desde muito cedo: estudamos literatura por causa da escola, porque ela se caracteriza como uma disciplina escolar. Aguiar (1984, p. 20) afirma que a leitura é um dos focos de atenção do planejamento escolar: “A atividade de ler está diretamente vinculada à escola, principalmente se considerarmos que o ingresso da criança na instituição de ensino tem, como objetivo primeiro, a aprendizagem da leitura”. Nesse sentido, Zilberman (2016, p. 25) afirma que “a literatura introduziu-se na escola desde o começo da história dessa instituição”, já que:

A prática da leitura foi ostensivamente promovida pela pedagogia do século XVIII, pois facultava a propagação dos ideais iluministas que a burguesia ascendente desejava impor à sociedade, esta dominada ainda pela ideologia aristocrática herdada dos séculos anteriores. (ZILBERMAN, 2012, p. 17).

Pensando em épocas anteriores, mas ainda nos referindo a um histórico bastante presente dessa leitura, podemos lembrar a primeira afirmação de Curtius a respeito do assunto: “a literatura faz parte da ‘educação’” (CURTIUS, 1996, p. 71).

Apesar de o autor não pensar, especificamente, no contexto de sala de aula como o conhecemos hoje, Curtius (1996) também reflete sobre os ideais iluministas que fundamentavam a prática da leitura com vistas à formação dos jovens, o que não se distancia do percurso vivenciado pela prática da leitura ao longo do tempo, tanto em contexto formal de ensino quanto em espaços mais informais ou liberais.

Além disso, Soares (2004), ao discutir sobre o processo de escolarização, afirma que, para compreender o percurso e refletir sobre cada disciplina em específico, faz-se necessário adotar uma perspectiva histórica: analisando-se seu surgimento e suas transformações ao longo do tempo. É a história das disciplinas escolares que “permite recuperar o processo de instituição e constituição de certos conteúdos em disciplina curricular, identificar e compreender sua evolução” (SOARES, 2004, p. 157). Sendo assim, somente por meio da compreensão do processo histórico da formação e do desenvolvimento da disciplina de literatura é que poderemos interagir com seu estatuto atual, seja para somente discutirmos e opinarmos sobre possibilidades outras, seja para propormos modificações concretas no seu funcionamento.

Para complementar a relevância desse posicionamento histórico, apresentamos uma declaração de Roberto Acízelo de Souza (1999) em *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*, uma vez que buscamos, dentro de nossos limites, seguir o caminho aberto pelo professor em seu trabalho:

Assim, concedamos que não seja de todo inútil esse empenho de percorrer ruínas. Se nada se alcançar, pelo menos se terá contribuído para recompor a fisionomia de certos elementos que, na rotina de nossas atividades de pesquisa e ensino, só costumamos conhecer hoje sob a forma de restos desfigurados. Na hipótese, porém, de se cobrar mais algum pragmatismo, digamos que teremos ido a raízes de comportamentos ainda presentes no modo por que entre nós se concebe e se ensina literatura. (SOUZA, 1999, p. 3).

Em vista disso, acreditamos que somente o fato de retomarmos e debruçarmos na análise histórica do ensino de leitura e de literatura, centrando-nos, principalmente, em documentos e materiais didáticos representativos dessa trajetória, já é uma forma de contribuirmos para a compreensão histórica do processo de escolarização da leitura literária como conhecimento escolar. Porém, acreditamos na capacidade de irmos além de uma “simples seleção dessas ‘ruínas’” (que, diga-se de passagem, de simples pouca coisa tem): esperamos que a compreensão possibilitada

pela realização deste estudo possa, de fato, contribuir para o entendimento de um contexto mais amplo em relação à leitura literária e à sua trajetória no contexto escolar.

Para empreendermos esse compromisso, percorremos, inicialmente, ainda a passos lentos, alguns caminhos de leitura e buscas documentais e bibliográficas sobre a trajetória da disciplina escolar de literatura na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. É evidente que, no momento desta pesquisa, deparamo-nos com a busca sobre um contexto mais amplo: o da história da educação na região Sul do Brasil. Nessa conjuntura, dedicamo-nos à recuperação dessa trajetória, buscando, por meio de comparações com uma esfera ainda mais ampla (nacional), compreender a trajetória da disciplina de literatura e, principalmente, dos materiais didáticos que dela surgiram como reflexo dos muitos empreendimentos de professores e educadores ao longo do tempo.

Historicamente, uma mudança bastante importante pela qual a disciplina de literatura passou foi a mudança de uma tradição retórico-poética para uma abordagem mais historiográfica desse conhecimento. Nesse movimento, uma das obras sobreviventes e mais importantes, em contexto de nação, é a percorrida *Antologia Nacional* (1895-1969)², de autoria de Fausto Barreto (1852-1915) e Carlos de Laet (1847-1927), uma das compilações de textos literários mais lidas pelos brasileiros que passaram pelo contexto escolar formal até a década de 1960, segundo Razzini (1992; 2000a).

Entretanto, ao estudarmos, especificamente, o contexto da região Sul, deparamo-nos com outros títulos de materiais didáticos destinados à seleção de textos literários para leitura no ensino secundário dessa época. Um desses materiais é, portanto, a *Seleção em Prosa e Verso* (1884-2001), de Alfredo Clemente Pinto (1854-1938), um educador, escritor e político porto-alegrense. Sua obra esteve presente por longos anos nas classes escolares dos gaúchos, totalizando uma notável soma de edições ao longo de sua permanência nas escolas e, conseqüentemente, na formação literária dos gaúchos (TAMBARA, 2002; 2008).

² De Fausto Barreto e Carlos de Laet, dois professores do Colégio Pedro II, a *Antologia Nacional* (1895-1969) é uma seleta utilizada durante mais de setenta anos na tradição escolar brasileira. A obra nasceu após a Proclamação da República, como resultado da necessidade de implantação da cultura nacional na escola. Foi adotada, de maneira compulsória, até 1930, no Colégio Pedro II, tendo sua última edição, a 43ª, datada de 1969. Essa longa vida editorial indica que a *Antologia Nacional* foi um livro de leitura que marcou inúmeros brasileiros que passaram pela escola secundária (RAZZINI, 2000a).

Dessa forma, como previamente introduzido, centramos o objetivo principal deste trabalho em analisar a obra *Seleção em Prosa e Verso* (1884-2001), levando-se em consideração suas 59 edições ao longo de mais de 115 anos. O propósito principal dessa análise é delinear um percurso histórico da obra, por meio de comparações internas entre suas representativas edições, bem como construir cotejos possíveis da relação da obra com o ensino e com a história literária. Esse estudo centra-se em um contexto específico do Rio Grande do Sul, tendo em vista a vida pessoal e profissional de seu autor, espaço por onde circulou durante muitos anos como educador. Além disso, buscamos perceber, mesmo que secundariamente, tanto a longevidade da obra, que sobreviveu a um número maior de edições que a própria *Antologia Nacional*, por exemplo, quanto seu declínio e sua consequente substituição pelos livros didáticos mais contemporâneos, surgidos, mais especificamente, a partir da década de 1960³ no Brasil.

A “vida” da *Seleção em Prosa e Verso* certamente ilustra práticas de leitura do passado, cujo resgate promove a preservação, de modo mais amplo, da memória da leitura e do ensino de “literatura” no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul. Além disso, é importante direcionar o olhar histórico como contraponto ao olhar contemporâneo, servindo como subsídio e exemplo para práticas escolares de leitura nos dias de hoje. Isso porque compreender o caminho pelo qual a leitura literária passou é mais uma forma de compreender o presente e, conseqüentemente, (res)significá-lo.

Tendo isso em vista, Marcia Razzini (1992; 2000a), autora de um dos estudos precursores que se dedicam aos manuais escolares utilizados entre os séculos XIX e XX, tem como centro de análise a *Antologia Nacional* (1895-1969). Em seu trabalho inicial de análise da obra, Razzini (1992) apresenta-a como um manual literário e um objeto editorial de sucesso, sobrevivendo como obra de referência por mais de 70 anos e ao longo de 43 edições. Segundo a autora, tal antologia foi uma das compilações literárias mais lidas pelos alunos que pela escola secundária⁴ passaram,

³ Especificamente ao denominado “livro didático”, configurado de maneira distinta e com propósitos distintos aos materiais que vinham sendo publicados e estudados, sua utilização “exclusiva” como condutores do fazer docente iniciou e acentuou-se na década de 1960, com a considerável ampliação do público escolar (SILVA, 2012).

⁴ Ao nos referirmos à educação secundária, é importante retomarmos a organização escolar em paralelo aos dias atuais. Segundo Melo (2015, p. 121), o ensino primário equivale ao atual ensino fundamental, enquanto o ensino secundário é equivalente ao atual ensino médio. Além disso, de acordo com Zotti (2006, p. 1), “A escola primária, que já foi denominada elementar ou de primeiras letras é, na

já que foi adotada nos principais colégios do país, escolha influenciada pela sua adoção no Colégio Pedro II, instituição de referência no ensino da época.

Em sua conclusão, Razzini (1992) afirma o *status* da *Antologia Nacional* como um objeto culturalmente relevante ao longo de sua existência, seja por meio de sua adoção em um colégio modelo, seja por seu aspecto nacionalizador:

A alquimia de tal combinação resultou num livro fundamental: atesta-o não somente a grande quantidade de edições, que o torna doutrina literária e linguística de inúmeras gerações de brasileiros, mas ainda, o registro de seu peso na formação da sensibilidade literária de escritores que participaram ativamente da vida cultural brasileira, e o fato dela reunir certos mitos da nacionalidade, fazem da *Antologia Nacional*, hoje, uma espécie de museu literário. (RAZZINI, 1992, p. 118-119).

Tasso (2019), ao pesquisar sobre o livro didático no ensino de literatura, dedicou uma seção específica de seu trabalho para analisar a *Seleção em Prosa e Verso* (edições de 1897 e 1982), tomando-a como um exemplar representativo dos manuais didáticos voltados à leitura literária na época do *corpus* de sua pesquisa. O objetivo principal da autora foi traçar um panorama histórico do livro didático de literatura em contexto brasileiro, por meio da análise diacrônica dos materiais selecionados, os quais se caracterizam por serem representativos de seus contextos de produção e circulação. Para tanto, Tasso (2019) delimitou um escopo de aproximadamente um século e, por isso, a obra de Alfredo Clemente Pinto faz-se presente no *corpus* de análise selecionado pela pesquisadora. Nesse trabalho, a autora enfocou a apresentação das concepções de literatura veiculadas pelos manuais, utilizando-se, para isso, de uma retomada dos determinantes históricos da época de produção e das expectativas direcionadas à formação dos alunos, ou seja, dos objetivos didáticos dos manuais.

Em sua conclusão da análise da *Seleção*, Tasso (2019) afirma que a característica didática dessa obra apresenta-se de forma evidente. Além de o manual dialogar com os preceitos ideológicos de seu tempo de produção, ele ainda conseguiu

atualidade, considerada a base sobre a qual se erguem os demais graus de ensino que constituem a estrutura da educação escolarizada”. Entretanto, ainda conforme a autora, apesar de, atualmente, o ensino primário ser considerado a base da pirâmide educacional, a atenção a essa etapa, historicamente, seguiu um caminho inverso, pois a educação brasileira começou a ser pensada não pela base, mas pelo topo da pirâmide: o ensino superior e o secundário, o que também reflete na trajetória do ensino de literatura no país.

dialogar com seu futuro próximo, tendo em vista o grande número de edições que recebeu ao longo do século XX. Além disso, Tasso (2019) conclui:

Acredito que, com as análises, o que se evidenciou foi a intenção de Clemente Pinto quanto à formação de um cânone moral/cultural para seus estudantes, dedicando às questões de linguagem/texto uma importância ligeiramente menor. (TASSO, 2019, p. 126).

Com essa afirmação, podemos perceber a importância da obra de Clemente Pinto na formação do repertório cultural de seus leitores, haja vista a seleção dos textos literários para leitura e os comentários que, muitas vezes, também os acompanhavam. Essa possível “marca” nos leitores é evidenciada nas diversas vezes em que, nas memórias dos que por ela passaram, encontramos referências à *Seleção em Prosa e Verso*, como veremos ao longo deste trabalho, principalmente nos registros de relatos pessoais.

Outra obra de grande relevância para os estudos dos livros escolares no Rio Grande do Sul é a recente publicação *Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX* (2018), organizada por Eliane Peres e Chris de Azevedo Ramil. No primeiro capítulo da obra, “Circulação e fornecimento de livros escolares no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX (1873-1921)”, de autoria de Eliane Peres e Caroline Braga Michel, aborda-se a circulação e o fornecimento de livros didáticos pelo estado às escolas gaúchas. Ao recuperarem e mobilizarem diversos documentos dessa época, as autoras chegam a afirmações essenciais para a compreensão da distribuição dos livros escolares às instituições escolares naquele período. Apesar de centrarem o núcleo da análise nos livros de leitura dedicados mais especificamente à educação primária (alfabetização), elas também evidenciam uma importante distribuição de gramáticas de autores brasileiros, entre os quais surge o nome de Alfredo Clemente Pinto. Ao apresentarem o nome do professor, citam:

Desse último autor, Alfredo Clemente Pinto, observou-se, ainda, nos documentos investigados, a ampla distribuição de diferentes títulos, especialmente da *Seleção em Prosa e Verso* (com distribuição ininterrupta de 1884 a 1889 e de 1896 a 1919) [...]. (PERES; MICHEL, 2018, p. 41).

Ademais, vale destacarmos que essa constatação vai ao encontro dos escritos de Tambara (2002; 2008), o qual afirmou que a *Seleção em Prosa e Verso* constituiu-

se no livro de leitura por excelência no Estado, principalmente no período do alvorecer da República e, especialmente, na República Velha. Os trabalhos do professor também se apresentam como referência no assunto, visto sua ampla pesquisa e recuperação documental dos livros de leitura no Rio Grande do Sul, dedicando-se, sobremaneira, à história da educação e dos livros escolares, principalmente, no século XIX.

Destacamos, por fim, o trabalho de Miguél Eugenio Almeida, “Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa: um estudo historiográfico” (2007), dedicado à análise da importância de Alfredo Clemente Pinto e de suas contribuições para o ensino de língua portuguesa, concentrando-se, para isso, principalmente, nos aspectos linguísticos e gramaticais veiculados pelas obras do autor. A *Seleta* também figura em seu *corpus* de análise, mas o olhar é concentrado nos comentários gramaticais apresentados ao longo da obra. Isso se justifica tendo em vista os objetivos do trabalho do pesquisador e o viés da aplicação da historiografia linguística nas obras de Clemente Pinto. De qualquer forma, é um texto que centra sua pesquisa especificamente na obra do professor gaúcho, o que se assemelha ao trabalho por nós aqui delineado; entretanto, diferenciamos-nos do estudo citado de acordo com os objetivos propostos: nosso olhar volta-se para a relação da obra de Clemente Pinto com o atual estudo de Literatura, em contraste com os estudos de Língua Portuguesa, disciplinas, hoje, sistematizadas nas escolas de nível médio.

Ainda, a nível mais amplo, precisamos recuperar um dos nomes centrais nos estudos sobre os livros didáticos: Alain Choppin (2004; 2009). Em um de seus escritos, ao dissertar sobre a importância do desenvolvimento de pesquisas sobre a história do livro e da educação escolar, o pesquisador menciona que: “Não podemos fazer muita coisa até sabermos que livros foram publicados e onde estão os volumes sobreviventes.” (MICHAEL, 1994, p. 61 *apud* CHOPPIN, 2004, p. 563). Então, essa necessidade de voltarmos nosso olhar ao passado evidencia a importância de buscarmos compreender as produções didáticas anteriores, como forma de preparação para analisarmos o presente. Choppin também realça a necessidade de a escrita da história dos livros escolares levar em consideração todos os fatores externos que nesses objetos exercem influência, como os contextos político, religioso, econômico, linguístico, editorial ou pedagógico, haja vista a complexidade desses objetos culturais.

Para compreendermos a materialidade da *Seleta em Prosa e Verso* como um livro escolar, precisamos, ainda, recuperar a própria constituição desse artefato. Ao referirmo-nos à obra como “livro escolar” ou “material didático”, precisamos definir os conceitos por trás dessa nomenclatura, com vistas a recuperarmos a trajetória de tais objetos. Para tanto, os trabalhos de Choppin (2004; 2009) seguem sendo necessários, acompanhados, principalmente, de Chartier (2007) e Bittencourt (2004, 2008). Apesar de nosso foco de análise centrar-se em uma obra em específico, necessitamos compreendê-la em um contexto mais amplo, uma vez que ela está inserida, contextualmente, na história dos materiais destinados a uso escolar, para, a partir disso, compreendermos suas particularidades.

Assim, de modo a alcançar os objetivos propostos e contribuir para a recuperação da trajetória dos livros escolares, especialmente da *Seleta em Prosa e Verso*, *corpus* principal deste trabalho, organizamos este texto em três momentos específicos, além deste primeiro capítulo introdutório e das considerações finais. Nesta introdução, procuramos delimitar nossos objetivos e apresentar os porquês de, ainda hoje, necessitarmos que nossas pesquisas se debrucem em materialidades do passado, como é o caso da recuperação da obra de Clemente Pinto. Além disso, centramos este espaço na rápida apresentação de alguns dos principais trabalhos que serviram e servirão de mote para pensarmos o desenrolar da pesquisa.

Na sequência, no capítulo intitulado “A escolarização do saber”, delineamos uma retomada da trajetória da leitura de literatura em contexto formal de ensino, detendo-nos, para isso, tanto no processo de escolarização da disciplina de Literatura quanto no próprio processo de surgimento e desenvolvimento dos materiais e livros didáticos destinados ao ensino da leitura e da literatura. Ainda, nesse mesmo capítulo, apresentamos uma contextualização histórica da tradição escolar no Rio Grande do Sul, de modo a percebermos a presença da *Seleta em Prosa e Verso* e do professor Clemente Pinto nesse espaço.

O capítulo seguinte, denominado “A figura de Alfredo Clemente Pinto: fragmentos”, objetiva construir justamente o que seu título sugere: a apresentação desse autor. Para isso, recuperamos e moldamos a biografia do professor, contribuindo para o registro da importância da figura de Clemente Pinto no âmbito do ensino no Rio Grande do Sul. É importante evidenciar que o capítulo apresentado não é uma “biografia” convencional, devido às dificuldades relacionadas às poucas fontes de consulta disponíveis. Por isso, ao percebermos um apagamento da figura de

Clemente Pinto em meio cultural, a fragmentação do texto apresentado traduz justamente esse esquecimento ao qual ele foi relegado, mas que se deveria reconstruir. Ademais, como a trajetória de Clemente Pinto, evidentemente, dialoga com o próprio desenrolar do ensino e do contexto político e religioso da época, no Rio Grande do Sul, esses fatores também são explorados ao longo do capítulo.

Já o núcleo da análise empreendida neste trabalho centra-se no capítulo intitulado “Moldando a *Seleta em Prosa e Verso*”, subdividido em dois momentos: “A obra de Alfredo Clemente Pinto” e “Análise histórica da *Seleta em Prosa e Verso*”. Nesse capítulo, em especial, os fatores externos à obra são de fundamental relevância, como os princípios políticos, editoriais, econômicos e religiosos da época, por exemplo, pois são imprescindíveis para compreendermos a trajetória de sua obra e de sua influência no ensino regional. Ao delimitarmos a análise histórica da obra, trabalhamos com algumas edições representativas das 59 edições da *Seleta*, buscando recuperar sua permanência ao longo do tempo e os fatores que contribuíram para sua continuidade em ambiente escolar. Além disso, é nesse momento que analisamos, temática e formalmente, a seleção dos textos literários realizada pelo autor (os textos “rejeitados”, que foram excluídos; os textos “adotados”, que foram inseridos; e os textos “imortalizados”, que se mantiveram ao longo das edições e que são foco de análise), tendo em vista a compreensão dos pressupostos teóricos que influenciaram e embasaram a organização da *Seleta*.

Dessa forma, esperamos que este trabalho possa contribuir para a constituição da trajetória dos livros escolares no Rio Grande do Sul, por meio da recuperação da obra de Alfredo Clemente Pinto, em especial, da *Seleta em Prosa e Verso*, livro que perdurou (e ainda perdura?) nas memórias dos gaúchos no decorrer de suas 59 edições. Ainda, esperamos que a análise da *Seleta* seja elucidativa quanto à própria trajetória da disciplina de Literatura em contexto formal de ensino, considerando-se as transformações pelas quais esse ensino passou ao longo desses 115 anos de edições. Desejamos que a leitura deste texto seja contributiva para todos aqueles que nela mergulharem, despertando interesse pelo assunto e pelas considerações aqui delineadas.

Por fim, ao entender este estudo como parte da história científica e cultural, almejamos não só reconstruir e historiar o passado, mas recuperá-lo de forma a dialogarmos com o momento presente. Compreender um momento e um processo histórico significa compreender o que se vive na atualidade, uma vez que, sem o

conhecimento dos fatos passados, impossibilita-se a compreensão e a consequente atuação no momento presente. Compreender, historicamente, a Literatura (não a história da Literatura) não é um estudo do passado, mas uma forma de debruçarmos sobre as problemáticas da atualidade e, por meio dessa recuperação história, dialogarmos e agirmos no momento presente.

2 A ESCOLARIZAÇÃO DO SABER

2.1 A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA

Muitas das discussões relacionadas à educação e aos problemas enfrentados por ela, nas diferentes áreas do conhecimento, devem-se ao processo de escolarização pelo qual os diferentes saberes passaram ao longo do tempo. Para uma grande área de conhecimento tornar-se uma disciplina curricular, há um longo processo de instituição de um saber a ser ensinado e, conseqüentemente, aprendido em um contexto específico para tal – a escola. Com o surgimento da instituição escolar e da necessidade de um espaço de ensino e de um tempo de aprendizagem específicos, estabelecem-se, também, os diferentes saberes a serem ensinados, os quais são formalizados e organizados em currículos, disciplinas, programas, graus escolares, séries etc., ou seja, o que constitui, até hoje, o cerne das escolas (SOARES, 2004).

Pensando, agora, especificamente em relação ao complexo contexto que envolve o ensino de Literatura em geral, vale pontuar a presença dessa “disciplina” como parte de um processo mais amplo de escolarização do conhecimento. Nesse sentido, além de todos os problemas e de todas as dificuldades que emergem desse processo de escolarização, o caso específico da Literatura incorre em outra problemática bastante importante: a transformação do texto literário em texto didático. Dessa forma, “ao converter o texto literário em instrumento pedagógico de outra disciplina ou saber, estar-se-ia subordinando a arte à pedagogia” (SILVA; FRITZEN, 2012, p. 272).

Historicamente, a referência a cursos de Letras e a disciplinas dedicadas e/ou denominadas especificamente como “Literatura”, tendo em vista a atual configuração e compreensão dessa área, é bastante recente. No entanto, o ensino de literatura nada tem de recente na história brasileira. A literatura⁵, como objeto de estudo e leitura, já estava presente, por exemplo, no ensino dos jesuítas, tendo perdurado durante todo o Brasil Colonial (SEGABINAZI, 2011, p. 23).

⁵ É importante observarmos que, a exemplo dos estudos de Lachat (2019) e Souza (2011), a concepção do termo “literatura”, pensada no contexto colonial brasileiro, significa as habilidades de leitura e de escrita e, conseqüentemente, de cultura alcançada a partir dessa habilidade. É nesse sentido que entendemos o termo “literatura” ao discutirmos sobre a época em questão, tendo em vista, também, sua relação com os objetivos do *Ratio Studiorum*.

Como a *Seleta em Prosa e Verso* transitou pelos ambientes escolares durante o transcurso de séculos diferentes, iniciando no XIX, a obra *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*, de Roberto Acízelo de Souza (1999), já previamente citada, auxilia-nos na compreensão dessas “fontes clássicas” dos estudos literários. Ao recuperar o papel do ensino dos estudos literários nas raízes coloniais, ainda nos séculos XVII e XVIII, Souza (1999) enfatiza a importância do empreendimento eclesiástico no período colonial, cujo ensino escolar esteve, principalmente, sob responsabilidade dos jesuítas. Nesse ensino, surge o viés humanístico da educação, voltado à formação integral do homem, que buscava transmitir e consolidar uma cultura geral, “que interessa irrestritamente a todos” (SOUZA, 1999, p. 22). É importante compreendermos esse “objetivo” do ensino humanístico⁶, pois, na época do Brasil Colônia, avultavam as humanidades, justamente, no *Ratio Studiorum*, promulgado pela Companhia de Jesus⁷, em 1564, documento oficial que organizava todo o modelo jesuítico de educação e que estava programado nas disciplinas de gramática, retórica e poética⁸. Assim, para sistematizar, o autor afirma que:

[Durante a época colonial, no Brasil] predominou de modo absoluto uma educação linguística e literária, com o destaque para o latim e sua literatura, e mais gramática portuguesa e retórica (nesta última subsumida a poética). (SOUZA, 1999, p. 15).

Segundo o autor, há, em cenário brasileiro, durante o século XIX, mais especificamente durante o período do Império, um acentuado interesse pelos estudos de retórica e poética. Tal interesse é ilustrado pelas várias publicações e, principalmente, pela inserção das disciplinas de “Retórica e Poética” nos currículos

⁶ “Este humanismo, conforme indica a palavra, buscava preparar o homem – todos os homens – para a vida: era um tipo de treinamento comum a todos, capaz de servir para qualquer pessoa, não importa que rumo ela pudesse tomar depois. Daí a cultura predominantemente literária [...]. Baseava-se [...] na familiaridade com os grandes escritores, admirados e reconhecidos, e acima de tudo com os poetas, sendo a poesia o maravilhoso instrumento que possibilitava a todos, adultos e crianças, a aquisição de um conhecimento intuitivo do homem e da vida.” (MARROU, 1998, p. 227).

⁷ A Companhia de Jesus fundou e dirigiu numerosos colégios durante cerca de dois séculos: “Ordem consagrada ao ensino pela Constituição escrita por seu próprio fundador, a Companhia, onde quer que entrasse a exercer os seus ministérios, instituía logo e multiplicava rapidamente os seus estabelecimentos de ensino. Em 1750, poucos anos antes de sua supressão (1773), a Ordem de Inácio dirigia 578 colégios e 150 seminários, ao todo, 728 casas de ensino. (FRANCA, 2019, p. 7).

⁸ Franca (2019) explicita que o *Ratio Studiorum* perdurou por quase dois séculos, até a supressão da ordem, em 1773, quando o Papa Clemente XIV proibiu a Companhia de Jesus de atuar em seus colégios. Porém, em 1814, o Papa Pio VII restaurou a ordem, tendo o superior-geral nomeado uma comissão para elaborar uma revisão do *Ratio Studiorum*, cujas análises foram concluídas em 1832, apresentando-se uma nova versão.

das escolas. Porém, de acordo com Souza (1999, p. 1), “observa-se que esse interesse desaparece no final dos anos de 1800, embora diversos resíduos dessa tradição se tenham conservado no século XX”. Assim, é de ressaltar o visível esquecimento dos interesses oitocentistas, em detrimento de uma nova vertente muito centrada nos estudos de história da literatura. Dessa forma, visualizamos uma transformação de um interesse retórico-poético para um olhar historicista, este último tendo perdurado até os dias atuais. Apesar de todas essas modificações, entretanto, é importante observarmos que muitas das raízes desse ensino perduram até hoje, a exemplo do que será evidenciado neste trabalho, a partir da análise da *Seleta*.

Segundo Souza (1999), no século XIX, então, é possível visualizar uma espécie de antagonismo estabelecido entre duas vertentes: a historicista e a retórico-poética. Nesse século em específico, conforme o autor, “um dos mais imediatos objetivos da educação retórica [...] era a formação de escritores” (SOUZA, 1999, p. 86). Como a disciplina ocupa um lugar de relevo no sistema de ensino, os futuros autores (e, por consequência, alunos naquela época) tinham acesso a “modelos” discursivos de escrita, os quais se configuravam como “textos canonizados como *flores de retórica*, por isso didaticamente instrumentalizados em *antologias* (isto é, conforme o étimo da palavra, *coleção de flores*)” (SOUZA, 1999, p. 86, grifos do autor).

Assim, especialmente em relação à seleção de autores a serem estudados na escola, vale, em primeiro lugar, uma retomada histórica. McLuhan (2012), em *O Trivium Clássico*, considera o *Trivium*, as três vias, desde o século IX, como os estudos de gramática, retórica e dialética, em contrapartida ao *Quadrivium*, as quatro vias, compreendidas pela aritmética, geometria, música e astronomia. Dessas sete vias (ou também sete artes), estudaram-se muito mais a fundo as do *trivium* e, mais profundamente, a gramática, que era tida como o fundamento de todas as outras artes. Além disso, pode-se dizer que, basicamente, o *trivium* clássico é a origem, mesmo que de maneira rasa e superficial, dos estudos literários configurados conforme o que hoje entendemos.

Segundo Curtius (1996), o ensino da gramática⁹, a primeira das sete artes, compreendia tanto a língua quanto a literatura. Gramática, do grego *gramma*, que

⁹ Segundo Marrou (1998, p. 217): “A gramática era ensinada por um especialista, o *grammatikos*, inteiramente diferente do seu humilde colega, o *grammatistes*. [...] A disciplina gramatical foi, de início, - e assim permaneceria sempre - principalmente um estudo completo dos grandes escritores, em especial dos poetas. Ser um grego culto era, primeiro e acima de tudo, ser profundamente versado em

significa “letra”, equivale à expressão latina *litteratura*, a qual não possuía o sentido atual: era muito mais ampla, englobando a arte de ler e escrever. Na Idade Média, não se conhecia a ideia de “clássico”, pois todos os autores eram vistos igualmente como autoridades, fossem eles pagãos ou cristãos, havendo uma seleção normativa de autores a serem ensinados.

Como podemos perceber, então, a presença de listas de autores para o ensino representa um já velho patrimônio escolar. A diferença é que, naquele tempo, não se tentava atender à ordem cronológica dos textos e/ou ao agrupamento por assuntos. Todos os *auctores* (no sentido de autoridade, de alguém que serve de modelo) apresentavam o mesmo valor e eram intemporais. Porém, como, na Idade Média, o respeito a esses *auctores* era extremo, pois qualquer fonte era considerada boa, faltava-lhes, muitas vezes, o sentido histórico e o senso crítico para olhar os textos produzidos.

Entretanto, a partir do século XII, abala-se o domínio dos *auctores* graças ao avanço da dialética (hoje lógica) e à revolta dos jovens contra o tradicionalismo do ensino escolar. João de Salisbury (cerca de 1110 a 1180) precisou defender-se contra essa nova tendência, sendo alvo de comentários como: “Que quer o burro velho? Por que nos cita palavras e feitos dos antigos? Tiramos nosso saber de nós mesmos; nós, os jovens, não reconhecemos os antigos.” (CURTIUS, 1996, p. 90). Podemos perceber que a citação acima assemelha-se a um discurso muito familiar ao que se tem atualmente. É um discurso retomado pelo movimento juvenil do século XX e, também, pelo movimento iniciado pelos Estudos Culturais: é, pois, um discurso recorrente nessa luta entre o “velho” e o “novo”. Ademais, é ainda um discurso muito presente nas salas de aula das disciplinas de estudos literários, tendo em vista o desinteresse cada vez mais acentuado pelas “letras antigas”.

Conforme Lajolo (2018), originalmente, o termo “clássico” abrangia um significado cronológico, ao indicar obras produzidas em determinadas épocas. No entanto, com o passar do tempo, o termo “clássico” assumiu, também, um sentido valorativo: o que é clássico é sempre bom, de boa qualidade. A justificativa para essa mudança encontra-se, segundo a autora, justamente na influência do contexto escolar:

Homero. Constituindo um legado do período arcaico, o conhecimento de Homero caracterizaria a educação grega ao longo de sua história.”.

E sabe por que a palavra *clássico* desenvolveu um significado segundo (de excelência) sobre um significado primeiro (de algo produzido numa determinada época)? Saber isso ajuda a entender a importância da escola no estabelecimento *do que é* e *do que não é* literatura. A palavra *clássico* é derivada de *classis*, palavra latina que significa *classe de escola*. No tempo em que a escola mandava seus alunos lerem apenas autores latinos e gregos, esses autores começaram a ser chamados de *clássicos* por ser sua leitura recomendada às *classes*, isto é, por serem *adotados* nas escolas. (LAJOLO, 2018, p. 29, grifos da autora).

Dessa forma, como se pode perceber, a discussão a respeito da seleção de textos a serem estudados sempre esteve relacionada a seu caráter escolar: quais textos devem ser estudados em sala de aula e por quê?¹⁰ Segundo Lajolo (2018), entre as instâncias de legitimação que buscam impor o caráter literário das obras que almejam ser, de fato, literatura, a escola ocupa um papel fundamental: “Ela é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora *do que é literatura*” (LAJOLO, 2018, p. 28, grifo da autora). Então, podemos evidenciar a escola como uma das principais responsáveis pela qualificação – positiva ou negativa – das obras literárias e de seus autores. Nesse caminho, é importante retomarmos uma citação de Zilberman (2009, p. 17), uma vez que colabora com a retomada histórica que envolve esse assunto:

Desde os gregos, como se viu, a aprendizagem da leitura oferecia o solo sobre o qual se apoiava o conhecimento da literatura, representada por obras e autores prestigiados, cuja fama se consolidou ao longo do tempo. (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Entretanto, especificamente em relação à *Seleta em Prosa e Verso*, precisamos destacá-la como uma materialidade escolar que, por meio de sua intrínseca necessidade de escolha, também acaba influenciando e sistematizando uma espécie de “cânone” literário. Isso porque, pela própria natureza da obra, uma antologia configura-se como a seleção e a compilação de textos e autores “exemplares” de serem lidos e estudados em sala de aula. Assim, é evidente que, levando-se em consideração o contexto de produção e de distribuição da obra, os objetivos

¹⁰ Muitos são os trabalhos e os autores que discutem sobre a (não) presença de um “cânone” literário brasileiro, refletindo sobre questões tão caras ao assunto e que precisam, sempre que possível, ser levadas em consideração. Entre essas questões, encontram-se a do “valor” literário e estético, a das instâncias legitimadoras, a das influências do avanço da teoria literária, a do mercado editorial, a das universidades e dos órgãos responsáveis pelas seleções de acesso ao ensino superior etc. (TELLES, 2015; DURÃO, 2014; REIS, 1992; FISCHER, 2014; GINZBURG, 2004; DE MARTINI, 2016).

pedagógicos exercem completa influência nessa seleção, corroborados pelos vieses econômicos, políticos, editoriais e culturais da época.

2.2 O RIO GRANDE DO SUL E A TRADIÇÃO ESCOLAR

Ao objetivarmos discutir o caminho percorrido pelos livros didáticos, torna-se imperativo, como resultado, retornarmos à trajetória da educação escolar, visto aqueles serem um reflexo das mudanças e das permanências ocorridas na tradição escolar. Uma questão bastante ilustrativa da inseparabilidade entre tais estudos são as alterações percebidas na nomenclatura do ensino ao longo dos anos, motivadas pelas diferentes reformas educacionais vividas pelo país. Dessa forma, como a presença de livros escolares, desde o início da colonização, e, posteriormente, a própria produção nacional dessas obras acompanhou a tradição escolar, é importante delinear algumas considerações importantes relacionadas a esse contexto histórico.

Em cenário sul-rio-grandense, podemos notar, a partir de finais do século XIX, algumas mudanças significativas em vários âmbitos, como nas esferas econômicas, políticas e culturais. Conseqüentemente, a partir desses acontecimentos, começam a surgir modificações importantes também na esfera educacional. Em 1897, o Decreto n.º 89 organizou a instrução primária no Rio Grande do Sul, a ser ofertada nas escolas elementares e nos colégios distritais, os quais foram, posteriormente, convertidos em colégios complementares. Já em 1909, com o Decreto n.º 1479, criaram-se os colégios elementares, uma versão local da escola primária que, em outros Estados, era chamada de “grupo escolar”, extinguindo-se, por isso, os colégios complementares (PERES, 2000).

Tendo em vista a expansão do ensino público, marcada, expressivamente, em 1909, por essa criação dos colégios elementares, Peres (2000) afirma que esse marco histórico representou um dos momentos mais importantes para a história do sistema público de ensino primário no Rio Grande do Sul. Isso ocorreu porque tal legislação significou, além da institucionalização da escola, também a organização escolar mais próxima à que temos hoje: com espaço, tempo, agentes e materiais específicos e direcionados à aprendizagem. Assim, os colégios elementares constituíram uma organização político-administrativa do ensino no Estado.

Nesse contexto de progressivas mudanças, é importante observarmos o surgimento e o fortalecimento de um mercado editorial voltado a questões didático-pedagógicas, já que a nova organização escolar, com um número maior de escolas e, por conseguinte, com um público maior de alunos, intensificada do final do século XIX e ao início do século XX, levou à consagração de uma indústria editorial voltada a fins escolares. Dessa maneira, o Estado, embora espremido, principalmente, por todas as limitações financeiras, começou a inserir-se como comprador desses materiais, conforme ilustram Michel e Peres (2019). Ao buscarem recuperar o fornecimento de materiais escolares às escolas públicas gaúchas pelo Governo do Estado entre os anos de 1882 e 1913, as autoras encontraram informações em diferentes meios documentais. Entre as fontes apresentadas no estudo, um recibo de entrega de material da Fonseca & Cia à aula mista dirigida pela professora D. Maria Innocencia Couto e Silva, no ano de 1913, aparece a *Seleção em Prosa e Verso*, totalizando 8 exemplares adquiridos (MICHEL, PERES, 2019, p. 17), o que só inicia a ilustrar a importância dessa obra no período.

Em pesquisa semelhante, Tambara (2008) apresenta um levantamento dos livros de leitura utilizados no Rio Grande do Sul no século XIX¹¹. Para tal identificação, o autor utiliza como fontes principais os veículos oficiais de informação do período e catálogos de editoras que produziam esse tipo de material. Entretanto, tendo em vista a precária existência e o difícil acesso à preservação desses documentos, mescla, em sua pesquisa, alguns indicadores mais subjetivos, como memórias e autobiografias. Dessa forma, tem-se um entrecruzamento de dados e fontes para se chegar à identificação mais fidedigna possível de uma listagem dos livros de leitura utilizados para a aquisição dessa habilidade.

Em relação ao final do século XIX, Tambara (2008, p. 84) caracteriza esse período como a inserção do Rio Grande do Sul na chamada “provincialização da produção do livro didático”, fazendo referência a um trabalho anterior de pesquisa (TAMBARA, 2002). Esse processo de “provincialização” remete à capacidade de as províncias conseguirem construir seus próprios desenvolvimentos de produção e

¹¹ Além da obra referenciada (TAMBARA, 2008), é essencial para o assunto o incansável trabalho do mesmo autor em *Bosquejo de um Ostentor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil* (2003), o qual também serve de fonte para este trabalho.

circulação de livros didáticos, diminuindo, significativamente, os materiais produzidos no Rio de Janeiro (onde se localizava a Corte) e/ou na França ou Portugal¹².

Assim, Tambara (2008) afirma que esse processo torna-se emblemático no Rio Grande do Sul a partir da década de 1880, devido à efetiva “provincialização” da produção desses materiais de leitura. Segundo ele, nos 50 anos seguintes, “praticamente houve um monopólio de autores e/ou de editoras¹³ gaúchos em relação aos livros didáticos utilizados em sala de aula” (TAMBARA, 2008, p. 84-85). Em relação a esse monopólio de autores, encontra-se a figura de Alfredo Clemente Pinto, com a emergência de sua *Seleta em Prosa e Verso*, a qual, no início da República e, mais intensamente, no período da República Velha, constitui-se como o livro de leitura – por excelência – da escola primária no estado do Rio Grande do Sul.

Ao fazer referência à reunião do Conselho Escolar de 1885, Tambara (2008) identifica que Alfredo Clemente Pinto dividia com Hilário Ribeiro (1847-1886)¹⁴ o

¹² Em relação a esse período, vale a observação de que a “consolidação” do mercado sul-rio-grandense de livros didáticos aproxima-se do período de consolidação da literatura no Estado. Em relação a esse fato, emerge a importância da Sociedade Partenon Literário, formada em 1868, organizada como uma agremiação a partir da qual os escritores puderam se organizar e instituir um sistema literário no Rio Grande do Sul: “[o Partenon Literário] facultou, assim, a constituição de um sistema complexo de intercâmbio de ideias e produções literárias, bem como a consolidação de uma cultura com características próprias” (ZILBERMAN, 1992, p. 13). Um dos nomes importantes que compuseram o Partenon Literário e contribuíram para suas ações foi Hilário Ribeiro, professor e escritor que será apresentado na sequência.

¹³ Sobre o processo editorial no Estado, é importante ressaltarmos o trabalho de Arriada (2012), no qual apresenta um levantamento das principais casas editoriais e das tipografias que funcionaram no Rio Grande do Sul e que, de maneira especial, dedicaram-se à produção de textos escolares. Assim, no mesmo caminho que Tambara (2008), o autor afirma que foi “a partir da década de 80 daquele século [século XIX] que houve, nesta região, a provincialização da produção, da distribuição e, principalmente, da adoção de textos escolares” (ARRIADA, 2012, p. 1). Tendo em vista o contexto editorial das publicações da *Seleta em Prosa e Verso*, nosso foco de estudo neste trabalho, é importante que nos detenhamos em dois nomes específicos desse levantamento: Rodolfo José Machado e Selbach. De acordo com Arriada (2012), essas duas editoras são exemplos de casas voltadas quase que exclusivamente para o campo editorial didático, uma vez que, devido ao processo de escolarização, ocorre um aumento significativo da necessidade de livros escolares em circulação. Além disso, estes começam a ser garantia de lucro para as editoras, ainda mais se as obras fossem aprovadas pelo Conselho da Instrução Pública, situação que, como veremos mais adiante, será importante também para a consolidação da obra de Clemente Pinto.

¹⁴ Também gaúcho, Hilário Ribeiro nasceu em Porto Alegre, no ano de 1847. De acordo com Maciel e Campelo (2011, p. 2), Hilário Ribeiro foi professor e proprietário de escola, no Rio Grande do Sul, provavelmente nas décadas de 1870 e 1880, e também se destacou por publicar manuais didáticos. Tais dados são comprovados também pelo trabalho de Arriada e Nogueira (2018, p. 54): “Hilário Ribeiro de Andrade e Silva nasceu na cidade de Porto Alegre em 01 de janeiro de 1847, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 01 de outubro de 1886. Teve sua carreira inicial no Rio Grande do Sul. Fundou, conjuntamente com Apolinário Porto Alegre, o Instituto Brasileiro, abalizado educandário da capital gaúcha. Foi professor da Escola Normal de Porto Alegre e depois desempenhou as atividades de professor no Imperial Liceu de Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro. Escreveu diversas peças teatrais, além de crônicas publicadas na *Revista do Partenon Literário*, além de um expressivo número de livros didáticos”.

mercado sul-rio-grandense de textos de leitura¹⁵ para as escolas. Além disso, o autor também ressalta a importância e as consequências de interesses econômicos, políticos e ideológicos na produção, na circulação e na utilização dos livros de leitura desde aquele período, o que tornava o mercado editorial de materiais didáticos um “setor peculiar na área de editoração de livros” (TAMBARA, 2008, p. 94), fator refletido até hoje em nosso mercado editorial contemporâneo. Nesse sentido, Estado e Igreja influenciam a existência e a permanência desses livros, ocasionando a criação de comissões de instrução pública para controlar os textos didáticos de leitura presentes nas salas de aula.

Por meio de alguns dados apresentados e analisados por Tambara (2008), encontramos significativas distribuições da *Seleção em Prosa e Verso* às escolas públicas, evidenciadas, principalmente, em dois Relatórios do Inspetor Geral da Instrução Pública, de 1899 e 1908. No primeiro documento, listam-se os objetos recebidos e distribuídos pelo almoxarifado da instrução pública: em 1899, foram recebidos 2600 exemplares da obra e distribuídos 2375 deles. Já entre 1907 e 1908, de acordo com o segundo documento, foram fornecidos 7.616 exemplares da obra de Clemente Pinto às escolas públicas, de um total de 50.269 exemplares. Em termos quantitativos, a *Seleção* somente perdeu para *Leituras Escolhidas*¹⁶, com 9.044 exemplares, que, no entanto, também é uma obra de autoria de Clemente Pinto. Dessa maneira, podemos perceber, numericamente, uma preferência pelas obras do professor.

Como conclusão da análise dessas fontes, Tambara (2008, p. 96) afirma que, no Rio Grande do Sul do século XIX, em relação aos livros de leitura, ocorreu um processo marcado por três períodos distintos de produção desse material,

¹⁵ É importante destacar que, como prática comum na época, Hilário Ribeiro escreveu obras de outras áreas, não só voltadas à leitura. Nessa perspectiva, o empenho de Tambara (2003), ao buscar construir um panorama dos textos escolares que circularam nas escolas primárias e secundárias brasileiras no século XIX, ajuda-nos com os títulos publicados por Hilário Ribeiro: *Primeiro Livro de Leitura* (1878); *Cenário Infantil: segundo livro de leitura* (1879); *Gramática Portuguesa* (1880); *Lições do Lar* (1º, 2º, 3º Livros de Leitura) (1880); *Geografia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1881); *Gramática elementar e lições progressivas de composição* (1882); *Na terra, no mar e no espaço: terceiro livro de leitura* (1883); *Cartilha nacional para o ensino simultâneo de leitura e caligrafia* (1884); *Pátria e dever: quarto livro de leitura* (1887); e *Elementos de Moral e Cívica* (1895).

¹⁶ Alfredo Clemente Pinto também foi autor do título *Leituras Escolhidas*, uma série de livros destinada à leitura na escola primária, ou seja, nas primeiras séries escolares. Segundo Matta (2010, p. 32), “as primeiras leituras escolares nas escolas do século XIX eram realizadas por meio das cartilhas seguidas dos livros de leitura e de histórias morais”. Assim, para essa etapa de ensino, foi tradicional a publicação de cartilhas e de séries de livros de leitura. Já para o ensino secundário, etapa para a qual a *Seleção em Prosa e Verso* é direcionada, entram as coletâneas literárias, compilações de textos considerados ideais (exemplares) para o público-alvo.

“caracterizados por autores e/ou editoras vinculados a: 1. Portugal e/ou França; 2. Município Neutro; 3. Província do Rio Grande do Sul”. Além disso, o autor ainda afirma que ocorreu certa concentração em relação aos autores dos textos de leitura, dando-se preferência, no final do século XIX, por apenas dois autores: Hilário Ribeiro e Alfredo Clemente Pinto, os quais figuraram, portanto, como os principais autores dos materiais didáticos utilizados nas aulas públicas da região.

Para retomarmos uma importante relação com uma obra nacional, vale lembrarmos que, com o passar dos anos, temos duas obras que sobreviveram ao tempo e foram alvo de inúmeras edições: a de Alfredo Clemente Pinto, *Seleção em Prosa e Verso*, e a de Fausto Barreto e Carlos de Laet, *Antologia Nacional*. A importância dessas obras ilustra-se nos fatos de a primeira ter sido adotada em inúmeros colégios, tendo chegado à 59ª edição, em 2001; e de a segunda ter sobrevivido até 1969, em sua 43ª edição, também sendo amplamente adotada nas escolas da época, principalmente nas “de prestígio”, como é o caso do Colégio Pedro II¹⁷.

Do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, o material didático existente e adotado para o ensino da língua nacional baseava-se em dois produtos: as antologias e as gramáticas. Nesse período, convivia-se, então, com dois manuais nas aulas de português: uma gramática e uma seleção de textos. Porém, anos mais tarde, já nas décadas de 1950 e 1960, com os registros iniciais das modificações ocorridas nos livros didáticos, ocorreu uma fusão entre gramática e texto, ocasionando-se a junção de gramáticas e antologias (seletas) em um só livro: o chamado livro didático de português. Segundo Soares (2004, p. 168), nos anos 1960, a fusão ocorre completamente: “os livros se organizam em unidades, cada uma constituída de texto para interpretação e de tópico gramatical”.

Além disso, vale ressaltar que essa mudança na configuração dos materiais didáticos foi influenciada pela mudança pela qual a escola passou, de um modo mais geral, em relação ao público atendido e à formação de profissionais para atuarem nas escolas. É justamente nesse período que ocorre a chamada “democratização” do acesso ao ensino formal no Brasil, ocasionando um maior número de alunos

¹⁷ “[...] Imperial Colégio de Pedro II, fundado na Corte pelo governo regencial, em 2 de dezembro de 1837, aniversário do herdeiro do trono. Inaugurado em 25 de março de 1838, o Colégio Pedro II deveria servir de modelo ao ensino secundário [...]. Inspirado nos programas dos colégios franceses, o currículo do Colégio Pedro II conservaria, ao longo do século XIX, a preferência pela instrução humanista, com destaque para conteúdos clássicos, sobretudo o Latim.” (RAZZINI, 2010, p. 47).

frequentadores das aulas e, conseqüentemente, uma maior necessidade de formação de profissionais e de produção de materiais didáticos que dessem conta de uma sistematização desse ensino.

Dessa maneira, fica evidente a necessidade de, ao refletirmos sobre os materiais didáticos voltados à leitura em sala de aula, retornarmos à trajetória da própria tradição escolar. Esta, naturalmente, por ser um reflexo de inúmeras transformações orientadas e estimuladas pelas forças sobressalentes da época, acaba construindo sua trajetória de forma paralela à transformação dos materiais didáticos.

2.3 A TRAJETÓRIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

A partir da análise de materiais didáticos contemporâneos, a constatação, na atualidade, de que a leitura literária foi substituída, em grande parte, pela historiografia literária, leva-nos a retornar ao passado e a perceber a trajetória da literatura nos manuais didáticos destinados a esse fim. A retomada desse percurso deve ocorrer de modo a percebermos as modificações (e, conseqüentemente, as permanências) sucedidas, bem como a fim de buscarmos identificar possíveis causas e momentos importantes relacionados ao percurso desses materiais. Dessa forma, é preciso recuperarmos o percurso dos materiais didáticos, partindo de uma compreensão mais ampla dessa produção, até chegarmos às particularidades das produções específicas destinadas ao ensino de leitura e de literatura, em contexto brasileiro, nos ambientes formais de ensino.

Conforme documenta a História da Educação (SILVA, 2012), a produção didática e seletiva de conteúdos, obras e autores faz-se presente desde que Platão, na Grécia Antiga, sugeriu que se organizasse uma “composição de livros de leitura com uma seleção do melhor de sua época” (SILVA, 2012, p. 807). Variando, ao longo do tempo, das mais diversas formas e nas mais variadas sociedades, a produção didática (seja ela qual for) tem estado, então, sempre presente nas instâncias formais de ensino.

Segundo Choppin (2004), apesar de os livros didáticos terem sido negligenciados, durante muito tempo, tanto por historiadores quanto por bibliógrafos, eles começaram a suscitar um interesse mais acentuado em pesquisadores a partir de meados da década de 1970. No entanto, no decorrer de suas pesquisas, Choppin

(2004) deparou-se com inúmeras dificuldades inerentes ao trabalho com os manuais didáticos, objetos que se caracterizam, primeiramente, por um complexo problema de definição: “o ‘livro didático’ é, na maioria das línguas, designado de inúmeras maneiras (diversidade do vocabulário e instabilidade dos usos lexicais)” (CHOPPIN, 2004, p. 549).

Vale ressaltarmos, porém, que as dificuldades não se encerram nesse quesito, mas nele apenas se iniciam. Para a organização do estado da arte, o professor francês deparou-se com uma produção extremamente volumosa desses materiais, encontrados em coleções dispersas, mal conservados e raramente catalogados, o que se mesclou às já citadas designações variadas a eles atribuídas. Além disso, outra dificuldade elencada por Choppin (2004) diz respeito à ausência de obras sintéticas sobre os livros didáticos, já que os trabalhos realizados não abrangem toda a produção nem todos os períodos históricos. Essa carência é justificada, no entanto, pela própria configuração dos objetos e pela onipresença de livros didáticos pelo mundo, o que culmina com uma produção editorial extremamente considerável voltada para esse fim. Devido a isso, todas essas problemáticas envolvendo um mesmo objeto, mas completamente disperso internamente, levaram o pesquisador a observar diferentes perspectivas e a delimitar critérios específicos para buscar uma compreensão e uma classificação teórica para os manuais didáticos.

Além disso, Choppin (2009) insere à discussão a problemática definição de “livro escolar” para designar aquelas obras utilizadas em estabelecimentos de ensino ou em instituições conhecidas e destinadas a esse fim. Isso ocorre porque, historicamente, a educação doméstica, além de toda sua importância, é também uma prática persistente: “que venha ou não completar a frequência escolar, por muito tempo teve um papel essencial na educação de meninos como de meninas” (CHOPPIN, 2009, p. 27). Segundo o autor, o cruzamento entre os dois mercados, o doméstico e o institucional, começa a desaparecer ao longo do século XIX, devido, principalmente, à escolarização em massa e à proposição de programas e currículos de ensino. Entretanto, vale pontuar que essa diferenciação também se relaciona aos objetos de ensino, ou seja, às “matérias” escolares, o que coloca, na área literária, uma permanência ainda mais longa da dissociação entre casa e escola, tendo em vista o paralelo entre “leitura por lazer e leitura por obrigação”.

Para aqueles que buscam datas históricas específicas em relação à construção da trajetória dos manuais didáticos, é evidente e já pressuposta a inevitável decepção.

Choppin (2009, p. 72), ao apresentar a seguinte pergunta: “quando o manual aparece?”, apesar de problematizar o próprio sentido desse questionamento, apresenta a opinião mais recorrente, entre as muitas respostas possíveis, proposta por Antonio Petrus Rotger:

Resulta que podemos, na nossa cultura ocidental, distinguir dois períodos na história do livro escolar ou do livro de texto: aquele que se reporta aos séculos XVI, XVII e XVIII, e aquele que está ligado às mudanças que são produzidas nos séculos XIX e XX. No primeiro período, aparece a imprensa e a tecnologia que o torna possível, assim como o ensino, a extensão e a oficialização das línguas vernáculas. O segundo está associado à renovação das técnicas de impressão e ao reconhecimento do livro escolar como instrumento de base da difusão e da organização democrática do ensino. (ROTGER, 1997, p. 102-103 *apud* CHOPPIN, 2009, p. 72).

Então, como temos introduzido, as questões que norteiam o trabalho com materiais didáticos colocam-se, muitas vezes, em linhas tênues de conceituação e compreensão, levando os pesquisadores a debruçarem-se sobre o estudo específico de seus objetos de análise, entendendo-os em sua particularidade. Nesse sentido, é preciso começarmos a sistematização de nossa discussão a partir de duas delimitações: o contexto brasileiro (e, posteriormente, sul-rio-grandense) e o contexto específico de ensino da literatura. O percurso dos materiais didáticos, no Brasil, por sua colonização europeia, apresenta inúmeros paralelos com as produções estrangeiras, refletidos nas traduções e nos modelos de livros elaborados. Ademais, especificamente no caso dos livros de leitura, organizados, muito frequentemente, a partir da seleção e da compilação de textos literários modelares, suas trajetórias são bastante características e exigem que se percebam os contextos que os envolvem.

Nesse caminho, é importante observarmos que, em contexto brasileiro e, principalmente, no Período Colonial, a lacuna educacional e a falta de acesso a materiais didáticos perduraram por muitos anos como um problema a ser enfrentado pelos educadores. No entanto, vale percebermos que, séculos mais tarde, tais considerações direcionam-se a um olhar mais abrangente em relação ao ensino brasileiro, pois, conforme afirma Zilberman (2012, p. 25), “Livros de leitura eram conhecidos pelos estudantes brasileiros desde o começo do século XIX”. Assim, evidencia-se que, a despeito de sua incipiente presença, no século XIX, época de publicação das primeiras edições da *Seleta*, os manuais de leitura faziam-se presentes e compunham os materiais escolares de alguns poucos brasileiros com acesso à educação e, conseqüentemente, aos manuais.

Com a Proclamação da República, em 1889, ocorre uma proposta de expansão do ensino, por meio da definição de programas específicos que orientariam as atividades pedagógicas. Conseqüentemente, começa-se a especializar também a produção de livros didáticos no Brasil¹⁸, fruto da necessidade enfrentada para colocar em prática os programas instituídos. Com uma população bastante heterogênea e com diferentes níveis de acesso aos bens culturais, a instrução pública precisou, por meio da disponibilização desses materiais, estabelecer formas concretas de acesso ao livro, cuja ponte seria, evidentemente, a escola. Entretanto, vale pontuar que, apesar dessas modificações, a situação escolar segue, por muitos anos, ainda limitada, predominantemente, às famílias mais beneficiadas economicamente.

Antes de discutir especificamente sobre os livros de leitura, Matta (2010) relembra a importância da própria leitura na formação escolar:

A leitura era uma das questões de interesse dos professores. Na prática, a leitura deveria ser uma das primeiras e principais atividades escolares, permitindo ao estudante entrar em contato com todas as demais áreas de conhecimento. (MATTA, 2010, p. 9).

Essa citação, como podemos perceber, dialoga com a importância da leitura para o contexto formal de ensino, conforme explicitado na introdução desta dissertação. Além disso, como, segundo Matta (2010, p. 13), por volta de 1860, ainda era muito incipiente o mercado brasileiro de livros didáticos, apesar do empenho dos professores envolvidos no ensino para desenvolver métodos eficazes e do crescimento de instituições de ensino, não havia distribuição de livros para os alunos nas escolas. Dessa forma, os materiais disponíveis centravam-se, muitas vezes, nos cadernos manuscritos dos próprios professores (que se podem chamar, posteriormente, de “cartilhas”), além de raros livros delimitados a traduções e a adaptações de histórias advindas da Europa.

Esse cenário de escassez de material e de livros didáticos só começou a ser modificado a partir da década de setenta do século XIX, já com a presença de D. Pedro II na vida cultural do Brasil. Segundo o autor, foram de extrema importância,

¹⁸ Os jesuítas foram alguns dos responsáveis por introduzir a tradição do uso dos livros didáticos na educação brasileira, voltados aos seus objetivos catequizadores. No entanto, em 1759, com a expulsão da Companhia de Jesus, o gerenciamento da educação dos jovens acabou chegando às mãos de leigos, uma dificuldade que se acentua, ainda, pela proibição da impressão de livros na Colônia. Em 1808, com o estabelecimento da Imprensa Régia, esse cenário emblemático começa a se modificar, com a incipiente edição de obras didáticas. (ZILBERMAN, 2012, p. 174).

para a história da leitura escolar brasileira, os anos finais do Império no Brasil, tendo em vista, principalmente, as mudanças que começaram a acontecer com uma reforma do ensino público.

Em relação às variadas designações atribuídas aos instrumentos didáticos para o ensino de língua (e literatura, mesmo que não com essa denominação), há quem defenda a impossibilidade de classificá-los como materiais didáticos. Esse argumento está arrazoado na definição de Comenius, em *Didática Magna* ([1621] 1985), cuja primeira edição data de 1621, na qual apresenta os manuais didáticos como livros que reuniriam todo o conteúdo necessário à formação e ao saber do educando. Seriam os casos daqueles materiais conhecidos como antologias, seletas, compêndios ou florilégios, os quais se configuram como compilados de textos-modelo de literatura, quase sempre recortados, que se destinam ao ensino e ao estudo das línguas. De acordo com Souza (2013, p. 17), ao referir-se à variedade de designações desses materiais, “essa é uma particularidade dos manuais de ensino da área de linguagem”.

Seguindo uma trajetória, especificamente no Brasil, a publicação de manuais de retórica e poética (destinados à escola) foi significativa no século XIX, afirmação legitimada pelos números apresentados por Souza (1999): entre 1810 e 1886, foram 34 títulos editados. Em relação a esses materiais, porém, diversas foram as formas de denominá-los como materiais didáticos, pois se confundiam entre compêndios, lições, postilas, sinopses, manuais didáticos, assim como delineado anteriormente.¹⁹ Quanto à nomenclatura das obras com esse perfil e com finalidades semelhantes à da *Seleção em Prosa e Verso*, Razzini (1992) afirma: “Até o fim do século XIX as denominações mais usuais para obras de história literária brasileira, voltadas para o ensino ou não, eram Curso de Literatura, Seleção, Compêndio, Parnaso, Florilégio” (RAZZINI, 1992, p. 19). Percebemos, assim, que a própria denominação escolhida para esses materiais didáticos era muito oscilante, o que, por si só, já leva a uma dificuldade de compreensão mais profunda desses objetos.

Já no que diz respeito às disciplinas de retórica e poética, elas obtiveram um espaço privilegiado nas escolas brasileiras do século XIX, conforme apontam estudos

¹⁹ Em relação a esse aspecto, “Durante muitos séculos, livro didático e manual de retórica se confundiram, e desde esses começos a matéria predominante era o conhecimento da língua e da literatura, com o fito de aperfeiçoar a expressão pessoal” (ZILBERMAN, 2012, p. 170). No decorrer das análises das edições da *Seleção*, perceberemos que se mantém o objetivo do aperfeiçoamento da “expressão pessoal”, ilustrada, principalmente, nas sugestões de caráter oral de leitura.

referentes ao colégio tido como modelo de ensino oficial brasileiro – o Colégio Pedro II (SOUZA, 1999; RAZZINI, 2000a). Nesse contexto, vale ressaltar que são visíveis as marcas deixadas pelo sistema escolar escolástico na educação brasileira oitocentista, tendo em vista a “formação humanística do indivíduo em conformidade com os padrões de civilidade e civilização europeus da época” (MELO, 2015, p. 121)²⁰. Nesse mesmo sentido, Melo (2015) argumenta que os instrumentos pedagógicos da época (os manuais de retórica e poética) “impuseram o apego à cultura retórica europeia” (MELO, 2015, p. 121), assim como a afirmação de Zilberman (2012), que relaciona fatores de ordem histórica aos livros didáticos:

Da Antiguidade até o século XVIII da era cristã, tinha a tarefa de transmitir a tradição e veicular modelos, que aos aprendizes competia emular. Após as revoluções burguesas que estabeleceram os Estados nacionais, ele foi tomando cores locais, elegendo a língua e a literatura pátrias como objeto de conhecimento e difusão entre os escolares. (ZILBERMAN, 2012, p. 172).

Especificamente em relação a essa primazia da gramática, Soares (1996 *apud* Malfacini, 2015) afirma que ela – talvez – se explique pela força da tradição jesuítica, que persistiu durante séculos na educação brasileira (do século XVI ao século XX). Ainda, a autora afirma que outra hipótese para essa preferência pela gramática remete ao abandono do ensino das disciplinas de Retórica e de Poética, um vazio na educação de muitos estudantes que passaram pelas instituições brasileiras de ensino, “que só recentemente voltou a ser preenchido, com as modernas teorias de leitura e produção textual, assim como a revitalização da Estilística” (MALFACINI, 2015, p. 48).

Discutindo a *Didática Magna*, de Comenius ([1621] 1985), Souza (2013) aponta para a problemática da segmentação das artes antigas em disciplinas estanques e para a redução da retórica a um conjunto de regras voltadas para o bem falar ou o falar eloquente. De acordo com esses dois pontos, afirma a autora:

[são] uma adaptação resumida da retórica antiga, escoimada de todos os seus fundamentos, como uma espécie de esqueleto descarnado, com uma aparente utilidade prática, ao qual foram agregados elementos da tradição ibérico-cristã. Desaparece aí toda e qualquer vinculação da retórica com a formação humanística que empolgou gregos e romanos, para os quais a literatura constituía componente dos mais expressivos. [...] De modo que a retórica, adaptada aos trópicos, vem mediada pela influência da reforma, mas

²⁰ Para Zilberman (2012, p. 202), enquanto a instituição escolar secundária preservou essa natureza humanista, que, como vimos, encontra-se em sua origem, “o ensino da literatura não precisava de nenhuma justificativa”. Isso se justifica pelo fato de ser a própria literatura uma forma de transmissão de ideais humanísticos, os quais estão, na contemporaneidade, perdendo espaço nas múltiplas esferas sociais.

também da igreja católica, por intermédio dos jesuítas. Assim, não só perde seu arcabouço filosófico e literário, como também seu significado social, reduzida que foi pelas postilas a meras regras do 'bem falar'. (SOUZA, 2013, p. 23).

Nesse caminho, coloca-se a discussão dos objetivos de ensino e das organizações de materiais didáticos em um paralelo com o próprio processo de didatização dos conceitos teóricos, já discutido em seção anterior. Dessa forma, evidencia-se, ainda mais, a indissociabilidade entre as áreas de análise e as compreensões históricas necessárias para a análise do objeto de estudo sobre o qual nos debruçamos neste trabalho. Para compreendermos o contexto de produção em que a *Seleta em Prosa e Verso* se insere, é preciso, portanto, recuperarmos esses conhecimentos já historicizados, de modo a direcionarmos um olhar o mais englobante possível para os contextos que envolvem e balizam a produção da obra analisada.

Com objetivos semelhantes aos nossos e com interesse nos livros de leitura publicados a partir da década de setenta do século XIX e até a segunda década do século XX, Matta (2010) realiza uma pesquisa sobre as principais publicações que se fizeram conhecidas no período. Após analisar as características e as configurações que moldaram e construíram tais livros, o autor objetivou possibilitar uma releitura da memória do ensino no Brasil e contribuir para enaltecer o legado deixado pelos livros de leitura ainda no século XXI. O autor destaca a importância atual desses livros, pois afirma que é a partir da existência deles que se pode traçar um panorama da leitura realizada nas escolas, além de sistematizar os autores e os textos considerados importantes e exemplares pela sociedade e pelos educadores da época.

Buscando relacionarmos alguns títulos importantes do período, recorreremos aos levantamentos apresentados por Zilberman (2012, p. 25-26), que nomeiam importantes obras nesse "início dos manuais no Brasil". Segundo a autora, o mais célebre autor de livros didáticos do período imperial foi Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas (1824-1891)²¹. Seus livros começaram a ser produzidos na década de

²¹ Abílio César Borges nasceu em 1824, na vila de Minas do Rio de Contas, a 751 quilômetros de Salvador e 150 de Macaúbas, na Bahia. Em 1847, concluiu o curso de Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; entretanto, exerceu a profissão somente no início da carreira nos sertões da Bahia, na região onde nasceu. Posteriormente, dedicou sua vida à esfera educacional, fundando, em 1858, após deixar a Instrução Pública, o Ginásio Baiano, em Salvador. Já em 1871, mudou-se para o Rio de Janeiro, tendo sido indicado por D. Pedro II para o Conselho de Instrução Pública da Corte, mandato que ele exerceu de 1872 a 1877. No dia 30 de julho de 1881, recebeu, por decreto imperial,

1860, quando lecionava em solo baiano. Assim como a obra de Clemente Pinto, a influência do pedagogo baiano estendeu-se com bastante peso até o final do século XIX.

Conforme já mencionado anteriormente, no período, além de séries de livros dedicados à leitura, como os famosos livros de leitura de Abílio César Borges, também se publicavam antologias literárias. Estas, além de traçarem um panorama da literatura, ainda apresentavam histórias com objetivos moralizantes, a partir de trechos de poemas, contos, romances, etc²². De acordo com Matta (2010), a antologia com maior sucesso nas escolas foi a já citada *Antologia Nacional*, de Carlos de Laet e Fausto Barreto, sendo utilizada até por volta de 1970 nas escolas. Ao citar outras antologias que também circularam nas escolas, Matta (2010) também cita a *Seleção em Prosa e Verso* (1883), de Alfredo Clemente Pinto.

Em seu trabalho, Matta (2010) explicita um critério evolutivo em relação ao uso dos materiais destinados ao ensino de leitura:

As primeiras leituras escolares nas escolas do século XIX eram realizadas por meio das cartilhas seguidas dos livros de leitura e de histórias morais. Para as turmas avançadas, a educação leitora sofria, muitas vezes, uma modificação estrutural. No lugar das séries, entravam em cena as coletâneas literárias. (MATTÁ, 2010, p. 32).

Ao elencar, cronologicamente, as oito principais coletâneas literárias do período delimitado em sua pesquisa, Matta (2010) apresenta uma rápida descrição e reflexão sobre cada uma delas. Em relação à *Seleção em Prosa e Verso*, de Alfredo Clemente Pinto, o autor caracteriza-a como “a obra que seria bastante utilizada pelas escolas de seu estado natal [Rio Grande do Sul]” (MATTÁ, 2010, p. 36). Além disso, também reflete sobre a *Seleção* como pretendendo ser um modelo para a redação, ou seja, para a expressão escrita em língua portuguesa. Esse ensino está organizado em duas categorias principais, como o próprio título da obra apresenta: em prosa e em verso. Vale pontuar, ainda, que Matta (2010) ressalta a importância temática na obra

o título de “Barão de Macahubas”. Em relação a suas obras, os escritos do Barão de Macaúbas constituem-se, predominantemente, de compêndios para uso escolar, cujos livros eram distribuídos, gratuitamente, pelas escolas de todo o país. (SAVIANI, 2000, p. 44-49).

²² Nakládalová (2013) afirma que, na elaboração de um conjunto de textos aceitável, os humanistas buscavam não só uma seleção de um ponto de vista estético, mas também moral, daí as implicações morais do acesso à leitura. Assim, amparados nesse “cânone”, os leitores são orientados a imitar os *exempla* dos antigos, já que os textos selecionados servem como espelhos de vícios e virtudes, os quais servirão à formação do leitor.

de Pinto como sendo uma importante preocupação, estando aliada, por isso, à similar preocupação com a divisão dos textos em “gêneros textuais”²³. Sua inferência é que, devido a essa característica, a *Seleta* tenha sido utilizada, principalmente, pelos alunos de séries mais avançadas, pois poderiam entender com mais facilidade as diferenças entre cada gênero elencado.

Nesse mesmo viés investigativo, em artigo de autoria conjunta de Batista, Galvão e Klinke (2002), os autores buscam delimitar a morfologia dos livros de leitura no período de 1866 a 1956. Segundo eles, o século XIX e o início do século XX caracterizam-se como uma fase de progressiva institucionalização da escola como o principal espaço educacional brasileiro. Além das transformações gerais que se foram desenrolando no decorrer desse processo, os materiais didáticos, principalmente os manuais escolares, foram alvo de diversas transformações, pois eram destinados a ensinar os saberes escolares da época. Entretanto, antes dessas transformações, os autores afirmam que os livros de leitura praticamente inexistiam em ambiente escolar, até meados do século XIX.

Zilberman (1996, p. 16) apresenta uma crítica de Gonçalves Dias, após visitar as províncias do Nordeste, revelada ao Imperador em 1862, sobre a situação do ensino e a ausência de livros didáticos. Segundo o poeta, um dos grandes defeitos das escolas visitadas era:

[...] a falta de Compêndios – no interior porque os não há – nas Capitais, porque não há escolha, ou foi mal feita; porque a escola não é suprida, e os pais relutam em dar os livros exigidos, ou repugnam aos mestres os admitidos pelas autoridades. (ALMEIDA, 1989, p. 363 *apud* ZILBERMAN, 1996, p. 16).

Como se pode perceber, a existência e a escolha dos materiais didáticos já foi um problema desde o início de sua produção e implementação como auxiliares do ensino formal²⁴, evidenciando as problemáticas que envolvem a seleção dos textos e dos materiais a serem fornecidos para leitura aos alunos, além de ressaltar o conflito entre pais, mestres e autoridades, como apontado por Gonçalves Dias. Assim como

²³ Optamos por utilizar a denominação “gêneros textuais” entre aspas devido à amplitude de significados que tal nomenclatura pode direcionar, a depender da filiação teórica a que se está associado. No caso em específico, a denominação refere-se aos antigos gêneros de composição produzidos e encontrados na sociedade da época, sejam os em verso (como sonetos, poemas épicos, sátiras, etc.) sejam os em prosa (contos, descrições, fábulas, etc.).

²⁴ O trabalho de Zilberman (2012, p. 175) reitera esse problema: “Características do XIX brasileiro são as queixas relativamente a essas faltas: reclama-se a falta de livros nas salas de aula; quando eles existem, protesta-se pelo fato de serem estrangeiros, comprometendo a formação das crianças”.

Zilberman (1996), Batista, Galvão e Klinke (2002) também citam o relatório de Gonçalves Dias como exemplo da constatação dessa precária condição de ensino. Seria, então, somente a partir da segunda metade do século XIX que começariam a surgir com maior frequência os livros nacionais de leitura.

Para a delimitação temporal proposta pelo estudo de Batista, Galvão e Klinke (2002), foram selecionados dois marcos temporais que funcionam como duas balizas em relação aos materiais de pesquisa a serem analisados. O período delimitado entre 1866 e 1956 marca a nacionalização do livro escolar de leitura e o surgimento de novos modelos desses livros, iniciando-se com Abílio César Borges, em 1866, com a publicação de uma série de livros inovadores, e, em 1956, com Lourenço Filho (1897-1970)²⁵, ao iniciar a publicação da série *Pedrinho e seus amigos*.

Assim como a maioria dos trabalhos que versam sobre livros e materiais escolares, os pesquisadores depararam-se com as mesmas dificuldades relacionadas ao acesso a esses materiais:

A pesquisa tem lidado com uma dificuldade inerente a trabalhos que investigam objetos e materiais escolares: considerados efêmeros e pouco dignos de catalogação e guarda, os livros didáticos raramente ocupam as prateleiras dos acervos públicos (BATISTA, 2000²⁶). Quando isso ocorre, nem sempre são localizados ou estão em condições precárias de conservação. (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 30).

Segundo um levantamento quantitativo realizado pelos autores em relação aos exemplares de livros de leitura selecionados para análise, chegou-se à constatação de que essa “biblioteca escolar” é relativamente recente, tendo em vista que um número expressivo de exemplares foi publicado nas décadas de 1960 e 1970. Porém, como ressaltam os pesquisadores, deve-se atentar para o fato de que cerca de 26% dos exemplares não possuem datas de publicação e/ou edição, e alguns deles são edições mais contemporâneas de obras do início dos anos 1900. Além disso, também é importante a constatação de que muitos títulos do período apresentavam “longa vida editorial”, como é o caso da *Seleta em Prosa e Verso*, indicando uma estabilidade da

²⁵ O intelectual Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) foi integrante do Movimento dos Pioneiros da Escola Nova no Brasil, tendo sido uma personalidade articulada e articuladora das ideias e das práticas educativas para a escola brasileira por mais de cinquenta anos. Entre os anos de 1953 e 1970, as Edições Melhoramentos publicaram a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, composta por quatro livros de leitura e uma cartilha, destinada aos alunos das escolas públicas primárias do país. (ABREU, 2009).

²⁶ BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

produção de materiais didáticos da época, o que se comprova com as inúmeras edições de um mesmo livro encontradas nos acervos.

A partir do conjunto de materiais analisados, Batista, Galvão e Klinke (2002) chegaram à organização dos livros em dois grandes grupos: o dos manuais e o dos paraescolares. Apesar dessa distribuição e da ancoragem da caracterização dessas duas categorias nos estudos de Alain Choppin, que caracterizou os manuais como livros utilitários da sala de aula e os paraescolares como livros de utilização individual, essencialmente consumidos em casa, a distribuição nessas duas categorias mostrou-se problemática. Isso porque alguns livros apresentavam alguns entraves para a classificação, especialmente os datados nas primeiras décadas do século XX, em relação à indefinição da utilização e da circulação das obras.

Ao definirem quatro categorias de gêneros de livros na coleção analisada: narrativas, antologias, compêndios e cadernos de atividades, os autores definiram as “antologias” ou “seletas” como:

[...] coletâneas de textos, em geral curtos. Embora, na maior parte das vezes, esses textos sejam de diferentes autores, encontram-se exemplos de antologias com textos não assinados, levando à suposição de que tenham sido escritas pelos próprios autores do livro didático. A maioria das antologias encontradas obtinha sua organização apenas da sequência de textos, raramente submetendo essa sequência a macro-organizadores de natureza temática. (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 37).

Em relação à análise de modelos de didatização, pode-se concluir que as transformações identificadas nos livros podem ser associadas ao próprio processo de institucionalização da escola, mesmo que de maneira não tão direta e mecânica. Entretanto, eles servem como base para a análise do desenvolvimento dos modelos de leitura ao mesmo tempo em que funcionam como reflexo da construção e do desenvolvimento do campo escolar de maneira mais ampla. A partir da leitura realizada, os autores identificaram cinco modelos: modelo da estrutura manuscrita, modelo instrutivo, modelo formativo e modelo retórico-literário.

Interessa-nos, neste momento, o último modelo, o retórico-literário, organizado em torno de uma seleção textual destinada à formação do gosto literário e à apresentação de modelos para redação. Por sua própria configuração, os livros desse modelo são mais identificados com o ensino secundário, apesar de também terem sido encontrados títulos destinados ao ensino primário que fazem uso desse mesmo princípio de organização. Como exemplo desse modelo, os autores também citam a

Seleta em prosa e verso, de Alfredo Clemente Pinto, publicada, pela primeira vez, em 1884. Vale destacar que a edição pelos autores analisada é de 1930, a 40ª edição da obra. Como o próprio nome do modelo (retórico-literário) pressupõe, a obra organiza-se tendo por base critérios de natureza literária e retórica, distribuindo os textos de acordo com o gênero da composição.

Zilberman (1996) apresenta alguns dos principais livros de leitura publicados e utilizados a partir dos anos iniciais do século XIX. Aliado à enumeração de alguns desses compêndios, seletas, antologias ou como sejam chamados, a autora ainda traça um processo de desenvolvimento do ensino das letras nas escolas, discutindo as legislações que entraram em vigor e que se fizeram valer nos períodos delimitados por suas pesquisas.

Segundo a autora, os “livros de leitura” eram destinados às séries iniciais, enquanto as “seletas” ou “antologias” eram referência para os últimos anos de escola, coletando “o melhor da literatura em língua portuguesa” (ZILBERMAN, 1996, p. 16). Esses materiais podem ser vistos, de acordo com o analisado pela professora, como reflexos das concepções de leitura e literatura que vigoraram na época, além de, por meio deles, ser possível refletir sobre o ensino dessas leituras que, no futuro, vieram a se tornar “disciplinas” institucionalizadas.

Ao apresentar algumas transformações no ensino instituídas pela Revolução de 30 e pela criação do Ministério da Educação com a nova regulamentação do ensino primário e secundário, tem-se que o lugar do “ensino propriamente literário” (ZILBERMAN, 1996, p. 22), com o conhecimento específico da literatura, só vinha na 5ª série. O mais interessante é que a sugestão de trabalho traça um percurso que parte das obras mais modernas para as mais antigas, gerando uma aproximação ao leitor para que ele possa, a passos lentos, chegar até a análise das obras “clássicas”.

Em análise a alguns dos principais livros didáticos dos anos 40 e 50, a autora evidencia a relação quase sinonímica entre língua pátria e língua literária: os materiais apresentam o melhor da literatura nacional, exemplificando o que seria o “cânone da literatura brasileira”. Porém, apesar de a leitura figurar como elemento fundamental (e basilar) na estrutura escolar brasileira, a leitura e a literatura não apresentavam requisitos suficientes para se tornarem disciplinas autônomas no currículo escolar. Para finalizar, Zilberman (1996, p. 28) afirma que, desde os primeiros livros didáticos analisados até os mais modernos, permanece o mesmo problema quanto à leitura de

literatura: “a leitura proposta no livro didático introduz, mas não basta para se justificar como tal”.

Também como exemplo desses posicionamentos críticos a respeito das obras didáticas, cita-se Osman Lins (1977), que, entre diversos assuntos, discute, em sua obra *Do ideal e da glória*, sobre as oscilações do “cânone” na eleição dos textos das antologias brasileiras. Com um posicionamento forte e, por vezes, com linguagem agressiva, Osman Lins, ao estudar alguns compêndios voltados ao ensino da língua, pontua alguns dos principais vícios em que incorrem os organizadores dessas obras:

[...]

- propensão à rotina, alheamento pela nossa literatura contemporânea;
- embevecimento confuso ante a literatura do passado;
- absoluta ausência de senso dos valores;
- desprezo por qualquer espécie de ordem ou de princípio diretor na seleção de textos;
- tendência a omitir informações sobre os escritores ou a prestar informações inatualizadas. (LINS, 1977, p. 37).

Ademais, o autor também faz duras críticas ao livro didático, chegando a chamá-lo de “uma Disneylândia pedagógica” (LINS, 1977, p. 133). Essa linha de trabalho, cujo objeto de pesquisa centra-se no livro didático, foi intensificada em meados da década de 1970, com publicações como a obra *Mentiras que parecem verdade* (1980), de autoria de Umberto Eco (1932-2016) e Marisa Bonazzi (1927-2015), que, apesar do lapso temporal, ainda permanece sendo lida. Algumas das críticas apresentadas pelos autores estão resumidas no capítulo introdutório da obra:

[...] os livros de leitura contam mentiras, educam os jovens para uma falsa realidade, enchem sua cabeça com lugares comuns, com coisas chãs, com atitudes não críticas. E, o que é pior, cumprem este trabalho de mistificação servindo-os dos mais reles clichês da pedagogia repressiva do século passado, por preguiça ou incapacidade dos seus compiladores. [...]

[...] Estes livros são manuais para pequenos consumidores acríticos, para membros da maioria silenciosa, para seres indefinidos em miniatura, imitadores atrasados de *De Amicis*, que dão esmola a um pobre, mas que, com o sorriso nos lábios e a esmola na mão, deixam morrer de fome massas inteiras de trabalhadores.

[...] cada texto segue os textos que o precederam e extrai deles os trechos e as frases que parecem ter sido canonizadas, passagens obrigatórias, entendidas como o máximo da produção pedagógica disponível. (ECO; BONAZZI, 1980, p. 16-17).

Ao desenvolverem as críticas introdutórias, os autores exemplificam aos olhos dos leitores como essas obras didáticas reiteram práticas ultrapassadas e carregam consigo diversos preconceitos e anacronismos. Assim, os trechos escolhidos nos

livros didáticos acabam por não cumprir uma missão de formação crítica, reiterando uma pedagogia pautada no princípio da imitação pela imitação. É com *Mentiras que parecem verdade* (1980) que se intensificam as contestações da validade, da legitimidade e da necessidade dos livros didáticos organizados da forma como ainda os encontramos na atualidade. Nessa obra, ao analisarem o caráter do livro didático no cenário italiano, o sucesso no Brasil desencadeou um ciclo de pesquisas sobre o livro didático, assim como também exemplifica a obra de Osman Lins (1977) já apresentada.

Vale evidenciarmos, ainda em relação à citação da parte introdutória, o último fragmento apresentado, que diz respeito, particularmente, à permanência de “trechos” repetidos nessas obras, o que pelos autores é chamado de “passagens obrigatórias”. Nesse sentido, o livro didático, além de contribuir para a consolidação de certos textos literários, ele não para por aí: essa tradição promove uma “seleção dentro da seleção”, como uma canonização de “certos excertos de certas obras de certos autores”, colaborando para a permanência de uma repetição de excertos na tradição escolar ligada à prática da leitura. A partir disso, muitas foram as modificações pelas quais os materiais voltados ao ensino da língua passaram e, conseqüentemente, muitas foram as problemáticas daí surgidas em relação ao assunto.

Aqui, no entanto, é importante fazermos um adendo. Como propõe Iglesias-Zoido (2017), podemos perceber duas formas distintas de leitura: a leitura da obra em sua integridade e a “leitura transversal” dos autores. Segundo o autor, essa leitura transversal é uma consequência de uma prática cultivada já na Antiguidade e na Idade Média, que alcança um grande desenvolvimento na alta Idade Moderna: o chamado *excerpere*²⁷. Em resumo, essa prática trilhou o seguinte caminho: ao longo da leitura e do estudo, eram feitos comentários às margens dos textos, os quais geravam um caderno de anotações (o *códex excerptorius*), no qual o leitor ia registrando todos os trechos que poderiam ser úteis para um momento posterior.

Para Nakládálová (2013), ao retomar a educação do homem renascentista, baseada na arte retórica, encontramos em Quintiliano (30–96 d. C.)²⁸ (*Institutio oratoria*) as origens sobre as teorias da *imitatio* e sobre a presença dessas

²⁷ Sobre o assunto, ver também Cevolini (2006).

²⁸ Marco Fabio Quintiliano (30–96 d. C.), orador e professor de retórica romano, foi importante não apenas para seu tempo mas também para a história cultural do Ocidente (PEREIRA, 2001), principalmente devido a seu legado à educação.

construções de *exempla*, de formas breves anotadas durante a leitura e que formariam um *thesaurus*, um verdadeiro tesouro aos leitores²⁹. Portanto, essa prática acaba cumprindo uma função retórica, haja vista se constituir como fonte por excelência para a *copia* (de um discurso elegante, refinado, com correção linguística, estilística e sintática) e para a *inventio* (da matéria do discurso e dos procedimentos da argumentação) (NAKLÁDALOVÁ, 2020).

Assim, humanistas e editores passaram a extrair esses trechos das obras originais e a publicá-las de maneira independente, nas chamadas “antologias”, as quais se converteram em modelos de eloquência. É dessa forma que uma prática antes individual (de leitura e de estudo) passa a ser um produto editorial com grande êxito comercial:

Essa técnica do comentário, da reflexão original à margem de um texto respeitado, iria impor-se pelos séculos afora; constitui a base da escolástica medieval e ainda influencia a atuação de nossas universidades e dos mais inovadores dentre os filósofos contemporâneos. (MARROU, 1998, p. 222).

Com o tempo, essas obras ultrapassam a importância da utilidade para conhecimento da história e acabam sendo modelos para a composição retórica e literária. Principalmente no Renascimento, essas antologias constituíram elementos-chave para esse aspecto, pois os renascentistas seguiam os modelos clássicos apresentados e compilados nessas obras, parte essencial do legado greco-romano. Essa prática muito se justifica pela facilidade em ordenar o acesso aos textos “mais seletos” de um conjunto de possibilidades textuais quase infinitas.

A arte de anotar, pois, está presente em vários âmbitos da cultura letrada, seja nos manuais de leitura, como é o caso de obras como a *Seleta em Prosa e Verso*, seja nos manuais escolares, ligados a programas pedagógicos como o *Ratio Studiorum* jesuítico, para trabalharmos com exemplos importantes da história da educação brasileira. Assim, esses materiais constituem “os ideais da correta *imitatio* (que bebe de múltiplas fontes e deve, por isso, servir-se de grande quantidade de material das *auctoritates*) e da *copia*, de ideais que promovem a aparição de repertórios específicos” (NAKLÁDALOVÁ, 2020, p. 22, tradução nossa).

²⁹ É importante traçarmos, aqui, o paralelo com as ações jesuíticas, já brevemente delineadas. Para Nakládlová (2020), um dos grandes exemplos visíveis das *artes excerpardi* encontra-se na configuração jesuítica, manifestada com intenções pedagógicas, doutrinárias e ainda ideológicas, exemplificadas pelo *Ratio Studiorum*.

Evidencia-se, dessa forma, que a *Seleção* insere-se na trajetória dos materiais didáticos voltados ao ensino de leitura e literatura em ambientes formais de ensino, cujos textos compilados (e, como vimos, muito bem selecionados, tendo em vista seus objetivos) serviram como material de leitura a diversos alunos, principalmente os do Rio Grande do Sul. Ao longo dos séculos XIX e XX, portanto, o país presenciou uma expansão na produção didática, culminando com a publicação de diversos materiais destinados a esse fim. A exemplo da *Antologia Nacional* (1895), referência nacional por ser adotada nos programas de ensino do Colégio Pedro II, a obra de Alfredo Clemente Pinto, com forte abrangência regional, teve sua primeira publicação anos antes, em 1884, refletindo o percurso pelo qual o ensino das letras caminhava na região sul do país.

A partir de agora, resta-nos mergulhar particularmente na *Seleção em Prosa e Verso*, de Clemente Pinto, adentrando na composição dessa materialidade e, de forma inicial, nos elementos que envolvem o contexto de produção da obra. Dessa maneira, um olhar atento a essa obra caminhará para a constituição de um reflexo de tudo o que vimos apresentando até agora.

3 A FIGURA DE ALFREDO CLEMENTE PINTO: FRAGMENTOS

Nos séculos XIX e XX, além de serem poucas as publicações, se comparadas ao contexto atual, deparamo-nos com a já citada dificuldade de acesso a materiais históricos impressos. Como se isso não bastasse, as fontes ainda se apresentam de forma fragmentada, exigindo um olhar e um empenho minucioso na coleta e, posteriormente, na organização das informações que restaram ainda conservadas. Infelizmente, se esses empecilhos são comuns em se tratando de materiais didáticos e históricos, não é diferente o que acontece com a biografia de Alfredo Clemente Pinto, o autor da *Seleção em Prosa e Verso*.

O conhecimento sobre a vida de Clemente Pinto, apesar de sua influência e da presença atuante no cenário socio-histórico de sua época, encontra-se, se não negligenciado, pelo menos fragmentado. Assim, incomodados com a falta de informação concreta e organizada a respeito da vida do educador, intensificou-se a necessidade de aproximação com sua trajetória, tendo em vista a intrínseca relação entre o contexto da *Seleção em Prosa e Verso* e a vida de seu criador. Conhecer Clemente Pinto, em parte, também significa conhecer a *Seleção*, um de nossos principais objetivos empreendidos neste trabalho. Em razão disso, buscamos, na sequência, remontar uma tentativa de biografia mais robusta de Clemente Pinto, compreendendo sua atuação nos mais diversos âmbitos sociais pelos quais circulou, em especial, no educacional, no religioso e no político.

O autor da *Seleção em Prosa e Verso*, Alfredo Clemente Pinto, é gaúcho, nascido na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 15 de agosto de 1854, filho do português Clemente José Pinto e de Maria Emília de Alcântara Pinto³⁰. Nessa região, firmou uma carreira pública bastante importante, como veremos a seguir. Clemente Pinto acabou por falecer em Corrêas, bairro da cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, no dia 21 de janeiro de 1938, aos 83 anos de idade, vítima de tuberculose, doença que o afastou diversas vezes do trabalho. Quanto à história familiar posterior do educador, encontramos somente uma referência ao falecimento de sua filha Maria de Vasconcellos Pinto, no dia 17 de fevereiro de 1911, com apenas 22 anos de

³⁰ Em nota no jornal *A Federação*, edição 00083 (1) de 14 abr. 1885, p. 3, participa-se o falecimento de D. Maria Emília de Alcântara Pinto, às 6 horas da manhã do dia 14 de abril de 1885, quando Alfredo Clemente Pinto contava 31 anos de idade.

idade³¹, bem como a informação de o escritor ter deixado, no ano de sua morte, em 1938, um filho, o dr. José Vasconcellos Pinto, escrivão da 7ª Pretoria Cível, e oito netos³².

Em relação à sua produção didática, além de autor da *Seleta*, Clemente Pinto escreveu diversas obras didáticas, como *A Língua Materna – 1º Curso – Primeiras Noções de Gramática*, que teve 51 edições até 1963; *A Língua Materna – 2º Curso – 1º e 2º Ano de Gramática*, que conta com um apêndice de exercícios de composição, com 35 edições até 1963, que estavam entre as principais obras do gênero usadas nas escolas do estado; e *Leituras Escolhidas*, a 1ª Série e a 2ª Série direcionadas para as aulas primárias, com cinco edições entre 1899 e 1920, a 3ª Série, com 44 edições até 1922, e a 4ª Série, com 7 edições até 1922 (ALMEIDA, 2007). Além disso, traduziu ainda a obra *Os Muckers*³³, escrita em alemão pelo padre jesuíta A. Schupp³⁴.

No entanto, ao procurarmos comprovações mais específicas sobre sua vida e atuação, alguns dados de Clemente Pinto permanecem, de certa forma, “ignorados”, tendo em vista alguns desencontros de informações e/ou faltas de consistência e periodicidade, o que dificulta a compreensão do percurso trilhado pelo educador gaúcho e, conseqüentemente, também o conhecimento da obra central aqui analisada. Por isso, partimos para uma pesquisa detalhada nas mais diversas fontes, com vistas a reuni-las e compreendê-las como um todo, buscando, ao final, uma imagem mais sólida da vida de Clemente Pinto.

Lênio Luiz Richa, em seu trabalho³⁵ de construção de levantamentos das genealogias dos primeiros povoadores do antigo Município de Cantagalo, no Rio de Janeiro, recupera os dados genealógicos da família Clemente Pinto, confirmando o ano de seu nascimento (1854), na cidade de Porto Alegre, e seu falecimento em 1938, em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Quanto à profissão, apresenta-o como professor e

³¹ Edição do jornal *A Federação* (RS), 18 fev. 1911: 00043 (1), p. 2.

³² Edição do jornal *Correio da Manhã* (RJ), 26 jan. 1938: 13255 (2), p. 2.

³³ A obra descreve o episódio histórico sangrento do Ferrabraz, nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Os muckers eram uma pequena comunidade religiosa, de cerca de 150 pessoas, estabelecida ao pé do Morro Ferrabrás, no até então município de São Leopoldo.

³⁴ Edição do jornal *Correio da Manhã* (RJ), 26 jan. 1938: 13255 (2), p. 2.

³⁵ A pesquisa genealógica da família Clemente Pinto, realizada por Lênio Luiz Richa, aposentado do Banco Central do Brasil, membro do Colégio Brasileiro de Genealogia e da Associação Brasileira dos Pesquisadores de História e Genealogia, está disponível no site “Genealogia Brasileira”, na seção do Estado do Rio de Janeiro - Povoadores da Região Serrana, Família Clemente Pinto. Disponível em: <https://www.genealogiabrasileira.com/cantagalo_familias3.htm>. Acesso em: 13 mai. 2020.

escritor, tendo concluído sua formação em Filosofia, informação também confirmada em edição do jornal *Correio da Manhã* (RJ):

O dr. Clemente Pinto fez o curso de humanidades, em Altona, na Alemanha, e doutorou-se em filosofia na Universidade Gregoriana, em Roma, em 1872. Adoecendo, então, gravemente, interrompeu o curso de teologia que houvera iniciado, regressando à pátria. Fixando residência em Porto Alegre, sua terra natal, dedicou-se, desde logo, ao magistério.³⁶

Marcon (1996), ao apresentar os *Poetas do Ministério Público*, título de sua obra, refere-se a Alfredo Clemente Pinto como o avô de Paulo Pinto de Carvalho, este nascido em Passo Fundo, em 1915:

[Paulo Pinto de Carvalho] é neto mais velho do ilustre professor/escritor Alfredo Clemente Pinto, diplomado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma e autor da célebre *Seleção em Prosa e Verso*, deleite de tantas gerações sul-rio-grandenses. Em suas páginas, antológicas, encontrou a fonte de sua inquietude criadora, explicativa do intelectual de seu tempo. (MARCON, 1996, p. 241).

Como podemos perceber e confirmaremos em outros textos a serem apresentados, Clemente Pinto era referenciado especificamente por sua produção da “ilustre” obra didática, a *Seleção em Prosa e Verso*, esta sendo reconhecida por muitas gerações do sul do país. Além disso, ao referir-se à sua formação, Marcon (1996) confirma alguns dados já citados anteriormente, porém sem acrescentar novas informações. Ainda, referencia a “célebre” *Seleção*, no trecho, como a fonte inspiradora do poeta, pois ele encontrou em suas páginas o deleite e a inquietude para a poesia.

Ademais, em pesquisas na Biblioteca Municipal – Henrique Bastide da cidade de Santa Maria (RS), ao buscarmos reconstruir a história das primeiras escolas do município, o nome de Alfredo Clemente Pinto apareceu em alguns momentos, comprovando sua importante atuação também nessa localidade. Segundo Beltrão (2013), em obra de referência para a história da cidade:

[Em julho de 1898] É fundado o primeiro estabelecimento de ensino secundário pelo Prof. Alfredo Clemente Pinto, lente da Escola Normal de Porto Alegre, o Colégio Santa Maria, primeiro deste nome, por iniciativa do intendente Vale Machado e de Henrique Ribeiro da Silva. Constituiu-se uma sociedade anônima, com o capital de 30 contos. No ano seguinte, é-lhe construída uma sede própria, onde hoje está o Instituto de Educação Olavo Bilac. Foi sua primeira sede em prédio velho, localizado defronte à entrada principal do atual Colégio Santa Maria, dos Maristas.

³⁶ Edição do jornal *Correio da Manhã* (RJ), 26 jan. 1938: 13255 (2), p. 2.

Em 15 de setembro de 1900, um aluno do Colégio foi apunhalado por um colega, resultando na retirada de Clemente Pinto para Porto Alegre, profundamente chocado com o fato. Então em 8 de janeiro de 1901, o Prof. Augusto Ahrends adquire as existências do Colégio Santa Maria e o transfere para a Rua do Acampamento, n. 65, com o nome de Escola Brasileira. Em 21 de setembro de 1904, Ahrends põe em leilão os móveis da sua Escola, marcando o final do ex-colégio de Clemente Pinto.

O edifício do colégio, à Rua Cel. Niederauer, é alugado à Intendência, para servir de sede ao Colégio Distrital, inaugurado a 20 de setembro de 1901, pelo governo do estado.

Clemente Pinto também lecionou no Colégio Sant'Anna, da Profa. Ana Eufrazina de Borba e Almeida, esposa do também Prof. Antero de Almeida. Autor de livros didáticos, deixou a célebre *Seleção em Prosa e Verso*, e traduziu *Os Muckers*, do Pe. Ambrósio Schupp, S. J.

Voltou Clemente Pinto a Santa Maria em 7 de agosto de 1908, como fiscal federal junto ao segundo Colégio Santa Maria, dos Irmãos Maristas. Faleceu em Porto Alegre, a 21 de janeiro de 1938, consagrado como um dos maiores educadores que teve o Rio Grande. (BELTRÃO, 2013, p. 485-486).

Como podemos perceber, o nome do professor é referenciado de forma muito enaltecida, ilustrando a importância de sua figura para a educação no Estado do Rio Grande do Sul. Na cidade de Santa Maria, Clemente Pinto é o fundador da primeira escola de ensino secundário, tendo participado, ativamente, dos primeiros momentos de ensino institucional no município. Não é sem motivo, então, que recebe os elogios por ora apresentados. Além disso, vale ressaltarmos que as ligações entre a primeira escola fundada por Clemente Pinto e a posterior inserção dos irmãos Maristas na cidade, instituição ainda muito ativa na atualidade, é também comprovada por Torronteguy (1998) e Clemente (1998), os quais recuperam a trajetória dos Maristas em solo sul-rio-grandense.

Entretanto, apesar de as primeiras informações encontradas serem de extrema importância para conhecermos a figura do professor, faltavam-nos dados concretos que comprovassem a presença e a atuação de Alfredo Clemente Pinto na educação pública do Rio Grande do Sul. Assim, ao realizarmos buscas em documentos oficiais, foram localizadas algumas fontes que evidenciam informações importantes a respeito da trajetória profissional de Clemente Pinto na vida pública.

Em 1878, o educador lecionou Latim, Português e Alemão no Ginásio São Pedro³⁷. No ano de 1879, o nome do professor consta³⁸ como um dos avaliadores dos exames realizados na Escola Normal³⁹. Posteriormente, no ano de 1885, Alfredo

³⁷ Edição do *Jornal do Dia* (RS), 14 ago. 1954: 02259 (1), p. 4.

³⁸ Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1879, Edição 00002, p. 20.

³⁹ No Brasil, a Escola Normal tinha por finalidade preparar professores primários de ambos os sexos.

Clemente Pinto assumiu o cargo de diretor geral interino da Instrução Pública, conforme relatórios do Estado⁴⁰. Além disso, de forma ininterrupta, no decorrer dos anos de 1885 a 1889, constam registros do cargo ocupado por Alfredo Clemente Pinto: diretor interino da Escola Normal⁴¹. Edições do jornal *A Federação* comprovam-nos a direção do Ginásio S. Pedro⁴² a cargo de Clemente Pinto, nos anos 1885⁴³, 1886⁴⁴, 1890⁴⁵, 1891⁴⁶ e 1892⁴⁷, tendo transferido, em 22 março deste último ano, a direção a Frederico Fitzgerald⁴⁸, por motivos de saúde⁴⁹. Ainda no ano de 1891, o resultado da eleição de diretoria da Sociedade Pedagógica Beneficente apresenta o nome de Alfredo Clemente Pinto como presidente da instituição⁵⁰. Já em 1893, o educador consta como candidato inscrito para a 2ª cadeira do 2º ano do curso preparatório da Escola Militar⁵¹, tendo conquistado a prorrogação por 30 dias dos trabalhos do concurso, tendo em vista achar-se enfermo⁵².

Apesar de ter transferido a direção do Ginásio S. Pedro, Clemente Pinto seguiu como professor de português na instituição, no ano de 1894⁵³. Anos mais tarde, já em 1906, o educador foi designado para professor de português e alemão e diretor da

⁴⁰ Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1885, Edição 00002, p. 10 e 11.

⁴¹ Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1885, Edição 00002, p. 12; Ano 1886, Edição 00001, p. 11; Ano 1887, Edição 00001, p. 6; Ano 1887, Edição 00002, p. 40; Ano 1889, Edição 00001, p. 15.

⁴² Na época, prestigiada escola particular em Porto Alegre.

⁴³ Edições do jornal *A Federação* (RS): 14 dez. 1885, 00284 (1), p. 5; 15 dez. 1885, 00285 (1), p. 5; 16 dez. 1885, 00286 (1), p.4; 22 dez. 1885, 00291 (1), p. 4; 23 dez. 1885, 00292 (1), p. 4; 26 dez. 1885, 00294 (1), p. 4; 29 dez. 1885, 00296 (1), p. 4.

⁴⁴ Edições do jornal *A Federação* (RS): 1 jan. 1886, 0000 (1), p. 4; 5 jan. 1886, 00004 (1), p. 4; 7 jan. 1886, 00005 (1), p. 4; 9 jan. 1886, 00007 (1), p. 4; 12 jan. 1886, 00009 (1), p. 4; 14 jan. 1886, 00011 (1), p. 4; 15 jan. 1886, 00012 (1), p. 4; 20 jan. 1886, 00016 (1), p. 4.

⁴⁵ Edição do jornal *A Federação* (RS), 7 jan. 1890: 00005 (1), p. 2.

⁴⁶ Edições do jornal *A Federação* (RS): 1 jan. 1891, 00001 (1), p. 4; 7 jan. 1891, 00006 (1), p. 4; 14 jan. 1891, 00012 (1), p. 4; 21 jan. 1891, 00018 (1), p. 4; 29 jan. 1891, 00025 (1), p. 4.

⁴⁷ Edições do jornal *A Federação* (RS): 6 jan. 1892, 00005 (1), p. 3; 8 jan. 1892, 00007 (1), p. 3; 11 jan. 1892, 00009 (1), p. 3; 18 jan. 1892, 00015 (1), p. 3; 19 jan. 1892, 00016 (1), p. 3; 20 jan. 1892, 00017 (1), p. 3; 21 jan. 1892, 00018 (1), p. 3; 22 jan. 1892, 00019 (1), p. 4; 26 jan. 1892, 00022 (1), p. 4; 27 jan. 1892, 00023 (1), p. 4; 18 jan. 1892, 00024 (1), p. 3; 29 jan. 1892, 00025 (1), p. 4.

⁴⁸ Das escassas informações encontradas sobre o professor, tem-se: lecionou no Colégio Vert, no Instituto Porto Alegrense, no Ginásio São Pedro, no Instituto Brasileiro e na Escola Normal (GONÇALVES, 2013).

⁴⁹ Edições do jornal *A Federação* (RS): 23 mar. 1892, 00068 (2), p. 2; 24 mar. 1892, 00069 (1), p. 3; 25 mar. 1892, 00070 (2), p. 3; 26 mar. 1892, 00071 (1), p. 3; 29 mar. 1892, 00073 (1), p. 3.

⁵⁰ Edição do jornal *A Federação* (RS), 2 jan. 1891: 00002 (1), p. 1.

⁵¹ Escola Militar do Rio Grande do Sul (1889-1898).

⁵² Edição do jornal *A Federação* (RS), 28 jun. 1893: 00147 (1), p. 2.

⁵³ Edições do jornal *A Federação* (RS): 9 jan. 1894, 00007 (1), p. 3; 13 jan. 1894, 00011 (1), p. 4; 15 jan. 1894, 00012 (1), p. 4; 18 jan. 1894, 00015 (1), p. 4; 22 jan. 1894, 00018 (3), p. 4; 24 jan. 1894, 00020 (1), p. 4; 27 jan. 1894, 00023 (1), p. 4; 31 jan. 1894, 00026 (1), p. 4.

Escola Complementar⁵⁴ da capital⁵⁵. Em 1908, Clemente Pinto foi substituído, por achar-se ausente, em serviço⁵⁶, o que nos permite inferir a ocupação do cargo também no ano de 1907, como prosseguimento à sua nomeação no ano anterior. No entanto, a trajetória do educador nessa instituição não encerrou no momento dessa licença, pois assina como diretor da Escola Complementar também nos anos 1909⁵⁷, 1912⁵⁸, 1913⁵⁹, 1914⁶⁰ e 1916⁶¹. Nesse período, é registrada mais uma licença por motivos de saúde, em maio de 1909, pelo período de seis meses⁶². Tempos depois, já no ano de 1919, Clemente Pinto, o “educacionista patricio”⁶³, é apresentado como professor aposentado da instituição⁶⁴.

Ainda sobre o caminho profissional percorrido pelo professor, é importante destacarmos sua posição de destaque em uma missão de estudos empreendida no Uruguai, realizada em setembro de 1913, a qual foi organizada por autoridades do estado do Rio Grande do Sul. Essa missão de estudos ao país vizinho objetivou qualificar e reorganizar o sistema de ensino do estado, por meio do conhecimento dos métodos de ensino adotados na região fronteiriça. Segundo Michel (2018, p. 7), os professores que dessa missão fizeram parte foram: “Alfredo Clemente Pinto, Affonso Guerreiro Lima, Ondina Godoy Gomes, Georgina Gomes Moritz, Marieta de Freitas Chaves e Florinda Tubino Sampaio”.

Todos esses professores, à exceção de Georgina, estavam em atuação na Escola Complementar de Porto Alegre, única instituição pública estatal, na época, direcionada à formação de professores. Também vale ressaltarmos o importante papel ocupado por Clemente Pinto nessa empreitada, tendo em vista que:

[...] a escolha dos profissionais que integraram os dois momentos da missão de estudos foi feita pelas autoridades gaúchas, especialmente por indicação

⁵⁴ Fundada por Borges de Medeiros, em substituição à Escola Normal (Edição do *Jornal do Dia* (RS), 14 ago. 1954: 02259 (1), p. 4).

⁵⁵ Edição do jornal *A Federação* (RS), 17 mai. 1906: 00114 (1), p. 2.

⁵⁶ Edição do jornal *A Federação* (RS), 27 fev. 1908: 00049 (1), p. 1.

⁵⁷ Edições do jornal *A Federação* (RS): 10 mar. 1909, 00058 (1), p. 3; 11 mar. 1909, 00059 (1), p. 4; 13 mar. 1909, 00061 (1), p. 4; 16 mar. 1909, 00063 (1), p. 4; 17 mar. 1909, 00064 (1), p. 4; 18 mar. 1909, 00065 (1), p. 4; 19 mar. 1909, 00066 (1), p. 4.

⁵⁸ Edições do jornal *A Federação* (RS): 2 jan. 1912, 00002 (1), p. 4; 9 out. 1912, 00237 (1), p. 3.

⁵⁹ Edição do jornal *A Federação* (RS), 5 mai. 1913: 00103 (1), p. 3.

⁶⁰ Edição do jornal *A Federação* (RS), 29 dez. 1914: 00306 (1), p. 5.

⁶¹ Edição do jornal *A Federação* (RS), 20 mar. 1916: 00066 (1), p. 2.

⁶² Edição do jornal *A Federação* (RS), 31 mai. 1909: 00124 (1), p. 4.

⁶³ Edição do jornal *A Federação* (RS), 1 set. 1920: 00203 (1), p. 5.

⁶⁴ Edição do jornal *A Federação* (RS), 22 out. 1919: 00249 (1), p. 4.

do diretor da Escola Complementar de Porto Alegre, Alfredo Clemente Pinto. (MICHEL, 2018, p. 7).

Edições do jornal *A Federação: Orgam do Partido Republicano* permitem-nos acompanhar mais diretamente essa missão, apresentando-nos detalhes do processo que envolveu a viagem ao Uruguai⁶⁵ e confirmando o papel de Clemente Pinto ao presidir essa viagem⁶⁶. Apesar de composta a comissão de educadores, a partida não foi definida de imediato, haja vista que, por serem professores da Escola Complementar, precisavam finalizar, a pedido do governo do Estado, os exames das aulas públicas antes de partirem para a tarefa. Embora não saibamos a data exata da viagem do grupo de educadores ao Uruguai, foi em 28 de novembro de 1913 o retorno da comissão a Porto Alegre, viagem que foi realizada por Clemente Pinto sob a permissão de seu médico assistente, devido a seu estado de saúde⁶⁷.

Em 1913, publica-se uma matéria sobre a Escola Complementar da capital, a qual nos auxilia na compreensão da imagem e da atuação da instituição no período. O texto é fruto de visita realizada no estabelecimento: “[...] serão sempre insuficientes as palavras elogiosas com que referíssemos o nosso grande prazer, a agradabilíssima impressão recebida, o entusiasmo que nos despertou tudo que vimos”⁶⁸. São feitas considerações sobre os métodos de ensino, a disciplina e a alegria e a afabilidade com a qual os professores lecionavam e conquistavam a atenção dos alunos. O grupo de docentes é responsável pela educação física, intelectual e moral, já que “o corpo, o espírito e o coração da criança são objetos de desvelo por parte do professorado”⁶⁹. Para complementar esse cenário, tem-se que: “a educação moral é ministrada com brilho excepcional, desenvolvendo no espírito e cultivando no coração das crianças os sentimentos nobres, de ordem elevada, começando pelo amor à pátria”⁷⁰. É importante pontuarmos tais considerações neste momento, tendo em vista as relações a serem estabelecidas com a obra didática do professor Clemente Pinto, o que contribui para o cenário de confluência de ideias da época.

Nesse mesmo sentido, é importante destacarmos um discurso proferido pelo professor Clemente Pinto pela ocasião da formatura de alunas da Escola

⁶⁵ Edição do jornal *A Federação* (RS), 1 set. 1913: 00203 (1), p. 1.

⁶⁶ Edição do jornal *A Federação* (RS), 13 set. 1913: 00214 (1), p. 1.

⁶⁷ Edição do jornal *A Federação* (RS), 2 dez. 1913: 00280 (2), p. 3.

⁶⁸ Edição do jornal *A Federação* (RS), 5 mai. 1913: 00103 (1), p. 3.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

Complementar, no ano de 1916. Com palavras comoventes sobre a nobre missão de educadoras, lembra às alunas que a Pátria lhes confiava o que de mais caro possuía: a infância. Como exemplo, nesse discurso, o diretor da instituição citou “o mais memorável dos mestres”, Jesus Cristo: “Deixai vir a mim os pequeninos”⁷¹.

No ano de 1914, Alfredo Clemente Pinto recebe uma gratificação especial da 4ª parte de seus vencimentos, por ter, no referido ano, completado 25 anos de efetivo serviço no magistério⁷². Entretanto, embora bastante importantes os cargos ocupados pelo professor, encontram-se também, na mídia, algumas palavras negativas quanto à postura preconceituosa⁷³ de Alfredo Clemente Pinto em uma situação específica. Em uma de suas edições de 1916, consta, no jornal *O Exemplo* (RS), uma matéria intitulada “Os preconceitos na instrução”, na qual se tecem duras críticas ao fato de o professor ter ordenado que estudantes de cor “trigueira ou morena” não figurassem nas homenagens que a Escola Complementar realizaria, em virtude da data da Independência do Brasil. Para melhor visualização do fato, seguem trechos da matéria:

Jamais poderíamos prever que o espírito patriótico do dr. Alfredo Clemente Pinto, autor da *Seleção em Prosa e Verso*, pudesse retrogradar, tanto ao ponto de transmutar-se no espírito preconceituoso do dr. Alfredo Clemente Pinto, diretor da Escola Complementar desta capital [Porto Alegre].

Mas de fato assim acontece. Denuncia-o o nosso colega vespertino *A Noite*, em sua edição de 5 do corrente, num local que até hoje não foi contestada e na qual relata que o dr. Clemente Pinto ordenara que as colegiais de cor trigueira ou morena não figurassem nas homenagens que a Escola Complementar realizaria – como realizou-se – no Teatro S. Pedro, em homenagem à Independência Pátria.

[...] E lamentamos que o retrógrado dr. Clemente Pinto de agora seja um antagonista do dr. Clemente Pinto, autor da *Seleção em Prosa e Verso*, adotada nas nossas escolas públicas e particulares. [...] (O EXEMPLO, 1916, p. 1)⁷⁴.

Como se pode perceber, para além dos lamentáveis preconceitos apontados no texto, a referência ao nome do professor é acompanhada de sua obra: a *Seleção em Prosa e Verso*, adotada nas instituições de ensino públicas e privadas da época

⁷¹ Edição do jornal *A Federação* (RS), 20 mar. 1916: 00066 (1), p. 2.

⁷² Edição do jornal *A Federação* (RS), 12 out. 1914: 00249 (2), p. 5.

⁷³ À época, posturas e posicionamentos racistas não eram raros, inclusive de personalidades envolvidas no contexto educacional.

⁷⁴ Edição do jornal *O Exemplo* (RS), 10 set. 1916: 00035, p. 1. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

(1916). Essa situação delicada ainda repercutiu em edições posteriores do jornal⁷⁵, nas quais se solicitava uma explicação do professor e diretor da Escola Complementar no momento do ocorrido.

Na esfera política, Clemente Pinto também construiu seu nome: foi um dos dirigentes do Partido Conservador, tendo aderido, depois, ao Partido Republicano Rio-Grandense⁷⁶. No ano de 1891, ele foi eleito deputado estadual para o Congresso Constituinte⁷⁷, participando da aprovação da Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul desse mesmo ano, atuando na Assembleia até o ano seguinte, 1892⁷⁸.

Já em relação à trajetória religiosa, no ano de 1890, foi criado o Centro Católico, do qual Clemente Pinto foi diretor no ato dessa criação⁷⁹. Tal informação repercutiu no jornal *A Epoca* de Pernambuco, em comentário sobre a organização do partido católico no Rio Grande do Sul⁸⁰. Em 1891, o nome do educador consta na relação geral dos atuais irmãos da Santa Casa de Misericórdia⁸¹. Já no ano seguinte, Clemente Pinto, como diretor de redação do órgão católico⁸², redige uma folha em italiano: o *Corriere Cattolico*⁸³, para a colônia italiana no Rio Grande do Sul⁸⁴. Além disso, dirigiu, em companhia do jesuíta Lacerda de Almeida, a “Epoca”, órgão católico⁸⁵, e foi colaborador d’*O Paladino*, jornal do Rio Grande do Sul⁸⁶. Anos mais tarde, no triênio de 1923 a 1926, o nome de Clemente Pinto também consta na lista

⁷⁵ Edições do jornal *O Exemplo* (RS): 24 set. 1916, 00037 (1), p. 1 e 22 out. 1916, 00041 (1), p. 1.

⁷⁶ Edição do jornal *A Federação* (RS), 20 fev. 1888: 00041, p. 2.

⁷⁷ Edição do jornal *A Federação* (RS), 15 mai. 1891: 00112 (1), p. 1.

⁷⁸ Edição do jornal *A Federação* (RS), 1 ago. 1892: 00172 (1), p. 1.

⁷⁹ Edição do jornal *A Federação* (RS), 28 mai. 1890: 00120 (1), p. 2.

⁸⁰ Edição do jornal *A Epoca* (PE), 29 mai. 1890: 00102 (1), p. 1.

⁸¹ Edição do jornal *A Federação* (RS), 12 mar. 1891: 00060 (1), p. 2.

⁸² Edição do jornal *A Federação* (RS), 28 out. 1892: 00245 (1), p. 2.

⁸³ Edição do jornal *A Federação* (RS), 27 out. 1892: 00244 (1), p. 2.

⁸⁴ Informações mais concretas obtidas sobre o *Corriere Cattolico* encontram-se em nota no jornal *Correio Rio Grandense* (RS), edição 03965 (1), de 14 mai. 1986, p. 11: “De 1891 a 1895 circulou em Porto Alegre o CORRIERE CATTOLICO, editado pelo Deutsches Volksblatt e que sucessivamente obedeceu à direção do Prof. Alfredo Clemente, Guido Carlo Passini e Adelchi Colnaghi. Cabe observar que Alfredo Clemente Pinto é autor da célebre ‘Seleta em Prosa e Verso’, em português e que ensinou a ler e a pensar a várias gerações de rio-grandenses. É certo afirmar-se que, em outro campo e em sentido diferente, teve tanta influência como quase toda a imprensa colonial, no meio das famílias de ascendência italiana. Alfredo Clemente Pinto era um apaixonado pela Itália. Estudara em Roma e escrevia um italiano perfeito. Era, ainda, um dos líderes do catolicismo, no mundo rio-grandense e portador de vasta cultura humanística”.

⁸⁵ Edição do jornal *Correio da Manhã* (RJ), 26 jan. 1938: 13255 (2), p. 2.

⁸⁶ Edição do jornal *O Paladino* (RS), 1 dez. 1908: 00005 (2), p. 3.

de comissões permanentes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no cargo de responsável por Fundos e Orçamento⁸⁷.

Em 1938, no ano da morte de Alfredo Clemente Pinto, o acontecimento é noticiado com muito pesar pela imprensa jornalística, em cujos textos seu nome veio acompanhado de inúmeros elogios e distintas homenagens à trajetória percorrida pelo educador: “Morre o venerando mestre de várias gerações sulinas, aos oitenta e três anos de idade, após longa e penosa enfermidade”⁸⁸.

Assim, como podemos perceber até aqui, grande parte do conhecimento referente à biografia de Clemente Pinto é construído a partir de notas, matérias e informações que citam sua presença e sua influência na época. No entanto, seu nome não foi citado somente em vida. Em decorrência de toda sua trajetória, mesmo após sua morte, a figura do educador gaúcho seguirá aparecendo em diversos jornais gaúchos, como veremos exemplificado a seguir, sempre acompanhada da referência à obra que lhe concedeu maior prestígio, a *Seleta em Prosa e Verso*.

Além disso, o professor também foi homenageado, em várias instituições de ensino, com o nome que elas carregam. Um exemplo é o caso de uma escola da cidade de Caxias do Sul, o Grupo Escolar Clemente Pinto, que foi criado em 1939, como escola de nível municipal. Em jornal da cidade, consta uma matéria sobre a instituição, na qual também se encontram referências à figura de Clemente Pinto:

[...] O nome Clemente Pinto é uma homenagem ao professor Alfredo Clemente Pinto, um dos maiores expoentes do setor educacional do Rio Grande do Sul. Ele lecionou durante 42 anos ininterruptamente e residiu em Caxias do Sul entre 1876 e 1877, portanto, no início da colonização italiana da região. Foi o autor da ‘Seleta em Prosa e Verso’, cartilha que serviu de aprendizado para milhares de alunos no Rio Grande do Sul, pois foi adotada em todas as escolas do Estado. [...] (JORNAL DE CAXIAS DO SUL, 1977, p. 14)⁸⁹.

Do mesmo modo, o professor foi patrono de inúmeras escolas espalhadas pelo Estado, as quais carregam seu nome até hoje. A título de exemplo, em artigo da seção “Memória” do jornal ClicRBS, intitulado “Os 75 anos do Colégio Clemente Pinto” e publicado no ano de 2014, o jornalista Rodrigo Lopes de Oliveira recupera alguns

⁸⁷ Edições do jornal *A Federação* (RS) dos anos 1923 (3 jul., 00154 (1), p. 4) e 1926 (16 jul., 00160 (1), p. 5).

⁸⁸ Edição do jornal *Correio da Manhã* (RJ), 26 jan. 1938: 13255 (2), p. 2.

⁸⁹ Edição do *Jornal de Caxias do Sul* (RS), 13 ago. 1977: 00235, p. 14. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

marcos importantes da atual Escola Estadual de Ensino Fundamental Clemente Pinto, fundada em 1º de agosto de 1939, pelo então prefeito Dante Marcucci, na cidade de Caxias do Sul. Ao discorrer sobre o patrono, afirma que ele dedicou cerca de 40 anos de sua vida ao magistério. Clemente Pinto está eternizado, na recepção do colégio, em uma tela pintada pela artista plástica Valdira Danckwardt, em 1961, a qual reproduzimos a seguir:

Figura 1 – Pintura de Alfredo Clemente Pinto.



Fonte: Alfredo Clemente Pinto. Pintura em tela, 1961. Valdira Danckwardt. Foto: Rodrigo Lopes⁹⁰.

Na ocasião do centenário do nascimento de Clemente Pinto, diversos são os elogios encontrados em matérias do *Jornal do Dia* (RS), de 1954⁹¹. Nomeado como um dos “mais ilustres filhos” do Rio Grande do Sul, retoma-se a trajetória de Clemente Pinto, professor, político, jornalista e literato, ao longo de sua atuação, tendo sido, na localidade, a “figura das mais destacadas no magistério, na política e na literatura”, sobressaindo-se por sua carreira brilhante e por seu singular relevo moral e intelectual. Relativizando as palavras referidas à figura de Clemente Pinto, é

⁹⁰ OLIVEIRA, Rodrigo Lopes de. Os 75 anos do Colégio Clemente Pinto. ClickRBS, seção Memória, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2014/08/28/os-75-anos-do-colegio-clemente-pinto/?topo=35,1,1,,35#comments>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

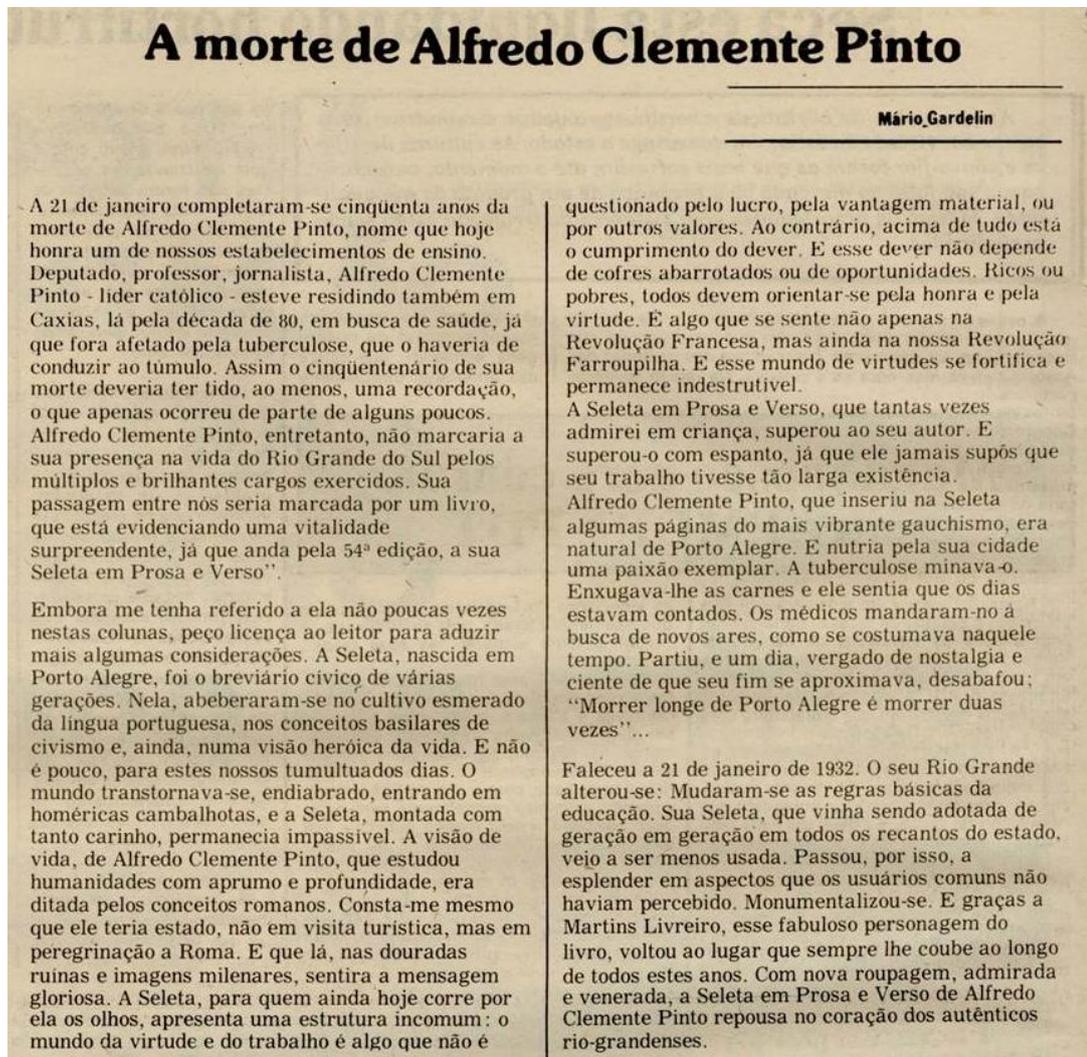
⁹¹ Edições do *Jornal do Dia* (RS): 14 ago. 1954, 02259 (1), p. 4 e 15 ago. 1954, 02260 (1), p. 8.

importante observarmos seu posicionamento convencional e católico como um reflexo de um ensino que, ao tentar se dizer “laico”, era extremamente religioso, haja vista estar embutido em uma tradição conservadora. Assim, essa natureza ideológica convencional e religiosa do professor e de suas obras moldou, de certa forma, as ideias de muitos gaúchos, o que se percebe nos relatos dos jornalistas que pelas páginas da *Seleta* também passaram.

Para encaminharmos o fechamento desta seção, finalizamos o contato com a figura de Alfredo Clemente Pinto a partir das palavras de Mário Gardelin⁹², em texto publicado no jornal *Pioneiro* (RS), em 1982:

⁹² Mário Gardelin (1928-2019) foi um escritor, poeta, professor, jornalista, político e historiador gaúcho. Desempenhou múltiplas atividades e ganhou reputação principalmente como pesquisador da colonização italiana no Rio Grande do Sul e da história de Caxias do Sul, deixando vasta bibliografia. Mário Gardelin nasceu em Caxias do Sul e, por mais de 40 anos, trabalhou na Universidade de Caxias do Sul (UCS) como professor e pesquisador; além disso, ele também atuou na política, tendo sido vereador por três legislaturas. Mário Gardelin foi um dos fundadores da Academia Caxiense de Letras e integrante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Figura 2 – Texto de Mário Gardelin pelos 50 anos⁹³ da morte de Alfredo Clemente Pinto.



Fonte: Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1982, Edição 00059, 27 jan. 1982, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=54024>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

De acordo com as palavras de Mário Gardelin apresentadas na Figura 2, percebemos que a obra *Seleta em Prosa em Verso* ultrapassou até mesmo a importância de Clemente Pinto para a região, configurando-se como “o breviário cívico de várias gerações”. A partir do texto, já se evidenciam temáticas e objetivos importantes da obra, evidenciados pela seleção de textos para leitura, como “no

⁹³ Em relação à data, cabe uma ressalva: há uma discrepância referente aos registros do ano de morte de Alfredo Clemente Pinto. Em todas as outras fontes, encontramos no ano de 1938 a data de fim da vida do professor. No entanto, não é o que encontramos no texto apresentado na Figura 2, o que nos leva a acreditar em uma possível confusão de datas por parte do escritor.

cultivo esmerado da língua portuguesa, nos conceitos basilares de civismo e, ainda, numa visão heroica da vida”. Por todo o caminho e por toda importância que a obra imprimiu à vida dos gaúchos que por suas páginas se aventuraram, a obra “monumentalizou-se”. Assim, ela “repousa no coração dos autênticos rio-grandenses”.

4 MOLDANDO A SELETA EM PROSA E VERSO

4.1 A OBRA DE ALFREDO CLEMENTE PINTO

Em *Os livros não se despedem; aguardam novos leitores*, Dill (2013) busca resgatar alguns livros que, no passado, tiveram destaque, mas que, agora, ocupam as estantes de sebos pelo país e, principalmente, pelo Rio Grande do Sul. Na organização de sua obra, ao apresentar alguns desses livros, a professora divide-os em três principais capítulos: “Os livros didáticos e a escolarização”, “No interior dos sebos” e “Livros em destaque – livros esquecidos”. Apesar de, em um primeiro momento, buscarmos a *Seleta em Prosa e Verso* no primeiro capítulo citado, destinado aos livros didáticos, encontramos-a no último, no dos livros esquecidos.

A *Seleta* é a obra que abre o capítulo, com a seguinte apresentação:

A Seleta

Eu sou o livro que fala pela mão do escritor. Estou aí perfilado entre meus companheiros. Por vezes estou apertado entre os outros em cestas ou prateleiras. Espero que alguém venha me buscar para abrigar-me em sua biblioteca. Tenho muito a contar, alegrar e instruir o leitor. Meu nome é antigo. Chamo-me *Seleta em Prosa e Verso*, e quem me escreveu foi Alfredo Clemente Pinto (1854-1938). No final do século 19, ou seja, em 1884, saiu minha primeira edição.

Eu, a *Seleta em Prosa e Verso* – sou um livro escolar, vivi por longos anos. Fui fazendo meu caminho por muitas cidades: Pelotas, Santa Maria, Rio Grande. Nos pequenos municípios era difícil o acesso à instrução.

Gerações e gerações acompanharam minha trajetória. Presenciei a queda do Império Brasileiro, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e acompanhei muitas revoluções. Fui contemporânea do surgimento do jornal *A Federação*, do *Correio do Povo*, do *Diário de Notícias* e tantos outros jornais. Homens ilustres, cientistas, inventores, políticos e professores se beneficiaram da leitura de minhas páginas. Os leitores puderam acompanhar as transformações que vinham ocorrendo. Porto Alegre era quase uma aldeia. Ia se modernizando e eu continuava sendo reeditada. Minha durabilidade provém da clareza, elegância, dos conhecimentos, dos valores perenes que contendo e da variedade de assuntos. Tive o mérito de despertar nas famílias o gosto pela leitura e familiarizá-los com os clássicos portugueses. [...]

Incentivei o respeito pela religião, o amor à pátria e à família, desenvolvi a imaginação de crianças e adultos e servi de modelo para as redações. (DILL, 2013, p. 70-71).

Em sua “autodescrição”, a *Seleta* é um livro escolar que sobreviveu durante muitos anos, tendo percorrido, principalmente, cidades do interior do Rio Grande do Sul. A observação quanto à dificuldade do acesso à instrução é uma informação bastante importante, porque confere à obra uma característica peculiar para a região:

era ela uma das únicas formas de acesso ao conhecimento. Isso pode insinuar que, nas cidades do interior, o caminho da obra de Clemente Pinto represente um diferencial para a instrução pública, pois alcançou localidades antes esquecidas. Além disso, outro ponto a se observar é a continuidade da obra: diversas gerações beneficiaram-se de sua leitura, acompanhadas pelas modificações históricas que marcaram épocas na história da educação do país.

Além disso, vale perceber o caráter instrucional direcionado à *Seleta*, já que, além de ter despertado nos seus leitores o gosto pela leitura e a familiarização com as obras clássicas portuguesas, também incentivou “o respeito pela religião, o amor à pátria e à família” e serviu “de modelo para as redações”. Nesse sentido, em trabalho de análise dos textos que compõem a *Seleta*, Silveira (2000) ilustra tal percepção:

Já o respeito à religião, o amor à Pátria e à família são objetivos que estão evidentes na inclusão de textos com lições moralizantes e exemplos edificantes, tanto no nível do contexto familiar, como no do comunitário ou mesmo nacional (SILVEIRA, 2000, s. p.).

Assim, esse livro escolar serviu não só à instrução escolar dos alunos, mas também, e sobretudo, à instrução moral e cívica, característica marcante e determinante dos diversos livros destinados à leitura no período. Ainda nessa época, é expressiva a relação entre educação, estado e igreja, o que é refletido, conseqüentemente, nas obras escolares escolhidas para figurarem nas salas de instrução pública do país.

Após concluir a autoapresentação da obra, Dill (2013) finaliza a seção destinada à *Seleta* com o seguinte trecho:

O valor educativo da *Seleta em Prosa e Verso* reside no leque de informações que aborda. Para a escola tradicional, em que o aluno costumava ouvir a explanação do professor e só falar quando solicitado, foi um poderoso recurso. Hoje, os textos do referido livro se enquadrariam muito bem em análises comparativas e debates em grupo. (DILL, 2013, p. 73).

Dessa forma, a autora conclui a importância da *Seleta* como livro escolar, ressaltando sua possível permanência até os dias de hoje. Talvez, essa sobrevivência ao longo de suas várias edições esteja relacionada, justamente, às justificativas apresentadas pela professora.

Já em 1974, no jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, encontramos, nas palavras de José Machado⁹⁴, uma referência à *Seleta em Prosa e Verso* de forma saudosista, quando, ao abordar diversos problemas e dificuldades enfrentadas em relação à educação, relembra a obra de Clemente Pinto como um objetivo já alcançado, mas perdido naquele momento:

“[...] E o que é pior, é que a gente vê que, com tanta exigência e com tanto livro na mão, a criança de hoje ainda não chegou ao estágio daquelas gerações de ontem que tinham na mão a *Seleta em Prosa e Verso* e um ou dois professores da mais fina cepa [...]”. (PIONEIRO, 1974, p. 4).

Essa visão do escritor contrapõe a educação de “ontem” à de “hoje”, referindo-se à situação por ele vivida, de forma a enaltecer os prejuízos que o passar do tempo direcionou ao ensino. A referência positiva ao “ontem” é, justamente, a *Seleta*, que, por si só e com a companhia de bons professores, seria responsável por garantir uma formação por ele esperada, em contraposição à que estava em exercício nos meados da década de 1970.

De mesmo modo, Mário Gardelin, importante figura para a cidade de Caxias do Sul, no texto “A escolinha de São Caetano”, escrito após visitar a escola onde aprendeu as primeiras letras, no município de Flores da Cunha, recupera memórias sobre o contexto e o funcionamento da instituição, assim como suas vivências nesse espaço. Ao discorrer sobre as aulas, afirma que “[...] A [classe] mais adiantada regia-se pela *Seleta em Prosa e Verso*, de Alfredo Clemente Pinto, um livrão considerado tal por todos nós, um monumento do saber. Meu tio Jácomo Dall’Alba sabia muitos trechos de cor. [...]” (PIONEIRO, 1974, p. 4). Dessa descrição, além das referências à obra como “livrão” e “monumento do saber”, que denotam o prestígio da obra no cenário estudantil, chama atenção que essa importância é histórica, agora já em nova geração, uma vez que o próprio tio de Mário também passou pelas páginas da *Seleta*. A partir dessa passagem, ele decorou muitos trechos que nela se encontravam, demonstrando o caráter oral das leituras e a metodologia do “fazer-se decorar” trechos

⁹⁴ José Ferreira Machado nasceu em Porto Alegre, em 24 de abril de 1933, é bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e em Direito, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Possui o título de Cidadão Caxiense, entregue pelo Legislativo, e o Mérito Farroupilha, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Como jornalista, Machado atuou na empresa Caldas Júnior, no jornal *Pioneiro* e junto ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na Secretaria da Saúde. Além disso, ainda acumula a experiência de ter sido secretário de Administração e Turismo de Canela e professor aposentado da UCS, onde lecionou nas faculdades de Belas Artes, Direito, Jornalismo e Relações Públicas.

exemplares, preceito que, como veremos nas análises mais detalhadas da *Seleta*, eram comuns na prática de sala de aula.

Além dessas recordações, há outras referências à *Seleta* encontradas em textos circulantes da época, como ilustram os trechos a seguir:

‘Cheguei a contar aquela história do califa, da *Seleta em Prosa e Verso*, de Alfredo Clemente Pinto. Conhece?’ ‘Claro que conheço e certamente seu êxito, meu caro Lisboa, se deve aos bons argumentos encontrados nesse livrão, que é a *Seleta*’... gracieji. (PIONEIRO, 1975, p. 4).

O fato, como se dizia na *Seleta em Prosa e Verso*, grangeou-lhe a admiração e o respeito de todos. (PIONEIRO, 1976, p. 4).

O ato de poupar, nos tempos bicudos, só é comparável ao trabalho da formiguinha que a velha e surrada *Seleta em Prosa e Verso*, do Alfredo Clemente Pinto, tão romanticamente retrata. (PIONEIRO, 1988, p. 2).

Sereno ancião de longas barbas brancas – foi a imagem que lhe ficou de Deus, desde que a viu, há muito tempo, nas páginas da *Seleta em Prosa e Verso*. Desde então, nunca mais pode ver outra vez, nem o livro, nem a imagem. (PIONEIRO, 1995, p. 5).

Um dia, os cadernos apareceram e causaram espanto. Contou ela a sua história. Um testemunho de que, há tantos anos, apenas com a *Seleta em Prosa e Verso*, os cadernos da Livraria Saldanha e a professora, Dona Chiquinha Castilhos, se sabia lapidar diamantes, alguns dignos de uma coroa. (PIONEIRO, 2000, p. 38).

Em duas edições do jornal *A Federação*, também encontramos, nos anos 1890⁹⁵ e 1906⁹⁶, respectivamente, anúncios (disponibilizados no Anexo A) sobre a venda da *Seleta em Prosa e Verso*. No mais antigo deles, a obra figura entre uma lista de livros à venda na Livraria do Globo; enquanto, no anúncio mais contemporâneo, apresenta-se aos professores e aos diretores dos colégios que a 17ª edição da *Seleta* será colocada em circulação nos dias seguintes e que os editores (Selbach & Mayer) já estão aceitando encomendas.

Assim como Mario Quintana (2012), em texto já referenciado, Mário Gadelin também relembra a obra de Alfredo Clemente Pinto em muitos de seus escritos. Ao longo dos anos, o nome da *Seleta* aparece como memórias autobiográficas e bastante afetivas em seus textos, conforme os exemplos a seguir:

⁹⁵ Edição do jornal *A Federação* do Ano 1890: 00071. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

⁹⁶ Edição do jornal *A Federação* do Ano 1906: 00010. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

[...] E ainda hoje, quando a ouço, recordo uma poesia, da *Seleta em Prosa e Verso*, sobre a esmola. [...] (PIONEIRO, 1960, p. 3)⁹⁷.

[...] Pedro Vergara escreve como se fosse para antologia. Se vivo fora Alfredo Clemente Pinto, poria, sem dúvida, alguns trechos dessa obra, na sua eterna *Seleta em Prosa e Verso*. O leitor, se não conhecer a *Seleta*, não compreenderá o sentido de minha frase. Direi, então, que Pedro Vergara escreve sempre de mestre. [...] (PIONEIRO, 1961, p. 3)⁹⁸.

[...] Direi que é uma página de antologia, dessas que meritoriamente podem ir para a *Seleta em Prosa e Verso*, de Alfredo Clemente Pinto. (PIONEIRO, 1963a, p. 2)⁹⁹.

[...] Encontrei-o deitado, recordando-me a história do velho das varas, de que fala a *Seleta em Prosa e Verso* de Alfredo Clemente Pinto, um dos livros que mais amei em minha vida. [...] (PIONEIRO, 1963b, p. 2)¹⁰⁰.

Nesses trechos, podemos perceber a grandiosidade dos textos que compõem a *Seleta*, assim como o fato de o jornalista recordar alguns desses textos (“poesia sobre a esmola” e “história do velho das varas”), ilustrando uma memória importante de seu passado e sua relação afetiva com a obra (“um dos livros que mais amei em minha vida”). Além de Mário Gardelin, outro jornalista de Caxias do Sul, Jimmy Rodrigues¹⁰¹, também recorda, em suas páginas, suas leituras da *Seleta em Prosa e Verso*:

Creio que foi na antiga ‘Selecta em Prosa e Verso’ de Alfredo Clemente Pinto que li uma história atribuída ao pintor grego Apeles que viveu no século IV antes de Cristo. [...] (FOLHA DE HOJE, 1991, p. 2)¹⁰².

Em matéria sobre o Bispo Diocesano da cidade de Caxias do Sul, Dom Benedito, o jornalista José Machado apresenta-nos um curto relato sobre a educação

⁹⁷ Edição do jornal *Pioneiro* do Ano 1960: 00048. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

⁹⁸ Edição do jornal *Pioneiro* do Ano 1961: 00013. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

⁹⁹ Edição do jornal *Pioneiro* do Ano 1963a: 00041. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

¹⁰⁰ Edição do jornal *Pioneiro* do Ano 1963b: 00044. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

¹⁰¹ Jimmy Rodrigues (1925-2013), nascido em Caxias do Sul, foi um jornalista, político, esportista e escritor brasileiro. Trabalhou como redator, editor e colunista em jornais como *O Momento*, *Correio Riograndense*, *A Época* e *Pioneiro*. Foi diretor do *Pioneiro* e das sucursais dos jornais porto-alegrenses *Última Hora* e *Zero Hora*, um dos fundadores e primeiro editor do *Jornal de Caxias*, correspondente do *Diário de Notícias* e do *Jornal do Comércio* de Porto Alegre, e colunista da revista *Acontece*. Além disso, na política, foi vereador eleito em 8 de novembro de 1959 pelo Partido Democrata Cristão, escolhido presidente da Câmara em 1963.

¹⁰² Edição do jornal *Folha de Hoje* do Ano 1991: 00493. O texto completo encontra-se digitalizado nos anexos desta dissertação.

recebida pelo religioso em terras gaúchas. Nesse relato, para além das dificuldades apresentadas, consta a referência à *Seleta em Prosa e Verso*:

Figura 3 – História de uma família.



Fonte: Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1971, Edição 00048, 30 set. 1971, p. 18. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=20328>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

O cenário descrito na matéria ilustra a situação da instrução de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. A trajetória dos manuais didáticos para leitura, antes vindos da Europa, e a “passagem” para a *Seleta em Prosa e Verso* colocam esta em patamar de superioridade, já que o simples fato de os alunos depararem-se com sua materialidade nas classes “representava um diploma”. Assim, percebemos a importância da *Seleta* na formação de leitores, inclusive dos que não possuíam tanta familiaridade com a língua portuguesa. Ela constituía, dessa forma, um importante marco na trajetória acadêmica dos estudantes,

“garantindo-lhes” certo grau de instrução (“o aluno que conseguisse chegar à *Seleta* era considerado formado”).

No entanto, engana-se quem pensa que o nome da *Seleta* apareceu somente em edições de jornais do século XX: ela ainda figura em textos próximos a nós, rondando o imaginário de muitos alunos que por ela passaram. Exemplo dessas aparições são as crônicas “A *Seleta* inspirou gerações”, de Manoel Soares Magalhães¹⁰³, e “A culpa é das professoras”, de Denise Da Ré¹⁰⁴. Do primeiro texto, seguem alguns trechos:

Meu livro de cabeceira, quando pequeno, era *Seleta em Prosa e Verso*, organizado por Alfredo Clemente Pinto (1854-1938). Decorei-o inteiramente, para surpresa de meus pais. Eu andava para baixo e para cima com o volume, praticamente em frangalhos. Lia-o de pé, sentado, correndo, nadando e voando... [...] O livro [...] era para mim o primeiro amor literário. [...] Ainda hoje, embora tenha à disposição boa e eclética biblioteca, sou impulsionado a pegar a *Seleta* e correr os olhos pelos textos, acarinhando as páginas, a capa, a lombada... [...] (MAGALHÃES, 2015, s. p.).

Como podemos perceber, o autor, assim como outros já aqui citados, também se relaciona de forma afetiva com a obra de Clemente Pinto, indicando sua proximidade com os textos e o valor simbólico que a obra possui nas memórias de sua infância. Já na crônica de Denise Da Ré, a referência à *Seleta* ocorre de maneira diferente: em texto bastante humorístico, ao final do enredo, como forma de “punição” a um dos personagens, uma professora utiliza a materialidade do livro como forma de repreensão: “– Chega, Pedro! – xingou a mais severa, dando-lhe um safanão na cabeça com a *Seleta* de capa dura, de Alfredo Clemente Pinto – Você está de castigo! Pedrão sorriu. Uma vez professora, sempre professora.” (DA RÉ, 2020, s. p.). No trecho, diferentemente do anterior, a *Seleta* pode ser vista, metaforicamente, para além de um objeto pesado (“um livrão de capa dura”), como o que seria responsável por incutir nos estudantes regras de comportamento morais e educativas.

Dessa forma, com os trechos apresentados, introduzimos por ora uma visão bastante afetiva direcionada à *Seleta* a partir da voz de alguns de seus leitores. O que podemos vislumbrar, a partir desses textos e até o momento, é a permanência de uma

¹⁰³ Manoel Soares Magalhães, 54 anos, é pelotense. Jornalista, escritor e também autor teatral e roteirista de cinema. Em 1982, ganhou o Prêmio João Simões Lopes Neto – gênero teatro. Atualmente, além de escrever, prepara exposições de arte, pintando as charqueadas e os casarões de Pelotas no estilo naïf (primitivo). Como jornalista, trabalhou no Diário Popular, em Pelotas; no Diário Catarinense, em Florianópolis; e no Correio Braziliense, em Brasília.

¹⁰⁴ Escritora e, atualmente, colunista no *Jornal Semanário*, de Bento Gonçalves.

memória que retoma a obra de Clemente Pinto como um bem inestimável na formação dos estudantes. Ela é, assim, referência em leitura para muitos estudantes, desde o início do século XX até os dias atuais. Precisamos, agora, adentrar em suas páginas, o que faremos no subcapítulo seguinte.

4.2 ANÁLISE HISTÓRICA DA *SELETA EM PROSA E VERSO*

Inicialmente, é preciso compartilharmos um anseio “frustrado” de muitos professores e pesquisadores, como Galvão e Batista (2009), por exemplo, que também se dedicam ao estudo de obras escolares dos séculos passados. Ao delimitarmos como *corpus* de estudo a *Seleta em Prosa e Verso*, estamos envolvidos com um universo de 59 edições, publicadas ao longo de 115 anos. Sendo essa obra a principal fonte da pesquisa e levando-se em consideração os objetivos delineados, teríamos como ideal a realização de uma análise de modo histórico-comparativo, tendo-se em mãos todas as diferentes edições. Entretanto, de modo geral, deparamo-nos com a exiguidade de acervos específicos sobre esses objetos, o que dificulta ainda mais o acesso aos materiais desejados. Sendo assim, de maneira um tanto “às cegas”, acabamos partindo para outros ambientes que poderiam auxiliar o encontro dessas edições, como é o caso, em contexto brasileiro, dos sebos, por exemplo.

Apesar dessas dificuldades impostas ao trabalho, acabamos por selecionar oito edições¹⁰⁵ para análise, objetivando recuperar, histórica e comparativamente, a trajetória da *Seleta em Prosa e Verso*, tendo em vista a linearidade das publicações elegidas. No entanto, embora tenhamos tal pretensão, é preciso compreendermos

¹⁰⁵ PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 1. ed. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1884.

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 6. ed. aum. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1897.

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 17. ed. aum. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1905.

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 44. ed. aum. Porto Alegre: Livrarios Editores, Livraria Selbach, 1936.

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 46. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1939.

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 47. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1940.

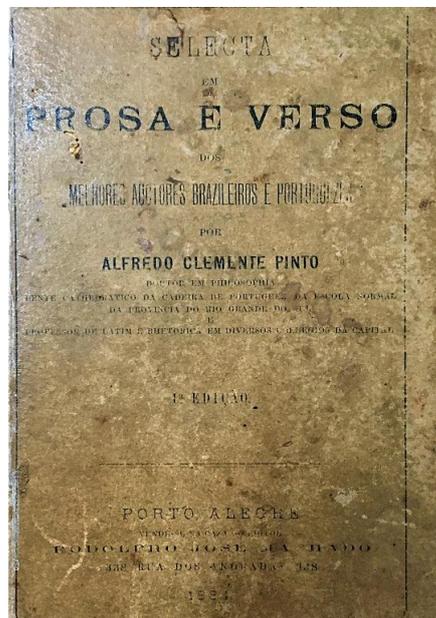
PINTO, Alfredo Clemente. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 52. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1957.

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 59. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.

nossa limitação, pois sabemos que um trabalho com esses objetivos não se inicia nem se encerra aqui. Assim, o estudo interno dessas materialidades visa a explorar as manutenções e as transformações das edições analisadas, de modo a reconstruir o itinerário da obra em confluência com seu contexto de produção.

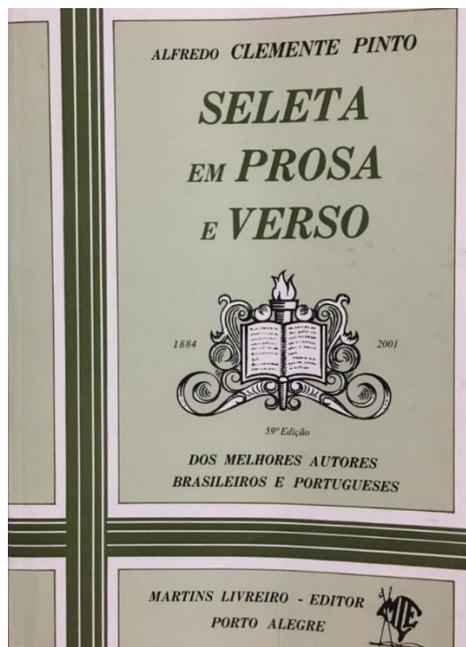
As oito edições selecionadas (encontradas) são as seguintes: 1ª edição, de 1884; 6ª edição, de 1897; 17ª edição, de 1905; 44ª edição, de 1936; 46ª edição, de 1939; 47ª edição, de 1940; 52ª edição, de 1957; e 59ª edição, de 2001. Como é possível perceber, trabalhamos com a primeira edição da obra¹⁰⁶, seis edições “internas”, que correspondem a um período de mais de 60 anos, e a última edição mais “moderna”. Dessa forma, conseguimos recuperar, mesmo que simbolicamente, a trajetória empreendida pela obra de Clemente Pinto, totalizando suas 59 edições, de 1884 a 2001. A seguir, nas Figuras 4 e 5, são ilustradas as capas das duas edições extremas da *Selecta*: a 1ª, de 1884, e a 59ª, de 2001, de modo a exemplificar o *corpus* de análise deste trabalho:

Figura 4 – *Selecta em Prosa e Verso* – capa (1ª edição, 1884).



Fonte: Arquivo pessoal.

¹⁰⁶ A edição encontra-se no acervo da Biblioteca Lucília Minssen, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre/RS. Apesar das dificuldades de acesso, fruto do contexto de enfrentamento à pandemia do Coronavírus, agradecemos imensamente a gentileza da servidora Gabriela Klein, que nos acompanhou na visita agendada ao acervo, de modo que pudéssemos digitalizar a obra e, consequentemente, realizar este trabalho.

Figura 5 – *Seleta em Prosa e Verso* – capa (59ª edição, 2001).

Fonte: Arquivo pessoal.

Conhecendo o *corpus* de análise recolhido para este trabalho, precisamos compreendê-lo e analisá-lo mais a fundo. Primeiramente, é necessário voltarmos nosso olhar para o processo editorial trilhado pela *Seleta em Prosa e Verso*, haja vista, conforme já sumariamente abordado, a importância de algumas casas editoriais no Rio Grande do Sul, principalmente em fins do século XIX. Nesse sentido, de acordo com as ilustrações das edições aqui analisadas e já apresentadas, percebemos dois nomes principais responsáveis por essas publicações: as editoras Rodolfo José Machado e Selbach¹⁰⁷, que, conforme Arriada (2012), são duas importantes casas editoriais para o contexto de produção da obra de Alfredo Clemente Pinto.

Segundo o autor, a Livraria de Rodolfo José Machado foi um estabelecimento fundado em 1854 e que ocupava um lugar privilegiado na Rua dos Andradas, em Porto Alegre. Em vários informes, anunciava a venda de seus produtos, entre os quais se citavam: “grande sortimento de livros colegiais e acadêmicos, adotados no ensino

¹⁰⁷ A primeira edição da obra, datada de 1884, é publicada por Rodolfo José Machado. Entre as edições analisadas, até a 17ª edição (1905), essa obra segue sendo editada pela Livraria de Rodolfo José Machado. No entanto, tendo em vista as edições com as quais tivemos acesso, não é possível precisar quando o livro deixou de ser publicado por essa editora. Porém, segundo Arriada (2012), em 1913, a 25ª edição já se encontrava sendo editada pela Livraria Selbach & Cia, conforme ilustram as edições neste trabalho analisadas a partir da 44ª edição, de 1936.

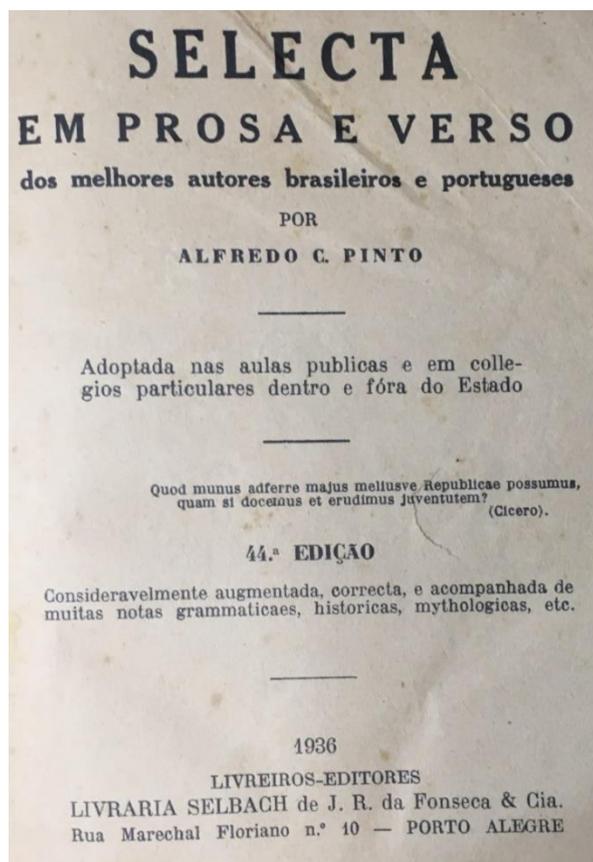
primário, secundário e superior [...]” (ARRIADA, 2012, p. 8), o que já demonstra a importância do “selo” da adoção em escolas do período. Ao citar a importância dessa livraria/editora para a produção de obras de caráter didático, o autor apresenta a *Seleção em Prosa e Verso* como um de seus grandes *best-sellers*, haja vista a grande marca de edições da obra.

Já em relação ao segundo nome apresentado – “Selbach” –, Arriada (2012, p. 10) assim a apresenta: “[a] Livraria Selbach & Cia., fundada em 1908, sucessora de Selbach & Mayer, contava com livraria, papelaria, encadernação e pautaço”. No entanto, o histórico da casa editorial é mais antigo: ela foi fundada em 1888 por João Mayer Júnior, ao qual se associou Jacob Selbach Júnior, em 1903, formando a “Selbach & Mayer”. Com o falecimento de Jacob Selbach Júnior, em 1907, sua parte é assumida por seu filho e, em 1910, acaba retirando-se o sócio João Mayer Júnior, passando a ser chamada somente de “Afonso Selbach”. Entretanto, em julho do mesmo ano, aparece outro nome: o sócio José Rodrigues da Fonseca, passando a editora a denominar-se “Selbach & Cia” novamente. Sobre essa casa editorial, assim como a de Rodolfo José Machado, Arriada (2012, p. 10) afirma que “a firma, além da Livraria, edita diversas obras, principalmente livros escolares adotados nas aulas públicas do Rio Grande do Sul [e de mais sete Estados] [...]”. Ainda conforme o autor, essa casa editorial foi muito procurada pelo clero rio-grandense e publicou diversas obras didáticas, entre as quais também aparece o nome da *Seleção em Prosa e Verso*.

Até o final do século XIX, as denominações “Seleção”, “Compêndio”, “Parnaso” e “Florilégio” eram algumas das mais comuns. Percebemos, então, a inserção da *Seleção em Prosa e Verso* em uma tradição de obras voltadas para a escola, a qual segue uma nomenclatura que, por si só, já indica a seleção de textos exemplares para leitura. Nesse sentido, retomamos uma longa tradição ocidental a respeito do ensino de língua e leitura (não de literatura, pois, como disciplina escolar, ela só foi nascer muito depois), o qual se baseava na seleção de um conjunto de textos exemplares – que serviam como modelos – para as aulas de poética e retórica.

Exemplo dessa tradição é encontrado na epígrafe da *Seleção*, ilustrada, a título de exemplo, na contracapa da 47ª edição, na Figura 6:

Figura 6 – *Seleta em Prosa e Verso* – contracapa (47ª edição, 1940).



Fonte: Arquivo pessoal.

A citação de Cícero (106–43 a. C.)¹⁰⁸, livremente traduzida como “Que presente maior ou melhor podemos oferecer à República do que ensinar e instruir nossa juventude?”, é um reflexo da influência clássica da retórica na obra de Clemente Pinto, um conjunto de textos letrados e exemplares voltados ao ensino da língua e da formação moral¹⁰⁹. Razzini (1992, p. 30-31), ao referenciar a epígrafe da *Antologia Nacional*, um trecho do décimo livro da obra *Instituições Oratórias*, de Quintiliano (30–96 d. C.), professor de língua e retórica, destaca a importância dessa espécie de “biblioteca mínima”, na qual estariam incluídos autores clássicos e exemplares. Assim,

¹⁰⁸ Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.), um dos grandes nomes da cultura latina, destacou-se na política, na filosofia e na oratória, tendo desenvolvido, em Roma, a tradição grega da retórica. No entanto, sua preocupação não ficou limitada a essas esferas de ação; ele dedicou também suas reflexões à organização de um modelo formativo, o do homem ideal, o orador (PEREIRA MELO, 2009).

¹⁰⁹ Segundo Marrou (1998, p. 225-226), a “*ars rhetorica* foi transmitida para o latim por Cícero e Quintiliano [...] e voltou à tona com os humanistas”, tendo-se constituído como uma das bases da cultura ocidental.

já de antemão, percebemos um princípio greco-romano inquestionável nessas obras: o da imitação de modelos¹¹⁰.

É importante observarmos, aqui, um diálogo com a tradição do *Ratio Studiorum*, que, ao referenciar as regras do professor de retórica, ilustra a importância dessa abordagem. Segundo esse “código de estudos”, o nível científico das aulas de retórica compreende “a formação perfeita para a eloquência que abraça as duas mais altas faculdades, a oratória e a poética (e entre as duas se deve dar sempre preferência à primeira); e atende não só ao que é útil, senão também à beleza da expressão” (FRANCA, 2019, p. 149-150). Ao desenvolver os três pilares principais das aulas de retórica¹¹¹, o texto apresenta as fontes que devem ser utilizadas para abordar as regras de oratória, o estilo e a erudição:

Quanto às regras, ainda que se possam procurar e observar em todas as fontes, não se deve, contudo, explicar, na preleção quotidiana, senão nos livros retóricos de Cícero, na Retórica de Aristóteles, e, se parecer conveniente, também na sua Poética. No que concerne ao estilo, ainda que se devam percorrer os melhores historiadores e poetas, deverá ser formado quase exclusivamente em Cícero [...]. A erudição deverá ser recolhida da história e dos costumes dos povos, dos autores mais abalizados e de toda espécie de conhecimentos, mas com parcimônia proporcionada à capacidade dos alunos. (FRANCA, 2019, p. 150).

É nesse mesmo sentido que, ao discutir as fontes do *Ratio Studiorum*, Franca (2019) enfatiza a influência dos antigos nessa doutrina. Segundo o autor, ao percorrer os mais conhecidos pedagogos renascentistas, em suas obras “as citações dos grandes clássicos fervilham” (FRANCA, 2019, p. 33). Em meio a Cícero, Plutarco e Sêneca, “preconizadores de um ideal humano a que pouco falta para ser cristão” (FRANCA, 2019, p. 33), quem se sobressai é a figura de Quintiliano, de cuja fonte os jesuítas muito beberam. As *Instituições oratórias*, obra do professor romano, são uma fonte de inspiração e de imitação dos mestres da época renascentista, sendo também aos jesuítas, que não fogem a essa influência. É assim que o “[...] Código de ensino de jesuítas inspirou-se mais de uma vez nas suas teorias e nos seus conselhos” (FRANCA, 2019, p. 34).

¹¹⁰ “Essa mesma técnica fundamental, transmitida [da cultura grega] aos romanos – leitura, declamação e completa exegese dos grandes autores de nossa literatura –, conservou-se como base de toda cultura literária ao longo dos séculos, desde as renascenças medievais até os nossos dias. [...] Além do poeta principal [Homero], o currículo das escolas helenistas (como das nossas) incluía o estudo de algumas obras selecionadas [de outros grandes poetas, prosadores e oradores].” (MARROU, 1998, p. 218).

¹¹¹ Ancoradas no proceder clássico horaciano do *docere cum delectare*: os ensinamentos são mais perceptíveis se praticados de modo agradável ao aluno.

Ainda em relação à Figura 6, é de extrema relevância abordarmos a informação apresentada acima da epígrafe, qual seja: “Adoptada nas aulas publicas e em collegios particulares dentro e fóra do Estado” [sic]. Segundo Tambara (2008), o fato de se ter o “mandado adoptar” registrado nas obras escolares funcionava como um selo necessário para seu sucesso editorial, fato que registra o controle e a influência do Estado em relação a essas publicações. Nesse sentido, foram criadas comissões de instrução pública responsáveis por avaliar e autorizar o ingresso dos livros didáticos em sala de aula, o que representa um marco desse controle, de acordo com o autor. Assim, obter a aprovação do Departamento de Instrução Pública garantia, de certa maneira, a sanção governamental diante dos textos a serem indicados e lidos nas escolas públicas, o que veio a se tornar um elemento de propaganda e de garantia de sucesso de vendas entre as obras didáticas (TAMBARA, 2008). Dessa forma, ilustra-se o sucesso editorial da *Seleta em Prosa e Verso* também por ela estar ancorada em uma aprovação do Estado, ou seja, “adoptada nas aulas publicas”.

Antes de partirmos para a leitura dos prólogos da *Seleta*, é importante voltarmos nosso olhar para a primeira edição da obra, analisando alguns paratextos por ela apresentados, na parte introdutória, na seção “Opiniões da imprensa”:

[...] nosso ilustre amigo Sr. Rodolpho José Machado acaba de editar mais um livro útil com que nos mimoseou: a *Seleta em prosa e verso*, organizada pelo Sr. Dr. Alfredo Clemente Pinto. [...] como livro de leitura encerra bellissimos trechos do que ha de melhor nos melhores auctores, tanto nacionaes como portuguezes; como livro de analyse teve o auctor a feliz lembrança de harmonizar a belleza do estylo, que deleita, com a facilidade da comprehensão para as intelligencias juvenis. No ensino secundario terão, não só os mestres como os discipulos, modelos dignos de serem por estes imitados nos assumptos [...]. (*Mercantil*, 5 de fevereiro). (PINTO, 1884, p. 3).

[...] A correcção, a clareza e elegancia de linguagem como a amenidade, a variedade e utilidade dos assumptos, foi o maior cuidado que teve o Sr. Dr. Pinto, quando escolheu os trechos que enriquecem a sua *Selecta*. Entre elles notam-se muitos que dizem respeito aos nossos homens, e ás nossas cousas. [...] julgamos que a *Selecta* vae ser muito proveituosa á mocidade que estuda, por isso recommendamol-a como uma obra util que veio augmentar o patrimonio da litteratura nacional. (*A Evolução*, 9 de fevereiro). (PINTO, 1884, p. 4-5).

No primeiro trecho apresentado, encontramos uma breve descrição daquilo que os leitores encontrarão nas páginas da obra de Clemente Pinto: o que há de melhor dos melhores autores brasileiros e portugueses. Percebemos, ainda, dois critérios: o de deleite aos jovens – pela beleza do estilo – e o de modelos a serem imitados pelos mais avançados. O comentário do jornal *A Evolução* afirma que a obra aumenta o

“patrimônio da literatura nacional”; essa ideia, a de “patrimônio”, é importante ao percebermos a permanência da obra nos locais em que foi utilizada, fazendo parte de uma memória material e afetiva daquelas que por suas páginas passaram. Além disso, ressalta também o “conteúdo” dos textos selecionados, pois dizem respeito “aos nossos homens e às nossas coisas”. É nesse mesmo caminho que se apresenta o comentário a seguir:

[...] O material [Selecta], que condiz com o desenvolvimento das intelligencias juvenis, foi intelligentemente encarado e coordenado. Os melhores auctores, tanto brasileiros como portuguezes, são citados em abundantes e variados trechos, apropriados para despertarem na nossa mocidade o respeito á religião, o amor da patria e da familia e em geral o sentimento do nobre e do bem. [...] (*Deutsches Volksblatt*, de S. Leopoldo). (PINTO, 1884, p. 7).

Vejam, agora, um posicionamento destoante – em alguns aspectos – dos anteriores:

[...] folheamos com verdadeiro prazer o livro do Sr. Dr. Clemente Pinto, que acha-se organizado sobre o plano que para taes livros é adoptado no velho mundo. São peças da litteratura brasileira e portugueza, bem escolhidas e completadas no sentido da variedade, com algumas traducções. O livro se nos afigura excellente para o uso das aulas publicas e se algum defeito lhe achamos é sua pronunciada côr religiosa, que entretanto está de accôrdo com o novissimo plano d'ensino publico na provincia, que parece haver servido de norma ao autor. (*Gazeta de Porto Alegre*, 7 de fevereiro). (PINTO, 1884, p. 4).

Nesse trecho, para além dos comentários elogiosos proferidos à *Seleta*, encontramos uma crítica (intensificada, provavelmente, pelo espírito liberalista da época) a seu forte caráter religioso. Conforme abordaremos com mais detalhes nas páginas seguintes, a *Seleta* é envolvida por um viés religioso na escolha dos textos e trechos selecionados para leitura. No entanto, como bem pontuado, esse “defeito” não é assim visto pelos responsáveis pela instrução pública, haja vista as orientações direcionadas ao ensino na época. O trecho seguinte já acrescenta informações a respeito das vendas da *Seleta*:

[...] A' primeira vista, parecerá que nenhum merito deve caber a uma obra que nada tem de original. Mas assim não é: pois que é preciso ter tido uma educação intellectual aprimorada, um cultivo incessante das bellas letras, para saber onde se encontram, a par da belleza do estylo, as doutrinas sãs que, unicas, podem ser confiadas á leitura da nossa mocidade. [...] Da primeira tiragem já foram vendidos quasi mil exemplares. E' quanto basta. Nada mais accrescentaremos. (*A Evolução*, 13 de fevereiro). (PINTO, 1884, p. 5-6).

Além da referência ao grande sucesso de vendas da primeira tiragem, fato que será cada vez mais presente em relação à obra de Clemente Pinto, o comentário também aborda, para além do estilo dos textos selecionados, “as doutrinas sãs que, únicas, podem ser confiadas á leitura da nossa mocidade”. Nesse sentido, percebemos seu caráter moralizante, visualizando nos trechos certos conteúdos exemplares – “doutrinas sãs” importantes para a formação dos jovens. Vejamos trecho de outro jornal:

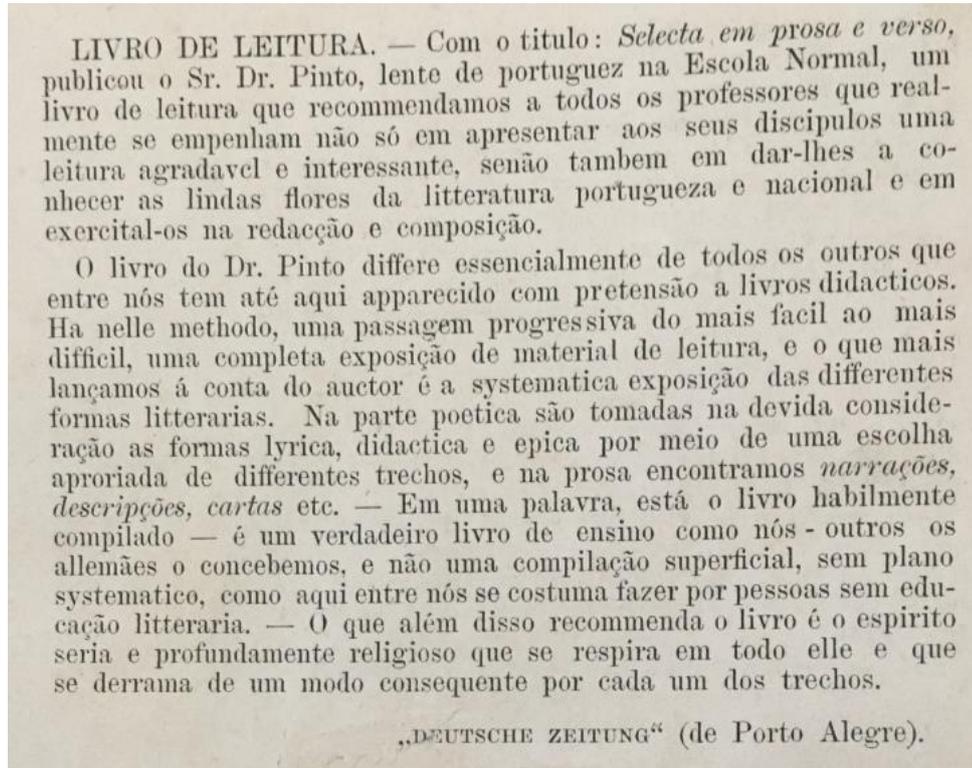
[...] Uma observação, porém, devemos fazer ao seu distinto auctor: – preferíamos que o seu livro só contivesse a manifestação da mentalidade brasileira. O contingente estranho que ahi apparece, apesar de toda a sua magnificencia, só serve para atestar uma pobreza litteraria nacional que não existe. Somos neste ponto *exclusivistas* e por isso sentimos não acompanhar a opinião do illustrado professor. (*Jornal do Comércio*, 13 de fevereiro). (PINTO, 1884, p. 6).

Assim como anteriormente apresentado, a *Seleção* não ficou livre de algumas críticas por parte da imprensa. No entanto, é importante destacarmos que esses comentários não se sobrepõem às características positivas direcionadas à obra. Se, em trecho anterior, o ponto negativo recaía sobre o teor religioso dos textos selecionados, direciona-o, agora, à seleção de textos portugueses, em detrimento de uma seleção somente de autores brasileiros. Esse ponto de vista leva-nos a um posicionamento nacionalista diante da literatura e, principalmente, da educação, o qual acredita na necessidade de promover uma exaltação daquilo que é “nosso”, de forma a não exaltar os textos portugueses, já que esse fato empobreceria a literatura produzida na nação, não lhe dando o devido reconhecimento¹¹².

Para finalizar os trechos divulgados na imprensa à época da publicação da primeira edição da *Seleção em Prosa e Verso*, vejamos um comentário na íntegra:

¹¹² Além disso, é também um ideal romântico, que vai prevalecer na história do ensino literário no Brasil, com o apagamento progressivo da literatura portuguesa.

Figura 7 – Trecho do jornal *Deutsche Zeitung* sobre a *Seleta*.



Fonte: arquivo pessoal (PINTO, 1884, p. 7).

Diferentemente dos trechos anteriores, percebemos um comentário mais voltado à organização da obra de Clemente Pinto, tendo em vista seu viés didático mais acentuado. A organização dos textos, pela divisão em “prosa” e “verso”, seria responsável por guiar seu leitor “do mais facil ao mais difficil”, posicionamento ainda hoje mais coerente no que se diz respeito à leitura, principalmente, de literatura. Além disso, para finalizar, ressaltamos um comentário diferente do apresentado pela *Gazeta de Porto Alegre*, já que, na Figura 7, percebemos a referência ao tom religioso como um elogio à *Seleta*, não mais como um defeito. Dessa forma, encerramos por ora as “vozes externas” sobre a obra de Clemente Pinto para, a partir de então, analisarmos-a pela voz de seu próprio autor.

Adentrando um pouco mais na obra, antes de debruçarmos-nos na composição de cada uma das edições, é preciso voltarmos nosso olhar para os prólogos apresentados, os quais são três e datam das 1ª, 43ª e 45ª edições. Observemos, na sequência, o prólogo da primeira edição da obra, assinado em 1883 pelo autor, transcrito na edição lançada em 2001, já com nova ortografia:

PRÓLOGO

*Si pueris tradens studiorum elementa magister,
Non doceat rerum principium esse Deum,
Vanum opus is facit, innixam fundamine nullo,
Tentat stultorum condere more domum.*

No livro que hoje dedicamos à mocidade estudiosa, nada nosso lhe apresentamos.

Consistiu o nosso trabalho tão somente em escolhermos das obras dos melhores autores, tanto nacionais como portugueses, os trechos que, a nosso ver, mais condizem com a índole de um livro desta natureza e mais se compadecem com o grau de desenvolvimento das inteligências e com a esfera dos conhecimentos daqueles para quem o destinamos.

Neste propósito tivemos muito em vista não só a correção, clareza e elegância da linguagem, condições essas essenciais em um livro de leitura, senão também a amenidade, variedade e utilidade dos assuntos. Omitimos, portanto, os que, por demasiadamente científicos, só poderiam causar tédio aos nossos jovens e escolhemos os mais próprios para lhes despertarem nos ânimos o respeito da religião, o amor da pátria e da família, excitando-lhes ao mesmo tempo os sentimentos mais elevados, e desenvolvendo *pari passu* a imaginação e o bom gosto literário.

Esforçamo-nos, outrossim, por prestar um pequeno auxílio aos que se aplicam à arte de escrever, pondo-lhes diante dos olhos trechos que lhes possam servir de modelo nos exercícios de redação; e este foi o motivo que nos determinou a coordenar os assuntos sob a classificação dos gêneros de composição.

Cumpramos, sempre que nos foi possível, escolhemos de preferência assuntos que dizem respeito aos nossos homens e às nossas cousas, por isso que mais de perto nos interessam a nós.

Releva também notar que muito de propósito não fomos *exclusivistas*, isto é, que não nos limitamos tão somente aos escritores nacionais, mas ainda aos portugueses fomos buscar grande cópia de trechos. E assim fizemos, não porque na literatura pátria não haja de sobejo com que ornar, amenizar e enriquecer um livro de leitura, senão porque entendemos que, num livro desta natureza, em que se não aprende somente a ler corretamente, mas também a se expressar *portuguesmente*, não devíamos abrir mão dos escritos de Vieira, Bernardes, Camões e outros da idade clássica, nem tão pouco dos de Garrett, Alexandre Herculano, Castilho, Mendes Leal, Latino Coelho e outros muitos ornamentos da literatura contemporânea.

Quanto à ortografia, pusemos peito a uniformizá-la, seguindo as regras da etimologia.

Para que, porém, o nosso trabalho produza os resultados que tivemos em vista ao compilá-lo, pedimos aos Senhores Professores façam estudar de cor aos seus discípulos bom número de trechos, tanto em prosa como em verso, que a experiência tem mostrado ser este estudo de grande vantagem para os mesmos discípulos, os quais assim, sem muito esforço, adquirirão uma dicção correta e elegante e dilatarão o círculo de suas idéias, aprendendo ao mesmo tempo a combiná-las e expressá-las convenientemente.

Ultimamente, manda a justiça declaremos que neste nosso trabalho muito nos ajudamos de livros congêneres já existentes, como sejam o de Caldas Aulette, o Parnaso Brasileiro e o Novo Secretário de Roquette.

Não presumimos o nosso trabalho isento de defeitos, posto que lidássemos por evitá-los; pedimos, pois, aos Senhores Professores, que no ensino se utilizarem deste humilde trabalho, queiram comunicar-nos suas observações, para que, se tiver de reaparecer em segunda edição, possam esses defeitos ser cuidadosamente emendados.

Outubro de 1883.

O Autor. (PINTO, 2001, p. 3-4).

Primeiramente, voltemos o olhar para a epígrafe escolhida pelo autor (PINTO, 2001, p. 3) para iniciar o prólogo da obra, assim traduzido: “Se o mestre, ao transmitir aos meninos os elementos dos estudos, não ensinar que Deus é o princípio das coisas, faz trabalho vão, pois tenta construir uma casa sem fundamento à maneira dos estultos”. Nessa epígrafe, constatamos, de imediato, a importância da figura do educador (mestre)¹¹³, cujo propósito é, acima de tudo, ensinar aos meninos o princípio de todas as coisas: Deus. Assim, tendo em vista a extrema presença católica no cenário de produção da obra, percebemos que o mestre é aquele que, ideologicamente, fundamenta sua ação docente no princípio religioso.

Esse caráter religioso, encontrado como finalidade primeira da educação, é o mesmo ideal que balizava o Código dos jesuítas: “A alma [...] de toda a educação nos colégios da Companhia era a formação religiosa” (FRANCA, 2019, p. 70). Percebemos, pois, a permanência de uma tradição que institui como aspecto fundamental a educação humana¹¹⁴, a educação integral do aluno, uma finalidade acentuadamente humanista, pautada, para isso, no ideal divino: “A realização plena da natureza humana elevada à ordem sobrenatural de acordo com os desígnios divinos – eis em toda a sua amplitude o ideal educativo que norteia as atividades pedagógicas da Companhia” (FRANCA, 2019, p. 74).

Além disso, Silveira (2000), também em análise ao prólogo da primeira edição, já ressalta que, em sua composição, reside uma “retórica da modéstia”¹¹⁵, recurso bastante utilizado na organização dos textos, tendo em vista trechos como “Consistiu o nosso trabalho tão somente em escolhermos das obras dos melhores autores” (PINTO, 2001, p. 3); “Esforçamo-nos, outrossim, por prestar um pequeno auxílio”

¹¹³ Franca (2019, p. 81-82) apresenta essa importância do professor no *Ratio Studiorum*: “Outro fator de vital influência na pedagogia do *Ratio* e essencial à eficiência de qualquer sistema educativo é a importância decisiva por ele atribuída ao mestre. ‘Tudo depende do professor’, dizia o Pe. João Bonifácio, um dos grandes pedagogos jesuítas dos primeiros tempos.

¹¹⁴ “[...] trata-se de um ensino em profundidade, que pega o homem desde a infância e forma-o naquilo que os gregos chamam de *Paideia*, traduzido magnificamente por Cícero como *humanitas*, nossa cultura geral.” (REBOUL, 2004, p. 72). É por isso que Cícero, em *O orador*, afirmava que o verdadeiro orador era o homem bom, perito na arte de falar. Com o tempo e com a adaptação da retórica latina para fins cristãos, surge a figura do orador ideal (o pregador), que se torna o homem cristão perito na arte de falar. Nesse sentido, Santo Agostinho, em *De Doctrina Christiana*, defendeu que os cristãos deveriam se utilizar dos elementos da herança retórica antiga úteis ao cristianismo, o que também contribuiu para a permanência dessa prática.

¹¹⁵ Princípio retórico padrão chamado de *captatio benevolentiae*, que justamente deve aparecer no exórdio dos discursos, também conhecido como modéstia afetada ou afetação da modéstia. Configura-se como um *ethos* de sabedoria, porque o mestre deve sempre ser humilde, assim como um princípio cristão, já que a soberba e o orgulho são pecados. Assim, o autor busca alcançar, por meio desse princípio, a simpatia do leitor.

(PINTO, 2001, p. 3); e “Ultimamente, manda a justiça declaremos que neste nosso trabalho muito nos ajudamos de livros congêneres já existentes” (PINTO, 2001, p. 4). No entanto, a despeito dessa “modéstia”, o professor não abre mão de esclarecer alguns princípios e objetivos da *Seleção*, de acordo com um “[...] modelo pedagógico de desenvolvimento da competência textual através da imitação de textos modelares” (SILVEIRA, 2000, s. p.). Clemente Pinto chega a sugerir, assim, uma “linha mestra de seu aproveitamento pedagógico” (SILVEIRA, 2000, s. p.), apresentando espécies de “regras metodológicas” a serem seguidas pelos professores, que, como veremos e como a autora também verificou, não caíram em terreno árido.

Na sequência, uma das primeiras preocupações é deixar evidente o caráter “compilatório” da obra: o papel do autor consistiu em, tão somente, escolher e organizar os trechos dos melhores autores nacionais e portugueses que mais condizem com o caráter do livro. Nessa afirmação, é importante ressaltarmos que as escolhas para se chegar aos “melhores” autores baseiam-se, claramente, nos pressupostos religiosos por trás dessa afirmação: “[...] os trechos que, a nosso ver, mais condizem com a índole de um livro desta natureza [...]” (PINTO, 2001, p. 3). Dessa maneira, resta-nos evidenciar que os objetivos dos trechos selecionados cumprem um papel pedagógico para a época: afirmar o princípio das coisas em Deus.

No entanto, posteriormente, entram outros critérios de suma importância para as escolhas dos trechos: correção, clareza e elegância da linguagem, assim como amenidade, variedade e utilidade dos assuntos.

O alvo a que mira a formação do *Ratio* – nisto em concordância incontestada com o ideal do século XVI – é a eloquência latina: *ad perfectam informat eloquentiam*. Levar o aluno a exprimir-se de maneira irrepreensível na linguagem de Cícero é o termo a que se subordinam todas as séries graduadas do currículo. A gramática visa à expressão clara e correta; as humanidades, à expressão beça e elegante; a retórica, à expressão enérgica e convincente. (FRANCA, 2019, p. 75).

Percebemos, pois, dois critérios de seleção – um deles pautado em aspectos formais e estéticos; o outro, em aspectos de conteúdo. Em relação a este, é importante observarmos o critério da “utilidade”, uma vez que os objetivos da leitura seguem a ideologia religiosa já apresentada inicialmente. Dessa forma:

A assimilação dos valores sociais faz-se, assim, tanto de modo direto, quando a escola atua como difusora dos códigos vigentes, quanto indireto, pela

absorção da escrita como sistema dotado de normas já estabelecidas a que cabe obedecer. (ZILBERMAN, 2012, p. 19).

Além disso, percebemos, também, um cuidado com o “deleite” dos alunos-leitores: “escolhemos os mais próprios para lhes despertarem nos ânimos o respeito da religião, o amor da pátria e da família, excitando-lhes ao mesmo tempo os sentimentos mais elevados¹¹⁶, e desenvolvendo *pari passu* a imaginação e o bom gosto literário” (PINTO, 2001, p. 3). Assim, concluem-se os três pilares que pautam os objetivos da leitura da *Seleta*: a religião, a pátria e a família.

Relacionado a esse “bom gosto literário”, Razzini (1992, p. 23), ao analisar a *Antologia Nacional*, também se refere a essas leituras úteis como uma seleção de um “cardápio de textos dos autores exemplares para desenvolver o bom gosto dos leitores secundaristas”. Elas serviriam, então, para a formação de “um bom *gourmet* de língua e literatura” (RAZZINI, 1992, p. 23). Vale lembrar, ainda, que esse viés das obras como a *Seleta* e a *Antologia* carregam seus objetivos na própria denominação escolhida, uma vez que as palavras já indicam a seleção da produção escrita que havia de melhor na época.

Nessa perspectiva, é importante retomarmos o viés humanístico¹¹⁷ desse ensino, voltado à formação integral do homem, um reflexo europeu e, mais especificamente, da tradição do *Ratio Studiorum* jesuítico, como vimos em seção anterior. Ademais, o despertar para os “sentimentos mais elevados” caminha em direção análoga, voltado à formação de caráter (integral) dos alunos. Acrescentam-se a essas preocupações o desenvolver da imaginação e do bom gosto literário, os quais serão seguidos por outro importante objetivo da obra: auxiliar aqueles que se voltam (voltarão) à arte de escrever. Vislumbramos, assim, os textos selecionados também como modelos de redação, cujos leitores terão, a partir da *Seleta em Prosa e Verso*, amostras de textos a serem imitados, conforme o princípio clássico da imitação greco-romana, já enunciado na epígrafe da obra, e também presente no *Ratio* jesuítico:

¹¹⁶ Relembramos, a partir de Cícero (*apud* REBOUL, 2004), *docere, delectare e movere*: instruir, agradar e comover.

¹¹⁷ “[O] humanismo, conforme indica a palavra, buscava preparar o homem – todos os homens – para a vida: era um tipo de treinamento comum a todos, capaz de servir para qualquer pessoa, não importa que rumo ela pudesse tomar depois. Daí a cultura predominantemente literária [que se baseava] na familiaridade com os grandes escritores, admirados e reconhecidos, e acima de tudo com os poetas, sendo a poesia o maravilhoso instrumento que possibilitava a todos, adultos e crianças, a aquisição de um conhecimento intuitivo do homem e da vida”. (MARROU, 1998, p. 227).

Ora, a arte é um hábito, e, como todo hábito, adquire-se pela repetição dos atos. Para chegar à arte perfeita da expressão, o aluno deve em contínua atividade exprimir-se de viva voz ou por escrito. [...] o *Ratio* põe logo o aluno em contato com os modelos do bem dizer. (FRANCA, 2019, p. 80).

A seleção de textos apresentada para a *Seleta* configura-se como um manancial de ideias, o qual poderá contribuir para a construção de uma consciência humanística e, principalmente, patriótica dos alunos. O objetivo é a formação integral da personalidade, a qual é alcançada pela leitura do que melhor se produziu em literatura até o momento. Aspecto importante, nesse sentido, relaciona-se com a escolha de organização estrutural da obra: “coordenar os assuntos sob a classificação dos gêneros de composição” (PINTO, 2001, p. 4). Essa classificação, na *Seleta*, é orientada por dois critérios fundamentais de composição, como o próprio nome da obra já apresenta: em prosa e em verso. Internamente, como aprofundaremos no próximo subcapítulo desta dissertação, há uma divisão pautada nos diversos gêneros letrados que eram produzidos e lidos na época, o que evidencia a vinculação da *Seleta* com as disciplinas de Retórica e Poética que orientavam as leituras e os estudos dos alunos. Em relação ao caráter nacional, é importante percebermos que há uma preocupação em conciliar o melhor que já se produziu tanto em solo pátrio quanto em Portugal. Esse cuidado é também direcionado à abrangência temporal: selecionam-se textos da “idade clássica”, assim como da “literatura contemporânea” (PINTO, 2001, p. 4).

Em “pedimos aos Senhores Professores façam estudar de cor aos seus discípulos bom número de trechos” (PINTO, 2001, p. 4), verificam-se certas orientações voltadas ao uso didático da obra, por meio da apresentação de orientações pragmáticas aos professores que nela se pautarão. Além disso, tal preocupação evidencia o caráter social ocupado pelas práticas de linguagem no século XIX, o que justifica a importância da esfera oral: “[os discípulos] adquirirão uma dicção correta e elegante e dilatarão o círculo de suas idéias, aprendendo ao mesmo tempo a combiná-las e expressá-las convenientemente.” (PINTO, 2001, p. 4). Dessa maneira, percebemos alguns cuidados que, ao longo do tempo e com as diversas transformações, vão-se perdendo nas práticas escolares.

Nesse mesmo sentido, ao rememorar livros de leitura que se fizeram perceber no século XIX, Zilberman (2012, p. 26-27) enaltece a presença e a importância da leitura em voz alta ditada pelos manuais, a exemplo de um dos mais influentes do

período: os livros do professor baiano Abílio César Borges. Para ele, a “boa leitura” e o “ler bem” consistiam, justamente, assim como para Clemente Pinto, na leitura em voz alta¹¹⁸. Com esse mesmo viés, encontra-se a coletânea *Vários estilos*, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)¹¹⁹, que estimula a leitura em voz alta objetivando melhor dizer o texto. É importante percebermos, ainda, que, enquanto a obra de Abílio volta-se a um público mais novo, aos “meninos” da época, a obra *Vários estilos* já é destinada às séries mais avançadas, no que se coaduna com a *Seleção em Prosa e Verso* aqui estudada.

Assim, as leituras promovidas por essas obras destinadas ao público escolar mais maduro, por apresentarem “vários estilos”, podem exemplificar o pensamento de que: “[...] começa-se pelo livro de leitura, encarregado de ajudar a memorizar a linguagem oral elevada, e desemboca-se no conhecimento da literatura, representada por textos modelares de escritores brasileiros” (ZILBERMAN, 2012, p. 28). Para reiterar ainda mais esse pensamento, a autora cita a obra *Língua Pátria*¹²⁰, de A. Joviano, que também sugere um modelo em que “a leitura dos autores consagrados aprimora o gosto literário, de que resulta o bom uso da língua” (ZILBERMAN, 2012, p. 30).

Por fim, vale destacarmos uma significativa afirmação do primeiro prólogo da obra, a que diz respeito à inserção da *Seleção em Prosa e Verso* em uma tradição de obras similares: “Ultimamente, manda a justiça declaremos que neste nosso trabalho muito nos ajudamos de livros congêneres já existentes, como sejam o de Caldas Aulette, o Parnaso Brasileiro e o Novo Secretário de Roquette.” (PINTO, 2001, p. 4). Assim, o que percebemos é o início da constituição de uma tradição de obras brasileiras voltadas à seleção e à organização de textos exemplares para leitura, os

¹¹⁸ Na composição retórica, a *pronunciatio* (fala), razão de ser da oratória.

¹¹⁹ Arnaldo de Oliveira Barreto nasceu em Campinas, São Paulo, em 1869, e faleceu na cidade de São Paulo, em 1925. Era filho de Antonio Jesuino de Oliveira, um farmacêutico gaúcho, e de Aristhéia Brazilian de Lemos Barreto, natural do estado da Bahia, e irmão de René de Oliveira Barreto, também educador paulista e escritor de livros didáticos. Ao longo de sua atuação profissional, Barreto destacou-se pelo conjunto de suas atividades, principalmente por sua produção escrita dedicada ao ensino da leitura: cartilhas e livros de leitura; artigos para revistas; textos pedagógicos traduzidos; e contos infantis recriados.

¹²⁰ JOVIANO, A. Plano das lições. In: _____. *Língua Pátria*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Oriente, 1923.

quais são cuidadosamente escolhidos para cumprir objetivos específicos do ensino humanístico¹²¹.

Já em relação ao segundo prólogo da obra, o da 43ª edição, temo-lo transcrito a seguir, também com linguagem atualizada:

Prólogo da 43ª edição.

Outubro de 1883 – Outubro de 1933.

A “*Seleta em Prosa e Verso*” acaba de completar cinquenta anos de existência. O benévolo e generoso acolhimento que teve durante este longo lapso de tempo, foi para o seu obscuro autor motivo de justo desvanecimento e mais que farto incentivo para que se esforçasse por apresentá-la cada vez mais digna do favor público.

Nesta edição, que aparece acrescentada de novos trechos e notas, e cuidadosamente revista, cumprimos o dever de reiterar ainda uma vez o mais sincero agradecimento aos nossos colegas do magistério, esperando que continuarão a dispensar ao nosso despretensioso trabalho a aceitação com que sempre o favoreceram.

Janeiro de 1934.

O autor. (PINTO, 2001, p. 5).

Ancorado pelo princípio da *captatio benevolentiae*, como já visualizado no texto anterior, no momento da escrita do Prólogo da 43ª edição, a *Seleta em Prosa e Verso* já desfrutava de grande presença no meio escolar, o que justifica seus primeiros 50 anos de existência e sua 43ª edição, em 1936. No entanto, essa permanência não se justifica pela manutenção idêntica das primeiras edições, mas pelo esforço de apresentá-la cada vez mais “digna do favor público” (PINTO, 2001, p. 5). Desse modo, evidenciam-se as motivações para a edição ter sido acrescida de novos trechos, assim como revista de maneira cuidadosa. Além disso, é importante frisarmos a aceitação da obra em meio escolar, o que é comprovado pelos “selos” que indicam o uso da obra nas escolas públicas e privadas, como já delineado.

Ainda, há também o terceiro prólogo da *Seleta*, apresentado na 45ª edição, transcrito a seguir:

Prólogo da 45ª edição.

Quiseram os distintos editores da “*Seleta*” causar-me agradável surpresa, antes que empreenda a grande viagem, da qual ninguém ainda voltou nem jamais voltará – surpresa que consiste em dar ao livro nova feição,

¹²¹ Ao abordar o consumo da literatura na escola, espelhada nas leituras propostas aos alunos por meio dos livros didáticos até a década de 1970, Zilberman (2012, p. 238-241) afirma que essa presença pautava-se em alguns aspectos relacionados à “visão da literatura como meio”, cuja leitura serve para: a transmissão da norma culta; a conservação e a defesa de um padrão elevado da língua, o qual tem como guardião a literatura; a inspiração de valores e de bom gosto; a conscientização de assumir a cidadania; a aquisição de conhecimentos e vantagens pessoais; e a transmissão do patrimônio da literatura brasileira.

introduzindo-lhe consideráveis melhoramentos materiais, o que, estou certo, também não deixará de agradar aos infatigáveis colegas que o adotam no ensino, bem como aos seus discípulos que o manuseiam.

Quanto aos trechos escolhidos, devo declarar que sempre me lembram as seguintes palavras de notável pedagogo: – “*O mestre que só transmite conhecimentos, não passa de um operário; o mestre que forma o caráter do discípulo, esse sim é um artista.*” (Colônel Parker) – por isso dei preferência a assuntos que mais falam ao coração dos jovens, despertando-lhes nos ânimos o respeito da religião e o amor da pátria e da família.

Muito de propósito conservei nesta edição trechos de escritores clássicos, principalmente do incomparável Padre Antônio Vieira, pois, em que pese a certos críticos e prosadores de quotiliquê, esses trechos, no entender dos nossos melhores escritores, ainda hoje podem servir de modelo para os que aspiram a escrever com correção, pureza e elegância a nossa bela língua.

Dezembro de 1936.

O autor. (PINTO, 2001, p. 5).

Mais de 50 anos após a primeira publicação da obra de Clemente Pinto, podemos perceber, por meio do Prólogo à 45ª edição, o que significa quase uma edição a cada ano, que o êxito editorial da *Seleta* deve-se muito à sua adoção no ensino. Sobre isso, uma das primeiras (e importantes) informações acrescentadas nas novas edições (a exemplo da 17ª edição, de 1905), em comparação com as anteriores, é a apresentação, na página de rosto, da seguinte referência: “Adotada nas aulas públicas e em colégios particulares dentro e fora do Estado”. Essa informação, que ocupa, visualmente, o centro da página de rosto, relaciona-se, diretamente, aos comentários inseridos nos prólogos às novas edições, devido à trajetória da *Seleta* e à gradual adoção nas escolas gaúchas. Tal observação também foi discutida por Razzini (1992), no mesmo caminho que Tambara (2008), uma vez que, na *Antologia Nacional*, a autora afirma que esse registro da adoção funcionava:

[...] como uma espécie de selo de qualidade, o que pode levantar a hipótese de que o aval destas instituições, além de nobilitar o consumo do livro, incentivou sua adoção e pode ter sido um dos fatores de sua longa permanência no mercado. (RAZZINI, 1992, p. 8).

Assim, podemos perceber a “honra” da adoção como um dos possíveis critérios para a longa vida editorial das duas obras, uma a nível nacional, e outra, a nível regional. Ademais, destacamos, assim como evidenciado no Prólogo à 1ª edição, os objetivos ideológicos centrados no olhar à religião, à pátria e à família. De maneira semelhante, somam-se a esses aspectos os de “correção, pureza e elegância”¹²²

¹²² Na retórica, chamado de *perspicuitas*, a clareza, melhor forma de compreender o discurso.

(PINTO, 2001, p. 5) da língua, já delimitados no primeiro prólogo, evidenciando o caráter exemplar de apresentação de modelos de redação para aqueles que aspiram a escrever com tais qualidades.

Dessa forma, a partir das leituras dos prólogos existentes (referentes à 1ª edição, à 43ª edição e à 45ª edição, respectivamente), apontamos aspectos composicionais, estruturais, intencionais e funcionais (didáticos) da *Seleto em Prosa e Verso*. Nesse sentido, é importante observarmos alguns pressupostos principais que orientam essa seleção, como a “pátria”, a “família” e a “religião”, mas também a orientação teórica por trás dessas escolhas: os critérios estéticos, formais, conteudísticos e, principalmente, retórico-poéticos. Além disso, a vinculação da obra ao viés escolar é, paulatinamente, reiterada, tendo em vista a aceitação que a *Seleto* foi adquirindo ao longo dos anos, o que comprova sua permanência nas escolas, mas, principalmente, nas memórias dos alunos que por ela passaram ao longo de mais de 115 anos de existência.

Em relação a isso, vale traçarmos um paralelo com os dias atuais, percebendo que a Retórica, guardiã das belas letras e dos belos autores, da forma como apresentada nos prólogos da *Seleto*, não se pratica mais nas salas de aula brasileiras, pelo menos não da forma como antes era abordada. Assim, a formação humanística, em muitos aspectos, diluiu-se, mudando-se de abordagem, já que funcionava, naquela época, porque havia uma instrução voltada para uma elite, para um grupo seleto que não precisava da aquisição de saberes voltados à “praxis”, o que configurava uma educação elitista, não focada no trabalho. Com o tempo e com as mudanças políticas, sociais e culturais, esse objetivo se perdeu; por isso, a herança retórica foi perdendo espaço para aspectos ligados à utilidade do que se aprende nas escolas¹²³, indo de encontro ao que preconizava Clemente Pinto:

Quanto aos trechos escolhidos, devo declarar que sempre me lembram as seguintes palavras de notável pedagogo: – ‘O mestre que só transmite conhecimentos, não passa de um operário; o mestre que forma o caráter do

¹²³ Apesar de, no início do processo de escolarização no Brasil, ainda com os jesuítas portugueses, o ingresso da “literatura” ser pensada pelo seu viés humanístico, com o tempo, houve diversas modificações que exigiram a preparação dos jovens voltadas ao mercado de trabalho. Assim, várias reformas educacionais foram propostas, a exemplo da Benjamin Constant, em 1860; da Rivadávia Correa, em 1911; da Francisco Campos, em 1931; e da Gustavo Capanema, em 1942. Dessa maneira, se, em 1837, por exemplo, com a criação do Colégio Imperial de Pedro II, a finalidade era educar a elite intelectual, econômica e religiosa brasileira (VECHIA, 2005), a reorganização e os novos rumos da educação acabaram por modificar a estrutura escolar e por substituir – cada vez mais – a educação humanista por uma mais científica e técnica.

discípulo, esse sim é um artista.’ (Colónel Parker) – por isso dei preferência a assuntos que mais falam ao coração dos jovens, despertando-lhes nos ânimos o respeito da religião e o amor da pátria e da família. (PINTO, 2001, p. 5).

Na sequência das análises comparativas das oito edições aqui elencadas, partiremos para a observação da organização e da seleção dos textos em cada uma delas.

4.2.1 Comparação dos índices

A partir desta etapa, iniciaremos a discussão das leituras dos textos que compõem a *Seleção*, de modo a percebermos a lógica de escolha entre eles, assim como para relacioná-los com movimentos históricos mais amplos. Para isso, apresentamos o Quadro 1, com o objetivo de esboçar, de forma mais ilustrativa, as permanências e as alterações realizadas ao longo dos anos.

Antes de mergulharmos na análise dos textos selecionados, precisamos entender a organização interna da *Seleção*, que vai além da simples diferenciação entre “prosa” e “verso”, como já alega o título da obra. Há, evidentemente, uma separação em dois grandes grupos de textos, os escritos em prosa e os escritos em verso. Contudo, há uma subdivisão¹²⁴: nos textos em prosa, temos Anecdotas; Contos; Descrições; Retratos e Caracteres; Narrações; História e Biographia; Religião, Moral e Sciencia; e Cartas. Já nos textos em verso, temos Narrações, Apologos, Parabolas, Allegorias; Lyras, Canções, Hymnos e Odes; Descrições e Retratos; e Poesia Epica. Essa divisão, como analisado por Silveira (2000), mostra-nos o atendimento às finalidades traçadas por Clemente Pinto, uma vez que se desenvolve o gosto literário e a arte de escrever como resultado da leitura dos mais variados gêneros, os quais, muitas vezes, são assinados por autores consagrados, como veremos mais adiante.

¹²⁴ Optamos por apresentar a subdivisão encontrada na 1ª edição da *Seleção*, uma vez que as edições subsequentes foram apresentando variações quanto à nomenclatura e/ou o local em que os textos se encontram. Quando necessário, serão feitos os devidos destaques em relação a essas modificações.

Quadro 1 – Comparação dos índices¹²⁵.

(continua)

	1ª ed. <i>Selecta</i> (1884)	6ª ed. <i>Selecta</i> (1897)	17ª ed. <i>Selecta</i> (1905)	44ª ed. <i>Selecta</i> (1936)	47ª ed. <i>Seleta</i> (1940) ¹²⁶	52ª ed. <i>Seleta</i> (1957)	59ª ed. <i>Seleta</i> (2001)
PRIMEIRA PARTE – Prosa							
Anedoctas ^{127 128}							
Contos							
A discórdia é a ruína das famílias e das nações		X		X	X		X
<u><i>A herança de nosso pae</i></u> ¹²⁹	X	X	X	X	X	X	X
A raposa e o bode		X	X	X	X	X	X
A união faz a força		X	X	X	X	X	X
A vingança de um pintor		X	X	X	X	X	X
Apólogo das árvores		X	X	X	X	X	X
<u><i>Arrependimento infantil</i></u>	X	X	X	X	X	X	X
As Aves		X		X	X		X
As rãs pedindo um rei		X	X	X	X	X	X
Cáa-lari		X		X	X		X
<u><i>Christovão Colombo e o ovo</i></u>	X	X	X	X	X	X	X
<u><i>Ninguém deve rir-se dos pobres</i></u>	X	X	X	X	X	X	X
O alfaiate e o banqueiro		X	X	X	X	X	X
<u><i>O assobio</i></u>	X	X ¹³⁰	X	X	X	X	X
O dervixe astucioso		X	X	X	X	X	X
<u><i>O emprego dos domingos e dias santos</i></u>	X	X	X	X	X	X	X
O filho do homem						X	
<u><i>O kalifa e o plantador octogenario</i></u>	X	X	X	X	X	X	X
O leão doente e a rapôsa		X	X	X	X	X	X

¹²⁵ Por questões metodológicas e por obediência à ordem das edições, optamos por ancorar a construção do Quadro 1 tendo como referência a primeira edição da *Seleta em Prosa e Verso*, para, a partir dela, encontrar as modificações surgidas ao longo do tempo.

¹²⁶ Analisamos, ainda, a 46ª edição, publicada no ano anterior, 1939. No entanto, como elas são idênticas, optamos por não a apresentar no Quadro 1, haja vista não existir necessidade por não gerar resultados diferentes ao final da análise.

¹²⁷ Na primeira edição, constam 19 anedotas, as quais são apresentadas em sequência, sem títulos e sem divisão em relação à organização. Por isso mesmo, não constam detalhadas no índice na obra.

¹²⁸ A Seção “Anedoctas” em separado volta a aparecer na 17ª edição de 1905, diferentemente da 6ª edição de 1897, que a apresentava junto à seção “Parábolas, Apólogos, Fábulas, Anedotas”.

¹²⁹ Os textos que se encontram com destaques em *italico* e sublinhado são os que figuram em todas as versões analisadas.

¹³⁰ A partir desta edição, “O assobio – ou não gastes o teu dinheiro em coisas inúteis”.

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

O presente da fada		X	X	X	X		X
O que pode a educação		X	X	X	X	X	X
O sonho de um sabiá		X		X	X		X
O Tamborzinho			X				
O velho e seus tres filhos	X						
Os dois leões		X	X	X	X	X	X
Os dois meninos		X	X	X	X		X
<u>Os passarinhos</u>	X	X	X	X	X	X	X
Os restos do naufrágio		X	X	X	X	X	X
<u>Resignação de mãe</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Um juiz ás direitas</u>	X	X	X	X	X	X	X
Um verdadeiro patriota		X		X	X		X
Descrições							
<u>A Alma</u>	X	X	X	X	X	X	X
A arte da palavra		X	X	X	X	X	X
A aurora polar		X		X	X		X
<u>A baleia</u>	X	X	X	X	X	X	X
A cachoeira de Paulo Afonso		X	X	X	X		X
<u>A cidade de Roma</u>	X	X ¹³¹	X	X	X	X	X
A cidade de Tyro	X					X	
A cidade do Rio de Janeiro	X		X			X	
<u>A flor</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>A formosura</u>	X	X	X	X	X	X	X
A fortuna	X		X	X	X	X	X
A gruta “Casa de Pedra” em Minas Gerais		X	X	X	X	X	X
A guerra	X		X			X	
<u>A ilha dos Nheenghaibas, na boca do Amazonas</u>	X	X	X	X	X	X	X
A inveja	X					X	
A litteratura	X					X	
A luta de carneiro com touro		X		X	X		X
A luta de Mussurana com a Jararaca		X		X	X		X
A mata virgem		X	X	X	X	X	X
<u>A necessidade</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>A peste</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>A piranha</u>	X	X	X	X	X	X	X
A romã	X						

¹³¹ A partir desta edição, “Uma visita a Roma”.

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

<i>A rosa</i>	X	X	X	X	X	X	X
A tocadora de realejo		X	X ¹³²	X	X		X
<i>A tulipa</i>	X	X	X	X	X	X	X
Adágios populares		X		X	X		X
Admiração	X		X			X	
<i>Alcacer</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Amor</i>	X	X	X	X	X	X	X
As flores		X		X	X		X
As formigas pastôras		X	X	X	X		X
As tartarugas marinhas		X	X	X	X		X
<i>Auctoridade</i>	X	X	X	X	X	X	X
Belém do Pará		X	X	X	X	X	X
Cascata da Tijuca	X					X	
Costumes dos povos d'aquelles logares (Pará)	X	X		X	X	X	X
Descrição da igreja de São Francisco de Assis, em São João d'El-Rey (Minas Gerais)		X	X	X	X	X	X
Descrição de um aguaceiro numa fazenda		X	X	X	X		X
Descripção de Joppe (Jaffa)	X					X	
Destruição de Herculanium e Pompéia		X		X	X		X
Estado do Rio Grande do Sul		X		X	X		X
<i>Magnificencia dos Triumphos Romanos</i>	X	X	X	X	X	X	X
Mimetismo		X		X	X		X
<i>Noticias ácerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher</i>	X	X	X	X	X	X	X
O “Quero-quero”		X		X	X		X
O Amazonas		X	X	X	X		X
O caranguejo			X				
O carteiro		X	X	X	X	X	X
O cavalo e o gaúcho		X		X	X		X
O Ceará	X		X			X	
<i>O esquilo</i>	X	X	X	X	X	X	X
O Mar		X		X	X		X

¹³² Nesta edição, “O tocador de realejo”.

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

<i>O pampeiro</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O Rio Grande do Norte</i>	X	X	X	X	X	X	X
O Sol		X		X	X		X
O sonho	X					X	
O terremoto de Lisboa		X	X	X	X		X
Os vulcões		X		X	X		X
Paisagem da Judéa			X				
Pânico na população do Rio, durante a revolta da esquadra em setembro de 1893		X	X	X	X		X
Pão para a bocca						X	
Queima da mata		X		X	X		X
São Sebastião do Rio de Janeiro		X		X	X		X
Sertão bruto		X	X	X	X		X
Tijuca		X	X	X	X		X
Tremores de terra		X		X	X		X
Tremores de terra ou terremotos		X		X	X		X
<i>Um triste</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Varios rios, logares, arvoredos, no interior da provincia do Pará</i>	X	X	X	X	X	X	X
Vianna de Castello			X			X	
Retratos e Caracteres							
A conquista do Sertão		X		X	X		X
Barão do Triunfo		X	X	X	X	X	X
Bocage	X						
Camões e Garrett	X						
D. Vasco da Gama	X		X			X	
Descrição geographica do Brazil			X			X	
Duque de Caxias		X	X	X	X	X	X
El-rei D. Manuel	X						
General Osório		X		X	X		X
Gregorio de Mattos e Eusebio de Mattos	X						
Inteireza dos Andradas				X	X		X
<i>João Francisco Lisboa</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>José Bonifacio de Andrada e Silva</i>	X	X	X	X	X	X	X
José Maurício Nunes Garcia		X		X	X		X
<i>Marquez de Maricá</i>	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

Monte Alverne	X		X			X	
Morte do Barão do Triunfo		X	X	X	X	X	X
O Visconde de Jequitinhonha		X	X	X	X		X
P. Antonio Vieira	X		X			X	
Qualidades morais do Duque de Caxias		X	X	X	X	X	X
Visconde do Rio Branco		X		X	X		X
Narrações							
Apologo	X	X		X	X		X
<i>As cotovias</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>As duas bilhas</i>	X	X	X	X	X	X	X
Atroz vingança de um escravo	X						
<i>Exemplo de amizade</i>	X	X ¹³³	X	X	X	X	X
<i>Exemplo de amor da patria de outra brasileira</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Exemplo de valor de uma brasileira</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Gratidão de um filho e ingratidão de outro</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O castelo de Faria</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O filho prodigo</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O lobo e o cordeiro</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O rico avarento</i>	X	X	X	X	X	X	X
Outro exemplo de valor	X		X ¹³⁴			X	
<i>Teima de um poeta</i>	X	X	X	X	X	X	X
Historia e Biographia							
Brazil – sua posição – suas riquezas naturaes – seu clima	X						
<i>Colonização do Brazil</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Descobrimto do Brazil</i>	X	X	X	X	X	X	X
Manuel Ignacio da Silva Alvarenga	X		X			X	
O estudante hollandez			X			X	
<i>Os jesuitas no Brazil</i>	X	X	X	X	X	X	X

¹³³ A partir desta edição, “Exemplo de bons amigos”.¹³⁴ A partir desta edição, “Outro exemplo de valor de uma brasileira”.

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

<u>Primeiros triunphos oratorios de Vieira</u>	X	X	X	X	X	X	X
Seus habitantes primitivos, costumes e usos d'estes	X						
<u>Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão e desacatos que soffreram o P. Vieira e os demais jesuitas</u>	X	X	X	X	X	X	X
Religião – Moral – Sciencia							
Adágios populares		X	X	X	X	X	X
<u>Amor da familia</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Apparecimento de Jesus Christo</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Maximas extrahidas da sagrada escriptura</u>	X	X	X	X	X	X	X
O Ateísmo		X	X	X	X	X	X
O torrão natal		X		X	X		X
Velha Bandeira		X		X	X		X
<u>Vida de Jesus Christo</u>	X	X	X	X	X	X	X
Cartas							
A uma pessoa pela sua exaltação a um logar eminente	X						
Carta de Alexandre Herculano a Antônio Serpa Pimentel		X	X	X	X	X	X
Carta de pesame que escreveu o Padre Antonio Vieira a certo fidalgo da Côrte			X			X	
Carta de pezames a um amigo que enviuvou	X						
<u>Carta de um professor de boas-lettras dando conselhos a um seu discipulo</u>	X	X	X	X	X	X	X
Carta em que o Padre Antonio Vieira se empenha com o Marquez de Gouvêa a favor de um pretendente a certo logar			X			X	

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

De A. F. de Castilho a Fr. F. do Monte Alverne	X		X			X	
Resposta	X						
Resposta de Fr. F. do Monte Alverne a A. F. de Castilho	X		X			X	
Resposta do Padre Vieira a D. M. da Cunha, não deferindo ao que ella lhe pedira	X		X			X	
Um irmão á sua irmã pela perda de sua mãe	X						
Um tio a seu sobrinho, reprehendendo-o e aconselhando-o	X		X			X	
Uma irmã e seu irmão, annunciando-lhe desgraças da familia	X						
SEGUNDA PARTE – Verso							
Narrações, Apologos, Parabolas, Allegorias							
<i>A cigarra e a formiga</i>	X	X	X	X	X	X	X
A esmola do pobre		X	X	X	X	X	X
A leoa		X	X	X	X		X
<i>A parábola das varas</i>	X	X	X	X	X	X	X
A pomba e a serpente	X						
<i>A raposa e as uvas</i>	X	X	X	X	X	X	X
A rosa e a açucena	X		X			X	
A torrente		X	X	X	X		X
Eu, Antão Verrissimo e a mosca			X			X	
Hymno de amor	X		X			X	
<i>Meus oito annos</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O cão e o tamanduá</i>	X	X	X	X	X	X	X
O carvalho e o caniço		X	X	X	X	X	X
<i>O leão e a raposa</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O leão e o pintor</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O leão e o rato</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O leão velho</i>	X	X	X	X	X	X	X
O passarinho prêso		X	X	X	X	X	X
O prazer da esmola	X		X			X	
O rei e o sapateiro		X	X	X	X	X	X

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

<u>O rio e o regato</u>	X	X	X	X	X	X	X
O Sapoty	X		X			X	
<u>Os dous colleiros</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Os meninos de Sparta</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Os ossos</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Os rafeiros e o gozo</u>	X	X	X	X	X	X	X
Quando eu era pequenino	X		X			X	
Quem pagará o pato?		X	X	X	X	X	X
<u>Recordações da infância</u>	X	X	X	X	X	X	X
Saudades da pátria		X		X	X		X
Sudorífero infalível		X	X	X	X		X
Lyras, Canções, Hymnos, Odes ¹³⁵							
A alavanca de ouro		X		X	X		X
A Caridade		X	X	X	X	X	X
A noite		X	X	X	X		X
A ponte dos suspiros			X			X	
A uma menina no dia em que fazia 15 annos	X		X			X	
A vida		X	X	X	X	X	X
A'minha filha	X		X			X	
Adeus ao mundo		X	X	X	X	X	X
Álvares de Azevedo		X	X	X	X		X
<u>Anjinho</u>	X	X	X	X	X	X	X
Aos revolucionários de 1817		X		X	X		X
As pombas		X	X	X	X		X
<u>Ave Maria</u>	X	X	X	X	X	X	X
Ave, Aurora	X						
Canção á morte de Ignez de Castro	X						
Canção do exilio	X		X			X	
<u>Cantico de David</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Hymno á Senhora das Dôres</u>	X	X	X	X	X	X	X
Hymno á tarde	X		X			X	
Hymno ao Senhor	X						
<u>Hymno dos bravos</u>	X	X	X	X	X	X	X
Língua portugueza		X		X	X		X
Lyra	X		X			X	
Mal secreto		X		X	X		X
<u>Marilia de Dirceô</u>	X	X	X	X	X	X	X
<u>Napoleão em Waterloo</u>	X	X	X	X	X	X	X
Sete de Setembro		X	X	X	X		X

¹³⁵ Na edição de 1897 (6. ed.), acresce-se “sonetos” na seção: “Lyras, Canções, Hinos, Odes, Sonetos”.

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(continuação)

Soneto		X		X	X		X
SONETOS		X			X	X	X
Triste filosofia		X		X	X		X
Velhas árvores		X		X	X		X
Visita à casa paterna		X	X	X	X		X
Sonetos ¹³⁶							
Aos anos de uma menina [1]			X				
Aos anos de uma menina [2]			X				
Despedida a um filho			X				
Em resposta a seu pae			X				
Na presença de uma grande trovoad			X				
Descrições e Retratos							
A criação do mundo	X						
A primavera	X	X		X	X		X
A vida do campo	X		X			X	
Marília	X		X			X	
Os primeiros anos da vida do auctor	X		X			X	
<i>Retrato de Gonzaga</i>	X	X	X	X	X	X	X
Retrato de Marília	X		X			X	
Saudosas recordações de Marília	X	X				X	
Ternos queixumes	X		X				
Um quadro sentimental	X	X	X	X	X		X
Um toucado	X	X	X	X	X		X
Uma partida de gamão	X	X	X	X	X		X
<i>Uma tarde triste</i>	X	X	X	X	X	X	X
Sátiras e Epigramas ¹³⁷							
A moléstia e a cura		X	X	X	X	X	X
A um avarento		X	X	X	X	X	X
A um esfaimado			X			X	
A um homem extremamente feio		X	X	X	X	X	X
A um maldizente			X			X	
A um procurador		X	X	X	X	X	X
Aviso aos decoradores		X	X	X	X	X	X
Ignorante diplomado		X	X	X	X	X	X

¹³⁶ Na 17ª edição de 1905, "Sonetos" aparece como uma nova seção.

¹³⁷ Seção nova da 6ª edição de 1897 em comparação à 1ª edição (1884).

Quadro 1 – Comparação dos índices.

(conclusão)

O “não posso” dos negligentes, e o “não quero” dos contumazes		X	X	X	X	X	X
O letrado			X			X	
Os arlequins		X	X	X	X	X	X
Os dois consortes		X	X	X	X	X	X
Uma tunda			X			X	
Poesia Épica							
<i>A existência de Deus</i>	X	X	X	X	X	X	X
A morte de Tapir		X	X	X	X	X	X
A visão		X		X	X		X
<i>Assumpto e invocação do Poema Caramurú</i>	X	X ¹³⁸	X ¹³⁹	X ¹⁴⁰	X ¹⁴¹	X ¹⁴²	X ¹⁴³
Batalha de Aljubarrota	X		X			X	
Descobrimto da América		X	X	X	X	X	X
<i>Episódio de Ignez de Castro</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>Introdução do poema Uruguay</i>	X	X ¹⁴⁴	X	X	X	X	X
Morte da Cleopatra Guarany	X		X ¹⁴⁵			X	
<i>Morte de Moema</i>	X	X	X	X	X	X	X
<i>O Brazil e seus fructos</i>	X	X	X	X	X	X	X
O gigante Adamastor		X		X	X		X
Partida de Vasco da Gama de Lisboa	X		X			X	
<i>Poema de Assunção</i>	X ¹⁴⁶	X	X ¹⁴⁷	X	X	X ¹⁴⁸	X ¹⁴⁹
Uma tempestade no mar		X		X	X		X
Hino Nacional Brasileiro		X ¹⁵⁰			X		X

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das edições analisadas.

¹³⁸ Nesta edição, “Caramuru”.

¹³⁹ Nesta edição, “Caramurú (assumpto e invocação)”.

¹⁴⁰ Nesta edição, “Caramurú”.

¹⁴¹ Nesta edição, “Caramurú”.

¹⁴² Nesta edição, “Caramurú (assumpto e invocação)”.

¹⁴³ Nesta edição, “Caramuru”.

¹⁴⁴ A partir desta edição, “Poema do Uruguai”.

¹⁴⁵ A partir desta edição, “Morte de Lindoya, a Cleopatra Guarany”.

¹⁴⁶ Nesta edição, “Rio de Janeiro”.

¹⁴⁷ Nesta edição, “Poema da Assumpção (Rio de Janeiro)”.

¹⁴⁸ Nesta edição, “Poema d’Assumpção (Rio de Janeiro)”.

¹⁴⁹ Nesta edição, “Poema da Assunção”.

¹⁵⁰ Inserido na seção “Poesias Épicas”.

Inicialmente, é importante tecermos alguns comentários sobre a perspectiva poética bastante conservadora dos textos que compõem a obra, muito centrados em um cânone de perspectiva neoclassicista. Ao lado de outros grandes textos, questionamo-nos o que é literário nesses textos, e se esse critério teria sido utilizado como um dos primordiais na seleção empreendida. Isso porque, conforme percebemos, critérios temáticos e morais, muitas vezes, parecem se sobressair na escolha dos excertos apresentados. Em termos de formação de leitores, indagamos qual seria o resultado dessa leitura, já que encontramos sintomas de circulação da *Seleta* em muitos momentos, tendo em vista as citações da obra presentes em textos posteriores.

Conforme brevemente pontuado, a organização da obra foi sofrendo, com o tempo, algumas modificações internas quanto aos locais em que cada texto se encontra. Por isso, podemos notar, inclusive, algumas modificações no próprio índice das edições, já que as denominações para cada “gênero” também foram sendo alteradas. No entanto, tendo em vista as delimitações deste trabalho, assim como os objetivos inicialmente propostos, a análise e a reflexão dessas modificações não serão por ora discutidas. Não entendemos, com isso, que esse olhar não nos traria resultados importantes para as considerações geradas, porém, haja vista o objetivo principal de reconstruir historicamente a trajetória da *Seleta*, acreditamos que, em termos de permanência e de memória de uma tradição escolar, a compreensão dos textos que nela figuram aparece como necessidade primordial.

Assim, a partir do Quadro 1, foram percebidos alguns caminhos editoriais pelos quais a *Seleta* passou e, por meio desse primeiro levantamento quanto aos textos por ela organizados, elencamos as seguintes categorias de análise: os textos “rejeitados” pela *Seleta em Prosa e Verso*; os textos “adotados” pela *Seleta em Prosa e Verso*; e os textos “imortalizados” pela *Seleta em Prosa e Verso*. Essa última categoria intitula a seção seguinte, a qual aborda os textos que sobreviveram a todas as 59 edições da obra, estando presentes em todas elas. Tendo em vista o olhar histórico voltado à análise proposta neste trabalho, julgamos pertinente a escolha pela discussão dos textos que fizeram parte do patrimônio construído pela *Seleta em Prosa e Verso*, os quais constituem a essência de sua tradição.

4.2.2 Os textos “imortalizados” pela e na *Seleta em Prosa e Verso*

Para análise dos textos presentes em todas as versões analisadas (os destacados com *itálico* e sublinhado no Quadro 1), ou seja, os que foram e estão “imortalizados” pela e na *Seleta*, optamos por partir pela ordem dos textos apresentada na versão mais recente da obra: a 59ª edição, de 2001. Além disso, essa escolha também está pautada pelo critério de atualização vocabular, já que, em alguns momentos, algumas referências a trechos serão necessárias para ilustrar as discussões levantadas. Buscando, então, uma melhor visualização e apresentação, pautaremos a discussão a seguir a partir da divisão proposta pelo índice da edição, ilustrado no Quadro 2:

Quadro 2 – Índice da 59ª edição (2001).

PROSA
CONTOS – Narrações – Lendas
Parábolas, Apólogos, Fábulas, Anekdotes
Descrições
História, Bibliografia, Retratos e Caracteres
Religião – Moral
Cartas
VERSO
Narrações, Apólogos, Parábolas, Alegorias
Liras, Canções, Hinos, Odes, Sonetos
Descrições e Retratos
Sátiras e Epigramas
Poesias Épicas

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do índice.

Iniciando pelos textos em prosa, o que já nos indica um caminho pedagógico dos textos “mais fáceis” para os “mais complexos” em se tratando de leitura, a seção “CONTOS – Narrações – Lendas” apresenta 16 textos que permaneceram ao longo das edições: “Cristóvão Colombo e o ovo”, tradução; “Um juiz às direitas”, tradução; “A herança de nosso pai”, tradução; “Ninguém deve rir-se dos pobres”; “O assobio – ou – não gastes o teu dinheiro em coisas inúteis”, tradução; “Arrependimento infantil”, de Mendes Leal (1820-1886)¹⁵¹; “Os passarinhos” e “Resignação de mãe”, ambos de

¹⁵¹ Escritor, dramaturgo, jornalista, biógrafo, diplomata, poeta e político português, de nome completo José da Silva Mendes Leal Júnior, nascido a 18 de outubro de 1820, em Lisboa, e falecido a 22 de agosto de 1886, em Sintra, também Portugal.

A. F. de Castilho (1800-1975)¹⁵²; “O Califa e o plantador octogenário”, de Latino Coelho (1825-1891)¹⁵³; “O emprego dos domingos e dias santos”, de Rodrigo Paganino (1835-1863)¹⁵⁴; “Gratidão de um filho e ingratidão de outro”, tradução; “Exemplo de bons amigos”, tradução; “Teima de um poeta”, novamente de A. F. de Castilho; “Exemplo de valor de uma brasileira” e “Exemplo de amor da pátria de outra brasileira”, ambos de J. Norberto de Sousa e Silva (1820-1891)¹⁵⁵; e “O castelo de Faria”, de Alexandre Herculano (1810-1877)¹⁵⁶.

O que todos os textos apresentam em comum é um caráter de ensinamento moralizante, o qual é pautado, muitas vezes, nos objetivos de formação de jovens seguidores dos princípios da moral religiosa, cuja imagem central encontra-se na figura de Deus, assim como no ideal de subserviência à Pátria, na construção de uma imagem patriótica do bom brasileiro. Nesse primeiro conjunto de textos, diversos valores são transmitidos por meio de personagens que os vivenciam nas próprias narrativas, o que é construído a partir de exemplos positivos (aqueles que crescem na vida) e de exemplos negativos (os que escolhem o caminho errado e não devem ser imitados). Dessa maneira, por apresentarem situações vividas por personagens que muito se assemelham aos homens da vida real, como aqueles com os quais os jovens têm ou poderão vir a ter contato, as narrativas transmitem um ensinamento por meio do exemplo.

Alguns temas e algumas figuras aparecem com recorrência nesse primeiro conjunto, os quais também já foram abordados por Eco e Bonazzi (1980). É o caso dos textos que giram em torno da figura do “pobre”, assim como os que abordam a esmola e o trabalho:

¹⁵² De nome completo Ant3nio Feliciano de Castilho, foi um escritor romântico português e pedagogo, inventor do Método Castilho de leitura, um método de ensino infantil da leitura baseado na utilização de uma cartilha.

¹⁵³ José Maria Latino Coelho, mais conhecido por Latino Coelho, militar, escritor, jornalista e político português, notável por suas obras de cunho histórico e ensaístico.

¹⁵⁴ Rodrigo Botelho da Fonseca Paganino Júnior foi um reconhecido médico, escritor, tradutor e jornalista português.

¹⁵⁵ “Funcionário público, poeta, romancista, teatrólogo, polígrafo, pesquisador e biógrafo. Colaborou em vários periódicos e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para a qual entrou em 1841, tendo chegado a presidente do órgão. Sua atividade literária foi intensa e seus estudos têm validade para o conhecimento do passado literário do Brasil, dispersos na Revista do IHGB, na ‘Revista Popular’, na ‘Minerva Brasileira’. É na crítica e história literária que reside a sua melhor contribuição através de estudos, memórias, edições anotadas de autores brasileiros.” Informações disponíveis em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=6718>. Acesso em: 20 mar. 2021.

¹⁵⁶ De nome completo Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, foi um escritor, historiador, jornalista e poeta, um dos principais autores do Romantismo em Portugal, ao lado de Almeida Garrett e Ant3nio Feliciano de Castilho.

[...] os pobres [...] são considerados como uma espécie de produto da natureza, imaginado pelo céu, para dar ao rico ocasiões de demonstrar a sua bondade, assim, também, quem trabalha parece condenado à sua sina, por uma espécie de decreto divino. [...] O trabalho, pois, é fadiga, porém a fadiga é alegria e, portanto, o trabalho não é fadiga. (ECO; BONAZZI, 1980, p. 29).

Exemplo desses posicionamentos são encontrados, por exemplo, em “A herança de nosso pai”, cujo núcleo temático está na discussão da importância da esmola na sociedade como um dever dos mais ricos. Além disso, em “Resignação de mãe”, há uma velha e pobre senhora que, apesar de sua situação degradante e de desamparo, aceita sua condição e agradece pelo trabalho: “Deus em sua bondade nos há dado o pão de cada dia; e não há aí tantos que não o têm? Mercê de Deus, possuímos este abrigo, e quantos há que não sabem aonde se hão de recolher?” (PINTO, 2001, p. 30).

Além disso, percebemos também, nesse conjunto de textos, o que Eco e Bonazzi (1980, p. 61) apresentaram como os aspectos relacionados à “família”: “[...] é dada uma educação tendo em vista uma concepção saudável da família, quando se fala do trabalho, da pobreza, do dinheiro, da natureza e da pátria (a família como produção de heróis)”. Esses temas também se percebem em “Resignação de mãe”, já citado, mas ainda aparecem em “Gratidão de um filho e ingratidão de outro”, narrativa que tem como lição o quarto mandamento bíblico “Honra teu pai e tua mãe, para que sejas feliz” (PINTO, 2001, p. 41). De mesma forma, “Exemplo de amor da pátria de outra brasileira” apresenta uma mãe que vence seus sentimentos e sofrimentos maternos para dar o maior exemplo de amor pela pátria: apesar de perder alguns de seus filhos e genro na guerra, ela orienta os que ainda restaram para que lutem bravamente em defesa de seu país, já que é preciso servir heroicamente “[...] a Deus como a el-rei, e não menos à pátria [...]” (PINTO, 2001, p. 59).

Nesse caminho, aparece também a “educação cívica”, ao que Eco e Bonazzi (1980) chamam os princípios da convivência e da solidariedade social, sentimentos que aparecem em diversas das narrativas até então apresentadas pela *Seleta*. Em “Cristóvão Colombo e o ovo”, mostra-se o caráter negativo da inveja, um dos pecados capitais; em “Um juiz às direitas”, tematiza-se o lado negativo da avareza e a força da humildade e da justiça; em “Ninguém deve rir-se dos pobres”, o foco está na importância da compaixão e da ajuda aos mais desprovidos”, assim como em “Os passarinhos”, que apresenta o valor social da solidariedade.

Ainda, essa solidariedade seria um reflexo de Deus nas ações do homem, o que é bastante comum nessas narrativas, a exemplo do trecho de “Os passarinhos”: “[...] Deus nunca abre de suas mãos os seus” (PINTO, 2001, p. 24), ou seja, apesar de todas as adversidades, sempre haverá um Deus a olhar pelo homem: “Se eu morrer antes de ti, ficarás tu sendo pai de meus filhos; se tu morreres primeiro que eu, serei eu pai dos teus. E, se ambos morreremos [...], terão por pai aquele que mora nos céus” (PINTO, 2001, p. 24). Assim, percebemos relações com o já apresentado por Eco e Bonazzi (1980, p. 78-79): “Desta forma, a colaboração cívica, também, pode ser enquadrada no campo da caridade e sai da história e da realidade civil e social, para colocar-se no céu dos valores eternos, os únicos dignos de confiança”.

Em “O assobio – ou – não gastes o teu dinheiro em coisas inúteis”, percebe-se a importância de destinar o dinheiro, o tempo e as ações para o que realmente importa, de modo a fugir das futilidades da vida. Assim, ilustra-se a valorização dos objetos e das pessoas, buscando a consciência de não se ater às frivolidades que o destino nos impõe: “[...] os homens preparam por suas próprias mãos o maior número das suas infelicidades, não sabem apreciar o valor das coisas e pagam muito caro os seus assobios” (PINTO, 2001, p. 16, grifo do autor). É nessa mesma linha de pensamento que está o enredo de “O emprego dos domingos e dias santos”, o qual apresenta três personagens que praticam diferentes ações em seu dia a dia. Por meio do exemplo, principalmente tendo em vista o destino de cada um deles ao final do enredo, mostra-se a importância do estudo mas, principalmente, do ato de poupar dinheiro:

O dinheiro, nos livros didáticos, existe a priori e é dos ricos. O dever dos ricos é praticar a caridade. Os pobres também podem acumular algum dinheiro, através da poupança. Quem tem dinheiro, deve lutar para obter mais e quem não tem dinheiro deve poupar. (ECO; BONAZZI, 1980, p. 121).

Assim, esses valores estão em confluência com o último tema abordado pelos autores: “a caridade e a previdência social”. A exemplo dos textos “Um juiz às direitas”, “A herança de nosso pai”, “Ninguém deve rir-se dos pobres” e “Os passarinhos”, todos já previamente citados, percebemos que:

[n]um mundo no qual os ricos são ricos e os pobres são pobres (mas felizes) a única forma de justiça social é dada pela caridade. [...] Deve-se notar que se trata sempre de caridade individual, de pobre para pobre ou, no máximo, de rico para pobre. (ECO; BONAZZI, 1980, p. 127).

Já na segunda parte do índice dos textos em prosa, “Parábolas, Apólogos, Fábulas, Anedotas”, ainda nos textos em prosa, encontramos cinco textos que permaneceram nas páginas da *Seleta* ao longo de todas as edições: “O filho pródigo” e “O rico avarento”, ambos de J. B. de Castro (1700-1775)¹⁵⁷; “As cotovias”, “O lobo e o cordeiro” e “As duas bilhas”, os três de M. Bernardes (1644-1710)¹⁵⁸. De extensão mais curta e leitura mais rápida, os textos mantêm o tom moralizante, como é esperando nesses gêneros textuais, assim como o ensinamento busca a ser transmitido por meio do exemplo, da ilustração e da comparação.

“O filho pródigo” é uma das parábolas mais conhecidas atribuídas a Jesus, conforme se vê no evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos de 11 a 32 (BÍBLIA, p. 1586-1567), na qual é dada sua herança a um filho mais novo. No entanto, sem consciência e movido por desejos pecaminosos, ele gasta todo seu dinheiro e vê-se em situação deplorável, não restando outra opção que não seja retornar à casa do pai arrependido. O filho mais velho, porém, sempre ao lado do pai e seguindo seus passos, mostra-se muito triste ante a situação, já que o irmão mais novo foi perdoado e acolhido. O pai, entendendo a posição do filho, acalma seu coração, dizendo que tudo o que é dele é também de seu filho mais velho, ensinando-lhe que o amor de pai supera as ações imorais e que não se deve sentir inveja dos outros, pois cada um terá sua valorização.

Na sequência, apresenta-se outra conhecida parábola bíblica: “O rico avarento”. Nessa narrativa, existem dois homens: um rico e um pobre. O rico, muito avaro e sem olhar para os necessitados, vive sua vida esbanjando o que há de melhor. O pobre, muito humilde e sem ter o que fazer, acaba moribundo e implorando por comida, sem ser percebido pelo homem rico. Ambos os homens vêm a padecer no mesmo dia, porém o destino de cada um deles é diferente: o pobre é levado ao Limbo, enquanto o rico foi sepultado no inferno. Em sofrimento insuportável, o rico implora

¹⁵⁷ João Bautista de Castro nasceu em Lisboa e foi um padre Beneficiado na Santa Basílica Patriarcal de Lisboa.

¹⁵⁸ Manuel Bernardes nasceu em Lisboa e foi educado pelos jesuítas, sendo um dos maiores clássicos da prosa portuguesa. Seus escritos caracterizam-se pela pureza da linguagem, com a qual tentou exercer uma ação moralizadora, usando a crítica de costumes e apelando para a emoção em vez do desenvolvimento intelectual da doutrina. É famosa sua citação em *Luz e Calor* (1696): “Não há modo de mandar, ou ensinar mais forte, e suave, do que o exemplo: persuade sem retórica, impele sem violência, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as dúvidas desata, e corta caladamente todas as desculpas. Pelo contrário, fazer uma coisa, e mandar, ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida.” (BERNARDES, 1871, p. 174).

para que o pobre possa auxiliá-lo naquela situação, saindo de seu lugar de conforto para acalmar sua dor, levando-lhe um pouco de água. Não alcançando seu pedido, o homem rico pede, então, que pelo menos possa retornar para avisar a seus irmãos o que lhe estava sucedendo, para que pudessem mudar seus comportamentos e não ter um fim como o dele. A esse pedido, Abraão lhe responde: “Eles lá têm Escrituras e Profetas, a quem podem ouvir” (PINTO, 2001, p. 76), indicando que os princípios de todas as ações encontram-se nas palavras de Deus. Assim, a narrativa evidencia que o arrependimento tardio, já que muitos, principalmente os ricos e avaros, só sentem depois de perderem suas comodidades, de nada adianta, uma vez que os ensinamentos estão todos nos escritos de Deus, à disposição de todos.

Caminhando para a terceira parte: “Descrições”, localizamos 21 textos que se fizeram presentes nas 51 edições da *Seleta*: “O Pampeiro”, de José de Alencar (1829-1877)¹⁵⁹; “A baleia”, de Augusto Felipe Simões (1835-1884)¹⁶⁰; “A piranha”, de Celso Magalhães (1849-1879)¹⁶¹, “O esquilo”, tradução; “A ilha dos Nheengaíbas, na boca do Amazonas”, de P. Antônio Vieira (1608-1697)¹⁶²; “Descrição de vários rios, lugares, arvoredos, campinas, etc., no interior do Pará” e “Notícia acerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher”, de Dr. Fr. Caetano Brandão (1740-1805)¹⁶³; “O Rio Grande do Norte”, de J. C. da Gama e Abreu (Barão de Marajó) (1832-1906)¹⁶⁴; “Uma visita a Roma”; “Alcácer”, de Alexandre Herculano; “A alma” e “A formosura”, ambos novamente de P. Antônio Vieira; “A flor”, “A tulipa” e “A rosa”, de A. F. de Castilho; e “Magnificência dos triunfos romanos”, “Um triste”, “O amor”, “A autoridade”, “A necessidade” e “A peste”, todos de P. Antônio Vieira (1608-1697).

Diferentemente dos textos anteriores, esses trechos, como o próprio nome da seção em que se encontram já indica, descrevem os mais diversos temas; porém, no

¹⁵⁹ José de Alencar foi um grande nome da literatura brasileira: romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político. Um dos maiores representantes da corrente literária indianista e o principal romancista brasileiro da fase romântica.

¹⁶⁰ Augusto Filipe Simões foi um médico, investigador e escritor nascido em Coimbra. Foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e Bibliotecário interino da Biblioteca da Universidade.

¹⁶¹ Celso Tertuliano da Cunha Magalhães, mais conhecido como Celso de Magalhães, foi um escritor brasileiro e o pioneiro dos estudos sobre o folclore no Brasil.

¹⁶² Antônio Vieira, em português europeu, mais conhecido no Brasil como Padre Antônio Vieira, foi um religioso, filósofo, escritor e orador português da Companhia de Jesus. Vários trechos de suas produções aparecem na *Seleta*.

¹⁶³ Caetano da Anunciação Brandão foi um prelado português da Igreja Católica, sendo bispo do Belém do Grão-Pará e Arcebispo de Braga.

¹⁶⁴ José Coelho da Gama e Abreu, conhecido como “Barão de Marajó”, foi um político e historiador brasileiro e membro da Academia das Ciências de Lisboa.

conjunto dos trechos, percebemos um olhar bastante forte voltado à natureza e à sua exuberância. Aqui, também são inseridos alguns aspectos regionais, ilustrados pela descrição do gaúcho “pampeiro”, no texto de Alencar. Nas descrições apresentadas, percebemos um ideal nacionalista bastante presente, no sentido de promover uma exaltação daquilo que é “nosso”, de forma a não exaltar somente os textos portugueses:

Talvez este critério de incluir preferencialmente textos comprometidos com a nacionalidade, remetendo ao tema da ‘nossa terra’, seja marca fundamental [...]: para os românticos, era necessário tematizar a pátria, mesmo que do ponto de vista europeu, salientando o exotismo de nossa natureza exuberante, ou o índio como símbolo, no passado, da resistência à dominação estrangeira. (RAZZINI, 1992, p. 40).

A presença de trechos que ressaltam a natureza nacional, assim como de trechos que descrevem a beleza de animais e plantas, são representativos dessa visão romântica, que busca enaltecer os aspectos ligados ao Brasil e, conseqüentemente, à Pátria, indo ao encontro de trechos anteriores que já enalteciam a importância do patriotismo. Além disso, evidencia-se, também, a figura dos indígenas, elogiada junto à natureza brasileira, a exemplo do trecho da carta de P. Antônio Vieira, no qual se ilustra a altivez e a inteligência dos indígenas em se defenderem das explorações portuguesas.

Nesse sentido, percebemos a defesa de uma ideologia nacional e, por vezes, também regionalista, em uma tentativa de construção de uma imagem de Brasil a partir das descrições selecionadas. Isso se justifica, também, devido ao período histórico de produção da *Seleção em Prosa e Verso*, decisivo para a afirmação de uma nacionalidade brasileira. Assim, a seleção dos textos poderia passar a contribuir a uma transição de uma identidade ainda atrelada à Portugal, para uma ideologia nacional de uma nação forte e independente. No entanto, essa imagem, evidentemente, não exclui os textos de autores portugueses, tampouco recusa a influência e a importância desse patrimônio para as letras e para a formação dos jovens leitores.

Para ilustrar, analisemos “Descrição de vários rios, lugares, arvoredos, campinas, etc., no interior do Pará”, de Dr. Fr. Caetano Brandão. No excerto, assinado por um religioso português, percebemos, a exemplo da famosa e até hoje lida e ensinada – ou melhor, citada nos livros didáticos – *Carta do Descobrimento*, de Pero

Vaz de Caminha, o olhar português frente às exuberâncias da natureza encontrada no território: “Entramos no rio Paoaru, um dos mais belos, [...]; todos os sentidos, aqui acham encanto que os transportam [...] tudo forma a mais agradável perspectiva.” (PINTO, 2001, p. 130). A natureza molda, à vista do olhar de quem escreve, uma imagem de beleza e encantamento, típica do território brasileiro.

Em “História, Bibliografia, Retratos e Caracteres”, quarta parte do índice dos textos em prosa, encontramos oito trechos recorrentes: “Descobrimento do Brasil”, de I. F. Silveira da Mota (1836-1907)¹⁶⁵; “Colonização do Brasil” e “Os Jesuítas no Brasil”, de J. Norberto de Sousa e Silva (1820-1891); “Primeiros triunfos oratórios do Padre Vieira” e “Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão e desacatos que sofreram o P. Vieira e os demais jesuítas”, de João Francisco Lisboa (1812-1863)¹⁶⁶; “José Bonifácio”, de Oliveira Martins (1845-1894)¹⁶⁷; “Marquês de Maricá”, de Araújo Porto Alegre (1806-1879)¹⁶⁸; e “João Francisco Lisboa”, de Antônio Henrique Leal (1828-1885)¹⁶⁹.

Esse conjunto de textos imortalizados em todas as edições da *Seleta* representa a importância da história nacional para a formação dos estudantes. Os dois primeiros textos recuperam dois movimentos históricos de extrema importância para a memória nacional: o Descobrimento do Brasil e a Colonização do Brasil, ou melhor, dos povos aqui presentes, com o início dos empenhos dos jesuítas e com a descrição da primeira missa realizada no novo território. Nesse mesmo sentido segue “Os Jesuítas no Brasil”, apresentando uma descrição detalhada dos esforços na busca por levar a catequização aos índios. Atualmente, esses momentos históricos aparecem com bastante frequência, nos livros didáticos, quando da apresentação da literatura chamada “colonial”, acompanhada, muitas vezes, pelas telas “Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500”, também conhecida como “Descoberta do Brasil”, de Oscar Pereira da Silva, finalizada em 1900, e “Primeira missa no Brasil”,

¹⁶⁵ Inácio Francisco Silveira da Mota, jornalista, escritor e político, nasceu em Lisboa. Homem de letras, deixou colaboração em diversos jornais e revistas de índole histórica e literária.

¹⁶⁶ João Francisco Lisboa foi um jornalista, crítico, historiador, orador e político. Nasceu em Pirapemas, no Maranhão, e faleceu em Lisboa, Portugal. É o patrono da cadeira n. 18 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador José Veríssimo.

¹⁶⁷ Joaquim Pedro de Oliveira Martins foi um historiador, político e cientista social português.

¹⁶⁸ Manuel José de Araújo Porto Alegre foi um escritor, político, jornalista, pintor, caricaturista, arquiteto, crítico, historiador de arte, professor e diplomata brasileiro. Nasceu em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, e acabou por falecer em Lisboa, Portugal.

¹⁶⁹ Antônio Henriques Leal nasceu em Cantanhede, no Maranhão, e foi um médico, jornalista e escritor brasileiro.

produzida em 1860, por Victor Meirelles, as quais representam esses dois acontecimentos históricos.

Em “Descobrimento do Brasil”, de I. F. Silveira da Mota, encontramos, no trecho final, um ideal que resume os temas e as visões apresentadas pelos textos dessa seção:

Hoje o Brasil é vastíssima república, vívida, esperançosa e livre. Emancipado da metrópole, não só pelos sucessos políticos que se realizaram no primeiro quartel do século passado, mais ainda pela lógica natural do progresso das sociedades, está destinado, pela sua posição geográfica, pela excelência do clima, pelas riquezas que possui, e peio patriotismo dos seus habitantes a desempenhar um grande papel na história do Novo Mundo. Possa o povo infante, filho e em tudo descendente duma nação pequena, mas nobilíssima, viver e prosperar por muitos séculos, dando exemplo de sabedoria e de humanidade às velhas monarquias da Europa, que se julgam mais civilizadas, e que só têm mais poder ou fortuna. (PINTO, 2001, p. 182-183).

Alguns nomes importantes aparecem retratados, descritos e elogiados nos textos: Padre Antônio Vieira, José Bonifácio de Andrada, Marquês de Maricá e João Francisco Lisboa. Sobre o primeiro, retoma-se sua figura desde o início de sua trajetória em território brasileiro, com as primeiras atuações nos colégios e nas missas, e sobre sua inigualável oratória: “[...] arguia com tanta sutileza, ardor e vivacidade, que era o pasmo de quantos o viam e ouviam.” (PINTO, 2001, p. 189). A respeito de José Bonifácio, conhecido pelo epíteto de “Patriarca da Independência”, devido a seu papel decisivo na emancipação do país, exalta-se sua trajetória e sua participação na história nacional por “[ter escolhido] para si o papel de fundador do Brasil” (PINTO, 2001, p. 193) e por ter lutado para que tal fato se concretizasse. Sobre Marquês de Maricá e João Francisco Lisboa, também se acrescentam descrições físicas, ao lado do enaltecimento de suas inteligências e cultura acima da média.

Na quinta parte - “Religião – Moral” - dos textos em prosa, localizamos apenas três recorrências: “Aparecimento de Jesus Cristo” e “Vida de Jesus Cristo”, de Chateaubriand (1768-1848)¹⁷⁰, traduzidos por Camilo Castelo Branco (1825-1890)¹⁷¹; e “Amor da família”, de I. F. H. Nogueira. Em todos os textos, assim como já era de esperar, retoma-se o aspecto moral e religioso, apresentando, agora a figura de Jesus

¹⁷⁰ François René Auguste de Chateaubriand, também conhecido como visconde de Chateaubriand, foi um escritor, ensaísta, diplomata e político francês.

¹⁷¹ Camillo Ferreira Botelho Castello Branco foi um escritor português, romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. Foi um dos escritores mais importantes da literatura portuguesa, especialmente do século XIX.

Cristo como o exemplo maior de todos os ensinamentos já abordados em narrativas anteriores:

Puro e sagrado como o tabernáculo do Senhor, respirando só amor de Deus e dos homens, infinitamente superior à glória vã do mundo, [o Cristo] prosseguia, através das dores, a grande empresa da nossa salvação, forçando os homens com a superioridade das suas virtudes, a abraçar-lhe a doutrina e a imitar uma vida que força [forçoso] lhes era admirar. (PINTO, 2001, p. 212).

Assim também direciona o texto “Amor de família”, podendo-se retomar as narrativas apresentadas no início da seleção apresentada na *Seleção*, as quais narram enredos familiares que exemplificam a importância do amor à família e do cumprimento dos deveres domésticos. Agora, são apresentados de forma direta os deveres de todos aqueles que compõem a família: a mãe, o pai e os filhos, cada um exercendo seu papel pautado nos preceitos divinos.

Para finalizar a etapa dos textos em prosa, encontramos, nas “Cartas”, os dois seguintes textos que se repetem nas edições: “Carta de um professor de belas letras, na qual dá conselhos a um seu ex-discípulo” e “Máximas extraídas da Sagrada Escritura”. No primeiro texto, são apresentados conselhos de um mestre a um ex-aluno sobre o ato da tradução. Na carta, ressalta-se a importância de boas traduções para a preservação da língua nacional, assim como se faz referência à necessidade de ancorar-se nos exemplos de escrita que já fazem parte da tradução: “Desejaria muito que V. Sa. não se metesse a tradutor de periódicos e gazetas, sem ter primeiro traduzido bons trechos dos autores clássicos, mormente os familiaristas.” (PINTO, 2001, p. 220). Para encerrar a primeira parte da *Seleção*, apresentando os textos em prosa, finaliza-se com a apresentação de máximas bíblicas. Podemos entender a presença desses trechos, ao final dessa parte, também como uma forma de reiterar os ideais defendidos ao longo da seleção dos textos, por exemplo:

Toda a sabedoria vem de Deus, e com Ele esteve sempre e está antes de todos os séculos.
 Tem todo o teu pensamento nos preceitos de Deus e se muito assíduo nos seus Mandamentos. Ele mesmo te dará coração e o desejo de sabedoria.
 A sabedoria é mais estimável que as forças: o homem prudente vale mais do que o valeroso.
 O preguiçoso não quis trabalhar por causa do frio; mendigará no verão e não achará quem o socorra.
 Não trates mal o servo que trabalha com fidelidade, nem o mercenário que todo se dá a servir-te, e não o deixes cair em pobreza.
 Honra a teus pais em ações e palavras, e em toda a paciência.

[...]

Quão infame é o que desampara seu pai! E quão amaldiçoado o que exaspera sua mãe!

[...]

Não desprezes o homem na sua velhice, porque os que envelhecem foram como nós. Não faltes a consolar os que se acham em pranto.

[...]

Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber, porque o Senhor to agradecerá. [...]

[...]

Instrução e sabedoria dão vida feliz a quem as possui. (PINTO, 2001, p. 223-224).

Na segunda parte da *Seleta em Prosa e Verso*, a que apresenta os textos em verso, a seção “Narrações – Apólogos – Parábolas – Alegorias” apresenta 15 textos que permaneceram ao longo de suas edições. São eles: “Os meninos de Esparta”, “Os ossos”, “O cão e o tamanduá”, “Os dois coleiros”, todos de Anastácio Luiz de Bonsucesso (1833-1899)¹⁷²; “Os rafeiros e o gozo”, “A cigarra e a formiga”, “O leão e o rato”, “A parábola das varas”, de B. M. Curvo Semedo (1766-1838)¹⁷³; “O leão velho”, “A raposa e as uvas”, “O leão e o pintor”, de M. M. B. du Bocage (1765-1805)¹⁷⁴; “O leão e a raposa”, da Marquesa d’Alorna (1750-1839)¹⁷⁵; “O rio e o regato”, de Francisco Vilela Barbosa (Marquês de Paranaguá) (1769-1846)¹⁷⁶; “Recordações da infância”, de Faustino Xavier de Novais (1820-1869)¹⁷⁷; e “Meus oito anos”, de Casimiro d’Abreu (1839-1860)¹⁷⁸.

O primeiro texto dessa seção, “Os meninos de Esparta”, é finalizado com a seguinte estrofe: “Dá ao adolescente que educas, / As bases ou princípios / Da futura missão que exercer deve.” (PINTO, 2001, p. 225). De maneira análoga, podemos pensar na *Seleta* e na sua missão de educar os adolescentes: o que ela “dá” a seus leitores? Quais ensinamentos são transmitidos? Assim, o caráter humanístico e de

¹⁷² Anastácio Luiz do Bonsucesso nasceu na cidade do Rio de Janeiro e foi um poeta, teatrólogo, médico e professor.

¹⁷³ Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira, conhecido por Curvo Semedo, foi um poeta português, nascido em Montemor-o-Novo, uma cidade no distrito de Évora, em Portugal. Foi um dos nomes mais importantes do movimento literário Nova Arcádia. Em muitos momentos, defrontou-se literariamente com o poeta Bocage, cujos textos também aparecem na *Seleta*.

¹⁷⁴ Manuel Maria de Barbosa l’Hedois du Bocage, nascido em Setúbal, foi um poeta nacional português e, possivelmente, um dos maiores representantes dessa literatura.

¹⁷⁵ Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, mais conhecida como Marquesa de Alorna, foi uma poetisa, pedagoga e tradutora portuguesa.

¹⁷⁶ Francisco Vilela Barbosa, nascido na cidade do Rio de Janeiro, foi marquês de Paranaguá, um militar e político brasileiro.

¹⁷⁷ Faustino Xavier de Novaes foi um jornalista, poeta e escritor português que viveu e se consolidou no Rio de Janeiro. Também é bastante conhecido pela referência de ser “irmão de Carolina Augusta Xavier de Novais”, esposa de Machado de Assis (1839-1908).

¹⁷⁸ Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Barra de São João, no Rio de Janeiro, e foi um poeta brasileiro da segunda geração do romantismo.

transmissão de valores é, como tempos percebido, um dos principais balizadores da escolha dos textos que permaneceram ao longo das edições da obra.

Além disso, podemos identificar, a partir da leitura dos textos, a repetição de alguns ensinamentos já apresentados nos textos em prosa, como é o caso da valorização do trabalho, da gratidão e do respeito aos pais. Quanto a esse último tema, ressalta-se a importância de escutar os mais sábios e de praticar os conselhos recebidos, sob pena de sofrer represálias da vida. Para isso, “A parábola das varas” é essencial para mostrar a força da união familiar, principalmente para evitar partilhas e atitudes egoístas, que somente levam uma família à ruína. É criticada, também, a vaidade e a impostura, a exemplo do texto “Os ossos”, que enfatiza o caráter de igualdade entre todos os seres, independente das diferenças econômicas: “– Somos todos iguais na sepultura!” (PINTO, 2001, p. 223). É nesse mesmo caminho que segue o ensinamento de “O cão e o tamanduá”, ao enfatizar, por meio da figura de animais, que todas as pessoas possuem seu valor e podem ser úteis à sociedade, basta perceber suas diferenças e entender suas possibilidades.

Na sequência, “Não há bem que sempre dure / Nem mal que se não acabe” (PINTO, 2001, p. 228) são os versos que finalizam “Os dois coleiros”. Assim como é preciso aproveitar os bons momentos, respeitar as dores e ajudar aqueles que necessitam, também é importante aceitar os momentos difíceis e permanecer com esperança, aceitando o que o futuro aguarda para cada um. Entretanto, é preciso agir e preparar-se para os próximos tempos, o que é ensinado por meio da leitura da conhecida fábula “A cigarra e a formiga”, indicando a importância do trabalho e do empenho para garantir a sobrevivência. Com a mesma perspectiva, “O leão e o rato”, narrativa também bastante difundida até hoje, apresenta a importância da gratidão em relação ao trabalho alheio, assim como a força de uma ação realizada com calma e paciência, o que pode, muitas vezes, atingir aqueles que agem com fúria e imprudência. A abordagem desses temas, muitas vezes, indica-nos um entrelaçamento entre os ensinamentos, de modo que a leitura dos textos constrói um imaginário de bom cidadão e dos bons costumes.

Para finalizar mais essa seção, são apresentados “Recordações da infância” e “Meus oito anos”, textos que se aproximam pelo caráter de saudosismo da infância e dos tempos passados. Aqui, vale ressaltarmos a presença do poema de Casimiro de Abreu, até hoje presente nos mais diversos livros didáticos, principalmente para exemplificar os estudos do período literário denominado “Romantismo” no Brasil.

Muitas vezes, porém, essa presença se dá por excertos, por estrofes selecionadas, as quais vão formando um imaginário coletivo em relação a um grande número de trechos que formam o repertório dos alunos da educação básica. Aqui, novamente, evidencia-se o saudosismo e a exaltação nacionalista, já que o eu lírico, como bem sabemos, apresenta sua saudade da terra natal e da infância vivida nesse espaço.

A seguir, na seção “Liras, canções, hinos, odes, sonetos”, encontramos sete textos recorrentes: “Ave Maria”, de Visconde de Almeida Garrett (1799-1854)¹⁷⁹; “Hino à Senhora das Dores”, de Goethe (1749-1832)¹⁸⁰, aqui traduzido por Antônio Feliciano de Castilho; “Cântico de Davi”, do Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814)¹⁸¹; “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810)¹⁸²; “Anjinho”, de Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852)¹⁸³; “Hino dos bravos” e “Napoleão em Waterloo”, de Visconde de Araguaia (1811-1882)¹⁸⁴.

Nesses textos, novamente chamam atenção os temas voltados à religião. Em “Ave Maria”, há um apelo do eu lírico à figura de Maria, acompanhado de adjetivos elogiosos à figura dessa “doce Mãe”, assim como em “Hino à Senhora das Dores”, forma pela qual também é venerada Maria, a mãe de Jesus. Na sequência, insere-se a veneração à Deus, com “Cântico de Davi”: “Tudo, ó Deus, tudo lhe deste! / Como é certo, ó meu Senhor, / Que transluz por toda a terra / De teu nome o resplendor!” (PINTO, 2001, p. 251). Assim, percebemos aspectos já visualizados por Razzini (1992) quando da análise da *Antologia Nacional*:

Outros assuntos que mereceram atenção [...] foram os preceitos de moral e religião, expressos em vários excertos, como parte desejável da formação dos alunos do curso secundário, futuros cidadãos brasileiros. Pode-se depreender que não era suficiente incutir nos alunos apenas as ideias

¹⁷⁹ João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett foi um escritor e dramaturgo, um dos grandes impulsionadores do teatro português, além de orador, par do reino, ministro e secretário de estado.

¹⁸⁰ Johann Wolfgang von Goethe nasceu em Frankfurt, na Alemanha. Foi um escritor, filósofo e cientista, uma das mais importantes figuras da literatura alemã.

¹⁸¹ Antônio Pereira Sousa Caldas nasceu no Rio de Janeiro e foi um sacerdote católico e poeta brasileiro; além disso, foi também autor de diversas obras líricas de cunho filosófico.

¹⁸² Tomás Antônio Gonzaga nasceu em Miragaia, no Porto. Foi um jurista, poeta e ativista político, tendo participado da Inconfidência Mineira e sendo precursor do processo de separação entre Brasil e Portugal. É considerado um dos grandes nomes da poesia árcade: ainda hoje, é muito estudado em ambientes de ensino, devido, principalmente, a sua obra poética *Marília de Dirceu*, cuja primeira publicação data de 1792.

¹⁸³ Manoel Antônio Álvares de Azevedo, nascido em São Paulo, foi um escritor, contista, dramaturgo, poeta e ensaísta brasileiro da segunda geração romântica.

¹⁸⁴ Domingos José Gonçalves de Magalhães, primeiro e único barão e visconde do Araguaia, nasceu no Rio de Janeiro e foi um médico, professor, diplomata, político, poeta e ensaísta brasileiro. Foi lente de filosofia do Colégio Pedro II.

nacionalistas, mas também o ideal moral e religioso cristão era desejável como sustentáculo da nova nação. (RAZZINI, 1992, p. 87).

“Marília de Dirceu”, texto apresentado na sequência, é uma das referências mais comuns até hoje nos livros destinados à leitura. Apesar de modificar, muitas vezes, os trechos selecionados, a referência à obra de Tomás Antônio Gonzaga é uma citação corriqueira nesses manuais, conclusão a que também chegou Razzini (1992), por meio da análise dos livros reunidos no banco de dados de seu trabalho: “Quanto a Tomás Antonio Gonzaga, sua obra Marília de Dirceu é compilada em todos os livros” (RAZZINI, 1992, p. 72). Podemos incluir nessa mesma linha “Anjinho”, do poeta Álvares de Azevedo, uma vez que a permanência de seus poemas nas obras literárias segue recorrente até os dias de hoje.

Em “Hino dos bravos”, novamente é feita a referência à exaltação da Pátria e dos guerreiros que a protegem. Essa glorificação é acompanhada da própria retomada da história e do enaltecimento do território brasileiro:

A maioria dos excertos descritivos e históricos têm um tom de exaltação do objeto que está sendo descrito ou narrado, ou ainda, procuram enaltecer os feitos dos ‘grandes’ homens que representavam a pátria. (RAZZINI, 1992, p. 85).

Já na seção “Descrições e Retratos”, encontramos apenas dois textos que se repetem: “Retrato de Gonzaga”, de Tomás Antônio Gonzaga, e “Uma tarde triste”, de José Bonifácio d’Andrada. Aqui, novamente é apresentado um trecho de *Marília de Dirceu*, agora para exemplificar a imagem (o retrato) de Tomás Antônio Gonzaga. É importante destacarmos que, na maioria das vezes, os trechos são excertos de poemas ou narrativas maiores, o que leva à cristalização de partes em específico do material compilado. Faz-se necessário evidenciarmos, sobre tal fato, que não há marcações na *Seleção* que os indiquem como “pedaços” de um conjunto maior, característica que influencia os leitores a entenderem os trechos como os textos completos dos autores e poetas. Além disso, salienta-se o autor do segundo texto: José Bonifácio de Andrada e Silva, cuja presença na *Seleção* vai ao encontro da cristalização de uma história que o enaltece como o Patricarca da nossa Independência, assim como pontuado também por Razzini (1992).

Em “Poesias épicas”, são sete os textos presentes em todas as edições: “Poema de Uruguai (Introdução)”, de José Basílio da Gama (1741-1795)¹⁸⁵; “Poema da Assunção” e “O Brasil, seus frutos e pássaros”, do Fr. Francisco de S. Carlos (1763-1829)¹⁸⁶; “Episódio de D. Inez de Castro”, de Luís de Camões (1524-1580)¹⁸⁷; “Caramuru”, “Morte de Moema” e, por fim, “A existência de Deus”, todos do Fr. José de Santa Rita Durão (1722-1784)¹⁸⁸. Em relação a esses textos, novamente encontramos excertos comuns não só a todas as edições da *Seleta*, mas também a vários outros materiais destinados à leitura, o que também foi percebido por Razzini (1992, p. 72): “Verificou-se que os excertos comuns a todos os livros são o ‘da morte de Moema’ no *Caramuru* de Frei José de Santa Rita Durão e o ‘da morte de Lindoia’ no *Uruguai* de José Basílio da Gama”. Da mesma forma que os trechos de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, percebemos aqui duas obras que seguem sendo referenciadas até hoje: *Caramuru*, de 1781, e *Uruguai*, de 1769.

A figura de Camões, com “Episódio de D. Inez de Castro”, também um dos trechos mais citados nos livros didáticos até os dias de hoje, referencia a memória e a tradição portuguesa, com o poeta que exemplifica o uso correto da língua portuguesa, também chamada de “a língua de Camões”. Dessa maneira, ao lado de textos que buscam a construção de uma identidade nacional, a seleção de textos portugueses evidencia a presença de textos que respeitam a “norma culta da língua portuguesa”, exemplificada e ensinada por meio dos escritos dos clássicos da literatura de Portugal, como é o caso, aqui, de Luís Vaz de Camões.

Para encerrar a seção e também a *Seleta*, o texto que fecha a obra é “A existência de Deus”, do Frei José de Santa Rita Durão. Coincidência finalizar a obra com um texto de um dos mais importantes religiosos do período colonial brasileiro? Acreditamos que não, pelo que vimos até aqui. Assim, a leitura dos textos “imortalizados” pela *Seleta* leva-nos a alguns lugares e temas comuns que contribuem para a formação dos alunos secundaristas que por suas páginas passaram. A religião, a Pátria, a moral e os bons costumes perpassam a seleção da obra de Clemente Pinto

¹⁸⁵ José Basílio da Gama foi um poeta luso-brasileiro. É conhecido por seu poema épico *O Uruguai*, de 1769, e patrono da cadeira 4 da Academia Brasileira de Letras.

¹⁸⁶ Francisco Carlos Teixeira da Silva nasceu no Rio de Janeiro e foi um sacerdote e professor.

¹⁸⁷ Luís Vaz de Camões foi um poeta e soldado português, considerado o maior escritor do período do Classicismo. Além de ser um dos grandes nomes da literatura portuguesa, é, também, uma importante figura de toda a cultura ocidental.

¹⁸⁸ Frei José de Santa Rita Durão foi um religioso, orador e poeta do período do Brasil colonial. É considerado um dos grandes representantes da poesia épica brasileira dessa época.

e, como percebemos, visam a contribuir para uma formação convencional, burguesa e religiosa dos jovens gaúchos, o que era entendido pelo professor gaúcho como importante para a formação desses cidadãos. A recorrência de trechos, e não de textos completos, como é característico de obras do mesmo viés da *Seleção*, justamente por seu caráter de compilar trechos importantes em poucas páginas, acessíveis ao público das escolas, insere-a em uma tradição até hoje recuperada nos livros didáticos, contribuindo para a construção de uma história literária e para um imaginário da literatura produzida tanto em Portugal quando no Brasil, haja vista a seleção dos autores e poetas presentes na obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o modelo de ensino centrado na leitura de autores consagrados, com o objetivo de aprimorar o gosto literário e usar corretamente a língua a partir da imitação dos melhores escritores, permanece por um longo período na tradição escolar. Nesse sentido, a escrita deste trabalho, tendo em vista a carência de estudos sobre a *Seleção em Prosa e Verso*, foi uma tentativa de construção, a partir de um olhar histórico, da compreensão de uma tradição de leitura pautada em trechos selecionados que se canonizam com o passar do tempo. Assim, a partir da análise dos textos “imortalizados” pela *Seleção* e da observação de trechos também presentes em outros manuais anteriores à obra, percebemos “a manutenção de um modelo de ensino pautado na leitura de manuais compilatórios de textos exemplares”. (ZILBERMAN, 2012, p. 31). Esse fato leva-nos, inevitavelmente, a perceber a existência de trechos em livros didáticos, atualmente, como reflexo de um processo já bastante antigo e recorrente, cujas raízes encontram-se nos primórdios da leitura como instrumento de formação civilizatória dos estudantes:

Livros escolares são fonte insubstituível para qualquer história da leitura: não só porque por hipótese tais livros são um instrumento sistemático para a formação de leitores, mas porque eles são também documentos privilegiados para uma história da educação e da escola, com a qual necessariamente se cruza a história social da leitura. E também a da literatura. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 410).

Dessa maneira, a tradição dos *exempla* faz-se presente em obras didáticas que têm como objetivo inculcar nos leitores ensinamentos morais e cristãos, voltados à formação de cidadãos brasileiros que compreendam a importância da fé, da pátria e da memória, principalmente em relação à conservação da língua portuguesa. A construção desse “cânone escolar” acaba transparecendo uma ideologia recorrente, inspirada desde muito tempo na formação humanística dos estudantes. Nessa perspectiva, a reprodução de excertos imortalizados na *Seleção* sinaliza uma possível estabilidade de textos clássicos recorrentes nesses manuais, “[...] cuja leitura repetitiva ou ‘intensiva’ na escola os havia transformado também em ‘clássicos escolares’.” (RAZZINI, 2000a, p. 242).

É nesse sentido que a recorrência de autores portugueses e brasileiros, não só na *Seleção* mas em todas as obras anteriores e posteriores a ela, canoniza certos

nomes e certos trechos, de modo a unificar uma leitura que atinja os objetivos de determinada época e forme um repertório comum aos leitores que passam pelas cadeiras escolares. Da mesma forma como a *Antologia Nacional*, a *Seleta* “[...] procurava, portanto, oferecer ‘bons modelos’ literários (vernáculos e morais) para a ‘boa’ aquisição da língua, além, é claro, de oferecer a seus leitores uma certa formação literária, mas sem priorizá-la.” (RAZZINI, 2000a, p. 241).

A *Seleta em Prosa e Verso*, assim, carrega os limites do seu tempo. Não podemos fechar os olhos para compreendê-la como produto de uma época, fruto de um contexto específico e influenciado, como vimos, pelas mais diversas contingências. A obra de Clemente Pinto configura-se como mais uma fonte histórica relacionada ao ensino dos estudos literários, bem como a *Antologia Nacional*, já referenciada em diversos momentos. Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa provou-se complexo por inúmeros motivos, devido às ideologias escondidas por trás das escolhas dos textos, à estrutura organizacional da obra e, principalmente, a seus objetivos, tendo em vista a concepção de educação refletida em suas páginas. Além disso, acrescentam-se a esse enredamento também as influências externas, tanto relacionadas à obra e ao autor, quanto às diversas edições e às incontáveis lacunas ainda a serem preenchidas.

Ao buscarmos resgatar essa materialidade histórica, entendemos a *Seleta* também como um importante documento que pode resgatar aspectos relacionados às práticas de leitura do passado, as quais marcaram algumas gerações de alunos-leitores que por ela passaram. Dessa maneira, para além de contribuir para o resgate e para a conservação de uma trajetória da leitura em contexto escolar, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, esperamos que este trabalho ainda possa se configurar como uma fonte de subsídios e reflexões sobre as práticas de leitura vivenciadas hoje, em sala de aula. Dessa maneira, será possível, por meio do olhar histórico, buscar sistematizar aspectos importantes relacionados à leitura, com vistas a compreender seu objetivo, sua didática e, principalmente, seu papel na educação dos jovens estudantes.

A *Seleta*, por sua própria natureza quanto à fragmentação dos textos e à tradição escolar que insiste em escolarizar os textos literários e, por isso mesmo e como consequência a esse ato, acaba por descaracterizar o texto a ser lido em sala de aula, retira-lhe seu caráter literário. Esse processo pode ser ilustrado com as

palavras de Zilberman (2012), que auxiliam na compreensão de um fenômeno preocupante, ainda mais por suas amarras históricas:

A literatura é miniaturizada na condição de texto, e o livro, como representação material daquela, desaparece, a não ser quando substituído pelo próprio livro didático, exemplar único a espelhar, na sua fragmentação, a categoria geral e uma classe de produtos. A formação literária não leva ao mundo dos livros, e sim a simulacros que, se pertencem ao campo conceitual das letras, representam-no apenas parcialmente. (ZILBERMAN, 2012, p. 186).

Nesse sentido, a *Seleta* faz parte de uma tradição escolar que, preservando certos objetivos e, para isso, impondo determinadas materialidades didáticas, acaba por construir uma prática de leitura que perpetua a presença de trechos canonizados pela própria escola. Ao finalizar suas reflexões na obra *A leitura e o ensino da literatura* (2012), Zilberman afirma:

Encarregada do ensino da literatura e da difusão de um saber cultural, a escola reproduz o que a poética no passado e a teoria da literatura no presente escolheram. A escola não elabora um conceito próprio e diferenciado de literatura, responsabilizando-se tão somente pelo aumento do círculo de consumidores da antologia. Seu veículo mais conhecido é o livro didático, que, com suas variações (seleta, apostila, manual de história da literatura, guia de leitura), consiste na antologia da antologia; [...]. [...] leem-se boas obras, já sacramentadas pela tradição e seus mecanismos de difusão, para que se forme o juízo elevado, aquele que, educado, dará preferência a criações de teor similar às que constituem a antologia, reforçando sua autoridade; e porque consistem em modelos de uso correto das virtualidades da linguagem verbal, cabendo imitá-las, reproduzi-las portanto. (ZILBERMAN, 2012, p. 237).

Nesse caminho, percebe-se que a *Seleta* contribuiu para uma tradição ainda hoje em vigor na dinâmica de sala de aula, mas iniciada desde o período de formação de uma primeira identidade nacional. Silva (1984)¹⁸⁹, em artigo intitulado “Acesso ao livro e à leitura no Brasil: pouco mudou desde o Período Colonial”, analisa o que ele denominou como “leitura religiosa obediente”, referindo-se à leitura empreendida nos anos de 1500 a 1808. Nesse trabalho, o professor discute como era mantida a “hegemonia cultural” da época, a cargo dos “soldados da fé”, ou seja, os jesuítas. Assim, “a leitura dos registros escritos deveria servir ao robustecimento da fé, à

¹⁸⁹ Não podemos deixar de registrar nossos agradecimentos aos professores Ezequiel Theodoro da Silva, Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini por, mediante uma rede de apoio, resgatarem o referido artigo e disponibilizarem-no para nós, evidenciando seus compromissos com a pesquisa e com a docência.

alimentação da piedade e à salvação da alma”, pois “[...] ler é adequar-se à engrenagem social e espiritual” (SILVA, 1984, p. 8).

Desse trabalho, interessa-nos analisar e perceber alguns traços que o autor elenca como resquícios de uma herança cultural, fruto dessa fase da “leitura religiosa obediente”, e que estão ainda em vigor na sociedade brasileira. São cinco características apresentadas: “o texto como juiz”, que remete à sacralização de tudo aquilo que está escrito; “o texto desvinculado da realidade e da vida”, que se refere à valorização de obras importadas em detrimento das nacionais; “a leitura convergente”, que diz respeito a uma interpretação unidirecional e opressora dos textos; “apego ao código e não ao significado”, que se refere à primazia da forma em vez da compreensão das ideias; e “o leitor de fragmentos”, que remete à fragmentação da leitura sem a apresentação completa dos textos, a exemplo dos “compêndios”.

Tendo em vista essa análise de Silva (1984), podemos perceber que os cinco traços distintivos elencados pelo autor corroboram o título de seu artigo, como raízes dos primórdios da educação colonial que se fazem presentes na atualidade. Nesse contexto, a *Seleta em Prosa e Verso* é um exemplo que se encaixa como propagadora das características apresentadas, porque sua organização, seus objetivos e sua vida editorial mostram-nos resquícios do período chamado pelo autor de “leitura religiosa obediente”. Assim, o que fica evidenciado é que, no processo de produção, circulação e utilização dos livros de leitura, há um conjunto de interesses econômicos, políticos e ideológicos que tornam este “mercado” um setor peculiar na área de editoração de livros (TAMBARA, 2008).

Antes de finalizarmos, julgamos pertinente trazer determinadas observações de Silveira (2000) a respeito da *Seleta em Prosa e Verso*. Haja vista que, devido aos objetivos e aos recortes deste trabalho, não pretendemos (e sabemos da impossibilidade de) alcançar a totalidade do olhar direcionado à *Seleta*, algumas considerações referentes a modificações entre as edições da obra de Clemente Pinto são pertinentes: a) modificações no interior de textos; b) mudança de títulos de textos (algumas evidenciadas no Quadro 1); c) acréscimo de notas e pedagogização das notas explicativas; e d) maior inclusão de autores brasileiros e/ou gaúchos, assim como de temáticas e/ou autores mais regionais. (SILVEIRA, 2000, s./p.). A partir dessas características, percebemos pontos não discutidos neste trabalho e evidenciamos algumas considerações sobre a compreensão da incompletude desta

pesquisa, buscando indicar caminhos para um possível novo olhar direcionado à produção de Alfredo Clemente Pinto.

Por fim, esperamos que tenha sido possível, mesmo que brevemente, poder delinear algumas reminiscências dessas escolhas que se fazem visíveis até os dias de hoje, o que pode contribuir para futuras discussões referentes à escolarização do ensino da língua e da literatura e à formação de um cânone literário brasileiro. Para finalizarmos, retornemos ao ano de 1975, ainda nas memórias de José Machado, no jornal *Pioneiro*, em texto no qual reflete sobre “O problema do amor”:

E eu sempre me lembro de uma das fábulas da famosa *Seleto em Prosa e Verso*, que era livro de cabeceira de meus velhos pais. Era assim a fábula: ‘Era uma vez um homem que vivia com sua família, junto a qual vivia, também, seu velho pai já trôpego, cansado de uma vida cheia de dureza e sacrifício. Nas horas das refeições, o homem enchia de sopa uma tigela de barro e pedia a um dos filhos, pequenino, que a levasse ao avô. O menino perguntava ao pai por que é que o velhinho não podia vir sentar-se à mesa e comer junto com eles. Ao que respondia o pai: – Ele deixa a comida cair por sobre a toalha, já está meio caduco e poderá quebrar um de nossos finos pratos. Passaram-se os anos e um dia o pai descobriu o filho a trabalhar arduamente, na fabricação de uma tigela de barro. – Para o que estás a fazer uma tigela de barro? perguntou ao filho. – É para o dia em que ficares velho como o vovô. Então vou servir sua sopa nela. O homem entendeu a grande lição que acabara de receber do filho e sentiu que, o que faltava nela, em relação ao velho pai, era amor, nada mais que isso. E passou a amá-lo ainda mais.’ A lição é muito atual. Pensem bem nisso. Até a próxima. (PIONEIRO, 1975, p. 4).

Das inúmeras formas possíveis para encerrar o texto, o escritor retoma suas memórias da *Seleto em Prosa e Verso*, ilustrada em uma fábula com ensinamento moral que se mostra “muito atual”. Figurativamente, a referência de José Machado pode ser percebida como a persistência e a presença da *Seleto* nos dias de hoje, nos quais ainda se encontram muitas reminiscências difundidas pela obra “nos dias de ontem”. Dessa maneira, esperamos que, mesmo de forma ainda principiante, tenhamos contribuído para a percepção de uma tradição da prática de leitura que se fundamenta na escolha de textos que contribuem para alcançar a formação humanística – moral, cristã e cívica – dos estudantes, objetivos latentes dos séculos XIX e XX, época de edição e publicação da *Seleto*.

REFERÊNCIAS

ABREU, Raquel de. *A Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho*. 2009. 206 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

AGUIAR, Vera Teixeira de. A leitura no planejamento escolar. *Boletim da ALBS*, Porto Alegre, n. 4, 1984, p. 20-26.

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa: um estudo historiográfico*. 2007. 230 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ARRIADA, Eduardo. Livrarias e editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas, PE. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPED, v. 1, p. 1-17, 2012.

ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. A publicação da série graduada *Lições no Lar* de Hilário Ribeiro pela Livraria Americana de Pelotas: contribuições à história da produção editorial no Rio Grande do Sul. In: PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo (Org.). *Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. 51-80.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Selecta nacional: curso prático de litteratura portugueza*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1891.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnazo Brasileiro: ou collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. (Tomo I). Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1829.

BARRETO, Fausto; LAET, Carlos de. *Antologia Nacional ou coleção de excertos dos principais escritores da língua portuguesa do 20º ao 16º século*. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1941.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 27-47, mai./ago. 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O estudo dos manuais escolares e a pesquisa em história. In: _____. *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009. (Histórias de Leitura). p. 11-40.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787-1930*. 3. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

BERNARDES, Manuel. *Luz e calor*: obra espiritual para os que tratam do exercício de virtudes e caminho da perfeição. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1871. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=_DxBAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=snippet&q=%22n%C3%A3o%20h%C3%A1%20modo%20de%20mandar%22&f=false>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada: contendo o Velho e o Novo Testamentos. Utah: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015. Disponível em: <https://media.ldscdn.org/pdf/lds-scriptures/holy-bible/holy-bible-83800-por.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez. 2004.

_____. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, set./dez. 2004, p. 493-511. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/298/29830309.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

CEVOLINI, Alberto. *De arte excerpenti: imparare a dimenticare nella modernità*. Perugia: Leo S. Olschki, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2007. (Coleção Linguagem e Educação).

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Tradução de Maria Adriana C. Cappello. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

_____. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. Tradução de Maria Helena C. Bastos. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 9-75, jan./abr. 2009.

CLEMENTE, Elvo. Cem anos educando gerações. In: *Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL. RS: Educação e sua história*. Lotário Neuberger (Org.). Porto Alegre: EDIPLAT, 1998. p. 69-83.

COMENIUS, João Amós. *Didáctica magna: tratado de arte universal de ensinar tudo a todos*. Introdução, tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, [1961] 1985.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1996.

DA RÉ, Denise. A Culpa é das Professoras (crônica atualizada). *Jornal Semanário*, 29 fev. 2020, s. p. Disponível em: <<https://jornalsemanario.com.br/a-culpa-e-das-professoras-cronica-atualizada/>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

DE MARTINI, M. Ainda há lugar para os clássicos na escola? - O cânone e os documentos oficiais sobre o ensino de literatura. *Em tese*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, set./dez. 2016, p. 183-202.

DILL, Aidê Campello. *Os livros não se despedem; aguardam novos leitores*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2013.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Variações sobre os equívocos do debate do cânone. *Remate de Males*, Campinas, v. 34, n. 2, jul./dez. 2014, p. 613-623.

ECO, Umberto; BONAZZI, Marisa. *Mentiras que parecem verdade*. Tradução de Giacomina Faldini. 9. ed. São Paulo: Summus, 1980. (Novas buscas em educação, v. 6).

FISCHER, Luís Augusto. O fim do cânone e nós com isso – passado e presente do ensino de literatura no Brasil. *Remate de Males*, Campinas, v. 34, n. 2, jul./dez. 2014, p. 573-611.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum"*. Campinas, SP: Kírion, 2019.

GINZBURG, Jaime. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. *Revista de Letras*, São Paulo, n. 44, v. 1, 2004, p. 97-111.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. *A Instrução Pública, a educação da mulher e a formação de professores nos Jornais Partidários de Porto Alegre/RS (1869-1937)*. 2013. 307 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

JOVIANO, A. Plano das lições. In: _____. *Língua Pátria*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Papelaria e Tipografia Oriente, 1923.

IGLESIAS-ZOIDO, Juan Carlos. Leer a Tucídides en la alta Edad Moderna (s. XV y XVI): el lector renacentista y las contiones. In: SOARES, Nair de Nazaré Castro; TEIXEIRA, Cláudia (Coords.). *Legado clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 99-124.

LACHAT, Marcelo. Letras e literatura: continuidades e discontinuidades. *Revista USP*, São Paulo, n. 121, p. 45-60, abr./mai./jun. 2019.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LIMA, Luiz Costa. A crítica literária na cultura brasileira do século XIX. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 30-56.

LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; CAMPELO, Kátia Gardênia H. da R. Hilário Ribeiro e sua produção didática de livros de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: SBHE, 2011. Disponível em:

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/1311.doc>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MAGALHÃES, Manoel Soares. A Seleta inspirou gerações (crônica). *PelotasCultural*, 16 jan. 2015, s. p. Disponível em: <<https://pelotascultural.blogspot.com/2015/01/a-seleta-inspirou-geracoes-cronica.html>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MALFACINI, Ana Cristina dos Santos. Breve histórico do ensino de Língua Portuguesa no Brasil: da Reforma Pombalina ao uso de materiais didáticos apostilados. *IDIOMA*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 45-59, 1. sem. 2015.

MARCON, Itálico. *Poetas do Ministério Público*. Porto Alegre: AGE, 1996.

MARROU, H. I. Educação e retórica. In: FINLEY, M. I. (Org.). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Tradução de Yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Editora UnB, 1998. p. 211-228.

MATTA, Gabriel da. *Livros escolares no Brasil durante os anos finais do Império e início da República (1870-1910)*. Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa – FBN/MinC. 67 p.

MELO, Carlos Augusto de. Os manuais de retórica e poética: “Lugares de Memória” no Brasil Oitocentista. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 15, dez. 2015, p. 120-134.

MICHEL, Caroline Braga. Missão de estudos ao Uruguai: mudanças no sistema de ensino do Rio Grande do Sul (1913-1927). *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 18, p. 1-25, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/43445>>. Acesso em: 7 mai. 2020.

MCLUHAN, Marshall. *O Trivium Clássico: o lugar de Thomas Nashe no ensino de seu tempo*. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2012.

MELO, Carlos Augusto de. Os manuais de retórica e poética: “lugares de memória” no Brasil Oitocentista. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 15, dez. 2015, p. 120-134.

NAKLÁDADALOVÁ, Iveta. Introducción. In: _____. (Ed.). *El arte de anotar: artes excerptandi y los géneros de la erudición en la primera Modernidad*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2020. p. 9-26.

_____. *La lectura docta en la Primera Edad Moderna (1450-1650)*. Madrid: Abada Editores, 2013.

OLIVEIRA, Rodrigo Lopes de. Os 75 anos do Colégio Clemente Pinto. ClickRBS, seção Memória, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2014/08/28/os-75-anos-do-colegio-clemento-pinto/?topo=35,1,1,,35#comments>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

PEREIRA, Marcos Aurelio. Quintiliano e a gramática antiga. *Classica*, São Paulo, v. 13, n. 13/14, p. 367-373, 2001.

PEREIRA MELO, José Joaquim. Reflexões sobre os conteúdos curriculares da *humanitas* retórica de Cícero. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 8.; JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 1., 2009, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2009. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/60.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2020.

PERES, Eliane. *Aprendendo formas de pensar, sentir e de agir – A escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da Escola Pública Primária Gaúcha (1909-1959)*. 2000. 507 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

PERES, Eliane; MICHEL, Caroline Braga. Circulação e fornecimento de livros escolares no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX (1873-1921). In: PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo (Org.). *Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 19-49.

_____. Fornecimento de materiais escolares às escolas públicas do Rio Grande do Sul (1882-1913). *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 3, p. 7-23, out. 2019. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/13643>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo (Org.). *Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 1. ed. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1884.

_____. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 6. ed. aum. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1897.

_____. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 17. ed. aum. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1905.

_____. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 44. ed. aum. Porto Alegre: Livrarios Editores, Livraria Selbach, 1936.

_____. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portuguezes*. 47. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1940.

_____. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 52. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1957.

_____. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 59. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.

QUINTANA, Mario. *A vaca e o hipogrifo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. *Antologia Nacional (1895-1969): Museu Literário ou Doutrina?*. 1992. 212 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1992. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270114>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

_____. História da Disciplina Português na Escola Secundária Brasileira. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, Sergipe, v. 4, p. 43-58, jan./jun. 2010.

_____. *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. 2000. 442 f. Tese (Doutorado em Letras) – Unicamp, São Paulo, 2000a.

_____. O primado da leitura literária na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO EM MANAUS, 23., 2000, Manaus/AM. Anais... Manaus/RS: Universidade Federal do Amazonas, 2000b, p. 1-13.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, J. L. (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RICHA, Lênio Luiz. GENEALOGIA BRASILEIRA. Estado do Rio de Janeiro, Povoadores da Região Serrana. Família Clemente Pinto. Disponível em: <https://www.genealogiabrasileira.com/cantagalo_familias3.htm>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ROQUETTE, José Inácio. *Novo Secretário Portuguez ou Código Epistolar*. 3. ed. Paris: Aillaud & Monlon, 1860.

SAVIANI, Dermerval. Um barão brasileiro no congresso internacional de Buenos Aires: as ideias pedagógicas de Abílio César Borges, Barão de Macahubas. *História da Educação*, Pelotas, v. 41, n. 7, p. 41-58, abr. 2000.

SEGABINAZI, Daniela Maria. *Educação literária e a formação docente: encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na Universidade do Século XXI*. 2011. 299 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Danielle Amanda Raimundo; FRITZEN, Celdon. Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira. *Revista Contrapontos*, v. 12, n. 3, p. 270-278, set./dez. 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Acesso ao livro e à leitura no Brasil: pouco mudou desde o Período Colonial. *Boletim da ALBS*, Porto Alegre, n. 1, 1984, p. 2-13.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático no Brasil. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, set./dez. 2012, p. 803-821. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Uma leitura de muitas décadas: o caso da Seleta em Prosa e Verso. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 3., 2000, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. [s. p.].

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, M. (Org.) *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001, p. 31-76.

_____. Português na escola – história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos. (Org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (p. 155-177).

SOUZA, Ana A. Arguelho de. Ensino de língua e literatura no Brasil do século XIX: o Curso Elementar de Literatura Nacional e as Postillas de Rethorica e Poetica utilizados no Imperial Colégio de Pedro II. *Cadernos de História da Educação*, v. 12, n. 1, jan./jun. 2013, p. 15-28.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUFF, 1999.

_____. (Org.). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó: Argos, 2011.

TAMBARA, Elomar. *Bosquejo de um Ostentor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil*. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

_____. Livros de leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 31, n. 17, p. 73-103, jan./abr. 2008.

_____. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 25-52, abr. 2002.

TASSO, Rossana Dutra. *Cem anos de uma pedra no caminho? O livro didático no ensino de literatura*. 2019. 313 f. Tese (Doutorado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

TELLES, Luís Fernando Prado. A literatura como objeto de conhecimento: notas sobre o cânone e a pesquisa acadêmica. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 14, jul. 2015, p. 30-50.

TOPA, Francisco. O cónego Januário e a literatura brasileira: a proposta do Parnazo. *Signótica*, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 185-195, jan./jun. 2017.

TORRONTEGUY, Teófilo Otoni Vasconcelos. O ensino religioso e o contexto histórico de Santa Maria. In: Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL. RS: Educação e sua história. Lotário Neuberger (Org.). Porto Alegre: EDIPLAT, 1998. p. 115-135.

VECHIA, Ariclê. O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs). *Histórias e Memória da Educação no Brasil*. Vol. II – Séc. XIX. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2005. p. 78-90.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino de literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Literatura em Foco).

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. No começo, a leitura. *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n. 69, p. 15-29, jan./mar. 1996.

_____. O papel da literatura na escola. In: DE MARTINI, M.; OLIVEIRA, R. T.; FELIPPE, R. F. de. (Orgs.). *Literatura na escola: teoria, prática e (in)disciplina*. Santa Maria: PPGL Editores, 2016. p. 19-33.

_____. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? *Desenredo*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2009.

ZOTTI, Solange Aparecida. Organização do ensino primário no Brasil: uma leitura da história do currículo oficial. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). *Navegando pela história da educação brasileira*. Campinas: Gráfica Faculdade de Educação, 2006. p. 1-27.

Lista de fontes consultadas

A Epocha: Orgão do Partido Conservador (PE) - 1889 a 1890. Recife, Ano 1890, Edição 00102 (1), 29 mai. 1890, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=373370&pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=775>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00083 (1), 14 abr. 1885, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=1375>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00284 (1), 14 dez. 1885, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2179>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00285 (1), 15 dez. 1885, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2183>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00286 (1), 16 dez. 1885, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2187>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00291 (1), 22 dez. 1885, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2207>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00292 (1), 23 dez. 1885, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2211>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00294 (1), 26 dez. 1885, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2219>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1885, Edição 00296 (1), 29 dez. 1885, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2227>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00001 (1), 1 jan. 1886, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2235>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00004 (1), 5 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2247>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00005 (1), 7 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2251>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00007 (1), 9 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2259>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00009 (1), 12 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2267>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00011 (1), 14 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2275>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00012 (1), 15 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2279>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1886, Edição 00016 (1), 20 jan. 1886, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=2295>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1888, Edição 00041, 20 fev. 1888, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=4191>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1890, Edição 00005, 7 jan. 1890, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5244>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Ano 1890, ed. 00071, seção anúncios, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=prosa%20e%20verso&pagfis=5509>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1890, Edição 00120, 28 mai. 1890, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5704>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00001 (1), 1 jan. 1891, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5818>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00002 (1), 2 jan. 1891, p. 1. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5819>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00006 (1), 7 jan. 1891, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5838>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00012 (1), 14 jan. 1891, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5862>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00018 (2), 21 jan. 1891, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5886>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00025 (2), 29 jan. 1891, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=5914>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00060 (1), 12 mar. 1891, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=6052>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1891, Edição 00112, 15 mai. 1891, p. 1. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=624>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00005 (1), 6 jan. 1892, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7023>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00007 (1), 8 jan. 1892, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7031>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00009 (1), 11 jan. 1892, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7039>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00015 (1), 18 jan. 1892, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7059>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00016 (1), 19 jan. 1892, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7063>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00017 (1), 20 jan. 1892, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7067>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00018 (1), 21 jan. 1892, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7071>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00019 (1), 22 jan. 1892, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7076>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00022 (1), 26 jan. 1892, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7088>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00023 (1), 27 jan. 1892, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7092>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00024 (1), 28 jan. 1892, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7095>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00025 (1), 29 jan. 1892, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7100>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00068 (2), 23 mar. 1892, p. 2-3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7266>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00069 (1), 23 mar. 1892, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7271>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00070 (2), 25 mar. 1892, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7275>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00071 (1), 26 mar. 1892, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7279>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00073 (1), 29 mar. 1892, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7287>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00172 (1), 1 ago. 1892, p. 1. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7677>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00244 (1), 27 out. 1892, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7962>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1892, Edição 00245 (1), 28 out. 1892, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=7966>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1893, Edição 00147 (1), 28 jun. 1893, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8758>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00007 (1), 9 jan. 1894, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8791>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00011 (1), 13 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8808>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00012 (1), 15 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8812>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00015 (1), 18 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8821>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00018 (3), 22 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8836>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00020 (1), 24 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8844>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00023 (1), 27 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8856>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1894, Edição 00026 (1), 31 jan. 1894, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=8868>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Ano 1906, ed. 00010, [s. p.]. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%201906&pesq=&pagfis=17354>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1906, Edição 00114 (1), 17 mai. 1906, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=17771>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1908, Edição 00049 (1), 27 fev. 1908, p. 1. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=20007>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00058 (1), 10 mar. 1909, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21321>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00059 (1), 11 mar. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21326>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00061 (1), 13 mar. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21334>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00063 (1), 16 mar. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21342>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00064 (1), 17 mar. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21346>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00065 (1), 18 mar. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21350>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00066 (1), 19 mar. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21354>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1909, Edição 00124 (1), 31 mai. 1909, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=21586>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1911, Edição 00043 (1), 18 fev. 1911, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=23740>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1912, Edição 00002 (1), 2 jan. 1912, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=24875>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1912, Edição 00237 (1), 9 out. 1912, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=25854>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1913, Edição 00103 (1), 5 mai. 1913, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=clemente%20pinto&pagfis=26971>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1913, Edição 00203 (1), 1 set. 1913, p. 5. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=27643>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1913, Edição 00214 (1), 13 set. 1913, p. 1. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=27712>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1913, Edição 00280 (2), 2 dez. 1913, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=28228>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1914, Edição 00249 (2), 12 out. 1914, p. 5. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=30678>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1914, Edição 00306 (1), 29 dez. 1914, p. 5. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=31120>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1916, Edição 00066 (1), 20 mar. 1916, p. 2. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=33799>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1919, Edição 00249 (1), 22 out. 1919, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=42373>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1920, Edição 00203 (1), 1 set. 1920, p. 5. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=44530>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1923, Edição 00154 (1), 3 jul. 1923, p. 4. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=51334>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Porto Alegre, Ano 1926, Edição 00160 (1), 16 jul. 1926, p. 5. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=59071>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Correio da Manhã (RJ) - 1936 a 1939. Rio de Janeiro, Ano 1938, Edição 13255 (2), 26 jan. 1938, p. 2. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=44635>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Correio Rio Grandense (RS) - 1941 a 2017. Caxias do Sul, Ano 1986, Edição 03965 (1), 14 mai. 1986, p. 11. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882054&pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=46668>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Folha de Hoje. Caxias do Sul, Ano 1991, Edição 00493, p. 2, Seção Opinião, 17 mai. 1991. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882364&pesq=&pagfis=18510>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Jornal de Caxias do Sul (RS) – 1973 a 1989. Caxias do Sul, Ano 1977, Edição 00235, p. 14. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882470&pesq=&pagfis=531>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Jornal do Dia (RS) – 1947 a 1966. Porto Alegre, Ano 1954, Edição 02259 (1), p. 4, 14 ago. 1954. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098230&pasta=ano%20195&pesq=Gin%C3%A1sio%20S%C3%A3o%20Pedro&pagfis=19908>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Jornal do Dia (RS) – 1947 a 1966. Porto Alegre, Ano 1954, Edição 02260 (1), p. 8, 15 ago. 1954. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098230&pasta=ano%20195&pesq=%22Clemente%20Pinto%22&pagfis=19920>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

O Exemplo (RS) – 1894-1919. Porto Alegre, Ano 1916, Edição 00035 (1). Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843717&pesq=&pagfis=241>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

O Exemplo (RS) – 1894-1919. Porto Alegre, Ano 1916, Edição 00037 (1), 24 set. 1916, p. 1. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843717&pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=249>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

O Exemplo (RS) – 1894-1919. Porto Alegre, Ano 1916, Edição 00041(1), 22 out. 1916, p. 1. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843717&pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=265>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

O Paladino (RS) – 1908-1912. Estrela, Ano 1908, Edição 00005 (2), 1 dez. 1908, p. 3. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=810193&pesq=%22alfredo%20clemente%20pinto%22&pagfis=23>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1960, Edição 00048, 1 out. 1960, p. 3. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=782>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1961, Edição 00013, 28 jan. 1961, p. 3. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=810>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1963, Edição 00041, 10 ago. 1963a, p. 2. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=10124>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1963, Edição 00044, 31 ago. 1963b, p. 2. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=10171>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1971, Edição 00048, 30 set. 1971, p. 18. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=20328>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1974, Edição 00044 (1), 7 set. 1974, p. 4. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=10171>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1975, Edição 00082 (1), 4 out. 1975, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=25787>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1976, Edição 00073 (1), 31 jul. 1976, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=28194>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1982, Edição 00059, 27 jan. 1982, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=54024>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1988, Edição 00074 (1), 18 fev. 1988, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=110475>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1995, Edição 05965 (1), 21 e 22 jan. 1995, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=195875>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 2000, Edição 07740 (1), 29 set. 2000, p. 38. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=300238>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Examinadores dos exames realizados na Escola Normal. Ano 1879, Edição 00002, p. 20. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1885, Edição 00002, p. 10. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1885, Edição 00002, p. 11. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1885, Edição 00002, p. 12. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1886, Edição 00001, p. 11. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1887, Edição 00001, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1887, Edição 00002, p. 40. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império (RS) - 1830 a 1889. Ano 1889, Edição 00001, p. 15. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=252263&pagfis=4983&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ANEXO A – FONTES CONSULTADAS

ANNO I PORTO ALEGRE, 10 DE SETEMBRO DE 1916

OS PRECONCEITOS NA INSTRUÇÃO

O dr. Clemente Pinto determinou que os alumnos de cor não tomassem parte na homenagem à Independência Patria...—A denuncia da 'Noite' verificou-se.

Jamais poderíamos prever que o espirito patriótico do dr. Alfredo Clemente Pinto, auctor da *Selecta em Prosa e Verso*, pudesse retrogradar, tanto ao ponto de transmutar-se no espirito preconceituoso do dr. Alfredo Clemente Pinto, director da Escola Complementar desta capital.

Mas de facto assim acontece. Denuncia o o nosso collega vespertino *A Noite*, em sua edição de 5 do corrente, numa local que até hoje não foi contestada, e na qual relata que o dr. Clemente Pinto ordenara que as collegias de cor trigueira ou morena não figurassem nas homenagens que a Escola Complementar realisaria—como realçou—no theatro S. Pedro, em homenagem à Independência Patria.

Não é possível!—pensamos intimamente. Um educacionista que se preze e tenha integra consciencia de sua missão não acolhe nem estimula preconceitos nefastos, que só podem contribuir para abrir dissensões amargas entre filhos do mesmo paiz. O dr. Clemente Pinto é um educacionista que se deve prezar; que almeja certamente a unificação social de todos os brasileiros para que a grandeza de nossa nacionalidade seja efectiva; e que, além de tudo, occupa uma posição que requer não somente um alto preparo mental, mas também um criterio reflectido, lucido e consciencioso. Como, pois, que elle vae conculcar tudo isso, macular o renome de seu passado, espelhar os preceitos do mais comestinho bom senso? Não! não é possível!

Mas infelizmente o foi. S. exc. o sr. dr. Clemente Pinto esqueceu a alta responsabilidade de seu mister de educacionista; semeou seleções para fazer germinar odiosidades mesquinhas e preconceitos soezes entre as alumnas; perdeu uma excelente occasião de fazer melhor figura; rebaixou-se espiritualmente para nivelar-se com a crassície presumptuosa e desprevistal dos pedantocratas; revelou-se mais preconceituoso que patriota e mais retrogrado que educado.

E por que tudo isso? Pois não deve ser o educacionista o maior cultuador dos fastos e grandezas da Historia Patria? Como julgará s. exc. os vultos de Henrique Dias, Patrocínio, Rebouças, Cruz e Souza, Cotejipe e outros pró-homens de nossa nacionalidade, aos quaes sacultou Desas a cor de Othello para que tivessem ciúmes da própria Patria?

Como alludirá aos teitos delles em suas aulas? Naturalmente, de accordo com o criterio que s. exc. adoptou para as festas de 7 de setembro proscrevendo a co-participação das meninas de cor nas homenagens à

Independência Patria, s. exc. deve considerar muito mal aos heróis nacionais que não tiveram ou não temem epiderme alva...

Pode ser muito bem que assim aconteça. O preconceito obsedia muitos espiritos em paixões nefastas. E a obsessão pode chegar ao grau de depreciar os homens notáveis, unicamente por não serem claros!...

Creia porem s. exc. que com isso não demonstra superioridade de sentimentos. Antes pelo contrario. Na epoca hodierna, nem nos proprios paizes europeus são cultivados tão extremadamente os preconceitos de cor. Nas escolas e universidades de Londres, Berlin, Paris e Vienna estudam numerosos representantes das raças amarella, indiana e malazia. A cor de suas epidermes varia pois desde o a morenado ligeiro ao accentuado bronzeo. Pois apezar desse accidente natural, elles não deixam de ser considerados e acolhidos pelas sociedades cultas das capitales europeas, mais apuradas e caucasicas sem duvida que as de nosso paiz. Ainda recentemente, um patriota nosso, tendo chegado da Alemanha, referiu com saudades que, naquelle adeantado paiz da Europa, não fóra tão alvejado pelo preconceitismo como aqui.

E recordou a superioridade da educação europeia, que sempre evitava melindrar os torsetes americanos ou aziaticos, antes proporcionando-lhe toda a especie de distincções.

Isso é muito mais nobre, (ainda mais na Europa), do que o procedimento do dr. Clemente Pinto, aqui, em pleno Brazil. E temos certeza de que s. exc. não recebeu suggestões superiores nesse sentido. Não! Os pró-homens do nosso Estado são adeptos da Religião da Humanidade. Por isso mesmo, almejam supprimir todos os odios entre os humanos. Já ha 25 annos, numa conferencia que, em commemoração ao 7 de setembro fizera na Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, disse Teixeira Mendes:

Da construção do dogma scientifico resulta que o homem e os animaes superiores possuem os mesmos orgãos e que a unica differença consiste na maior ou menor intensidade de cada um destes nos varios individuos; e demais, contorne a demonstração de Leroy e Gall os animaes não só possuem instinctos egoistas, mas ainda são dotados de paixões altruistas, o apego, a veneração, e a bondade. Desde então o sentimento do *dever* nos leva a respeitar não só os povos de civilização

inferior, mas ainda os proprios animaes, procurando elevá-los até o nivel moral, intellectual e pratico a que houvermos attingido, e não aniquillando-os systematicamente a pretexto de uma inferioridade incorrigivel. *Supprimem-se*, portanto, os odios nacionaes e os *preconceitos de raça, que só podem aproveitar aos que exploram a especie humana para satisfação do egoismo, pessoal ou nacional, pouco importa.*

(O grypho é nosso)

No interesse collectivo, pois, sentimo-nos obrigados a protestar contra a orientação odiosa e contraria à nossa unificação social que o sr. dr. Clemente Pinto acaba de encetar na Escola Complementar açulando mesquinhos preconceitos e assim estabelecendo dissensões e sizanias entre as alumnas, daquelle Escola. E lamentamos que o retrogrado dr. Clemente Pinto de agora seja um antagonista do dr. Clemente Pinto, auctor da *Selecta em Prosa e Verso*, adoptada nas nossas escolas publicas e particulares.

Voltaremos ao assumpto, se necessario for!

A ultima encarnação de Arlequim

(FRAGMENTO DUMA OBSERVAÇÃO)

PARA A MENTE CULTA DO DR. ALVARO FERREIRA—Rio.

... Arlequim pegou da penna e deliberou tornar-se publicista. Insciente de quaesquer preceitos de syntaxe vernacula, soffria entretanto de tenaz megalomania quando considerava-se espiritualmente. Queria adestrar-se, notabilisar-se nas lides mentaes, embora á maneira daquelle cavalleiro andante que arremetia contra as rodas dos proprios moinhos. Os que conheciam a inherente mediocridade de Arlequim, riam-se. Elle era victima, porém, de costumeira approxia. Não os percebia. De ahí o entunar-se de orgulho, quando se suppoz piloto nos mares de publicismo, disposto a humilhar quaesquer antagonistas, impadado as velas todas de sua vaidade. E, ao primeiro embate, aguçando a propria, illudente e imaginaria hyper-acuidade, convenceu-se de que uma acusação de laudicéas o seguia, para prompto exalçamento de sua obra. Arlequim, com cretinismo desvanecimento—sorriu. Sorriu e... decidiu proseguir, firmando rythmada energia nos membros inferiores. Comprazia-se já em sentir auditivamente o ruído de seus proprios passos,—dos passos que o levariam ao Capitoli do triumpho...

Em dado ponto de sua trilha Arlequim encontrou Aredino, também redivo. Cumprimentaram-se. Falaram-se. Deram-se a conhecer. E, radiante, foi Arlequim logo referindo todos os

G.E. Clemente Pinto completa 38 anos

O Grupo Escolar Clemente Pinto, do Bairro Lusitano, comemora hoje, 38 anos de atividades educacionais. O estabelecimento foi criado a 1.º de agosto de 1939 e começou a funcionar dia 12 do mesmo mês, como escola de nível municipal.

Em 1943, o Grupo Escolar passou à esfera estadual, tal o crescimento e as necessidades de ampliar sua atuação.

Atualmente, o colégio conta com quase 800 alunos em seus três turnos, 300 dos quais freqüentando o Curso Integrado, passo seguinte ao do MOBREAL e que representa a freqüência do 1º ao 4º ano do antigo primário, em apenas dois semestres. Este curso é noturno e freqüentado por alunos dos mais diferentes pontos da cidade.

O nome Clemente Pinto, é uma homenagem ao professor Alfredo Clemente Pinto, um dos maiores expoentes do setor educacional do Rio Grande do Sul. Ele lecionou durante 42 anos ininterruptamente e residiu em Caxias do Sul entre 1876 e 1877, portanto, no início da colonização italiana da região. Foi o autor da "Seleta em Prosa e Verso", cartilha que serviu de aprendizado para milhares de alunos no Rio Grande do Sul, pois foi adotada em todas as escolas do Estado.

Morreu vítima de tuberculose, no Rio de Janeiro e teve como uma de suas frases mais conhecidas: "morrer longe de Porto Alegre é morrer duas vezes", demonstrando o seu apego ao Rio Grande do Sul.

NO Grupo Escolar Clemente Pinto, serão realizadas várias comemorações internas, com a finalidade de assinalar a passagem da efeméride. Atualmente o Clemente Pinto conta com 38 professores e tem na direção a professora Marlene Nicoletti Peireira.

CAXIAS DO SUL

13 DE AGOSTO DE 1977

Jornal de Caxias do Sul (RS) – 1973 a 1989. 13 ago. 1977, Edição 00235, p. 14. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882470&pesq=&pagfis=5311>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

A Esmola de Um Mendigo

Encontrei-o muitas vezes na cidade baixa, perto da Rua Chile e em frente de São Bento. Era um sanfoneiro preto e cego, que um menino raquítico e tímido levava a esmolar por Salvador. A gaita, muito velha, mais do que sons, sofria de asma. Manhã bem cedo, quando o primeiro bonde subia estrepitando da Barra, o sanfoneiro ia para o trabalho e imóvel, instalado nos degraus de uma igreja, de olhos fixando o vácuo, sem destino, torcia e retorcia a velha gaita. À tarde, pelas quatro, de coroa, aproveitava os conhecidos da camarinetta (ônibus) e descia para a Barra, ponto intermediário na viagem de regresso para Cascao ou Chega Negro, que devia morar por aqueles lados.

Da primeira vez, estranhei ver um mendigo largar a epracha da Cidade Baixa, em pleno trabalho rendoso. Depois de um dia de serviço, quando o baiano da classe média enfrenta o diabo, no elevador Lacerda ou no Plano Inclinado, purgando os pecados, muitas vezes e na maioria das vezes, deixa-se emocionar pe-

los mendigos e abre com generosidade a mão. Nunca entendi bem o mecanismo dessa generosidade: se pedir aos céus que a espera no Elevador e no Plano fosse abreviada, fugindo desse purgatório ou se aquilo é fruto da meditação, que a meia hora de espera gratuitamente proporciona, à vista da Catedral-Basilica, com o título de Mem de Sá e do Pe. Antônio Vieira.

O mendigo sanfoneiro, com gaita asmática, não aproveitava essa oportunidade. Por que? Numa tarde por demais quente e bela, fiquei-me em casa e eis que, no pé do vizinho, um cidadão que tinha treze ou catorze empregadas, ouço gritaria alegre de criança e a sanfona bem típica suspirando. Depois de haver toçado para si, o preto velho, de pernas cambalãs e cabelo ruim, fazia quatro quilômetros para encontrar-se com as crianças do meu quarteirão, que

recebiam aos gritos e grande festa. Eram muitas e vinham todas bem limpinhas, trazidas pelas babás de avental branco, de linho, caprichosamente engomado. Punham o preto numa cadeira, ofereciam-lhe um copo d'água e a mentada, dando-se as mãos, dançava-lhe ao redor. O rosto do negro brilhava de felicidade.

Nunca esquecerei aquele sorriso de personalidade realizada. Tive a impressão de que o homem, que há anos e anos esmolava, pedía e supplicava algumas notas rasgadas, não tivera de todo o seu orgulho pessoal destruído. Algo ficara do desejo de ser útil, de fazer alguma coisa que lhe permitisse dar, sem nada receber em troca. E, curiosa situação! Para encontrar essa oportunidade justamente no bairro onde moravam os mais ricos, os mais bem situados, a aristocracia da Velha Bahia.

A última vez que o vi foi no dia em que parti de Salvador. Quando o automóvel dirigiu-se a Santo Amaro de Ipitanga, e deixava após si os coqueiros da Barra, as notas de «Com gelto vais estavam alegrando enormemente a garotada. A toada ficou-me no ouvido até o Rio de Janeiro. E ainda hoje, quando a ouço, recordo uma poesia, da Seleta em Prosa e Verso, sobre a esmola. E tenho uma vaga sensação que todos, neste mundo, precisamos receber e dar, também. Inclusive os mendigos.

P. S. — No título de minha crônica passada, entrou de contrabando um adjetivo. O título original era: «GUIDO MONDIN, POETA, PINTOR, CONSTITISTA E... SENADOR». Alguém pôs-lhe o «grandes», qualificativo merecido, mas que, neste caso deveria ser aplicado também aos demais predicados. Afinal, Mondin é um grande poeta, um grande pintor, um grande constituinte e um grande senador. Para mim, seu valor equivale-se como poeta e como senador, como pintor e como senador. Aqui fica a retificação.

MARIO GARDELIN

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1960, Edição 00048, 1 out. 1960, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=7821>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

O estilo e o assunto de «Mansueto Bernardi, Esboço de Uma Grande Vida», de Pedro Vergara, irmanam-se. Pedro Vergara escreve como se fosse para a biografia. Se vivo fora Alfredo Clemente Pinto, poria, sem dúvida, alguns trechos dessa obra, na sua eterna «Seleta em Prosa e Versos».

O leitor, se não conhecer a Seleta, não compreenderá o sentido de minha frase. Direi, então, que Pedro Vergara escreve sempre de mestre. Os primeiros períodos de sua obra soam como a introdução do Quinto Concerto de Beethoven: solenes. É que Pedro Vergara biografa classicamente Mansueto Bernardi, em suas duas vidas: o homem prático, administrador e agricultor; e o homem de pensamento, poeta e historiador.

Há algo de Imperial na vida de Mansueto Bernardi. Algo que recorda a figura de velho senador romano. Algo que fazê-lo dogmatista, pois, Mansueto Bernardi é grande em seu trabalho de homem público, de lavrador e de esteta.

Direi, mais, que o livro de Pedro Vergara, apesar de apenas 60 páginas, não sou como uma revelação. Dimensionou-

Mansueto Bernardi

me de uma forma inesperada o nosso vizinho Ilustre de Veranópolis. Mansueto Bernardi, que Pedro Vergara nos mostra, tem algo de Alexandre Herculano.

Como gerente da Livraria do Globo conseguiu marcar a história literária gaúcha: tantas e tão belas obras foram editadas no seu tempo. Comungou da probidade administrativa desse espartano que é Borges de Medeiros, como seu chefe de gabinete. Administrador em São Leopoldo, inaugurou novos padrões municipais, como prefeito. E o agricultor, em Veranópolis, divide o tempo entre os trabalhos da terra e da pena, fazendo a vila Bernardi amplamente conhecida.

Tudo isto Pedro Vergara conta, específica e analisa num estilo sonoro, exato e másculo. Há poesia e imagens, às vezes, em seu livro, mas é uma poesia que se adapta perfeitamente ao autor, homem do direito, e ao estudado, homem de cepta austera.

Fez bem Pedro Vergara em citar Herculano. Embora discretamente se refira à política e aos políticos, deixa entrever que o morador da Vila Bernardi carregou, das lides públicas, um infinito desencanto dos homens. A esta altura, muito provavelmente, Bernardi esteja citando a clássica frase de Rui Barbosa, com que Otávio Mangabeira se despediu da humanidade.

Talvez, isso devesse acontecer. O outro necessita do crisol. E a grande vida, que Pedro Vergara tão bem sabe desenhá-la e mostrar, fazendo um trabalho de garimpo e de batela, não fora tão grande, não tivesse a moldura do desencanto.

Talvez tenha feito muito bem em espiar um manto piedoso sobre essa dor. Os idealistas, que arribam, levados pelos seus sonhos, nos portos da política partidária, via de regra não esbarram com o

El Dorado da renovação e sim com Torfuga e outros antros da pirataria e do desenfreado interesse pessoal.

Contrasta com tudo isto, de uma forma nítida e fulgurante, a vida de Mansueto Bernardi. Passou por todos esses campos, pelejou em muitas batalhas, soube lutar muito sozinho, mas continuou sempre o mesmo idealista, sempre o mesmo homem, extremamente ansioso de construir e de edificar.

É que Mansueto Bernardi é da grande família do Pobrezinho de Assis. Há nele uma vocação franciscana, de beleza e de poesia, que soube materializar em primorosos versos. E quando, as manhãs estorram de fogo e ouro sobre os montes de Veranópolis, Mansueto Bernardi deve sentir que esses dias são como o do lavrador. Sai pela manhã, de mão prodígia a semear. E a semente cai em terras fecundas e nos lagados. Parte rompe viciosa, parte é comida pelas aves do céu, mas... que importa? Que importa se o semeador cumpre com brilho a sua missão?

MARIO GARDELIN

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1961, Edição 00013, 28 jan. 1961, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=8108>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Recebi, na semana passada, uma carta enternecedora de Ary Zatti Oliva, referente ao PAULIA. Confesso toda a minha surpresa pelo conteúdo e pelas revelações. Apenas sua esmerada forma literária e o calor das expressões não me eram novidade. A carta desvendou-me um Paulia, que jamais sonhei naquele ser que, solitário, andava pelas ruas de nossa cidade. Paulia, na verdade, foi alguém que vi ao longo de 16 anos sem que a pérola que Ary Zatti Oliva encontrou em seu coração, cintilasse a meus olhos. Outra massacrada pela vida, surgindo aqui é acóá, batido pelos anos Paulia foi desses que convivem conosco, mas que se encontram separados de nós por léguas imensuráveis. Ultimamente já não aparecia tanto pela praça. Sumia. Onde ia ele? Quem lhe dava pão e roupas? Eis um mistério que rodela todos os tipos populares. Pensava, então, que aquele velho que, aos 75 anos ficou só, mora em algum casarão da periferia; que aquele pretinho possui algum desvão de escada para abrigar-se... E assim, ocupados com nossos problemas e com nossos trabalhos, esses seres são figuras que deslizam por nossos olhos, mas que não penetram em nosso cérebro.

Paulia sorria. Essas sorrisos percebidos muitas vezes, mas nunca me ocorreu a idéia de que ele possuísse algum mérito. Não seria um esgar a estampar-se em sua face? Um rictus que a natureza ironicamente ali deixou para contrastar mais

O REITOR E O MENDIGO

MARIO GARDELIN

agudamente a dor difusa em seu corpo? Sentiria esse homem? Sofreria esse homem?

As perguntas, se formuladas foram, não tiveram resposta. E, um dia, o Paulia morre. Morre só. Morre num quarto de hospital onde apenas uma sacerdotisa lhe ministra os socorros da religião. Depois, é o frio do necrotério municipal e o dever de ofício de um administrador que se interessa por ele. Nem uma lágrima e nem um amigo. Em caixa doado pela Prefeitura, aquele corpo macerado pelas desidias, vai para o seio da terra. E o óbito é atestado sem que seu nome fosse consignado na documentação. Filição, idade, lugar de nascimento e outros detalhes permanecem em branco. Não morreu um homem. Morreu um apelido.

Há, porém, uma lei de equilíbrio, nesta terra. Dez minutos decorridos após o sepultamento Paulia recebe a visita de um grupo de jovens caxienses, que iam velar-lhe a cortejo. Tardia homenagem. De céu, — e Ary Zatti Oliva crê plamente que Paulia está no céu, — é de deve ter sorrido mais uma vez, como sorriu quando o encontraram encarrangado de frio,

debaixo de uma escada, em pleno inverno. Mas: passaram-se alguns dias desde que o triste Paulia desapareceu da cidade, e eis que uma das personalidades de mais relevo sai a público, a proclamar seu carinho, sua simpatia e sua simpatia por ele. A carta de Ary Zatti Oliva foi como justiça esperada e preparada pelo destino para compensar a indiferença, — com que tantos viram o infeliz andar por nossas ruas.

Paulia tinha nome. E, pasmem os leitores, sabia escrevê-lo legivelmente. Este detalhe vem comprovar que dentro daquele castigado corpo havia um cérebro que podia pensar. Havia um espírito que podia sofrer. E que sofreu por 65 ou 70 anos, pois o Paulia desapareceu com essa idade. E se Paulia conseguiu aprender a desmascar seu nome, significa que ele não era o incapaz que tantos, como eu, supunham fosse.

Há uma amizade comovente, espelhada na carta de Ary Zatti Oliva. Direi que é uma página de antologia, dessas que meritariamente podem ir para a «Seleta em Prosa e Versos» de Alfredo Clemente Pinto. Dois ápices de uma cidade, que encontraram a escada do cora-

ção, para igualar-se. Na verdade, Paulia, o humilde encontrou uma alma que o fez sentar-se. À mesa da amizade, como um hóspede querido. E isto, não é obra de um momento ou de uma emoção que passa. Ary Zatti Oliva foi mais que amigo do «João Rodrigues», — este o nome do Paulia. Longos anos, deu-lhe roupas, alimento, dinheiro, remédios... Enfim, abriu-lhe a porta de sua casa.

Modesto Paulia esmolava algum dinheiro. Quer'a apenas «um pilas». A infâmia não chegara ao reino de seus sorrisos. Um pilas há muitos anos... um pilas ainda agora.

A morte chegou. E quem a madratíssima vida suportou com sorrisos, com sorrisos deve ter recebido a morte. Não veio certamente armada de alfanje e nem cortou com furor a pobre vida, que vinha a passo cansado, por uma longa estrada. Quando aquele alma prisioneira, rompeu as amarras do corpo maltratado, ela deparou com o Senhor da Vida. E, esplêndida e luminosa, com um sorriso imenso, varou os portais da eternidade, e emergulhou no Grande Sorriso, que é Deus.

A afirmação de uma amizade indestrutível, feita pela carta de Ary Zatti Oliva, não só traçou a despedida de Caxias ao Paulia, — Fez com que naquele dia frio e triste, não morresse apenas um apelido. Ary Zatti Oliva lançou o epitáfio de João Rodrigues e restituiu a Paulia, morto, sua dignidade de homem.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1963, Edição 00041, 10 ago. 1963a, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=10124>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Não sei se é porque não leio com atenção os jornais ou porque enfiado numa série de atividades, não posso cuidar das notícias que correm pela cidade; o certo é que vim a saber da enfermidade de Silvio Toigo somente há poucos dias.

É lá me fui a vê-lo, para levar-lhe o abraço de amizade e bons votos. Encontrei-o deitado, recordando-me a história do velho das varas, de que fala a Seleta em Prosa e Verso de Alfredo Clemente Pinto, um dos livros que mais amei em minha vida. Meus votos de saúde e tranquilidade demonstraram-se logo desnecessários. Estava em corado, um tanto magro, é verdade, mas sólido e firme, como convém a um brioso combatente da primeira guerra mundial, veterano de assaltos a baioneta e de combates travados no alto dos montes, em cima de um manto de neve immaculada.

Silvio Toigo, para mim, é um símbo-

Um Velho Lidador

MARIO GARDELIN

lo. Representa uma época, em que tanto de iniciativa e de decisão pessoal foram necessárias! Recebeu-me com aquela cordialidade antiga, um misto de afeto paternal e de consideração. Perguntei-lhe como andava, com poucas palavras. Ele ergueu os braços, emocionou-se e respondeu que bem, «em paz com Deus e com os homens». Em oitenta dias de cama, a braços com a enfermidade, encontrará-o e achará mesmo velhas amizades, turvadas por fatos passados. Sentia-se feliz, felicíssimo. Fora como quem saíra por um deserto e de repente deparara com uma fonte de água cristalina, a estalar sob um palmeiral.

Falamos de coisas velhas. E de sonhos atuais. Falamos do tungue, desse ideal inextinguível de Toigo. Das plantinhas e das sementes que cresceram nesta terra, porque encontraram suas mãos protetoras, primeira defende-las contra as geadas e depois contra a especulação. Mãos que tiveram de alargar-se e bracejar, para dar lugar a essa sólida Cooperativa de Tungue, pérola engrastada na história do cooperativismo riograndense. Falava dela como quem fala de uma noiva muito amada ou de um filho, que perpetua o nome pelos anos afora.

Falamos de outras coisas. De amigos que o tempo levou. De campanhas

levadas avante com toda fé. De balanços da cooperativa, de retornos distribuídos, de monumentos que começam e findam uma carreira.

Sereno em seus 70 e tantos anos, ele me pareceu um velho lidador. Recordo-me uma página de Alexandre Herculano, cheia de realizações e de trabalhos. Na verdade, Toigo é um homem de fortes emoções. Sempre foi assim. Gostou de seus amigos. Defendeu-os e por eles lutou.

Hoje, neste sábado, ele está de festa, porque a Cooperativa do Tungue marca uma nova etapa. Vai haver churrasco, chela de realizações e de trabalhos. Na verdade, Toigo é um homem de fortes emoções. Sempre foi assim. Gostou de seus amigos. Defendeu-os e por eles lutou.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1963, Edição 00044, 31 ago. 1963b, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=10171>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Três histórias exemplares

Jimmy Rodrigues

Jornalista

Creio que foi na antiga “*Selecta em Prosa e Verso*” de Alfredo Clemente Pinto que li uma história atribuída ao pintor grego Apeles que viveu no século IV antes de Cristo. Apeles pintou, de corpo inteiro, o retrato de uma pessoa. Ansioso por saber da opinião dos outros sobre a sua arte, expôs o quadro à porta do ateliê e escondeu-se de modo a ouvir o que os passantes diziam. Um deles, sapateiro renomado, admirou a pintura e comentou que a chinela da figura tinha defeitos. E foi apontando outras imperfeições: no joelho, no vestuário, na boca. Apeles não se conteve, saiu do esconderijo e disse a frase que se tornaria célebre:

— Não suba o sapateiro além da chinela.

Embora transcorridos tantos séculos, os “sapateiros” continuam a subir além da chinela, dando palpites sobre tudo e sobre todos, geralmente sobre o que não entendem.

Talvez resida neste mau hábito a explicação para um fato intrigante: por que os problemas do país não foram ao menos amenizados, se há tanta gente falando e escrevendo sobre eles? Parece que todo o mundo sabe como governar, como administrar, como conter a infla-

ção, como combater a miséria. Porém, na prática, o que se ouve e o que se lê é que os governos não prestam, não existem administradores competentes, a inflação é irreversível e a miséria se expande inexoravelmente.

Estamos na situação do indivíduo a quem o médico diz: você está muito doente. Comenta sobre o seu precário estado de saúde, mas não prescreve o que você deve fazer, quais os remédios que precisa tomar, o regime que terá de seguir para ficar bom. Por falar em médico, somos generalistas: entendemos de tudo um pouco, de futebol a capação de touro. Com a maior naturalidade deste mundo, discorremos sobre coisas de que apenas ouvimos falar vagamente. Não apenas discorremos, mas o fazemos com a empáfia e a segurança de quem domina ampla e profundamente a matéria. É o apanágio do típico malandro carioca.

Tem um conto de Lima Barreto intitulado “O homem que sabia javanês”. Narra as peripécias de um sujeito desempregado que transforma-se em professor de javanês, inobstante não conhecer sequer rudimentos do idioma falado em Java. Entra na diplomacia, é indicado para representar o país em um Congresso de Linguística na Europa, enrola todo o mundo e, ao voltar

consagrado, recebe a honra de um convite para almoçar com o presidente da República (naquele tempo ainda não havia rampa no palácio).

Outro conto, de Orígenes Lessa, chamado “Shonosuké”, conta a história de um japonezinho nascido no Brasil que desenhava retratos a cinco mil réis o exemplar. Certo magnata, ao ver o pobre japonezinho faminto, pensou em pregar uma peça à sociedade. Com a cumplicidade de um colunista social famoso, transformaria o pobre diabo em grande pintor que seria aclamado como gênio e venderia quadros por verdadeiras fortunas. Então, o magnata contaria a verdade sobre sua “invenção”. O renome de Shonosuké — este o nome do japonês — chegou a Paris. Quando a farsa foi tornada pública, Shonosuké — que estava convencido de que era um grande artista — suicidou-se.

Descobriu-se, algum tempo depois, que Shonosuké era, realmente, um pintor genial.

Moral da história? Há uma porção de sapateiros querendo subir além da chinela; há muito vigarista intitulando-se professor de javanês; e um considerável número de sujeitos medíocres que tenta desmoralizar valores que eles não têm condições de perceber e nem de avaliar.

Folha de Hoje (Caxias do Sul). Ano 1991, Edição 00493, p. 2, Seção Opinião, 17 mai. 1991.

Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882364&pesq=&pagfis=18510>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

PROBLEMAS ESCOLARES

Por José Machado

Pois neste início de ano letivo eu comecei a ler alguns artigos na imprensa, comecei a conversar com amigos e colegas, comecei a ouvir as exigências dos quatro filhos, que frequentam colégio, e os cabelos se arrepiaram. E, pelo que me foi dado observar, o problema é generalizado. Começou já antes das aulas, com aquele discutido problema do "paga-não-paga" a famosa taxa de inscrição escolar, uns dizendo que era para o colégio, outros para a caixa escolar e, outros, mais espertos, para o Círculo de Pais e Mestres. Mas a grande verdade é que quase todo mundo marchou, inclusive este modesto escriba, pagando sua taxazinha a fim de não se incomodar e de não perder tempo com querelas. Depois, ah! Depois meu amigo leitor, nem é bom falar. Foi um tal de "compra-isso-compra-aquilo-compra-aquele-outro" que até parece pregão de bolsa de valores ou de casa de judeu em liquidação. Incrível como se pediu coisas para que as crianças pudessem ter um pouco mais de conhecimentos e cultura. Livros para tudo quanto é matéria, em algumas delas, até mais de um livro. Cadernos aos borbotões. Lápis, canetas, borrachas, esquadros, réguas, transferidores, papéis de vários tipos e cores. E tem mais. Ora se tem. Colégio que se preza deve exigir o máximo. Ai então veio o famoso pedido de materiais outros. Roupas para educação física, tênis especial, calção especial, camiseta especial, meias especiais. Só não pediram o automóvel para ir buscar o professor em casa. Pois eu tive um chique. Na minha casa são quatro crianças no colégio, naquela fase em que "é obrigatório o estudo segundo a Constituição do País", caso contrário dá cadeia para os pais ou responsáveis. Depois, o velho aqui também resolveu voltar aos bancos escolares, na Universidade, porque no mundo de hoje, quem for pegado de surpresa, sem preparo, vai se ralar. E vejam, cinco para comprar livros e todo o material escolar, vai dar, muito em breve, no aperto da cinta e na mesa mais magra. E o que é pior, é que a gente vê que, com tanta exigência e com tanto livro na mão, a criança de hoje ainda não chegou ao estágio daquelas gerações de ontem que tinham na mão a Seleta em Prosa e Verso e um ou dois professores da mais fina cepa. O resto vinha de acréscimo. Hoje se gasta milhões de cruzeiros para educar os filhos e eles voltam para casa revoltados e pior do que se queria. E eu dou exemplos. As crianças fazem educação física de calçõesinhos e camisetinha, até mesmo sob a chuvinha fria que anda caindo e os professores, bem agasalhados, casacos e abrigados, somente "dão as ordens". Ah meu tempo de chefe de escoteiros. A gente dava o exemplo, caindo cedinho da cama e indo lavar a cara na água fria do rio. Depois, de calções e camiseta, junto com a gurizada, se ia para a ginástica e para a marcha batida, sempre na frente da tropa. Hoje é na base do "faz-o-que-eu-digo-mas-não-faz-o-que-eu-faço". Enquanto as crianças fazem campanhas de angariar isso ou aquilo para a caixa escolar, na base dos dois pezinhos, os professores acompanham-nas comodamente sentados dentro de seus carros e bem agasalhados com o sistema de ar condicionado dos mesmos. Nas aulas, o melhor exemplo nem sempre tem vindo dos mestres, apesar de se reconhecer que a grande maioria deles são uns abnegados, verdadeiros sacerdotes da profissão que abraçaram. Um de meus filhos foi obrigado a ir ao seu colégio, numa manhã fria e chuvosa, somente para ter uma aula, já que nos demais horários os professores não puderam dar aula. Depois voltou molhado e sujo de barro para casa. E de deixar triste qualquer pai de família. E, ao que parece, os uniformes vão mudar outra vez. Até quando, meu Deus? Pensem bem nisso. Até a próxima.

— EDITORIAIS —

A escolinha de São Caetano

Mário Gardelin



Há dias, as circunstâncias me permitiram um luxo que... há quarenta eu buscava. Visitei a escolinha onde aprendi as primeiras letras. Situa-se em São Cateno, no município de Flores da Cunha. Foi lá, que pelos seis ou sete anos, com meus tios, comecei a descobrir o mundo da escola, onde ainda me encontro. São muito vagas as recordações. So sei que, um dia, me disseram que era para acompanhar aos outros alunos e nos metemos no caminho. Cortávamos potreiro, mato e campo e íamos em linha reta. Passávamos pela casa do Toni Marcante, depois pelas terras do Tita Novello e, por fim, desembocávamos na estrada geral. Ou seria real? Até hoje não sei qual das duas designações nos ficava na mente. Seguíamos pelo caminho, longo tempo e, por fim, lá estava a escolinha. Era feita de madeira, com um puxado atrás e coberta de tabuinhas. Janelas por todos os lados e muita claridade. Na frente, havia algumas árvores e um belo pátio, onde brincávamos no recreio. Não sei quantos alunos fossem, pois, nunca avalei seu número. Recordo que havia de muito pequenos, mas também de grandes. E que, sem dúvida, éramos muitos. Os bancos eram rústicos. O quadro negro ficava à direita da professora e a mesa dela logo à entrada da porta. Devia haver umas cinco classes. A mais adiantada regia-se pela "Seleta em Prosa e Verso, de Alfredo Clemente Pinto", um livrão, considerado tal por todos nós; um monumento de saber. Meu tio Jácomo Dall'Alba sabia muitos trechos de cor. As festas eram maravilhosas e a escola era ornamentada com folhas de palmeira e havia muita declamação. A professora, essa sim, eu lembro com exatidão, porque era a minha tia Virginia Dall'Alba Novello, irmã de minha mãe. De manhã lecionava em São Cateno. A tarde, numa outra escola. Era dedicadíssima e se aposentou depois de longos anos de trabalho.

Sobre este fundo de memórias, cheias de sol e de pássaros, voltei. A Escola não era a mesma e isso eu sabia. No local do prédio de madeira, foi erguido um de material, que também funciona como salão de festas. A frente, com túmulos brancos, o cemitério é bem maior do que há meio século. Recordo dois funerais: o de uma criança, de dois aninhos. E de uma mãe, que deixou muitos filhos pequeninos. O choro ainda me fere os ouvidos. E compreendo como o tempo a tudo apaga. A criancinha dorme para sempre no berço da eternidade. A mãe... seus filhos são homens maduros hoje... Subo a escada e a professora me recebe. É minha prima, Anita, filha da minha antiga professora. Agora, os alunos são catorze. Peço a lista de chamada. A maior parte são sobrenomes luso-brasileiros. Há apenas duas famílias que eu conheço bem: os Novello e os Bassanesi. Os demais... tudo desconhecido. Pergunto a causa: e venho a saber que uma poderosa empresa está comprando todas as colônias para reflorestar. As terras são íngremes e os proprietários desfazem-se delas e vão para as cidades. Falo aos meninos. Conto-lhes que aí também estudei. Recordo como era o local há quarenta anos atrás. Eles me sorriem, com sua feliz alegria. Despeço-me e cumprimento a professora pelo bom êxito do seu ensino. E aperto a mão a todos eles... um pensamento me assalta. Voltarei, um dia, a ver a escolinha de outrora? Sinto que aí ficou um mundo... em que havia outrora, um menino feliz.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1974, Edição 00044, 7 set. 1974, p. 4. Seção Editoriais. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=23359>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

O PROBLEMA DO AMOR

José Machado

Pois nos últimos dias, e levado tão somente pela curiosidade e pelo espírito jornalístico, eu tenho perguntado a alguns amigos mais chegados o que seria, na realidade, o amor. O meu prezado leitor já deve estar pensando que o número de respostas foi o mais variado possível, assim como caríssima foi a diferenciação entre elas. Muita gente acha que o amor é assim, outros que é assado. Uns acham que o amor é isso. Outros acham que o amor é aquilo. Mas em um de meus amigos eu encontrei a resposta: amor, é aquilo que a gente sente quando se é capaz de dar a vida pela pessoa que se ama. Amor, é dar para a pessoa amada exatamente aquilo que gostaríamos de receber de quem achamos que nos ama. E eu exultei de alegria. Sim, exultei. Porque no mundo materialista em que estamos vivendo hoje, são raríssimos os exemplos de amor e desprendimento. Não é muito difícil a gente amar a mulher com quem casamos e com a qual vivemos. Não é muito difícil a gente aprender a amar os filhos, os quais, afinal, são frutos de nós mesmos e, pelo simples fato de passarmos uma vida inteira junto a eles acabamos por ter uma afeição tão profunda que poderíamos chamá-la de amor. Mas como isso é difícil quando se trata das outras pessoas. De estranhos que nada tem a ver com a nossa vida ou com a nossa família. Como se torna difícil, quase impossível, a gente dispender alguns minutos do nosso dia em função dos nossos semelhantes. Como se torna quase impossível que saíamos de nossa rotina diária, em busca, cada vez mais, do vil metal chamado dinheiro, a fim de socorrer alguém que, ou não conhecemos ou mal e mal cumprimentamos na rua. Mas aí é que aparece, realmente, o amor. Quando nós temos a disposição de fazer alguma coisa por alguém que jamais poderá nos retribuir, quando nós damos de nós, na certeza absoluta de que estamos somente dando, e que nada, absolutamente nada nos será retribuído, aí sim, amigo leitor, aí sim começa a aparecer o amor. Porque é muito fácil ao político, por exemplo, arrumar uma bolsa de estudos, conseguir uma baixa em um hospital, afinal, fazer uma coisa à alguém, se ele sabe que o voto do beneficiado vem vindo atrás disso. É muito fácil a um homem ou a uma mulher dar de si ou, num gesto de magnanimidade, fazer algo de grande pelo outro, mas sabendo que poderá, em troca, pedir alguma coisa, na maioria das vezes os carinhos que, ao natural, e por amor, não receberia. É muito fácil matar-se a fome de quem tem fome e a sede de quem tem sede em troca do trabalho quase escravo, e, às vezes, desumano. Mas o difícil, o bem difícil mesmo, é dar, dar e dar, sem esperar, em momento algum, a recíproca. E eu sempre me lembro de uma das fábulas da famosa Seleta em Prosa e Verso, que era livro de cabeceira de meus velhos pais. Era assim a fábula: "Era uma vez um homem que vivia com sua família, junto à qual vivia, também, seu velho pai, já trôpego, cansado de uma vida cheia de dureza e sacrifício". Nas horas das refeições o homem enchia de sopa uma tijela de barro e pedia a um dos filhos, pequenino, que a levasse ao avô. O menino perguntava ao pai porque é que o velhinho não podia vir sentar-se à mesa e comer junto com eles. Ao que respondia o pai. - Ele deixa a comida cair por sobre a toalha, já está meio caduco, e poderá quebrar um de nossos finos pratos. Passaram-se os anos e um dia o pai descobriu o filho a trabalhar arduamente, na fabricação de uma tijela de barro. - Para o que estás a fazer uma tijela de barro? perguntou ao filho. - É para o dia em que ficares velho como o vovô. Então vou servir tua sopa nela. O homem entendeu a grande lição que acabara de receber do filho e sentiu que, o que faltava nele, em relação ao velho pai, era amor. nada mais que isso. E passou a amá-lo ainda mais". A lição é muito atual. Pensem bem nisso.

Até a próxima.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1975, Edição 00065, 2 ago. 1975, p. 4. Seção Editoriais. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=25340>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

JOAQUIM PEDRO LISBOA, O ECOLOGISTA

MÁRIO GARDELIN

Grande é o clamor ecológico. O mundo, entre a sujeira (nome mais populista que poluição) e os desertos (fruto da natureza e da estupidez dos homens), olha o futuro com medo, e medo que, por enquanto, está no alto, nas cúpulas, nos meios intelectuais, mas que, muito breve, começará a descer às camadas populares. Falar em florestas devastadas, areal que avança insidioso pelos nossos campos, em perspectiva de pedrouços e cerros escalavrados, é difícil. Ainda estamos embalados com o cantar de nosso hino nacional, a grandeza estrupidente de nossos rios e outras lizezas.

Daí, porque nestes dias, reordei, com dobrada saudade, o Joaquim Pedro Lisboa. Saudade do meu companheiro de palestras, falando de coisas históricas e tradicionais. Saudade do ecologista, cujos méritos não foram proclamados ou estão sendo esquecidos. Um dia, fazem tantos anos, o Major da Guarda Nacional Joaquim Pedro Lisboa contou-me o que fez para conseguir que se reflorestasse por aqui. As matas minguavam, arrasadas a ferro e fogo. Moirões para os novos parreirais podiam ser obtidos nas pedreiras, mas não as há em transbordante abundância. Era preciso prever para prover. E ele e outros começaram a sugerir aos nossos colonos, que plantassem e reflorestassem. Ao balcão do Instituto do Vinho, Joaquim Pedro Lisboa pregava. Mansamente sem atropelos, sem objurgatórias ou brados estatóreos. "Cheguei a contar aquela história do califa, da Seleta em Prosa e Verso, de Alfredo Clemente Pinto. Conhece? "Claro que conheço e certamente seu êxito, meu caro Lisboa, se deve aos bons argumentos encontrados nesse livrão, que é a Seleta"...gracejei. O certo é que se plantou. Está bem que alguns tenham grandes restrições ao eucalipto, por achá-lo aitéo, disseminador de cogumelos, e outros malefícios. Mas, entre ter eucaliptos e não ter é sempre melhor ter. E os eucaliptais nasceram vigorosos das palavras do ecologista Joaquim Pedro Lisboa. No entanto se ele fazia suas pregações ecológicas, a simpatia e o carinho não eram apenas para essa planta exótica, à qual em vão eu tento pendurar um quala, o bichinho chorador, das Austrálias. Joaquim Pedro era entusiasta mesmo do nosso glorioso e bíblico pinheiro. O bíblico aqui entra para competir com o carvalho, porque o pagãozinho pinheiro, a nossa araucária, na Bíblia só entrou mesmo como papel. Joaquim Pedro era daqui, da terra, das nossas coisas da nossa gente.

Cabe, agora, fixar a data em que Joaquim Pedro Lisboa se deliciava em pedir aos colonos que plantassem árvores. Pois, foi lá pela II Guerra Mundial, o que vale dizer, entre 1939 e 1945. Estava-se bem longe de imaginar que a poluição e o deserto haveriam de abalar o mundo e sacudir os homens. E, no entanto, o meu intrépido Major da Guarda Nacional conseguia convencer não com o argumento da utilidade, mas com um chamamento à beleza da floresta.

Ah! Senhores Técnicos! Quando me falam de que mato, e pinheiro se planta mesmo a peso de ouro, preferentemente saído das arcas federais, eu recordo Joaquim Pedro Lisboa, que nesta região, pessoalmente, dentro do Instituto do Vinho, mais fez que todos os incentivos fiscais federais, estaduais e municipais.

E com isso, peço mais um mate. E mais um naco de churrasco. E um copo de vinho, cintilante, a derramar-se em luminosidades. Por que falar do ecologista Joaquim Pedro Lisboa, é reler um velho e sempre novo poema, de saudade de carinho e de amor, vivíssimo pelas nossas coisas.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1975, Edição 00082, 2 ago. 1975, p. 4. Seção Editoriais. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=25787>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

BOLE-BOLE

Mário Gardelin

Seu nome é atualizadíssimo: Bole-Bole. Depreende o leitor a origem: a novela da Saramandaia, aquela em que um doutor cospe formiga, uma assanhada queima a cama e um homem apara as asas para não voar. Se a novela é de coisas fora do comum, Bole-Bole é comuníssimo. Veio pequenino, ganho de presente. Olhando aquelas 650 gramas irriquietos de rabinho abanando entusiasmado, não se pode identificar sangue algum de alto pedigree. O certo é que veio enfrentando poderosas forças ocultas e forças notórias. Arranjaram-lhe uma caixa com serragem abrigada do vento, nas noites frias. E como fosse demasiadamente pequeno, Bole-Bole foi confinado numa cerca, com o que não se sentiu conformado, diga-se de passagem. Logo aprendeu a pulá-la, o que para alguns já é um péssimo sinal, pois, o cãozinho pode estar crescendo com perniciosas idéias libertárias. Logo, tornou-se dono e senhor do terreiro e nem mesmo se arrefeceu diante daquele vulto preto que, miando o olhava com suspeita. A inocência canina evaporou-se diante da perfídia felina. Entendeu Bole-Bole que o Mico também tinha o seu transbordante espírito de brincadeiras. Abraçou-o. O gato deu-lhe uma arranhada. Resultado: a prudência foi a primeira virtude incutida pela vida em nosso Bole-Bole.

Se sofreu um revés, no entanto, não desanimou diante da beleza de viver, já que o leitor há de saber que Bole-Bole é essencialmente otimista, isto até que tome conhecimento de Schopenhauer ou de Sartre. Um dia, rolando pela eira apareceu algo que se movia assustadoramente. Nosso cãozinho, com espírito heróico, ergueu as orelhas, apontou-as para o alvo e disparou como uma bala. O assustador desconhecido e o cão rolaram de cambulhada. Não importa que fosse uma grossa folha de noqueira: a decisão do ataque e a firmeza de execução, fizeram de Bole-Bole um magnífico soldado de assalto, fato, aliás, comprovado alguns dias depois, quando, duas senhoras entraram em casa e, errando o caminho, foram ao pátio. Bole-Bole arremeteu com grandes brados e embora, agora, fosse apenas 1.000 gramas vigilantes as damas acharam conveniente retirar-se. O fato, como se dizia na Seleta em Prosa e Verso, grangeou-lhe a admiração e o respeito de todos.

E daí eu concluiria que Bole-Bole tem algo de espartano e de prussiano. Espartano, pois não lhe falta coragem. Prussiano, por ter disciplina, pois, obedece ao grito, não o primeiro, mas o mais forte. Na verdade, desconfio que ao lado dessas tendências, de prussianidade e espartanidade, ele é um refinado burguês. Nos momentos de euforia, deu para atracar-se com as roupas a quarar.

Elevou-se altíssimo o clamor contra o desajuizado. Construiu-se então, um muro, separando a horta do pátio. Mais do que isso, construiu-se uma casinha. Bole-Bole reconheceu a limitação do seu campo de ação; aproveitou a casinha para as horas ensolaradas, mas à noite continuou a abrigar-se em sua confortadora caixa. Isso de ter uma casa de campo e outra na cidade, sempre me pareceu uma reminiscência burguesa, nem que ela se chame de "datcha"...

Bole-Bole está sereno aguardando seu bocado de carne. Mico, o gato, continua distante. Bole-Bole é afetuoso e entusiasta da vida. O cachorrinho promete tornar-se um vigilante guarda da casa. Isto se não acontecer o que ocorreu com um antecessor. Tão bravo ele era que, um dia os ladrões o roubaram.

Poupança em abundância

Alvino Melquides Brugalli

Nunca, jamais, em tempo algum, diria o empolgado discurso do jovem ginasiano (ainda existe isto, meu Deus?), se viu tanta poupança e tanta abundância.

Afinal, poupança gera abundância, ou seja, a segunda é conseqüência da primeira.

O ato de poupar, nos tempos bicudos, só é comparável ao trabalho da formiguinha que a velha e surrada Seleta em Prosa e Verso, do Alfredo Clemente Pinto, tão romanticamente retrata.

Por sua vez a poupança em tempos de abastança não é sovínice. Já o bíblico aprovisionador do Egito, José, foi avisado em sonhos para estocar trigo nas tulhas do Faraó, porque viriam, logo depois, os anos das não menos românticas "vacas magras", nem por isso menos nefastas à economia de quem já construía navios de papiro e sólidas pirâmides, reflexos da megalomania de algumas afortunadas múmias.

Nada melhor, portanto, para o Brasil, que maldosamente dizem não ser sério — nunca se viu em país nenhum do mundo ser levada tão a sério a poupança —, do que mostrar "urbi et orbi" que a poupança em abundância é a salvação da lavoura.

Crise? Talvez na Indochina, de quem tanto se fala e ninguém sabe onde fica.

Desemprego? Ah, coitados dos americanos! Os produtos brasileiros — do computador à cuíca — entraram de tal modo no mercado do gigante do norte, que lá o desemprego é tão preocupante que já se começa a falar em convulsão social.

Falta de moradia? O que é isto? E a ponte, e o viaduto, e a escadaria do edifício, para que servem?

Capital de giro? Não. Nem as microempresas precisam de dinheiro. Foram elas que solicitaram aos bancos que permanecessem fechados. Só assim os papagaios continuariam voando mais três ou quatro dias à míngua.

Nem sequer telegrama de condolências! Azar de quem morreu naqueles dias!

Foram quatro dias e meio dedicados única e exclusivamente à poupança que gera abundância.

Fico imaginando que mente privilegiada bolou

tão heterodoxa forma de solucionar uma questão que o Plano Cruzado, de forma ortodoxa, não conseguiu. Mas, é sempre assim. As grandes soluções nascem das idéias mais simples.

Não? Então me responda: o que você faria se não existissem o zíper, o clipe, a caixa de fósforos? A esferográfica não surgiu quando deu um "clic" na cabeça do cara que estava jogando bolinha de gude e percebeu que a esfera de aço deslizava mais do que a de vidro e que caindo numa poça d'água marcava bem o percurso?

Se você ainda usa caneta-tinteiro, está na hora de acordar. Isso é coisa do tempo do José, aquele ali de cima, que contabilizava o trigo que saía das tulhas do Faraó — porque o que entrava era requisitado para garantir o preço congelado para a população — quando trocaram o valor da libra egípcia que passou a valer 5 *tallaris* ou 100 *piastres* ou, ainda, 1.000 *milliêmes*. Aliás, os bois que saíram das fazendas para garantir o *preço congelado* da carne (quando se deveria garantir o preço da *carne congelada*), também só foram contabilizados um ano depois, na hora de indenizar os fazendeiros expropriados.

Mas, deixando os bois no pasto, voltemos para a luminosa idéia dos dias dedicados às únicas coisas sérias já feitas neste país, desde que Cabral, o Descobridor e não o Constituinte, lançou âncoras ao largo de Porto Seguro.

Seria mera coincidência que é na Baía de Todos os Santos onde se cultua com mais vigor o salutar hábito da poupança que gera abundância?

Pode até ser que seja. Porém, o Rio, maravilhosamente maravilhoso para os maravilhados poupadores — nacionais e estrangeiros —, tomou conta da conta. É isto mesmo. Não é redundância. Tomou conta da conta da poupança.

Se você viu por aí algo melhor, me avise. De minha parte estou plenamente convencido. O carnaval brasileiro, do Rio, especialmente, deveria mudar de nome e passar a ser o período dedicado à poupança, onde todos se sentiriam felizes nos fartos seios da abundância.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1988, Edição 00074, 19 fev. 1988, p. 2. Seção Opinião. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=110475>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Continho

Sereno ancião de longas barbas brancas - foi a imagem que lhe ficou de Deus, desde que a viu, há muito tempo, nas páginas da *Seleta em Prosa e Verso*. Desde então, nunca mais pode ver outra vez, nem o livro, nem a imagem.

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 1994, Edição 05923, 3 e 4 dez. 1994, p. 2. Seção Opinião. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=193387>>. Acesso em: 13 mai. 2020.



ENSAIO

Os cadernos de D. Amélia

MÁRIO GARDELIN

Era uma vez... História de fadas? Não sei. Se for, a fada se chamava Fedelvinda e morou entre nós, em Boca da Serra e Vila Seca. Nascida aos 25 de janeiro de 1910, cedo foi para a escola, mantida por São Francisco de Paula de Cima da Serra, um município, grande de nome e de território. Diligente, guardou todos os cadernos com os exercícios escolares. Vi-os e pedi para examiná-los. Um encanto! Por que não publicá-los? Feitos os trâmites, por determinação do Reitor Ruy Pauletti, saíram a lume, como se diz, em 1º de junho passado, quando Vila Seca festejava 89 anos de elevação a distrito. Tão bela surpresa, evidentemente devia ser partilhada.

Houve, há tempos, um jovem sociólogo, que esteve neste Estado, em pesquisas. Hoje responde pela Presidência da República. Temos no Ministério da Educação um gaúcho, brilhante. E, um poeta, o nosso Guálter Pasa,

devassador dos segredos dos campos de ouro. Pois, todos eles tiveram acesso à publicação. Diz Guálter: "A leitura do livro mergulha o leitor no meio de um grupo de meninos e meninas, ao redor de uma professora, numa sala de aula dos anos de 1926 a 1930... Aquela forma de educar formou cidadãos úteis à sociedade... A preocupação da mestra era invariavelmente apontar aos alunos os deveres de cada um..." Vila Seca gerou pessoas cujo caráter e valor tornaram-se referência..." Fedelvinda, nome próprio para

uma fada, passou a ser conhecida por outro: Amélia. Tornou-se uma esplêndida jovem. Casou. Prendeu-a Deus com belos filhos e netos e por muitos anos foi feliz ao lado do marido, Jacó Basso, em Ana Rech.

Um dia, os cadernos apareceram e causaram espanto. Contou ela a sua história. Um testemunho de que, há tantos anos, apenas com a *Seleta em Prosa e Verso*, os cadernos da Livraria Saldanha e a professora, Dona Chiquinha Castilhos, se sabia lapidar diamantes, alguns dignos de uma coroa.

Festejamos o acontecimento no Veraneio. E aí foram lidos os cumprimentos do Presidente da República, do Ministro da Educação, do Presidente da Assembléia Legislativa e a carta do poeta. Dona Amélia Fedelvinda Basso, formosa nos seus 85 anos, não era a fada, a encantar Boca da Serra e Vila Seca. Era a Rainha de todos os corações, a rosa de nossos campos de ouro.

"A preocupação da mestra era invariavelmente apontar aos alunos os deveres de cada um..."

Pioneiro (RS) - 1941 a 2017. Prefeitura de Caxias do Sul, Ano 2000, Edição 07740, 29 set. 2000, p. 38. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=300238>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Livros á venda
NA
Livraria do Globo

RUA DOS ANDRADAS N 272
GRAMMATICAS

João da M. Aranjó, Orthographia, 1 vol., 1\$000.

Lacerda, Novo expositor portuguez, 1 vol., 1\$000.

Antonio R. Dantas, Syntaxe, 1 vol., 2\$000.

Caldas Aulete, Selecta nacional, 1 vol., 3\$000.

Th. Braga, Mannal da historia e litteratura, 4 vol., 4\$000.

João de Deus, Deveres dos filhos, 1 vol., 1\$000.

João de Deus, Cartilha Maternal, 1 vol., 1\$000.

A. C. Pinto, Selecta em prosa e verso, 1 vol., 2\$000.

Vicente Coaracy, Selecta portugueza, 1 vol., 1\$500.

Fernando Pinheiro, Postillas de rhetorica e poetica, 1 vol., 2\$000.

Carvalho, Eloquencia nacional, 1 vol., 2\$500.

Carvalho, Poetica, 1 vol., 2\$500.

Honorato, Etoquencia e poetica, 1 vol., 6\$000.

G. do Prado, Trechos de autores classicos, 1 vol., 1\$500.

Pereira de Carvalho, Selecta de autores modernos, 1 vol., 2\$000.

Pimentel, Explicador de portuguez, 1 vol., 2\$000.

Dr. Alfredo Gomes, Descrições de cartas, 1 vol., 1\$500.

E. Bernet, Descrições de cartas, 1 vol., 1\$500.

E. Bernet, Tratado elemental da pontuação da lingua portugueza, 1 vol., 1\$500.

Maia, Manual do estylo, 1 vol., 2\$500.

Q. A. Marques, Vocabulario orthographico, 1 vol., 3\$000.

Almeida Netto, O escholiaste portuguez, 2 vol., 8\$000.

Lisboa, Vida do padre Antonio Vieira, 1 vol., 2\$500.

Soriano, Philosophia elemental, 1 vol., 9\$000.

Jules Simon, Manual de philosophia, 1 vol., 8\$000.

A. Pelissier, Philosophia elemental, 1 vol., 4\$000.

A. Pelissier, O fim da criação ou a natureza intpretada pelo senso commun, 1 vol., 6\$000.

Barbe, Curso elemental de philosophia, 1 vol., 6.000.

Augusto Comte, La philosophie positive, 2 vols., 16\$000.

Paulo Janet, Philosophia, 2 vols., 12\$.

J. Balmes, Philosophia fundamental, 4 vols., 12\$000.

J. Balmes, Philosophia elemental, 2 vols., 6\$000.

Paulo Janet, Philosophia da felicidade, 1 vol., 4\$000.

Paulo Janet, A familia, 1 vol., 4\$000.

J. Fertiault, A felicidade na familia, 1 vol., 2\$500.

J. Balmes, O criterio, 1 vol., 3\$000.

J. Balmes, Miscelanea, religiosa, philosophica e litteraria, 2 vols., 6\$000.

J. Balmes, O protestantismo, 2 vols., 10\$.

Lemos, Ritual do arcebispo da Bahia, 1 vol., 8\$000.

A Federação: Organ do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Ano 1890, ed. 00071, seção anúncios, p. 3. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=prosa%20e%20verso&pagfis=5509>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Aos srs. professores
e directores de collegios participamos,
que a **Selecta em prosa e verso**, 17.^a
edição ricamente illustrada, será ex-
posta á venda ainda no decorrer
deste mez. Desde já acceltam en-
commendas os editores,
Selbach & Mayer
Rua Marechal Floriano ns. 92 e 94
3-3

A Federação: Organ do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Ano 1906, ed. 00010, [s. p.].

Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=17354>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

ANEXO B – PRÓLOGOS ANALISADOS DA SELETA EM PROSA E VERSO

— PRÓLOGO —

- 1) *Si pueris tradens studiorum elementa magister
Non doceat rerum principium esse Deum,
Vanum opus is facit, innixam fundamine nullo
Tentat stultorum condere more domum.*

No livro que hoje dedicamos à mocidade estudiosa, nada nosso lhe apresentamos.

Consistiu o nosso trabalho tão somente em escolhermos das obras dos melhores autores, tanto nacionais como portugueses, os trechos que, a nosso ver, mais condizem com a índole de um livro desta natureza e mais se compadecem com o grau de desenvolvimento das inteligências e com a esfera dos conhecimentos daquelas para quem o destinamos.

Neste propósito tivemos muito em vista não só a correção, clareza e elegância da linguagem, condições essas essenciais em um livro de leitura, senão também a amenidade, variedade e utilidade dos assuntos. Omitimos, portanto, os que, por demasiadamente científicos, só poderiam causar tédio aos nossos jovens e escolhemos os mais próprios para lhes despertarem nos ânimos o respeito da religião, o amor da pátria e da família, excitando-lhes ao mesmo tempo os sentimentos mais elevados, e desenvolvendo *pari passu* a imaginação e o bom gosto literário.

Esforçamo-nos, outrossim, por prestar um pequeno auxílio aos que se aplicam à arte de escrever, pondo-lhes diante dos olhos trechos que lhes possam servir de modelo nos exercícios de redação; e este foi o motivo que nos determinou a coordenar os assuntos sob a classificação dos gêneros de composição.

Cumpramos ponderarmos que, sempre que nos foi possível, escolhemos de preferência assuntos que dizem respeito aos nossos homens e às nossas coisas, porisso que mais de perto nos interessam a nós.

- 1) *Se o mestre, ao transmitir aos meninos os elementos dos estudos, não ensinar que Deus é o princípio das coisas, faz trabalho vão, pois tenta construir uma casa sem fundamentos à maneira dos estultos.*

Releva também notar que muito de propósito não fomos *exclusivista*, isto é, que não nos limitamos tão somente aos escritores nacionais, mas ainda aos portugueses fomos buscar grande cópia de trechos. E assim fizemos, não porque na literatura pátria não haja de sobejo com que ornar, amenizar e enriquecer um livro de leitura, senão porque entendemos que, num livro desta natureza, em que se não aprende somente a ler corretamente, mas também a se expressar *portuguesmente*, não devíamos abrir mão dos escritos de Vieira, Bernardes, Camões e outros da idade clássica, nem tão pouco dos de Garrett, Alexandre Herculano, Castilho, Mendes Leal, Latino Coelho e outros muitos ornamentos da literatura contemporânea.

Quanto à ortografia pusemos peito a uniformizá-la, seguindo as leis da etimologia.

Para que, porém, o nosso trabalho produza os resultados que tivemos em vista ao compilá-lo, pedimos aos Senhores Professores façam estudar de cor aos seus discípulos bom número de trechos, tanto em prosa como em verso, que a experiência tem mostrado ser este estudo de grande vantagem para os mesmos discípulos, os quais assim, sem muito esforço, adquirirão uma dição correta e elegante, e dilatarão o círculo de suas idéias, aprendendo ao mesmo tempo a combiná-las convenientemente.

Ultimamente, manda a justiça declaremos que neste nosso trabalho muito nos ajudamos de livros congêneres já existentes, como sejam o de Caldas Aulette, o Parnaso Brasileiro e o Novo Secretário de Roquette.

Não presumimos o nosso trabalho isento de defeitos, posto que lidássemos por evitá-los; pedimos, pois, aos Senhores Professores, que no ensino se utilizarem deste humilde trabalho, queiram comunicar-nos suas observações, para que, se tiver de reaparecer em segunda edição, possam esses defeitos ser cuidadosamente emendados.

Outubro de 1883.

O autor.

Prólogo da 43ª edição

Outubro de 1883 — Outubro de 1933.

A "*Seleta em Prosa e Verso*" acaba de completar cinquenta anos de existência. O benévolo e generoso acolhimento que teve durante este longo lapso de tempo, foi para o seu obscuro autor motivo de justo desvanecimento e mais que farto incentivo para que se esforçasse por apresentá-la cada vez mais digna do favor público.

Nesta edição, que aparece acrescentada de novos trechos e notas, e cuidadosamente revista, cumprimos o dever de reiterar ainda uma vez o mais sincero agradecimento aos nossos colegas do magistério, esperando que continuarão a dispensar ao nosso desprezencioso trabalho a aceitação com que sempre o favoreceram.

Janeiro de 1934.

O autor.

Prólogo da 45ª edição.

Quiseram os distintos editores da "*Seleta*" causar-me agradável surpresa, antes que empreenda a grande viagem, da qual ninguém ainda voltou nem jamais voltará — surpresa que consiste em dar ao livro nova feição, introduzindo-lhe consideráveis melhoramentos materiais, o que, estou certo, também não deixará de agradar aos infatigáveis colegas que o adotam no ensino, bem como aos seus discípulos que o manuseiam.

Quanto aos trechos escolhidos, devo declarar que sempre me lembram as seguintes palavras de notável pedagogo: — "*O mestre que só transmite conhecimentos, não passa de um operário; o mestre que forma o caráter do discípulo, esse sim é um artista.*" (Colónel Parker) — por isso dei preferência a assuntos que mais falam ao coração dos jovens, despertando-lhes nos ânimos o respeito da religião e o amor da pátria e da família.

Muito de propósito conservei nesta edição trechos de escritores clássicos, principalmente do incomparável Padre Antônio Vieira, pois, em que pese a certos críticos e prosadores de quotiliquê, esses trechos, no entender dos nossos melhores escritores, ainda hoje podem servir de modelo para os que aspiram a escrever com correção, pureza e elegância a nossa bela língua.

Dezembro de 1936.

O autor.

ANEXO C – ÍNDICES DAS EDIÇÕES ANALISADAS

Índice da 1ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 1. ed. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1884.

INDICE.	
1.ª PARTE	
PROSA.	
ANEDOCTAS.....	1—6
CONTOS: Christovão Colombo e o ovo.....	7
Arrependimento infantil..	8
Os passarinhos.....	12
Resignação de mãe.....	14
O kalifa e o plantador octogenario.....	16
O emprego dos domingos e dias santos.....	18
O assobio.....	23
O velho e seus tres filhos	25
Ninguem deve rir-se dos pobres.....	27
Um juiz ás direitas.....	29
A herança de nosso pae..	30
DESCRIPÇÕES: A cidade de Tyro.....	31
Cascata da Tijuca.....	33
A ilha dos Nheenghaibas, na boca do Amazonas..	35
Varios rios, logares, arvores, no interior da provincia do Pará.....	36
Costumes dos povos d'aquelles logares.....	39
Noticia ácerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher.....	41
A cidade do Rio de Janeiro	42
O esquilo.....	45
A flor.....	46
A tulipa.....	46
A rosa.....	47
A romã.....	48
O Ceará.....	49
O Rio Grande do Norte..	50
A baleia.....	52
A piranha.....	52
A cidade de Roma.....	53
Magnificencia dos Triumphos Romanos.....	56
O pampeiro.....	57
Alcacer.....	59
A Alma.....	61
A formosura.....	62
Admiração.....	63
Um triste.....	63
Amor.....	64
Auctoridade.....	64
A necessidade.....	65
A fortuna.....	66
A guerra.....	67
A peste.....	68
O sonho.....	69
A inveja.....	69
A litteratura.....	70
RETRATOS E CARACTERES: José Bonifacio de Andrada e Silva.....	71
Monte Alverne.....	72
El-rei D. Manuel.....	73
D. Vasco da Gama.....	74

— VII —

Marquez de Maricá.....	75	Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão e desacatos que soffreram o P. Vieira e os demais jesuitas	128
João Francisco Lisboa ...	75	RELIGIÃO — MORAL —	
P. Antonio Vieira	76	SCIENCIA: Aparecimento de Jesus Christo	131
Camões e Garrett	77	Vida de Jesus Christo ...	133
Bocage	79	Maximas extrahidas da sagrada escriptura	136
Gregorio de Mattos e Eusebio de Mattos.....	80	Amor da familia	141
NARRAÇÕES: O filho prodigo.....	81	CARTAS: Carta de um professor de boas-lettras dando conselhos a um seu discipulo.....	142
O rico avarento.....	82	Um tio a seu sobrinho, reprehendendo-o e aconselhando-o	145
Apologo.....	84	Uma irmã a seu irmão, annunciando-lhe desgraças de familia.....	146
As cotovias.....	85	Carta de pezames a um amigo que enviuvou ...	147
O lobo e o cordeiro	85	Resposta	148
As duas bilhas.....	86	Um irmão á sua irmã pela perda de sua mãe	149
Atroz vingança de um escravo	87	A uma pessoa pela sua exaltação a um logar eminente	149
Gratidão de um filho e ingratição de outro	89	Resposta do Padre Vieira a D. M. da Cunha, não deferindo ao que ella lhe pedira	150
Teima de um poeta	91	De A. F. de Castilho a Fr. F. do Monte Alverne ..	151
Exemplo de amizade.....	92	Resposta de Fr. F. do Monte Alverne a A. F. de Castilho.....	153
Exemplo de valor de uma brasileira.....	93		
Exemplo de amor da patria de outra brasileira	95		
Outro exemplo de valor..	98		
O castello de Faria.....	102		
HISTORIA E BIOGRAPHIA:			
Brazil — sua posição — suas riquezas naturaes — seu clima	107		
Seus habitantes primitivos, costumes e usos d'estes	109		
Descobrimto do Brazil..	113		
Colonisação do Brazil....	117		
Os jesuitas no Brazil....	118		
Manuel Ignacio da Silva Alverenga	122		
Primeiros triumphos oratorios de Vieira	126		

2.^a PARTE

VERSO.

NARRAÇÕES, APOLOGOS, PARABOLAS, ALLE- GORIAS:		Anjinho	199
A rosa e a açucena	157	Hymno á tarde	201
O Sapoty	158	Hymno dos bravos	204
Os meninos de Sparta	158	Napoleão em Waterloo	205
Os ossos	158	DESCRIPÇÕES E RETRA- TOS:	
O cão e o tamanduá	159	A vida do campo	211
O dous colleiros	160	Marilia	213
A cigarra e a formiga	162	Saudosas recordações de Marilia	215
O leão velho	162	Ternos queixumes	216
A raposa e as uvas	163	Um quadro sentimental	217
O leão e o pintor	163	A primavera	218
O leão e a raposa	164	Retrato de Marilia	220
Os rafeiros e o gozo	165	Uma tarde triste	221
O leão e o rato	166	A creação do mundo	222
O rio e o regato	168	Retrato de Gonzaga	223
Quando eu era pequenino	170	Os primeiros annos da vida do auctor	224
A parábola das varas	172	Uma partida de gamão	226
A pomba e a serpente	174	Um toucado	227
O prazer da esmola	176	POESIA EPICA:	
Recordações da infancia	181	Introdução do poema Ura- guay	228
Meus oito annos	183	Morte da Cleopatra Gua- rany	229
Hymno de amor	185	Partida de Vasco da Ga- ma de Lisboa	230
LYRAS, CANÇÕES, HYM- NOS, ODES:		Batalha de Aljubarrota	233
A' minha filha	187	Rio de Janeiro	237
A uma menina no dia em que fazia 15 annos	187	O Brazil e seus fructos	240
Ave Maria	188	Episodio de Ignez de Castro Assumpto e invocação do Poema Caramurú	241 245
Hymno á Senhora das Dôres	189	Morte de Moema	247
Hymno ao Senhor	190	A existencia de Deus	249
Cantico de David	191		
Marilia de Dirceô	192		
Lyra	195		
Canção do exilio	196		
Ave, Aurora	197		
Canção á morte de Ignez de Castro	198		

Índice da 6ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 6. ed. aum. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1897.

Índice	
Opiniões da imprensa VII—XII Prologo.	XIII—XV
1ª Parte	
Prosa	
Contos—Narrações—Lendas:	
Christovão Colombo e o ovo	1
Um juiz ás direitas.....	2
A herança de nosso pae	3
A união faz a força.....	4
O derviche astucioso....	6
Ninguem deve rir-se dos pobres	8
O assobio ou não gastes o teu dinheiro em cousas inuteis.....	10
Arrependimento infantil.	12
Os passarinhos.....	16
Resignação de mãe.....	18
O alfaiate e o banqueiro	21
O khalifa e o plantador octogenario.....	24
O emprego dos domingos e dias santos.....	26
Gratidão de um filho e ingratição de outro...	31
Exemplo de bons amigos	33
Os restos do naufragio..	35
Teima de um poeta.....	39
O que pódo a educação.	41
A vingança de um pintor	44
Exemplo de valor de uma brasileira	50
Exemplo de amor da patria de outra brasileira	53
Outro exemplo de valor de uma brasileira.....	55
O castello de Faria.....	58
Parabolas do Evangelho :	
O filho prodigo.....	65
O rico avarento.....	66
O filho do homem.....	67
Apologos e Fabulas :	
Apologo das arvores....	71
As cotovias.....	72
O lobo e o cordeiro....	72
O leão doente e a raposa	73
A raposa e o bode.....	74
Os dous leões.....	75
As rãs pedindo um rei..	76
As duas bilhas.....	77
Anecdotas :	78—84
Descripções :	
Cascata da Tijuca.....	85
A ilha dos Nheengahibas, na bocca do Amazonas	87
Descripção de varios rios, logares, etc., na Provincia do Pará.....	89
Costumes dos povos daquelles logares.....	91
Noticia acerca dos jacarés e seus ovos, etc....	93
A cidade do Rio de Janeiro.....	94
A matta virgem.....	97
O esquilo.....	99
A flor.....	101
Descripção de Joppé (Jaffa).....	101
A tülipa.....	103
A rosa.....	104
O Ceará.....	105
O Rio Grande do Norte.	106
A baleia	107
A piranha.....	108
Uma visita a Roma.....	109
Magnificencia dos triumphos romanos.....	112
O pampeiro.....	113

Alcacer	115	Prisão e desacatos que soffreram o Padre Vieira e os demais jesuitas..	167
A cidade de Tyro.....	117	Barão do Triumpho.....	169
A arte da palavra.....	119	Morte do Barão do Triumpho	170
O carteiro.....	120	Duque de Caxias	171
Descripção da igreja de S. Francisco de Assis em S. João d'El-Rey (Minas Geraes)	122	Qualidades moraes do Du- que de Caxias.....	172
Belem do Pará.....	123	Religião—Moral :	
Vianna do Castello.....	125	Apparecimento de Jesus Christo	174
A gruta „Casa de pedra“ em Minas Geraes.....	128	Vida de Jesus Christo... ..	177
Pão para a bocca.....	130	O atheismo.....	180
A alma.....	131	Maximas extrahidas da Sagrada Escripura... ..	181
A formosura.....	133	Amor da familia.....	184
A admiração.....	134	Adagios populares.....	185
Um triste.....	134	Cartas :	
O amor	135	Carta de um professor de bellas lettras dando con- selhos a um seu disci- pulo	188
A auctoridade	135	Um tio a seu sobrinho, reprehendo-o e a- conselhando-o	191
A necessidade	136	Resposta do P. Antonio Vieira a D. Maria da Cunha, não deferindo ao que ella lhe pedira.	193
A fortuna	137	Carta em que o P. Anto- nio Vieira se empenha com o Marquez de Gou- vêa a favor de um pretendente a certo lo- gar	193
A guerra.....	138	A F. de Castilho a fr. F. do Monte-Alverne.....	194
A peste.....	138	Fr. F. do Monte-Alverne a A. F. de Castilho... ..	196
O sonho.....	139	Carta de Alexandre Her- culano a Antonio Ser- pa Pimentel.....	200
A inveja.....	140	Carta de pezame que es- creveu o P. Antonio Vieira a certo fidalgo da côrte.....	203
A litteratura.....	140		
Retratos e Caracteres :			
José Bonifacio de Andra- da e Silva.....	142		
Monte-Alverne.....	143		
D. Vasco da Gama.....	144		
Marquez de Maricá....	145		
João Francisco Lisboa..	145		
Padre Antonio Vieira... .	146		
O estudante hollandez	147		
Historia e Biographia:			
Descobrimto do Brazil	150		
Descripção geographica do Brazil.....	154		
Colonização do Brazil... .	156		
Os jesuitas no Brazil... .	158		
Manuel Ignacio da Silva Alvarenga	161		
Primeiros triumphos ora- torios do Padre Vieira	165		
Sublevação do povo no Maranhão e no Pará—			

2ª Parte

V e r s o

Narrações—Apologos—Parabolas—Allegorias:

A rosa e a açucena.....	205
O sapoty.....	205
Os meninos de Sparta..	206
Os ossos.....	206
O cão e o tamanduá....	207
Os dous colleiros..	208
O passarinho preso.....	209
A cigarra e a formiga..	212
O leão velho.....	213
A raposa e as uvas.....	213
O leão e o pintor.....	214
O leão e a raposa.....	214
O carvalho e o canhão..	215
Os rafeiros e o gozo....	216
O rei e o sapateiro.....	218
A esmola do pobre.....	221
O leão e o rato.....	222
O rio e o regato.....	223
Quando eu era pequenino	225
A parábola das varas...	227
Quem pagará o pato....	230
Eu, Antão Verissimo e a mosca.....	232
O prazer da esmola.....	235
Recordações da infancia	240
Meus oito annos.....	242

Lyras—Canções—Hymnos—

Odes:

Hymno de amor.....	245
A' minha filha.....	246
A uma menina no dia em que fazia 15 annos....	246
Ave Maria.....	247
Hymno á Senhora das Dôres.....	248
Cantico de David.....	249
Marilia de Dirceu.....	250

Lyra.....	253
Canção do exilio.....	254
Anjinho.....	255
Hymno á tarde.....	256
Hymno dos bravos.....	260
Napoleão em Waterloo.	261
Saudosas recordações de Marilia.....	266
Adeus ao mundo.....	267
A ponte dos suspiros....	269
A caridade.....	271
A vida.....	272

Sonetos:.....274—286

Descripções e Retratos:

A vida do campo.....	287
Marilia.....	289
Retrato de Marilia.....	291
Retrato de Gonzaga.....	292
Uma tarde triste.....	293
Os primeiros annos da vida do auctor.....	294

Satiras e Epigrammas:

Os arlequins.....	296
A um esfaimado.....	299
Uma tunda.....	299
Ignorante diplomado....	299
Aviso aos decoradores..	300
Os dous consortes.....	301
A um maldizente.....	301
A um homem extrema- mente feio.....	302
A um procurador.....	302
A molestia e a cura....	302
O lettrado.....	303
A um avarento.....	303
O não posso dos negli- gentes e o não quero dos contumazes.....	303

Poesias Epicas:

Descobrimto da Ame- rica	304	Poema d'Assumpção (Rio de Janeiro).....	321
Poema do Uruguay.....	306	O Brazil, seus fructos e passaros.....	324
Morte de Lindoya, a Cleo- patra Guarany.....	307	Episodio de D. Ignez de Castro.....	325
Partida de Vasco de Ga- ma de Lisboa.....	309	Caramurú (assumpto e in- vocação).....	329
Batalha de Aljubarrota..	312	Morte de Moema.....	332
A morte de Tapyr.....	317	A existencia de Deus...	334

Índice da 17ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores auctores brasileiros e portuguezes*. 17. ed. aum. Porto Alegre: Editor Rodolpho José Machado, 1905.

INDICE

Prologo..... V

1ª. PARTE

PROSA

Contos — Narrações — Lendas :		Exemplo de amor da patria de outra brasileira.....	74
Christovão Colombo e o ovo...	9	Outro exemplo de valor de uma brasileira.....	76
Um juiz ás direitas.....	10	O terremoto de Lisboa.....	80
A herança de nosso pae.....	11	O castello de Faria.....	83
A união faz a força.....	12	Parabolas, Apologos e Fabulas:	
O derviche astucioso.....	15	O filho prodigo.....	89
Ninguem deve rir-se dos pobres.	17	O rico avarento.....	91
O assobio ou não gastes o teu dinheiro em cousas inuteis..	19	O Filho do Homem.....	92
Arrependimento infantil.....	21	Apologo das arvores.....	95
Os passarinhos.....	23	As cotovias.....	96
Os dous meninos.....	27	O lobo e o cordeiro.....	97
O presente da fada.....	29	O leão doente e a raposa.....	98
Resignação de mãe.....	31	A raposa e o bode.....	100
O alfaiate e o banqueiro.....	33	Os dous leões.....	101
O khalifa e o plantador octo- genario	36	As rans pedindo um rei.....	103
O emprego dos domingos e dias santos	38	As duas bilhas.....	104
Gratidão de um filho e ingrati- dão de outro.....	44	Anecdotas :	106
Exemplo de bons amigos.....	46	Descripções :	
O Tamborzinho.....	48	A Tijuca.....	113
Os restos do naufragio.....	56	A ilha dos Nheengahibas, na bocca do Amazonas.....	116
Teima de um poeta.....	60	Descripção de varios rios, lo- gares, arvoredos, campinas, etc., no interior da Provincia do Pará.....	117
O que póde a educação.....	61	Costumes dos povos daquelles logares.....	120
A vingança de um pintor.....	65		
Exemplo de valor de uma bra- zileira.....	71		

Noticia acerca dos jacarés e seus ovos, etc.....	122	A guerra.....	194
A cidade do Rio de Janeiro....	123	A peste.....	195
A matta virgem.....	126	Historia, Biographia, Retratos e Caracteres:	
As tartarugas marinhas.....	130	José Bonifacio.....	197
O esquilo.....	132	Monte-Alverne.....	200
A flor.....	134	D. Vasco da Gama.....	202
A Cachoeira de Paulo Affonso.	135	Marquez de Maricá.....	202
A tülipa.....	137	João Francisco Lisboa.....	204
A rosa.....	138	O Visconde de Jequitinhonha.	205
O Ceará.....	139	Padre Antonio Vieira.....	208
O Rio Grande do Norte.....	140	O estudante hollandez.....	210
A baleia.....	142	Descobrimto do Brazil.....	212
A piranha.....	143	Descripção geographica do Brazil.....	216
O caranguejo.....	144	Colonização do Brazil.....	218
Uma visita a Roma.....	147	Os jesuitas no Brazil.....	220
Magnificencia dos triumphos romanos.....	151	Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.....	223
O pampeiro.....	152	Primeiros triumphos oratorios do Padre Vieira.....	227
Alcacer.....	154	Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. — Prisão e desacatos que soffreram o Padre Vieira e os demais jesuitas.....	229
As formigas pastoras.....	155	Barão do Triumpho.....	231
A arte da palavra.....	158	Morte do Barão do Triumpho..	232
O carteiro.....	160	Duque de Caxias.....	233
O tocador de realejo.....	162	Qualidades moraes do duque de Caxias.....	235
Descripção da egreja de S. Francisco de Assis, em S. João d'El-Rey (Minas Geraes).	163	Religião — Moral:	
Belém do Pará.....	164	Apparecimento de Jesus Christo.	236
Paisagem da Judéa.....	167	Vida de Jesus Christo.....	239
Vianna de Castello.....	169	O atheismo.....	242
O Amazonas.....	172	Maximas extrahidas da Sagrada Escripura.....	243
A gruta "Casa de pedra" em Minas Geraes.....	176	Amor da familia.....	246
Panico na população do Rio durante a revolta.....	178	Adagios populares.....	247
Sertão bruto.....	184	Cartas:	
Descripção de um aguaceiro numa fazenda.....	186	Carta de um professor de bellas lettras dando conselhos a um seu discipulo.....	250
A alma.....	188	Um tio a seu sobrinho, reprehendendo-o e aconselhando-o.....	253
A formosura.....	190		
A admiração.....	190		
Um triste.....	191		
O amor.....	191		
A auctoridade.....	192		
A necessidade.....	193		
A fortuna.....	194		

Resposta do P. Antonio Vieira a D. Maria da Cunha, não de- ferindo o que ella lhe pe- dira.....	254	A F. de Castilho a fr. F. do Monte-Alverne.....	256
Carta em que o Padre Antonio Vieira se empenha com o Marquez de Gouvêa a favor de um pretendente a certo logar.....	255	Fr. F. do Monte-Alverne a A. F. de Castilho.....	258
		Carta de Alexandre Herculano a Antonio Serpa Pimentel...	261
		Carta de pesame que escreveu o Padre Antonio Vieira a certo fidalgo da Córte.....	264

2ª. PARTE

VERSO

Narrações — Apologos — Para- bolas — Allegorias :		Lyras — Canções — Hymnos — Odes :	
A rosa e a açucena.....	266	Hymno de amor.....	317
O sapoty.....	267	A' minha filha.....	318
Os meninos de Sparta.....	267	A uma menina no dia em que fazia 15 annos.....	319
Os ossos.....	267	Ave Maria.....	319
O cão o o tamanduá.....	268	Hymno à Senhora das Dores..	320
Os dous colleiros.....	270	Cantico de David.....	321
O passarinho preso.....	272	Marilia de Dirceu.....	322
A cigarra e a formiga.....	274	Lyra.....	325
O leão velho.....	276	Canção do exilio.....	326
A raposa e as uvas.....	277	Anjinho.....	327
O leão e o pintor.....	278	Hymno à tarde.....	329
O leão e a raposa.....	279	Hymno dos Bravos.....	332
O carvalho e o canniço.....	280	Napoleão em Waterloo.....	334
Os rafeiros e o gozo.....	282	Saudosas recordações de Mari- lia.....	339
O rei e o sapateiro.....	284	Adeus ao mundo.....	341
A esmola do pobre.....	287	A ponte dos suspiros.....	343
O leão e o rato.....	289	A Caridade.....	345
O rio e o regato.....	291	A vida.....	346
Quando eu era pequenino.....	293	Sonetos :	
A parabolha das varas.....	295	Na presença de uma grande trovoada.....	349
Quem pagará o pato.....	298	Aos annos de uma menina....	350
Eu, Antão Verrissimo e a mosca.....	300	Aos annos de uma menina....	351
A leão.....	304	Despedida a um filho.....	352
O prazer da esmola.....	305	Em resposta a seu pae.....	352
Recordações da infancia.....	311	Ternos queixumes.....	354
Meus oito annos.....	313	Um quadro sentimental.....	355
Sudorifero infallivel.....	314		
A torrente.....	315		

Uma partida de gamão.....	355	feio	377
Um toucado	356	A um procurador.....	377
As pombas.....	356	A molestia e a cura.....	377
Alvares de Azevedo.....	358	O lettrado.....	378
Sete de Setembro	358	A um avarento.....	378
A noite.....	359	O não posso dos negligentes, e	
Visita á casa paterna.....	360	o não quero dos contumazes.	378
Descripções e Retratos :		Poesias Epicas :	
A vida do campo.....	361	Descobrimto da America....	379
Marilia.....	363	Poema do Uruguay.....	382
Retrato de Marilia.....	365	Morte de Lindoya, a Cleopatra	
Retrato de Gonzaga.....	367	Guarany.....	383
Uma tarde triste.....	368	Partida de Vasco da Gama de	
Os primeiros annos da vida do		Lisboa.....	385
auctor.....	369	Batalha de Aljubarrota.....	388
Satiras e Epigrammas :		A morte de Tapyr.....	393
Os arlequins.....	371	Poema da Assumpção (Rio de	
A um esfaimado.....	374	Janeiro).....	397
Uma tunda.....	374	O Brazil, seus fructos e passaros.	401
Ignorante diplomado.....	375	Episodio de D. Ignez de Castro.	402
Aviso aos decoradores.....	375	Caramurú (assumpto e invoca-	
Os dous consortes.....	376	ção).....	407
A um maldizente.....	376	Morte de Moema.....	409
A um homem extremamente		A existencia de Deus.....	412



Índice da 44ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Selecta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 44. ed. aum. Porto Alegre: Livreiros Editores, Livraria Selbach, 1936.

INDICE

Prologo V

1.ª PARTE

PROSA

Contos - Narrações - Lendas:

Christovão Colombo e o ovo	1
Um juiz ás direitas	2
A herança de nosso pae	3
A união faz a força	5
O dervixe astucioso	7
Ninguem deve rir-se dos pobres	10
O assobio ou não gastes o teu dinheiro em cousas inuteis	12
As aves	14
Arrependimento infantil	17
Os passarinhos	23
Os dois meninos	25
O presente da fada	28
Resignação de mãe	30
O alfaiate e o banqueiro	33
O khalifa e o plantador octogenario	37
O emprego dos domingos e dias santos	40
Gratidão de um filho e ingratição de outro ...	47
Exemplo de bons amigos	49
Os restos do naufragio..	51
Teima de um poeta	56
O que póde a educação..	59
A vingança de um pintor	62
Exemplo de valor de uma brasileira	70

Exemplo de amor da patria de outra brasileira	72
Um verdadeiro patriota.	75
O castello de Faria	78
O sonho de um sabiá....	84
Cáa-Yari	91

Parabolas, Apologos, Fabulas, Anecdotas:

O filho pródigo	95
O rico avarento	97
A discordia é a ruina da familia e das nações...	99
Apologo das arvores.....	102
Um Apologo	103
As cotovias	105
O lobo e o cordeiro	106
O leão doente e a raposa	107
A raposa e o bode	109
Os dois leões	111
As rãs pedindo um rei..	112
As duas bilhas	114

Descrições:

A aurora polar	120
O sol	122
O mar	123
Tremores de terra ou terremotos	126
O terremoto de Lisboa..	127
Tremores de terra	131
Os vulcões	135

Destruição de Herculanium e Pompeia	138	da esquadra em Set. de 1893	207
O Pampeiro	142	A alma	213
A mata virgem	144	A formosura	215
A cachoeira de Paulo Afonso	148	A tocadora de realejo ...	215
A gruta "Casa de Pedra" em Minas Geraes	150	A flor	217
O Amazonas	152	A tulípa	218
Sertão bruto	157	A rosa	218
Queima da mata	159	As flores	220
As tartarugas marinhas ..	161	Magnificencia dos triumphos romanos	223
O "Quero-quero"	163	Um triste	224
As formigas pastoras ...	165	O amor	225
A baleia	167	A autoridade	226
A piranha	169	A necessidade	227
O esquilo	169	A Fortuna	228
A ilha dos Nheengafbas, na boca do Amazonas... ..	171	A peste	229
Descripção de varios rios, lugares, arvoredos, campinas, etc., no interior do Pará	173	Mimetismo	230
Costumes dos povos do Pará	175	A luta de carneiro com touro	231
Noticia acerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher	177	Adagios populares	233
São Sebastião do Rio de Janeiro	179	A luta da Mussurana com a Jararaca	234
Tijuca	186	O cavallo e o gaúcho... ..	236
Estado do Rio Grande do Sul	187		
O Rio Grande do Norte..	189	Historia, Biographia, Retratos e Caracteres:	
Belem do Pará	190	Descobrimto do Brasil	240
Descripção de um agua-ceiro numa fazenda ...	192	Colonização do Brasil ..	245
Uma visita a Roma	195	A conquista do Sertão ..	247
Descripção da igreja de São Francisco de Assiz, em São João d'El-Rey (Minas Geraes)	199	Os jesuitas no Brasil	250
O carteiro	201	Primeiros triumphos oratorios do Padre Vieira	254
A arte da palavra	204	Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão e descatos que soffreram o Padre Vieira e os jesuitas	256
Alcácer	205	José Bonifacio	258
Panico na população do Rio, durante a revolta		Inteireza dos Andradas..	261
		Marquez de Maricá	262
		José Mauricio Nunes Garcia	263
		João Francisco Lisboa... ..	269
		O Visconde de Jequitinhonha	270
		Barão do Triumpho	273

Morte do Barão do Tri- umpho	275	Amor da familia	293
General Osorio	277	Adagios populares	293
Visconde de Rio Branco.	279	Velha Bandeira	294
Duque de Caxias	280		
Qualidades moraes do du- que de Caxias	282	Cartas:	
Religião — Moral:		Carta de um professor de bellas letras, na qual da conselhos a um seu ex- discipulo	298
Apparecimento de Jesus Christo	284	Carta de Alexandre Her- culano a Antonio Serpa Pimentel	301
Vida de Jesus Christo...	287	Maximas extraídas da Sa- grada Escriptura	305
O torrão natal	290		
O Atheismo	292		

2.^a PARTE

VERSO

Narrações, Apologos, Parabolas, Allegorias:	Lyras, Canções, Hymnos, Odes, Sonetos:		
Os meninos de Sparta...	307	Ave Maria	343
Os ossos	307	Hymno á Senhora das Dôres	344
O cão e o tamanduá	308	Cantico de David	344
Os dois colleiros	309	Marilia de Dirceu	346
O passarinho preso	311	Anjinho	347
A cigarra e a formiga...	313	Hymno dos bravos	348
Os rafeiros e o gozo....	315	Napoleão em Waterloo..	349
O leão velho	316	Adeus ao mundo	355
A raposa e as uvas	318	A caridade	356
O leão e o pintor	319	A vida	357
O leão e a raposa	320	Velhas arvores	359
O carvalho e o canhão..	321	Triste philosophia	359
O rei e o sapateiro	323	A alavanca de ouro	361
A esmola do pobre	325	Um quadro sentimental..	363
O leão e o rato	327	Uma partida de gamão..	364
O rio e o regato	328	Um toucado	364
A parabola das varas...	330	Alvares de Azevedo	365
Quem pagará o pato?... 332		As pombas	366
A leôa	335	Sete de Setembro	367
Recordações da infancia.	336	A noite	368
Meus oito annos	338	Visita á casa paterna...	369
Sudorífico infallivel	340	Mal secreto	370
A torrente	340		
Saudades da patria	342		

Aos revolucionarios de 1817	370
Lingua portuguesa	371
Soneto	372
Primavera	373

Descripções e Retratos:

Retrato de Gonzaga	374
Uma tarde triste	375

Satiras e Epigrammas:

Os arlequins	376
Ignorante diplomado	379
Aviso aos decoradores...	379
Os dois consortes	379
A um homem extrema- mente feio	380
A um procurador	380
A molestia e a cura	381
A um avarento	381

O não posso dos negligen- tes, e o não quero dos coştumazes	381
---	-----

Poesias Epicas:

Descobrimto da Ame- rica	382
Poema do Uruguay	386
A visão	386
A morte de Tapyr	389
Poema da Assumpção...	393
O Brasil seus frutos e passaros	396
Episodio de D. Inês de Castro	397
Caramurú	402
Morte de Moema	404
O gigante Adamastor ...	407
Uma tempestade no mar	412
A existencia de Deus ...	417



Índice da 47ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 47. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1940.

ÍNDICE

Prólogo	3
---------------	---

PRIMEIRA PARTE

PROSA

Contos - Narrações - Lendas		Apólogo das árvores		79
Cristovão Colombo e o ovo..	7	Um Apólogo	79	
Um juiz às direitas	8	As cotovias	81	
A herança de nosso pai	9	O lobo e o cordeiro	82	
A união faz a força	10	O leão doente e a raposa....	83	
O dervixe astucioso	12	A raposa e o bode	84	
Ninguém deve rir-se dos po- bres	14	As rãs pedindo um rei	85	
O assobio — ou — não gastes o teu dinheiro em cousas inuteis	15	Os dois leões	86	
As Aves	17	As duas bilhas	87	
Arrependimento infantil	19	Descrições		
Os passarinhos	23	A aurora polar	91	
Os dois meninos	25	O Sol	92	
O presente da fada	26	O Mar	93	
Resignação de mãe	28	Tremores de terra ou terre- motos	95	
O alfaiate e o banqueiro	30	O terremoto de Lisboa	96	
O Califa e o plantador octo- genário	33	Tremores de terra	98	
O emprego dos domingos e dias santos	35	Os vulcões	101	
Gratidão de um filho e ingra- tidão de outro	40	Destruição de Herculanium e Pompéia	103	
Exemplo de bons amigos	41	O Pampeiro	106	
Os restos do naufrágio	43	A mata virgem	108	
Teima de um poeta	47	A cachoeira de Paulo Afonso	111	
O que pode a educação	48	A gruta "Casa de Pedra" em Minas Gerais	112	
A vingança de um pintor ...	51	O Amazonas	114	
Exemplo de valor de uma bra- sileira	57	Sertão bruto	118	
Exemplo de amor da pátria de outra brasileira	58	Queima da mata	119	
Um verdadeiro patriota	60	As tartarugas marinhas	121	
O castelo de Faria	62	O "Quero-quero"	122	
O sonho de um sabiá	66	As formigas pastoras	124	
Cáa-Iari	71	A baleia	126	
Parábolas, Apólogos, Fábulas, Anekdotes		A piranha	127	
O filho pródigo	74	O esquilo	127	
O rico avarento	75	A ilha dos Nheengaibas, na boca do Amazonas	129	
A discórdia é a ruína da fa- mília e das nações	77	Descrição de vários rios, lu- gares, arvoredos, campinas, etc., no interior do Pará ...	130	
		Costumes dos povos do Pará	132	
		Notícia acerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher	133	

São Sebastião do Rio de Janeiro	134
Tijuca	140
Estado do Rio Grande do Sul	141
O Rio Grande do Norte.....	143
Belem do Pará	144
Descrição de um aguaceiro numa fazenda	146
Uma visita a Roma	148
Descrição da igreja de São Francisco de Assiz, em São João d'El-Rey (Minas Gerais)	151
O carteiro	152
A arte da palavra	154
Alcacer	155
Pânico na população do Rio, durante a revolta da esquadra em setembro de 1893..	156
A alma	160
A formosura	161
A coroa de realejo	162
A flor	163
A tulipa	164
A rosa	164
As flores	165
Magnificência dos triunfos romanos	167
Um triste	168
O amor	169
A autoridade	169
A necessidade	170
A Fortuna	170
A peste	171
Mimetismo	172
A luta de carneiro com touro	173
Adágios populares	175
A luta da Mussurana com a Jararaca	175
O cavalo e o gaúcho	177

História, Bibliografia, Retratos e Caracteres

Descobrimto do Brasil	180
Colonização do Brasil	183
A conquista do Sertão	184
Os Jesuítas no Brasil	186
Primeiros triunfos oratórios do Padre Vieira	189
Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão e descalços que sofreram o Padre Vieira e os demais jesuítas	191
José Bonifácio	192
Inteireza dos Andradas	194
Marquês de Maricá	195
José Maurício Nunes Garcia..	195
João Francisco Lisboa	199
O Visconde de Jequitinhonha	200
Barão do Triunfo	202
Morte do Barão do Triunfo ..	203
General Osório	204
Visconde do Rio Branco	206
Duque de Caxias	207
Qualidades morais do Duque de Caxias	208

Religião — Moral

Aparecimento de Jesús Cristo	209
Vida de Jesús Cristo	211
O torrão natal	213
O Ateismo	214
Amor da família	215
Adágios populares	215
Velha Bandeira	216

Cartas

Carta de um profesor de bellas letras, na qual dá conselhos a um seu ex-discípulo	219
Carta de Alexandre Herkulano a Antônio Serpa Pimentel..	221
Máximas extraídas da Sagrada Escritura	223

SEGUNDA PARTE

VERSO

Narrações, Apólogos,
Parábolas, Alegorias

Os meninos de Esparta	225
Os ossos	225
O cão e o tamanduá	226
Os dois coleiros	227
O passarinho preso	228
Os rafeiros e o gozo	229
A cigarra e a formiga	230
O leão velho	231
A raposa e as uvas	232
O leão e a raposa	233
O leão e o pintor	234
O carvalho e o caniço	234
O rei e o sapateiro	236
A esmola do pobre	237
O leão e o rato	238
O rio e o regato	239
A parábola das varas	240
Quem pagará o pato?	241
A leoa	243
Recordações da infância	244
Meus oito anos	245
Sudorífero infalível	246
A torrente	246
Saudades da pátria	248

Liras, Canções, Hinos,
Odes, Sonetos

Ave Maria	249
Hino à Senhora das Dores...	249
Cântico de Davi	250
Marília de Dirceu	251
Anjinho	252
Hino dos bravos	253
Napoleão em Waterloo	254
Adeus ao mundo	258
A Caridade	259
A vida	260
SONETOS	260
Velhas árvores	261
Triste filosofia	261
A alavanca de ouro	263
Um quadro sentimental	264
Uma partida de gamão	265

Um toucado	265
Alvares de Azevedo	266
Sete de Setembro	266
As pombas	267
A noite	268
Visita à casa paterna	269
Mal secreto	270
Aos revolucionários de 1817..	270
Língua portuguesa	271
Soneto	272
Primavera	272

Descrições e Retratos

Retrato de Gonzaga	273
Uma tarde triste	274

Sátiras e Epigramas

Os arlequins	275
Ignorante diplomado	277
Aviso aos decoradores	277
Os dois consortes	278
A um homem extremamente feio	278
A um procurador	278
A moléstia e a cura	278
A um avarento	279
O "não posso" dos negligentes, e o "não quero" dos contumazes	279

Poesias Épicas

Descobrimto da América...	280
Poema do Uruguai	283
A visão	283
A morte de Tapir	286
Poema da Assunção	289
O Brasil, seus frutos e pássaros	291
Episódio de D. Inez de Castro	292
Caramurú	296
Morte de Moema	297
O gigante Adamastor	300
Uma tempestade no mar....	304
A existência de Deus	308
Hino Nacional Brasileiro	312

Índice da 52ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleção em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 52. ed. aum. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1957.

INDICE

Prólogo	3
---------------	---

PRIMEIRA PARTE

PROSA

CONTOS - Narrações - Lendas	Parábolas, Apólogos Fábulas, Anedotas
Cristóvão Colombo e o ovo ..	74
Um juiz às direitas	75
A herança de nossô pai	A discórdia é a ruína das fa- mílias e das nações
A união faz a força	77
O dervixe astucioso	79
Ninguém deve rir-se dos po- bres	79
O assobio — ou — não gastes o teu dinheiro em coisas inúteis	81
As Aves	82
Arrependimento infantil	83
Os passarinhos	84
Os dois meninos	85
O presente da fada	86
Resignação de mãe	87
O alfaiate e o banqueiro	
O Califa e o plantador octo- genário	
O emprégo dos domingos e dias santos	
Gratidão de um filho e ingra- tidão de outro	
Exemplo de bons amigos	
Os restos do naufrágio	
Teima de um poeta	
O que pode a educação	
A vingança de um pintor ...	
Exemplo de valor de uma bra- sileira	
Exemplo de amor da pátria de outra brasileira	
Um verdadeiro patriota	
O castelo de Faria	
O sonho de um sabiá	
Cáa-Iari	
	Um apólogo
	As cotovias
	O lóbo e o cordeiro
	O leão doente e a rapôsa
	A rapôsa e o bode
	As rãs pedindo um rei
	Os dois leões
	As duas bilhas
	Descrições
	A aurora polar
	O Sol
	O Mar
	Tremores de terra ou terre- motos
	O terremoto de Lisboa
	Tremores de terra
	Os vulcões
	Destruição de Herculanium e Pompéia
	O Pampeiro
	A mata virgem
	A cachoeira de Paulo Afonso
	A gruta «Casa de Pedra» em Minas Gerais
	O Amazonas
	Sertão bruto
	Queima da mata
	As tartarugas marinhas

O «Quero-quero»	122	A luta da Mussurana com a	
As formigas pastôras	124	Jararaca	175
A baleia	126	O cavalo e o gaúcho	177
A piranha	127		
O esquilo	127	História, Bibliografia,	
A ilha dos Nheengaibas, na		Retratos e Caracteres	
bôca do Amazonas	129	Descobrimento do Brasil	180
Descrição de vários rios, lu-		Colonização do Brasil	183
gares, arvoredos, campinas,		A conquista do Sertão	184
etc., no interior do Pará ...	130	Os Jesuítas no Brasil	186
Costumes dos povos do Pará	132	Primeiros triunfos oratórios do	
Notícia acêrca dos jacarés e		Padre Vieira	189
seus ovos, das tartarugas e		Sublevação do povo no Mara-	
maneira de as colher	133	nhão e no Pará. Prisão e	
São Sebastião do Rio de Ja-		desacatos que sofreram o	
neiro	134	Padre Vieira e os demais je-	
Tijuca	140	suitas	191
Estado do Rio Grande do Sul	141	José Bonifácio	192
O Rio Grande do Norte	143	Inteireza dos Andradas	194
Belém do Pará	144	Marquês de Maricá	195
Descrição de um aguaceiro nu-		José Mauricio Nunes Garcia ..	195
ma fazenda	146	João Francisco Lisboa	199
Uma visita a Roma	148	O Visconde de Jequitinhonha	200
Descrição da igreja de São		Barão do Triunfo	202
Francisco de Assis, em São		Morte do Barão do Triunfo ..	203
João d'El-Rey (Minas Ge-		General Osório	204
rais)	151	Visconde do Rio Branco	206
O carteiro	152	Duque de Caxias	207
A arte da palavra	154	Qualidades morais do Duque	
Alcácer	155	de Caxias	208
Pânico na população do Rio,			
durante a revolta da esqua-		Religião — Moral	
dra em setembro de 1893 ..	156	Aparecimento de Jesus Cristo	209
A alma	160	Vida do Jesus Cristo	211
A formosura	161	O torrão natal	213
A tocadora de realejo	162	O Ateísmo	214
A flor	163	Amor da família	215
A tulipa	164	Adágios populares	215
A rosa	164	Velha Bandeira	216
As flores	165		
Magnificência dos triunfos ro-		Cartas	
manos	167	Carta de um professor de be-	
Um triste	168	las letras, na qual dá conse-	
O amor	169	lhos a um seu ex-discípulo	219
A autoridade	169	Carta de Alexandre Herculano	
A necessidade	170	a Antônio Serpa Pimentel ..	221
A Fortuna	170	Máximas extraídas da Sagrada	
A peste	171	Escritura	223
Mimetismo	172		
A luta de carneiro com touro	173		
Adágios populares	175		

SEGUNDA PARTE

VERSO

Narrações, Apólogos,
Parábolas, Alegorias

Os meninos de Esparta	225
Os ossos	225
O cão e o tamanduá	226
Os dois coleiros	227
O passarinho preso	228
Os rafeiros e o gozo	229
A cigarra e a formiga	230
O leão velho	231
A rapôsa e as uvas	232
O leão e a rapôsa	233
O leão e o pintor	234
O carvalho e o caniço	234
O rei e o sapateiro	236
A esmola do pobre	237
O leão e o rato	238
O rio e o regato	239
A parábola das varas	240
Quem pagará o pato?	241
A leoa	243
Recordações da infância	244
Meus oito anos	245
Sudorífero infalível	246
A torrente	246
Saudades da pátria	248

Liras, Canções, Hinos,
Odes, Sonetos

Ave Maria	249
Hino à Senhora das Dores ..	249
Cântico de Davi	250
Marília de Dirceu	251
Anjinho	252
Hino dos bravos	253
Napoleão em Waterloo	254
Adeus ao mundo	258
A Caridade	259
A vida	260
SONETOS	260
Velhas árvores	261
Triste filosofia	261
A alavanca de ouro	263
Um quadro sentimental	264
Uma partida de gamão	265

Um toucado	265
Alvares de Azevedo	266
Sete de Setembro	266
As pombas	267
A noite	268
Visita à casa paterna	269
Mal secreto	270
Aos revolucionários de 1817 ..	270
Língua portuguesa	271
Soneto	272
Primavera	272

Descrições e Retratos

Retrato de Gonzaga	273
Uma tarde triste	274

Sátiras e Epigramas

Os arlequins	275
Ignorante diplomado	277
Aviso aos decoradores	277
Os dois consortes	278
A um procurador	278
A um homem extremamente feio	278
A moléstia e a cura	278
A um avarento	279
O «não posso» dos negligentes, e o «não quero» dos contu- mazes	279

Poesias Épicas

Descobrimento da América ..	280
Poema do Uruguai	283
A visão	286
A morte de Tapir	289
Poema da Assunção	291
O Brasil, seus frutos e passaros	292
Episódio de D. Inez de Castro	296
Caramuru	297
Morte de Moema	300
O gigante Adamastor	304
Uma tempestade no mar	308
A existência de Deus	312
Hino Nacional Brasileiro	312

Índice da 59ª edição:

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleta em Prosa e Verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. 59. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.

INDICE

Prólogo	3
---------------	---

PRIMEIRA PARTE

PROSA

CONTOS - Narrações - Lendas	Parábolas, Apólogos Fábulas, Anekdotes
Cristóvão Colombo e o ovo ..	O filho pródigo
Um juiz às direitas	O rico avarento
A herança de nosso pai	A discórdia é a ruína das fa- mílias e das nações
A união faz a força	Apólogo das árvores
O dervixe astucioso	Um apólogo
Ninguém deve rir-se dos po- bres	As cotovias
O assobio — ou — não gastes o teu dinheiro em coisas inúteis	O lobo e o cordeiro
As Aves	O leão doente e a raposa
Arrependimento infantil	A raposa e o bode
Os passarinhos	As rãs pedindo um rei
Os dois meninos	Os dois leões
O presente da fada	As duas bilhas
Resignação de mãe	
O alfaiate e o banqueiro	
O Califa e o plantador octo- genário	
O emprego dos domingos e dias santos	
Gratidão de um filho e ingra- tidão de outro	
Exemplo de bons amigos	
Os restos do naufrágio	
Teima de um poeta	
O que pode a educação	
A vingança de um pintor ...	
Exemplo de valor de uma bra- sileira	
Exemplo de amor da pátria de outra brasileira	
Um verdadeiro patriota	
O castelo de Faria	
O sonho de um sabiá	
Cáa-Iari	
	Descrições
	A aurora polar
	O Sol
	O Mar
	Tremores de terra ou terre- motos
	O terremoto de Lisboa
	Tremores de terra
	Os vulcões
	Destruição de Herculánium e Pompéia
	O Pampeiro
	A mata virgem
	A cachoeira de Paulo Afonso
	A gruta «Casa de Pedra» em Minas Gerais
	O Amazonas
	Sertão bruto
	Queima da mata
	As tartarugas merjnhas

O «Quero-quero»	122
As formigas pastoras	124
A baleia	126
A piranha	127
O esquilo	127
A ilha dos Nheengaibas, na boca do Amazonas	129
Descrição de vários rios, lugares, arvoredos, campinas, etc., no interior do Pará	130
Costumes dos povos do Pará	132
Notícia acerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher	133
São Sebastião do Rio de Janeiro	134
Tijuca	140
Estado do Rio Grande do Sul	141
O Rio Grande do Norte	143
Belém do Pará	144
Descrição de um aguaceiro numa fazenda	146
Uma visita a Roma	148
Descrição da igreja de São Francisco de Assis, em São João d'El-Rey (Minas Gerais)	151
O carteiro	152
A arte da palavra	154
Alcácer	155
Pânico na população do Rio, durante a revolta da esquadra em setembro de 1893 ..	156
A alma	160
A formosura	161
A tocadora de realejo	162
A flor	163
A tulipa	164
A rosa	164
As flores	165
Magnificência dos triunfos romanos	167
Um triste	168
O amor	169
A autoridade	169
A necessidade	170
A Fortuna	170
A peste	171
Mimetismo	172
A luta de carneiro com touro ..	173
Adágios populares	175

A luta da Mussurana com a Jararaca	175
O cavalo e o gaúcho	177

História, Bibliografia, Retratos e Caracteres

Descobrimto do Brasil	180
Colonização do Brasil	183
A conquista do Sertão	184
Os Jesuítas no Brasil	186
Primeiros triunfos oratórios do Padre Vieira	189
Sublevação do povo no Maranhão e no Pará. Prisão e desacatos que sofreram o Padre Vieira e os demais jesuítas	191
José Bonifácio	192
Inteireza dos Andradas	194
Marquês de Maricá	195
José Maurício Nunes Garcia ..	195
João Francisco Lisboa	199
O Visconde de Jequitinhonha ..	200
Barão do Triunfo	202
Morte do Barão do Triunfo ..	203
General Osório	204
Visconde do Rio Branco	206
Duque de Caxias	207
Qualidades morais do Duque de Caxias	208

Religião — Moral

Aparecimento de Jesus Cristo ..	209
Vida do Jesus Cristo	211
O torrão natal	213
O Ateísmo	214
Amor da família	215
Adágios populares	215
Velha Bandeira	216

Cartas

Carta de um professor de belas letras, na qual dá conselhos a um seu ex-discípulo ..	219
Carta de Alexandre Herculano a Antônio Serpa Pimentel ..	221
Máximas extraídas da Sagrada Escritura	223

SEGUNDA PARTE

VERSO

Narrações, Apólogos, Parábolas, Alegorias		Um toucado	265
Os meninos de Esparta	225	Alvares de Azevedo	266
Os ossos	225	Sete de Setembro	266
O cão e o tamanduá	226	As pombas	267
Os dois coleiros	227	A noite	268
O passarinho preso	228	Visita à casa paterna	269
Os rafeiros e o gozo	229	Mal secreto	270
A cigarra e a formiga	230	Aos revolucionários de 1817 ..	270
O leão velho	231	Língua portuguesa	271
A raposa e as uvas	232	Soneto	272
O leão e a raposa	233	Primavera	272
O leão e o pintor	234	Descrições e Retratos	
O carvalho e o caniço	234	Retrato de Gonzaga	273
O rei e o sapateiro	236	Uma tarde triste	274
A esmola do pobre	237	Sátiras e Epigramas	
O leão e o rato	238	Os arlequins	275
O rio e o regato	239	Ignorante diplomado	277
A parábola das varas	240	Aviso aos decoradores	277
Quem pagará o pato?	241	Os dois consortes	278
A leoa	243	A um procurador	278
Recordações da infância	244	A um homem extremamente feio	278
Meus oito anos	245	A moléstia e a cura	278
Sudorífero infalível	246	A um avarento	279
A torrente	246	O «não posso» dos negligentes, e o «não quero» dos contu- mazes	279
Saudades da pátria	248	Poesias épicas	
Liras, Canções, Hinos, Odes, Sonetos		Descobrimiento da América ..	280
Ave Maria	249	Poema do Uruguai	283
Hino à Senhora das Dores ..	249	A visão	283
Cântico de Davi	250	A morte de Tapir	286
Marília de Dirceu	251	Poema da Assunção	289
Anjinho	252	O Brasil, seus frutos e passaros	291
Hino dos bravos	253	Episódio de D. Inez de Castro	292
Napoleão em Waterloo	254	Caramuru	296
Adeus ao mundo	258	Morte de Moema	297
A Caridade	259	O gigante Adamastor	300
A vida	260	Uma tempestade no mar	304
SONETOS	260	A existência de Deus	308
Velhas árvores	261	Hino Nacional Brasileiro	312
Triste filosofia	261		
A alavanca de ouro	263		
Um quadro sentimental	264		
Uma partida de gamão	265		